COLLECÇÃO DOS AUTORES CELEBRES
DA
LITTERATURA BRASILEIRA

J. M. DE MACEDO

MEMORIAS
DO
Sobrinho de meu Tio

F. BRIGUIET & CIA.
Rua do Ouvidor, 109 — Rio de Janeiro
1 9 3 7

MEMORIAS

DO

Sobrinho de meu Tio

MEMORIAS

DO

Sobrinho de meu Tio

(CONTINUAÇÃO DA CARTEIRA DE MEU TIO)

POR

JOAQUIM MANOEL DE MACEDO

NOVA EDIÇÃO

RIO DE JANEIRO

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

71, Rua do Ouvidor, 71

1904

PRINTED IN FRANCE

PROLOGO

Faço com a indispensavel solemnidade litteraria a declaração de que vou escrever as minhas MEMORIAS, entro, sem dizer porque, na theoria do unico amor, retrato os meus semelhantes, escorrego do prologo acima ou do prologo abaixo e cáio sobre um animal que não posso classificar, cuja cara porém descrevo, e desasadamente ando ás tontas entre as regras do prologo e a philosophia da escola de que sou sectario e é mestre o governo do Brasil; digo e me contradigo, prometto e falto, juro e perjuro, e não levo ainda além a extravagancia, porque termino o prologo.

Escreverei as minhas *Memorias* e portanto a historia da minha vida, vida geitosa e illustre, como a de muitos outros varões illustres da nossa terra que são o meu retrato *por dentro*, embora nenhum delles queira se parecer commigo *por fóra.*

Semelhança *por dentro*, dissemelhança *por fòra* é simples questão de apparencias que no fundo não póde prejudicar a fidelidade do retrato da familia, pois que os pronunciados traços caracteristicos que denuncião a nossa irmandade, estão muito mais no miôlo do que na casca.

Escreverei pois as minhas *Memorias*, serei o Plutarco de mim mesmo, facto mais frequentemente do que se pensa, observado no mundo industrial, artistico, scientifico e sobretudo no mundo politico, onde muita gente boa se faz elogiar e applaudir em brilhantes artigos biographicos tão espontaneos, como os ramalhetes e as corôas de flôres que as actrizes com-

prão para que lh'os atirem na scena ós comparsas commissionados.

Eu reputo esta pratica muito justa e muito natural; porque não comprehendo amor e ainda amor apaixonado mais justificavel do que aquelle que sentimos pela nossa propria pessoa.

O amor de *eu* é e será sempre a pedra angular da sociedade humana, o regulador dos sentimentos, o movel das acções, e o pharol do futuro: do amor do *eu* nasce o amor do lar domestico, deste o amor do municipio, deste o amor da provincia, deste o amor da nação, anneis de uma cadêa de amores que os tolos julgão que sentem e tomão ao serio, e que certos maganões envernisão, mystificando a humanidade para simular abnegação e virtudes que não tem no coração e que eu com a minha exemplar franqueza simplifico, reduzindo todos á sua expressão original e verdadeira, e dizendo, lar, municipio, provincia, nação, tem a flamma dos amores que lhes dispenso nos reflexos do amor em que me abrazo por mim mesmo: todos elles são o amor do *eu* e nada mais: a differença está em simples nuanças determinadas pela maior ou menor proporção dos interesses e das conveniencias materiaes do apaixonado adorador de si mesmo.

Exempli gratia:

Façamos de conta que o mundo acaba de ser felicitado e ennobrecido pelo nascimento de senhor *Qualquer-cousa*.

O senhor *Qualquer-cousa* ama o lar domestico pelos seios da ama que o aleita, depois pelas bonecas que lhe dá a mãi, mais tarde pelo *pequira* que o pai comprou para elle: cresce em annos e ama o municipio porque é ahi escrivão, ou collector de rendas publi-

cas; passa a amar a provincia, porque é arrematante de obras provinciaes, official de secretaria, ou director disto ou daquillo : sobe ao amor da nação porque tem por officio ser presidente de provincia, já é deputado, e deseja muito a morte de um tio que é senador, para ver se lhe apanha o legado da cadeira dulcissima dos augustos e dignissimos ex-candidatos eleitoraes.

Pergunto agora: o senhor *Qualquer-cousa* não é o espelho fiel em que se reproduzem as imagens da maior parte dos nossos benemeritos? Como querem que eu sinta e pense, como devo pensar e sentir em um paiz, cujas altas escalas sociaes estão principalmente occupadas pela numerosa familia dos senhores *Quaesquer-cousas?*...

Ainda não dei principio á minhas *Memorias* e já em meia duzia de linhas fiz brilhar os retratos de uma groza dos benemeritos actuaes da nossa patria.

Esta consideração serve para assignalar a extraordinaria importancia da obra monumental que me proponho a escrever.

Convenho em que já me desviei um pouco do assumpto especial e obrigado do *prologo* de um livro, o que é erro grave, porque o *prologo* é sempre uma cousa séria e estupida, como a cara official de um ministro de estado em dia de crise do gabinete; note-se porém que eu disse — *cara official* —; porque todo ministro de estado tem, pelo menos, uma cara natural, e uma cara official; e ha ministro de estado que tem mais de cincoenta caras.

O ministro de estado *polyfronte* não é raro; é porém um animal que ainda precisa ser estudado scientificamente.

Declaro que tenho profundos conhecimentos de zoologia; mas nem por isso me foi possivel até hoje classificar com segurança o ministro de estado *poly-fronte*.

O mais que pude estabelecer, não sem difficuldades e objecções de algum peso, é que esse animal pertence ao typo dos vertebrados; chegando porém ao exame da classe que lhe deve competir, não dei um passo nem para diante nem para trás, porque o curioso animal se acha muito bem collocado em qualquer das cinco classes daquelle typo.

Que é *mammifero*, não se póde contestar, pois aleita, embora á custa da nação, centenas de filhotes que compõe a sua immensa ninhada que se chama ou é a maioria artificial que elle proprio engendra.

Que é *ave*, tudo o demonstra; porque não só modula et Arina, e ainda conforme as suas numerosas especies, este é aguia pelo vôo, aquelle aguia pelas unhas, um papagaio que repete o que lhe ensinão, e dá o pé a seu dono, outro coruja pelo symbolo que representa ; mas tambem porque a apposição o *de-penna*, e o deixa, pelo menos, sem azas, poupando-lhe as pennas da cauda para que esta se mostre completa na exposição dada ao publico.

Que é *reptil*, tudo indica, porque rasteja pela terra, e morde até a quem o aqueceu no seio, como a serpente; é guloso, devorador á ponto de engulir sem mastigar, como o jacaré, e assemelha-se á tartaruga pelo numero dos ovos que empolha, e pelo das tartaruguinhas que vai arranjando para gloria da nação.

Que é *amphibio*, todos sabem, pois é capaz de viver no mar, e na terra, e até viveria perfeitamente no inferno: onde não pode viver é no céo.

Que é *peixe*, ninguem o ignora, porque em primeiro lugar a isca é a sua paixão; em segundo tem escamas com as quaes nada para o sul ou para o norte, conforme as marés cheias do seu interesse; e em terceiro lugar, porque tem espinhas, e tão grandes que ha muitos annos anda o Brasil engasgado com ellas.

Como se ha de classificar um animal assim?

Bouffon se limitaria a descrevê-lo, e descrevendo-o, occupar-se-hia em fallar das caras do ministro de estado polyfronte sem metter-se em camisa de onze varas, pretendendo decifrar-lhe o coração.

E que multiplicidade de caras!

Cara de organisação de gabinete, expansiva e prompta para exprimir todos os sentimentos.

Cara de apresentação de programma — com ares de sacrificio, insondavel, grave, dura, como a do convidado de pedra.

Cara de primeiro dia de conselho no paço, meiga, contemplativa como tendo a alma em extasis, comprida e fazendo sempre inclinações de cima para baixo, como a de manso cavallo de montaria.

Cara de arranjo de maioria, risonha, alentadora, promissora, e até patusca; mas prompta a modificar-se em ameaçadora, colerica, vingativa, como a face de Jupiter ao empunhar o raio.

Cara de dia de despacho na secretaria, amarrotada, enfadada, mal-criada e tudo que acaba em ada.

Cara de hora de aperto por emprego que pouco antes déra, cedendo ao empenho de um compadre *imprescindivel*, e apezar dos compromissos tomados com um deputado ministerial que pedira o *arranjo* para si e que com elle contava: cara mephistophelica, enrugada, mysteriosa, transpiradora de segredo fin-

gido, dizendo em contracções eloquentes: « que havia de eu fazer ? o *homem* não quiz... »

Cara de resposta á opposição em minoria, sarcastica, desprezadora, soberba, como a de quem manda plantar batatas a todo ignobil vulgacho.

Cara de crise que começa á pronunciar-se : aquella cara séria e estupida que eu chamei de *prologo*, e que melhor se chamará cara de epilogo de romance desconchavado, ou de desfecho de comedia burlesca.

Cara de crise sem remedio e sem remendo, e de quéda sem recurso, transtornada, quasi chorona, desconsolada, como a de actor que fez *fiasco* e que é despedido pelo emprezario da companhia.

Quantas caras e todavia não são só estas!

Mas estas só que caras!

Vou reproduzi-las em miniatura.

Cara de nenê que faz festa, vendo a tétéa que vão lhe dar.

Cara de Tartufo representando a primeira scena de hypocrisia.

Cara de animal de sella que parece pedir que o cavalguem.

Cara de mercador de verduras que trata de arranjar freguezia.

Cara de vilão que se acha com a vara na mão.

Cara de mordomo que caloteia a confraria e lança a culpa sobre o juiz.

Cara de Nabuchodonosor pouco antes de comer capim.

Cara de comilão que vê o caldo entornado.

E cara de dansarino que torceu o pé em uma pirueta.

Ha muitos ministros de estado... vou mal: os ministros de estado são sete, e sete não são muitos.

Corrijo o erro em que ia incorrendo.

Tem havido muitos e haverá ainda agora e no futuro (vejão que me estou segurando pelas pontinhas) alguns ministros de estado que são homens e differem muito do animal que não pude classificar, ministros (por me apertarem muito) que não tem algumas, e emfim (se me apertão á suffocar!) nenhuma das caras que desenhei.

Não offendo pois directamente a quem per que seja: não admitto que haja ministro de estado, passado, presente, nem futuro que tenha o direito de queixar-se ou de resentir-se do que com inteira verdade acabo de escrever ; se algum porém se queixar, podem ter a certeza de que é o *bicho*.

Mas...

Lá se foi a regularidade, a pureza artistica do meu *prologo!* estou vendo que elle acaba em moxinifada tão patente, em observação das regras tão ás avessas, e em engano tão ás direitas, que me acharei obrigado a trocar-lhe o nome de *prologo* pelo de — *memorandum* diplomatico ou declaração de amor de namorado de velha rica, o que vem a dar na mesma cousa.

Não: assim não será: jurei que escreveria um prologo para a minha obra.

Não saio mais do prologo.

Continúo: e para ligar as idéas cujo fio cortei, lá vai uma tirada da mais pura philosophia.

A vida do homem é um enorme acervo de erros misturados com um punhado de acertos abysmados em um diluvio de nihilidades. Cada erro, cada acerto, cada nihilidade é obra ode um momento quasi imperceptivel que se chama o *presente*, e vão todos se ajuntando em montões mais ou menos escuros que fórmão o *passado*, sorvedouro immenso, que tem

o tragadouro aberto para engolir os desenganos que tem de sahir do seio mysterioso de um monstro que está sempre em gravidez de esperanças e em parto de desillusões e que se denomina *futuro*.

O *presente*, (já alguem o disse, e, se ninguem o disse, digo-o eu agora), é o espaço que medeia entre o *taque* que bateu e o *tique* que vai bater a pendula do relogio da vida.

A vida humana é portanto uma peta homerica e tremenda; pois consta principalmente do que não existe; porque sem cessar corre entre o tempo que já passou, e o tempo que ainda não chegou.

Todavia os homens de juizo, aquelles que observão com escrupulosa solicitude o culto de seu *eu*, descobrirão o segredo de illudir a *peta* homerica, a lei da natureza, reduzindo ou antes elevando a vida exclusivamente ao *presente*.

A cousa parece absurdo; mas não é; porque o homem de juizo não faz caso nem dá contas do seu *passado*, e não pensa no *futuro* senão para perpetuar e multiplicar por todos e quaesquer meios os gozos que está fruindo: os gozos que desfructou são bagaços de fructos que deitou fóra, os que está gozando representão a verdadeira vida, os que ha de gozar são fructos que estão amadurecendo, e por peior que corra o tempo, sempre escapa alguma fruta, que perpetúa o gozo.

Não pensem que esta philosophia é minha só: não! é de uma escola philosophica muito nobre, elevada e prestigiosa: o chefe da escola é o governo do Brasil.

O governo não o diz por modestia; mas os factos, a vida e o proceder constante, reflectido, sabio dessa entidade politica que chamamos governo, triumphão dos véos da sua modestia, e patenteião a verdade.

Digão-me os que duvidarem: já houve no Brasil governo que aproveitasse as chamadas lições do *passado*, e que comprehendesse e creasse uma serie de medidas que tivessem relação com o *futuro ?*

Ha uns dezoito annos que o governo do Brasil resolveu acabar e acabou definitivamente como o trafico de africanos-escravos, unico viveiro de braços para a agricultura, e em dezoito annos não soube fazer cousa alguma, não adiantou idéa para realizar a colonisação ou a emigração suppridora dos braços que devião faltar, que forão faltando, que cada dia faltão mais. Em dezoito annos nada ! — *de dez vai um e oito nove e nada:* o governo do Brasil sabe pelo menos a taboada, que o Tico-tico ensinava.

E' certo que durante esses tres lustros e tres annos despendêrão-se alguns milhares de contos de réis em nome da colonisação e da emigração; mas se examinarem bem a verdade dos factos, hão de todos reconhecer que em resultado de taes despezas o que houve foi simples emigração do dinheiro do thesouro nacional para os bolsos de alguns felizes, que com toda a razão achárão extraordinaria utilidade para o paiz nos *colonos-patacões*, e nas *onças emigrantes* que povoárão os seus cofres.

Eis ahi pois resplendendo ufanosa a escola philosophica do governo: o esquecimento do passado, os gozos do presente, e o descuido e abandono do futuro.

Outro exemplo:

A fonte da riqueza publica no Brasil é quasi exclusivamente a agricultura : os vegetaes são como os animaes sujeitos a molestias : os nossos dous principaes productos erão o assucar da canna, e o café : dous só, se adoecessem os dous, ficavamos em maré de miseria: pois bem : o governo do Brasil cuidou algum dia da

sua vida em explorar, animar, desenvolver alguma outra industria agricola ? Nem caso ! a canna estava dando assucar, o cafezeiro café, viva la patria !

E eis senão quando dá o bicho na canna, e a praga no cafezeiro ! estavamos bem aviados !

Mas a Providencia Divina teima em acudir ao Brasil : a União Norte-Americana desaba em guerra fratricida, e queima e destróe os algodoeiros do Sul : foi o que valeu : o algodão cobrio os prejuizos da praga do cafezeiro, e do bicho da canna.

Se não fosse a Providencia Divina, a sabedoria do nosso governo teria ficado dupla e symbolicamente representada pelo bicho e pela praga.

E tudo isso por que ? Porque o governo do Brasil é philosopho e mestre da escola á que pertenço, e que se funda no esquecimento das lições do *passado*, nos gozos do *presente*, e no desprezo dos cuidados do *futuro*.

Escola sublime! dóe-me que o nosso governo seja apenas o seu actual grãomestre e não o seu fundador: neste ponto é a gloria unica que lhe falta; mas diga-se a verdade: o fundador da escola foi Luiz XV que a iniciou em França, dizendo : « *quem vier atrás*, *que feche a porta.* »

O diabo é que em politica no seculo XIX quem fecha uma porta, abre outra, e quando não quer abrir, ás vezes o povo arromba.

Mas ainda bem que o nosso governo não é governo de portas, é de janellas: é um governo que não abre, nem fecha, é uma cousa que se parece muito com qualquer outra cousa, excepto com governo.

Misericordia! e *o prologo ?...*

Ah ! deixo-me levar pela corrente das idéas, como um chefe de policia pelo encantamento do arbitrio !

Mas desta vez juro que não tornarei a ultrapassar os limites naturaes do *prologo*.

Encadeiemos outra vez as idéas.

Eu tinha em quatro palavras lançado ou exposto as bases da escola philosophica que sigo, illudindo o despotismo do tempo, e comprehendendo a vida sem *passado*, e quasi sem *futuro*, exclusivamente vivida nos gozos do *presente*.

Sendo assim, parece uma contradicção que eu me resolvesse a escrever as minhas *Memorias*, porque o objecto de todas as *Memorias* está na relação de factos que pertencem ao dominio do *passado*.

Desção porém ao amago das cousas que não hão de achar contradicção : o assumpto de todas *Memorias* é sem duvida e sempre a desarrumação do *passado* ; mas o seu motivo, como o de todos os escriptos e livros, é o gozo do *presente*, é a satisfação da vaidade do autor : até nas proprias *Memorias de Alemtumulo* o homem, furioso por não poder escapar á morte, goza, escrevendo-as, a consolação *sui-generis* de preparar um logro á morte, revivendo e immortalisando-se nos applausos e na admiração que a sua obra deve excitar.

Todavia cumpre-me declarar que nenhuma destas considerações influio no meu animo, provocando-me a escrever.

As minhas *Memorias* são nada mais e nada menos do que uma desforra e um castigo.

Eu conto a historia com todos os seus pontos e virgulas em um ou dous periodos do tamanho de todo o trabalho de propria lavra que certos ministros á moderna tem nos relatorios que assignão e apresentão.

Liguei-me (*liguei-me* é exactamente o verbo apropriado) ha poucos mezes, a um circulo, digo mal a

um arco do circulo influente da situação politica: escolhi o arco, onde se envergavão os homens mais notaveis da minha escola philosophica; fiz com elles commercio de amizade, e prestei-lhes relevantes serviços sob a condição de adoptarem a minha candidatura á deputado da assembléa geral legislativa por qualquer districto de qualquer das provincias do Imperio. Firmou-se o contracto bilateral com juramento: quem não assignou o contracto, foi o povo que me devia eleger; isso porém não me preoccupou; porque o povo só por excepção elege aqui ou alli alguns deputados.

Pois bem! acabão de fallar em nome das urnas, acabão de se publicar os despachos eleitoraes, e fiquei logrado!... fiquei atirado no meio do povo soberano das galerias a olhar desapontado para o salão-babel do *peço a palavra*.

Lográrão-me! lográrão ao seu mais parecido, ao vero espelho que reproduz suas imagens! lográrão-me: hão de pagar-me.

Pensei, reflecti, e planejei uma desforra de estudante em hora de folga na academia, de soldado em quartel de inverno, ou de frade depois do côro.

Os Tartufos que me lográrão e eu, pertencemos todos a mesma escola philosophica e politica, á escola do amor exclusivo *do eu*, do gozo do *presente*, a escola da barriga physica e moral.

Ha porém entre mim e elles uma unica, mas consideravel distincção: eu patenteio, confesso o que sou, e elles escondem o que são, e fingem ser o que não são.

Eu sou calvo; mas não encubro a falta dos cabellos.

Elles são carecas; mas trazem perfeitissimas cabelleiras.

Eu nunca em minha vida andei disfarçado.

Elles trazem sempre mascara cobrindo a cara, capote envolvendo o corpo.

Esta differença entre mim e elles inspirou-me a mais completa desforra da decepção por que me fizerão passar.

Escrevendo as minhas *Memorias* confessarei o que sou, e o que não encubro ; e ao mesmo tempo patentearei o que elles são, e o que elles fazem, e que cuidadosamente procurão esconder.

Arrancarei as mascaras.

Rasgarei os capotes.

Porei as calvas á mostra.

Eis o motivo e o fim das minhas *Memorias* que hoje começo a escrever.

Não receio patentear-me tal qual sou, homem de *eu* ganhador politico de gravata lavada, barrigudo por instincto e por convicção.

Não receio por duas razões : ahi vão ellas.

Primeira razão : não dando, não publicando o meu nome de baptismo, e o meu nome de familia, não haverá abelhudo por mais astuto que seja, que consiga descobrir o impenetravel incognito que me defende : apresento-me como -- *Sobrinho de Meu tio* —, e desafio a que me distingão e me reconheção no meio do formigueiro dos *Sobrinhos de seus tios* que hoje em dia superabundão nas altas escalas sociaes, e nas mais brilhantes posições officiaes.

Segunda razão : admittindo por hypothese que me arrazassem o segredo do anonymo, e me denunciassem ao publico com os meus nomes de baptismo e de familia, que mal d'ahi me resultaria ?

No Brasil ainda não houve homem perdido, homem morto moralmente nem pelas indignidades, nem pela concussão, quanto mais pela franqueza do egoismo, e

do interesse material na vida politica e administrativa.

No Brasil ninguem morre moralmente, emquanto não morre physicamente, excepto os criminosos pobres condemnados pelo jury.

Nas camas de taboas duras da Casa de Correcção dorme muita gente, que é menos vil, e menos criminosa, do que alguns ou talvez muitos que se deitão livremente em colchões fôfos, e macios, que se envolvem em cobertas de sêda para passar a noite, e que de dia zombão da chamada consciencia publica, ostentando a opulencia que bem ou mal adquirida é sempre a mais preciosa e considerada das recommendações ; ou que, no mundo politico, pulando de partido em partido, não tendo crenças nem fé, subindo por isso cada dia mais, explorando em seu proveito a fortuna publica, rindo-se dos tolos, enganando a todos, vão andando seu caminho sem se incommodar com as pragas do povo, e com a gritaria dos censores que ficão por fim de bocas abertas, admirando essa vitalidade corrupta, essa putrefação que tem vida.

Não tenho medo de morte moral na minha terra : o Brasil é um paiz creado amorosamente por Deos, e conquistado ao seu innocente povo pelos diabos.

Olhem para o que vai por ahi e decidão se tem ou não fundamento a minha confiança na impunidade do vicio agaloado e na regeneração dos leprosos-moraes.

Ha empregados demittidos de repartições fiscaes por prevaricação provada, e poucos mezes depois reintegrados nos mesmos, ou arranjados em melhores empregos.

Ha negociante tantas vezes quebrado que parece ter

negocio de fallencias e que quanto mais quebra, mais se regenera.

Ha presidentes de provincias exonerados pela sua desenvoltura no arbitrio e nas violencias e logo depois e pelo mesmo ministerio nomeados para presidir outras provincias.

Ha chamados estadistas que apenas entrão no governo, encalhão a *náo do Estado*, e logo que alguns outros menos desastrados conseguem fazê-la safar, voltão elles, sem se saber por que, a tomar conta do leme.

Ha ministros-comparsas que espantão os proprios amigos pela sua incapacidade : pois são uns achados ! em qualquer nova organisação ministerial, podem contar com elles no musêo da combinação.

Ha...

E *o prologo ?* faltei ao meu juramento como todos os namorados e a maior parte das testemunhas de processos de caracter politico.

Sou incorrigivel como um jogador, como um vadio de profissão, como um parasita do thesouro, como um deputado que arruma a vida, como um ministro cortezão, como um cortezão que adula o rei no paço, e o diffama *em segredo* na praça.

Mas protesto e juro de novo que não haverá mais attracção nem escorregar de idéas que me fação esquecer o *prologo.*

E pelo sim, pelo não, pois que não conto muito commigo, vou em duas palhetadas chegar ao ponto final.

Já escrevi uma vez na minha vida, uma unica : foi quando tomei aquelles apontamentos de viagem na *Carteira de Meu Tio :* houve quem désse ao prélo esse desconchavado trabalho e dizem-me que sahio nelle

tanta cousa sem nexo, sem luz, e sem fundo que foi tal qual um jogo de disparates ; mas então ao menos tinha eu por collaborador o meu compadre *Paciencia !* agora não sei como me heide improvisar *memorista.*

Quero porém escrever.

Aceite o publico estas *Memorias*, como obra generosa, virginal, purissima, inspirada exclusivamente pelo *amor da patria.*

E verdade que eu já confessei que vou escrever por desejo de vingança, por empenho de desforra da derrota da minha candidatura ; mas o publico já tem aceitado e recebido tantos contrabandos, tantas falcatruas da ambição, tantos desconcertos e desatinos da inveja, tantas obras desordenadas do odio com o nome ou em nome do *amor da patria*, que, apezar da minha ingenua confissão, póde fazer igual favor a estas *Memorias.*

Estou em meu pleno direito exigindo tal obsequio. O publico tem estomago de ema : engula e digira pois mais esta peta.

Por que não ha de o publico aceitar, engolir e digerir em nome do *amor da patria* as *Memorias do Sobrinho de Meu Tio ?*

O publico aceita, engole, digere—boletins do theatro da guerra recheados de mentiras, publicados por amor dos cobres, e vendidos por *amor da patria ;*

Noticias officiaes das operações do exercito e da armada na mesma campanha do Paraguay compostas de uma quarta parte de verdades e de tres quartas partes de carapetões guerreiros, e tudo isso calculado pelo *amor da patria :*

Discussões de carne verde, de bois magros e bois gordos, de principios economico-liberaes adubados

com chouriço de carniceiros, e revolvidos no matadouro do *amor da patria:*

Conciliações e ligas, coalisões, directorias centraes, núcleos, programmas, e o diabo a quatorze em politica, em que entrão uns por innocencia, outros por divertimento, outros por ambição, outros por curiosidade, outros por patuscada, outros por faro do ganho, e todos proclamadamente por *amor da patria:*

Ministerios sem côr, sem principios, sem idéa de futuro, sem base na opinião (que teima sempre em ser alguma cousa), sem consciencia, sem capacidade e carregados, como fardos sem prestimo, pelo povo submisso em nome do *amor da patria.*

Ah ! o publico a carregar, e o *amor da patria* a enfardar, a enganar, a encapotar, a mascarar, a arranjar, a...

E o *prologo ?*

Protesto, assevero, juro que nunca, absolutamente nunca mais, haja o que houver, aconteça o que acontecer, nunca mais tornarei a afastar-me da materia precisa do meu *prologo ;* porque...

Porque acabei o *prologo.*

CAPITULO I

Como depois de doze annos me vejo obrigado a dar satisfações ao publico; digo o que é o respeitavel publico, e ensino as regras officiaes para as satisfações que ás vezes é preciso dar-lhe: refiro em que situação deixei e por que deixei o *Compadre Paciencia;* tenho occasião de apreciar a habilidade diplomatica do *ruço-queimado:* dou noticia da morte de meu tio e dos absurdos do testamento que elle deixou; depois de chorar com uma demasia de cincoenta por cento, desmaio em regra, devóro um perú recheado, e conversando em seguida com o meu travesseiro, adormeço subita e inspiradamente atacado de uma paixão amorosa pela moça que mais aborrecia.

Famosa viagem que em 1855 fui obrigado a emprehender para estudar no livro da minha terra, ficou, como é sabido, interrompida no fim do Capitulo IV escripto na *Carteira de Meu Tio*, e exactamente no momento em que o carcereiro da Villa de... trancára na enxovia o compadre Paciencia.

De 1855 a 1867 corrêrão nada menos que doze annos, tempo sufficiente para uma cobra mudar de pelle doze vezes, e um bom patriota mudar de partido outras tantas, e eis-me agora mettido em novo empenho para dar ao publico explicações relativas á interrupção da viagem, ao destino ou á fortuna do compadre Paciencia, e até á publicação abusiva dos apontamentos que eu tomára na *Carteira de Meu Tio.*

Do que acabo de dizer, é facil concluir que a minha educação politica tem-se aperfeiçoado muito, pois que já reconheço a necessidade de dar satisfações ao pu-

blico; não tenhão, porém, receio de que eu minta á escola dos grandes mestres, cujos exemplos e lições me resolvi a seguir.

Primeiramente cumpre saber e determinar bem o que é o *publico* para os politicos da escola do *Eu;* e depois comprehender como é que os homens desta escola devem dar explicações ao tal senhor *publico.*

O *publico* é o povo, isto é, um animal cargueiro, uma especie de camelo bipede capaz de carregar ás costas o proprio diabo, com tanto que o peso do diabo não exeeda ás proporções materiaes das forças do camelo; como porém o diabo tem o segredo infernal de dissimular o seu peso, o *respeitavel publico* presta-se a carregar com todos os diabos, desempenhando desse modo o seu natural officio. Se alguem duvidar desta verdade, examine com cuidado e sem prevenções a numerosa lista dos ministros de estado que temos tido, que sem precisar estender o seu exame aos grandes do Imperio, presidentes de provincias, e corpo legislativo, reconhecerá como é avultado o numero de diabos que tem andado ás costas do povo brasileiro.

O *publico* é ainda um animal notavel pela sua boa fé; e tem, para engulir patranhas e mentiras, guella tão larga, como para engulir os contos de réis do thesouro nacional tem immensa guella certos fornecedores do exercito e os felizes esploradores da guerra do Paraguay.

O *publico* é muito respeitavel, segundo dizem, pela força e influencia da opinião que manifesta; mas sempre lhe acontece que a *sua opinião* fica sendo a opinião de quem falla em seu nome, e em muitos casos uns affirmão que a *publico* diz *sim*, e outros jurão que o *publico* diz *não* a respeito do mesmo assumpto, de modo que em resultado o *publico*, apezar de respei-

tavel, echa-se constantemente exposo a não saber o que diz.

O *publico* é uma charada sem conceito, e cuja palavra só o governo tem o condão de decifrar : é um soberano que vota como lhe mandão; é livre no exercicio dos seus direitos, com tanto que pense e proceda de accôrdo com a policia.

E' tudo isso e assim deve ser ; pode-se admittir que o *publico* chegue a mostrar-se intelligente e instruido; mas com a condição de que em materia de grammatica ha de conjugar os verbos só e exclusivamente pela passiva ou sujeitar-se a nunca ser sujeito, e a ser sempre paciente de verbo activo.

O *publico* é emfim ordinariamente dromedario que se humilha ante os conductores; mas tambem ás vezes ousa ser leão que encrespa a juba e ruge. Debaixo deste ultimo ponto de vista eu applaudo muito os conselhos e as disposições dos meus mestres politicos: a regra é não poupar o dromedario que se humilha; e estar de sobre-aviso para fazer côro com os rugidos do leão, quando elle encrespar a juba, e em ultimo casa para fugir, abandonando-lhe ás furias tudo quanto não seja o nosso *Eu;* porque tudo mais, seja o que fôr, e quem fôr, pouco importa.

Mas como é que se devem dar explicações a este animal que se chama o *publico?*

E' realmente bem desagradavel que homens de gravata lavada, estadistas, excellentissimos ministros se vejão forçados ao ponto de dar explicações á ignobil patuléa !

Todavia o scelerato seculo XIX trouxe em seu ventre maldito exigencias e imposições extravagantes, absurdas, loucas, a que no emtanto os homens do *eu* tem necessidade de fingir submetter-se; zombando porém

de todas ellas, e sophismando-as com os recursos da sua sabedoria.

O sophisma é o mais sublime e mais santo dos actos do espirito humano; para demonstrar esta proposição basta dizer que pelo sophisma faz-se da nação que se proclama soberana uma escrava mais abatida do que a mulher do tapuya: o segredo consiste em arranjar bem o sophisma.

E' a sublimadade do sophisma que deve presidir a todas as explicações dadas ao animal que só por irrisão continuarei a chamar *respeitavel publico.*

A minha norma de explicações está nas explicações que os ministros de estado costumão dar aos chamados representantes da nação.

Eis aqui as regras principaes:

Primeira: mentira grossa: desfigurão-se os factos; calumnia-se a opposição e quando se faz preciso, jura-se que um homem que foi morto á tiro, ou á cutiladas, morreu de tuberculos mesentericos, e neste caso acha-se um medico que atteste os tuberculos que não vio, do mesenterio que não sabe o que seja.

Segunda: imposição de silencio: declara-se que ha negociações pendentes e em quanto o páo vai e vem, folgão as excellentissimas costas.

Terceira: recurso extremo: appella-se para o salvaterio das circumstancias extraordinarias, e pede-se um bill de indemnidade com a certeza de alcança-lo, graças ao encanto da maioria dedicada e da mobilia parlamentar.

As regras não se limitão a estas tres; eu porém me contento com ellas, e nem de outras ha necessidade para se felicitar o paiz; e para as minhas explicações basta-me a primeira que aliás é a mais commum, mais vezes empregada, e já officialmente consagrada.

Nem se diga que essa primeira regra das explicações que se devem dar ao publico, sendo a mentira, é um peccado baixo, ignobil: os actos são feios, vis, ou criminosos, conforme a posição e condições daquelles que os praticam; e tanto isto é assim que até os proprios delapidadores dos dinheiros do Estado, se trajão casaca ou farda, ou se delapidão em alta escala, não são considerados ladrões.

A *mentira* só se póde chamar *mentira*, quando sahe da boca de um homem de jaqueta, ou de algum patuléa de cotovellos rôtos.

A *mentira* de um cidadão de *paletot* (convem saber que o *paletot* é vestido eminentemente parlamentar) chama-se *má informação.*

A *mentira* de um cavalleiro de casaca chama-se *apreciação menos bem fundada.*

A *mentira* de um senhor *(monseigneur)* de farda ministerial chama-se — *reserva ou conveniencia politica.*

E sobretudo a *mentira* é um recurso indispensavel: dizem que ella nodôa os labios por onde sahe: é falso! é ficção poetica, é flôr de rethorica de pessimo gosto, é lição de moral de padre velho; se a mentira manchasse as bocas dos mentirosos, quasi todos os nossos politicos tinhão bocas de carvoeiros.

Ora... a mentira!

A *mentira* é tão util que vezes determina a baixa ou alta dos fundos publicos na praça e duplica a fortuna ou dá grandes lucros a quem a faz correr, e que, depois de descoberta a alhada, fica com a mesma cara, e nem por isso é responsabilisado.

A *mentira* é a base da legitimidade da maior parte dos diplomas eleitoraes dos senadores e deputados, e portanto é a base da expressão da soberania nacional.

A *mentira* é a madrinha do patronato e por consequencia a comadre dos ministros de estado.

A *mentira* é o cajado de Caim com que os tribunos que atraiçoão o povo, ferem os irmãos que não degenerão nem se deixão corromper como elles.

A *mentira* é a escadinha dos ambiciosos que na opposição prégão doutrinas, que subindo ao poleiro, hãode desesperadamente combater.

A *mentira* é o santo pretexto dos golpes de Estado; é a explicação das despezas secretas da policia; é a espada de dous gumes que serve ás opposições facciosas, e aos governos sem razão de ser nos partidos legitimos do paiz.

A *mentira* é um manjar delicioso e innocente preparado na cozinha de alguns ministerios e de algumas opposições para alimento e engodo do povo, e a prova de que o manjar é innocente, está em que eu tenho visto e estou vendo o povo brasileiro comê-lo constantemente desde longos annos, e não me consta que até hoje tenha havido caso de indigestão popular.

Por consequencia viva a *mentira!*

Entro immediatamente na materia, encetando estas *Memorias* com as explicações que devo ao respeitavel publico, e que vou dar-lhe com religioso acatamento; porque ellas me convem e são precisas para ligar esta minha segunda e immortal obra á *Carteira de Meu Tio*, da qual será continuação.

E provavel que nestas *Memorias* eu repita muitas ideias, que deixei lançadas na *Carteira;* é provavel que eu seja não poucas vezes repetidor e plagiario de mim mesmo; isso porém demonstrará sómente a pureza e firmeza des minhas convicções, e não fará desmerecer a nova obra, que acabo de emprehender.

Tenho para mim que as Memorias que vou escrever

não serão trabalho esteril e perdido: já vou mui adiantado, ou com boas esperanças de adiantamento no meio de vida que chamão carreira politica, conto ser em breve considerado notabilidade, e chegarei não tarde á benemerito da patria; escreverei pois apontamentos muito preciosos para os meus biographos e futuros admiradores.

O mundo ha de ver e reconhecer que o *Sobrinho de Meu Tio* chegou a grande cousa na sua terra.

Eu principio.

*

O compadre *Paciencia* achava-se trancado na enxovia da cadeia da villa de... e bradava como um possesso, por não sei quantos paragraphos do artigo 179 de la Constituição do Imperio: tive mil vezes vontade de rir; o pobre coitado para escapar ás garras dos fieis e zelosos executores da lei, apadrinhava-se com uma alma do outro mundo, chamando em seu soccorro a defunta!...

Homem de ordem, e respeitador dos actos legaes e tambem dos abusos das autoridades, homem que acha sempre razão em quem está de cima e não parece ameaçado de cahir, eu empenhei-me em ver se chamava aos conselhos da sabedoria o compadre *Paciencia* e propuzlhe que escrevesse ao escrivão, dando-lhe humildemente plenas satisfações e pedindo-lhe perdão de tudo quanto se passára.

Trabalho inutil!... o cabeçudo compadre metteu os pés á parede e durante tres dias fez loucuras taes que receei vê-lo processado e condemnado como conspirador.

Em tres dias requereu o bom do homem tudo quanto podia requerer, subindo, em escala ascendente, desde

a — *nota da culpa* até o *habeas-corpus*, e adubando cada requerimento com as competentes réplicas e tréplicas; mas o juiz jogava o *lasquenet* com o escrivão e uma duzia de amigos, e conforme ganhava ou perdia, despachava com um epigramma ou com um insulto.

Por ultimo o compadre perdeu de todo a cabeça e *aggravou*, e como então já estivesse com a vara um substituto, lavrou este o seguinte despacho dictado pelo escrivão: *Aggravante é o aggravado; seja tambem processado pelo crime de que trata o art. 95 do codigo criminal; e dobre-se a guarda da cadeia; por que o réo é audaz e capaz de tudo.*

E dobrou-se com effeito a guarda da cadeia, sendo para esse serviço destacados por quinze dias vinte guardas nacionaes do partido contrario ao do juiz e do escrivão.

Apezar das minhas relações com o compadre *Paciencia*, devo confessar que me pareceu tudo isto muito conveniente, moralisador e politico: muito conveniente, porque a autoridade policial ou judiciaria nunca deve recuar do que faz, afim de não indiciar que erra, imitando daquelle modo o poder executivo que tem sempre a infallibilidade do papa: muito moralisador, porque essa oppressão dos réos importunos, replicantes, treplicantes e aggravantes, é, embora com sacrificio das imprudentes garantias estabelecidas nas leis, um meio seguro de disciplinar o povo, e ensina-lo a reconhecer que a autoridade sempre tem razão: muito politico emfim, porque o compadre *Paciencia* é liberal emperreado e a exagerada tolerancia com os emperreados de qualquer côr politica, é quasi sempre funesta e provocadora de revoluções.

Nunca a ordem publica deixou de ganhar, quando se póde vêr um liberal nas grades de uma cadeia. A

cadeia é a melhor escola de desenganos politicos que se póde imaginar; e os liberaes, como passaros que cantão muito ao povo, merecem ficar de vez em quando na gaiola.

Notai bem que eu não quero a proscripção absoluta dos liberaes: pelo contrario, considero-os até de alguma utilidade, como espantalhos, e instrumentos de ameaça contra outro qualquer partido; mas o que se torna indispensavel é uma vez por outra cortar-lhes as azas, e em caso nenhum admittir no poder exclusivamente loucos tão perigosos.

Debaixo, mas sempre debaixo, os liberaes podem servir ao Estado: elles têm o direito das esperanças; suas esperanças porém devem ser, sem que elles o percebão, as das cebolas do Egypto.

Declaro por honra e gloria do meu nome que, durante tres dias, prestei ao compadre *Paciencia* todos os bons officios de amizade compativeis com a segurança e bemestar da minha pessoa: tive paternal cuidado da *mulla-ruça*, á quem mandei dar de milho e capim rações iguaes ás que recebia o cavallo de meu Tio; e fui além, tive a coragem de mandar servir pão-de-ló e excellente vinho ao infezado preso ; soube porém logo depois que em observancia do regulamento especial da cadeia daquella villa, que não permitte a entrada de doces nem de bedidas alcoolicas na enxovia, o escrivão comia o pão-de-ló, e o carcereiro bebia o vinho, donde concluí que tambem em observancia de qualquer outro regulamento que em todo caso respeito, era natural que o cavallo do escrivão comesse o milho, e o burro do carcereiro comesse o capim da *mulla-ruça* do meu compadre.

Eu julgo até muito regular que o cavallo do escrivão e o burro do carcereiro comessem á custa da *mulla-*

ruça: em facto de comer á custa alheia, quando uma autoridade come, o peccado da gula se estende, pelo contagio do exemplo, aos famulos e ainda ao gato e ao cãozinho da casa; e desde que comem, o pão-de-ló e o capim não estabelecem differenças, cavallo e burro, escrivão e carcereiro são iguaes pelo mais delicioso dos peccados.

Tenho ouvido dizer, que debaixo deste ponto de vista a *mulla-ruça* do meu compadre tem ás vezes suas semelhanças com o serviço do Estado; mas em taes casos o pão-de-ló e o vinho não descem ás humildes guelas dos escrivães e dos carcereiros.

Estava eu pois em apuros e em philantropicos trabalhos por causa das exaltações politicas do compadre Paciencia, quando na noite do terceiro dia chegou-me á toda pressa um portador com a noticia de que meu venerando Tio se achava ás portas da morte, e queria abraçar-me antes de passar á eternidade.

A primeira impressão que me causou esta noticia, foi na verdade dolorosa: confesso a minha fraqueza que importa uma falha na commodissima philosophia do egoismo: é que meu Tio tinha sido sempre bom para mim; em breve porém reflecti que elle era muito rico e que, por sua morte, eu devia contar com a herança de toda sua fortuna: ora é positivo que a perspectiva, ou, melhor, a certeza de uma grande herança, é a mais suave consolação para as afflicções do herdeiro.

Palavra, que em dez minutos me achei perfeitamente consolado, e nem quiz exprimir lagrimas diante do portador, calculando que me era conveniente poupa-las para o caso de encontrar meu Tio ainda vivo e ser então indispensavel que eu chorasse muito á vista delle.

Talvez haja quem me chame, pelo que acabo de

dizer, coração de pedra, monstro e ainda muitos outros nomes feios: pois que chamem! é que nem todos são francos e transparentes como eu; juro porém que fico muito aquém de não poucos homens serios que já conheço, e que são capazes não só de não chorar pelos tios que morrem; mas até de atraiçoar, ou de vender os tios que vivem.

Entretanto não havia que hesitar: escrevi uma carta ao compadre *Paciencia*, dando-lhe parte do acontecimento e promettendo-lhe mundos e fundos; mandei sellar o *ruço-queimado*; e fazendo pôr á mesa uma farta cêa, comi tanto, como certos benemeritos da patria que devorão immensa empada da — ajuda de custo extraordinaria — posta por condição ao serviço que lhes pede o governo.

Satisfeitas assim as exigencias da barriga, que em todas as circumstancias devem estar em primeiro lugar, puz-me a caminho.

Convenho em declarar que me preoccupava um pouco a idéa de chegar cedo de mais, e de assistir a uma scena de agonia; mas eu tinha depositado bem fundadas esperanças no *ruço-queimado;* admiravel cavallo! não mentio á sua bem merecida reputação: é um cavallo serio, moroso, inalteravel, contemporisador, paciente, como alguns diplomatas do meu conhecimento: é um animal estupendo, raro, que só por erro da natureza sahio cavallo: se não fosse o andar de quatro pés, o mesmo facto de nunca rinchar, e não poder fallar, podia assegurar-lhe os mais altos destinos na diplomacia.

Eu heide immortalisar este cavallo que tem incontestavel direito á minha, e, como alguns outros, á publica gratidão.

Gastamos quasi dous dias de viagem para chegar

á casa, e quando chegamos, o meu respeitavel tio já não estava nella: havia vinte e quatro horas que tinha sido sepultado.

Achei a casa cheia de parentes, e aberto sobre uma mesa o testamento de meu Tio Não sei como pude resistir ao impeto de atirar-me ao testamento: foi uma das mais violentas lutas que tenho tido em minha vida; mas resisti ! e resisti brilhantemente: salvei todas as apparencias. Apresentárão-me o desejado papel... repelli-o com ambas as mãos e desatei n'um berreiro que commoveu a parentella toda.

Reconheci naquella hora suprema que eu tinha nascido para ser um figurão no theatro politico: um homem que assim se domina, que, devorado da sede da herança, simula tanta indifferença por ella, e que perfeitamente consolado desata em furioso berreiro, nunca achará difficuldade em ser Graccho de comedia ou Catão de carnaval.

Todavia a vehemencia da dôr não podia prolongar-se muito: em quanto gritava e soluçava, calculei o tempo que devia chorar, e mitiguei pouco a pouco e decentemente o pranto: dobrei-me emfim ás consolações dos parentes, e cedendo ás suas instancias, li o testamento.

Ah ! que illusão e que desengano !... meu Tio era um homem que não sabia fazer as cousas; ou que as sabia fazer á preceito; pois logrou-me de um modo revoltante: arrependi-me de haver chorado tanto: aconselho aos sobrinhos que não desatem a chorar pelos tios que morrem, sem que primeiro saibão quanto lhes deixão em testamento esses parentes. A expressão da dôr deve estar na razão directa da herança que se vai receber e gozar.

Ataquem embora os escrupulosos estes principios

como immoraes e indignos: defendo-me plenamente com duas palavras: não quero fazer escola; já achei a escola feita; sigo as lições dos mestres, e o unico peccado de que me accuso é o de me escaparem ás vezes certas franquezas, que rasgão a capa da hypocrisia do chefes da escola e os deixão com os senões á mostra.

O tal velho liberal, o adorador da defunta que nunca viveu, meu Tio emfim, deixára uma fortuna de trezentos contos de réis, e em vez de me declarar seu unico herdeiro, que era o que eu esperava, commettêra o incrivel abuso de deixar a sua terça á uma sobrinha muito pobre, chamada Francisca, legára-me apenas cento e cincoenta contos de réis, e os cincoenta restantes repartira em loucos legados por não sei quantos parentes !...

Achei-me portanto despojado de trezentos e setenta e cinco mil cruzados !... dei solemne cavaco. Em regra eu deveria ter chorado metade do tempo que levei a chorar. Foi um erro enorme de cincoenta por cento em lagrimas.

Mas o engraçado, o curioso é que meu Tio ainda deixava a minha herança dependente de uma condição, que se compunha de tres condições !

Os velhos cabeçudos têm idéas que fazem vontade de rir !

Eis aqui a sublime verba testamentaria condicional que seguia logo a declaração do legado :

« *Como porém desejo que o meu principal herdeiro seja digno de mim e honre com o seu proceder em relação ao Estado a minha memoria, declaro que não só recommendo e exijo em nome da patria e de Deos, que esse meu principal herdeiro o meu sobrinho F...* (e vinha estirado o meu nome todo) *cumpra á risca os*

seus deveres de cidadão, como ainda muito precisa e terminantemente determino que elle, em presença pelo menos de tres parentes, jure, pondo a mão sobre o livro dos Santos Evangelhos, que na vida politica e no exercicio de cargos publicos e de posições politicas observará sempre e religiosamente os seguintes preceitos :

« Primeiro : nunca se afastará da Constituição do Imperio.

« Segundo : será leal ao partido politico, a que se achar ligado e não mudará de partido sem fortes razões de consciencia.

« Terceiro : nunca e, sob pena de maldição lançada por mim da eternidade, se venderá, ou venderá o seu voto a ministerio algum.

« E se o dito meu sobrinho não se quizer sujeitar a este juramento e condição, ficará privado da herança, á qual se dividirá proporcionalmente pelos outros legatarios, com excepção da herdeira da minha terça. »

Para provar que meu Tio estava doudo, quando escreveu seu testamento, eu não precisava de melhor testemunho, do que o que apresentava semelhante etravagancia testamentária ; mas está visto que apezar do prejuizo dos trezentos e setenta e cinco mil cruzados eu não podia pensar em propôr nullidade de testamento.

O tal amor da liberdade e da Constituição quando chega ao gráo de mania, é a mais perigosa de todas as loucuras. Decididamente meu Tio morreu louco furioso.

Em summa eu tinha ficado com um logro de cincoenta por cento; era porém indispensavel mostrar boa cara, e não dar signaes de resentimento: a minha attitude serena tornava-se todavia cada vez menos sus-

tentavel : desapontamento por logro em materia de herança é cousa que transpira até pela ponta do nariz na cara de um egoista.

A viagem me havia estafado; a choradeira fingida e forçada ainda mais; as verbas testamentarias exigião reflexões, e, peior que tudo, eu sentia uma fome de ganhador politico, que por erro de calculo, declarou-se em opposição antes de tempo; realmente porém sou homem de recursos : tive uma inspiração, simulei uma ligeira syncope... acudirão-me... tornei logo á mim, e queixei-me de fraqueza : a boa ou tola gente que me cercava deixou-me ir para o meu quarto, para onde logo me mandou um perú assado, pão, e vinho.

Vinguei-me no perú: devorei-o todo.

*

Achei-me nas melhores condições para pensar fria e reflectidamente.

Eu não tinha mais fome, e o meu estomago deixava por tanto em liberdade a minha alma.

Deitei-me : a minha cabeça pousou suavemente no seio dos bons conselhos.

Com perdão dos senhores conselheiros de estado, o melhor conselheiro é o travesseiro.

Senti que estava a meu gosto, que estava só, livre, independente e com a cabeça no meu travesseiro.

Porque é que o travesseiro é o melhor conselheiro ?

E' porque a sós, sem testemunhas importunas, o homem com a cabeça encostada no travesseiro, com o corpo suavemente abandonado ás delicias de um fôfo colchão e de frescos lençóes de linho, póde muito a seu gosto ouvir as tres vozes, e conversar com as tres mysteriosas falladoras, que lhe fallão de dentro do seu ser, e póde apreciar qual dessas vozes deve

ser mais ouvida, qual dellas dá conselho mais de harmonia com a a vida real deste mundo, e não com a vida do mundo dos poetas, que levão os homens aos trambulhões pela estrada dos desenganos.

E que ha tres vozes que nos fallão de dentro de nós mesmos, não tenho duvida alguma.

Ha a voz da consciencia, como a chamão os padres, e, segundo elles, voz do dever que impõe, ou do remorso que pune, e, em uma palavra, mas ainda segundo os padres, voz de Deos fallando na alma do homem.

Ha a voz do coração, como a denominão os poetas, e, no dizer delles, a voz do sentimento, voz dos anjos sempre generosa e pura dos interesses e das miserias da terra.

E ha a voz da razão fria e positiva, voz humana que falla ás realidades da terra e da vida, e que é luz que guia os homens nas sombras atrapalhadoras da viagem deste mundo.

Eu tenho opinião formada sobre estas tres vozes.

A voz chamada da conscienca é uma voz artificial creada pela educação perniciosa da infancia, voz que nasce das historias do tútú e da mãi d'agua — que as amas contão aos meninos para fazê-los dormir, e que se desenvolve depois pela influencia das caraminholas prégadas pelos padres que dos pulpitos nos fallão dos tormentos do purgatorio e do inferno, como se no purgatorio e no inferno tivessem elles por muitos annos morado.

A voz da consciencia é uma tremendissima peta, que nos causa grandes atrapalhações neste mundo: é um tambor de creança malcreada, é um martelo de latoeiro incansavel, é um discurso eterno de opposição enfesada, é um incessante grito de araponga que não se

póde supportar: a consciencia é uma velha rabugenta que tem sempre de que ralhar.

Eu entendo que não se deve fazer caso da consciencia.

A tal voz do sentimento, além de igualmente perigosa, é estupida. O sentimento é cego, e portanto o peior dos conductores: dizem que é a voz innocente e pura do coração em que falla o sentimento que póde salvar o homem diante de Deos, e por consequencia salva-lo no céo; pois ainda que assim seja, não quero saber das purezas do sentimento que salva o homem no céo depois de deita-lo a perder na terra: tambem asseverão que a voz do coração é a voz dos anjos; mas os factos provão que ha casos em que tudo indica que o diabo entra no coração, e torna este mundo um inferno para o homem.

Eu já me habituei a examinar e julgar tudo debaixo do ponto de vista politico, e é boa regra, porque o bom e o máo é necessariamente bom e máo tanto na vida particular, como na vida publica: duas moralidades diversas são duas grandes mentiras: é preciso que o homem se sujeite ao absolutismo da verdade: o tolo, o escrupuloso na vida particular, é tolo e escrupuloso na vida publica, não ha distincção possivel.

Que papel faria um homem politico, um estadista, se désse ouvidos á voz da consciencia ou á do coração, á voz do dever ou á do sentimento, á voz de Deos ou á dos anjos?... Supponde verdadeiros todos esses qualificativos das duas vozes, seguir-se-hia que o homem todo occupado de Deos e dos anjos, do dever ou do sentimento, esqueceria as realidades deste mundo e os homens, e faria governo e politica para o reino dos anjos, e dos poetas, para o paraiso e para o mundo da lua!

Ficavamos arranjados aqui na terra.

Nada : deixemo-nos de santidades e de poesias : a cousa como vai, vai bem: o dever é uma pêa, o sentimento uma fraqueza, talvez uma cousa ignobil: o homem não deve ter consciencia, que é entidade abstracta, e não real e deve ter coração só por duas razões: primeiro, porque o coração é indispensavel, segundo os physiologistas, para a circulação do sangue e para a vida: segundo, porque o coração é uma viscera que pela posição que occupa no corpo humano, fica exactamente por baixo da algibeira, onde se recolhe o dinheiro, e consequentemente amnistiado dos crimes do sentimento, afidalgado, sublimisado emfim pelas condições de contiguidade, ou pelo menos de vizinhança da bolsa que é, ainda mais do que a peça de artilharia, a soberana do mundo.

Eu portanto condemno a consciencia, e, se absolvo o coração é sómente em homenagem á notavel circumstancia attenuante de senti-lo palpitar por baixo da algibeira.

A voz da razão... essa sim!

Mas não haja confusão de idéas: a voz da razão, ao menos cá para mim e para muita gente mais, quer dizer pura e simplesmente a voz do espirito reflectido que annuncia ao homem o que mais lhe póde convir nas circumstancias e no correr da vida: é a voz prudente, previdente do egoismo, que dansa conforme toca a musica do interesse, que canta em todas as claves a solfa das conveniencias; é a voz cuidadosa, cautelosa, calculista que dentro do homem brada ao homem *Sentido! não te deixes levar pela honra se não queres afudan-te na pobresa! — olha! finge agora obedecer cegamente aos preceitos do dever; porque desta vez o dever está em harmonia com o teu interesse!*

— *agora não ! atira com o dever para trás das costas, desata a rir dos melindres do pudor, e arranja os teus negocios sem ceremonia.*

Ha quem sustente que esta voz, que eu chamo de razão, é a voz da desmoralisação, ou, melhor, é a voz do diabo: não sei; tudo póde ser; mas se é a voz do diabo, metade, pelo menos, da gente que mais figura na minha terra, está com o diabo no corpo ou segue os avisos do diabo.

Não quero entrar nesta questão: basta-me saber que a consciencia é incommoda, que o sentimento é trapalhão, e que a razão, que é o egoismo, me felicita, ou, em caso extremo, me inspira recursos que diminuem o mal que me sobrevem.

Oh travesseiro! oh minha nimpha Egeria! consciencia pela janella fóra, sentimento posto de reserva para as scenas artificiaes com a parentella amanhã — fiquemos a sós com o egoismo: oh Egeria! faze-me ouvir a voz das minhas conveniencias materiaes.

Puz em discussão o testamento de meu Tio.

Era ordem do dia obrigada.

Pedi a palavra *pró* e *contra* ao mesmo tempo.

Não se admirem: nas camaras já tenho ouvido oradores da maioria fallarem pró e contra a mesma idéa no mesmo discurso, conforme o sorriso ou a careta do ministro que assiste á discussão, e o facto é muito justificavel, porque ao sorriso ou á careta de um ministro prende-se ás vezes todo o futuro de um deputado da maioria.

Pedi pois a palavra *pró* e *contra* o testamento de meu Tio.

E comecei a fallar ao meu travesseiro, ou a repetir o que me dizia o travesseiro.

O testamento de meu Tio continha tres absurdos.

Primeiro absurdo: a terça legada á prima Francisca.

Segundo absurdo: os cincoenta contos legados aos outros parentes.

Terceiro absurdo: a condição que me era imposta.

Que remedio porém?... no nosso parlamento tem-se observado que se reconhecem absurdos em um projecto, e no entanto se vota pelo projecto por amor de pretendidas necessidades publicas: adopto o exemplo parlamentar: reconheço que é absurdo o testamento de meu Tio; mas voto por elle em consideração das mais altas conveniencias da familia, isto é, em attenção aos meus cento e cincoenta contos.

A primeira questão acha-se resolvida: está adoptado o testamento de meu Tio.

Passemos aos detalhes.

Começarei pela condicional.

A condição imposta por meu Tio para se realizar a minha herança tem um travo de fel, e um grave compromettimento para mim.

O travo de fel está na manifesta desconfiança da minha probidade; esta ponderação porém, não póde ter consequencias: engulo o fel, e finjo que não entendo a historia: estou prompto a dar a todos os meus parentes o direito de desconfiarem de mim, com a condição de me deixarem legados em seus testamentos.

Ande eu quente e ria-se a gente.

O grave compromettimento está na observancia dos tres preceitos da celebre condição.

Sem duvida cento e cincoenta contos fazem o principio de uma fortuna; mas os malditos tres preceitos vem embaraçar desastradamente o desenvolvimento e augmento dessa fortuna: de uma vez por todas declaro que não quero aviltar-me com o trabalho, e que calcúlo explorar a mina abundantissima da politica;

não sou peior que muitos outros que têm enriquecido, *dedicando-se* ao serviço do Estado : francamente : eu desejo arranjar vida esplendida, mamando nas tetas do thesouro publico e, ainda mais, aproveitando a influencia de uma alta prosição official para ganhar dinheiro, que é o essencial e a grande realidade da vida.

Como porém chegarei a realizar este sublime desideratum, vivendo grudado com a Constituição do Imperio, sendo leal ao partido a que me ligar, e nunca me vendendo a ministerio algum?...

Meu Tio era um homem sem consciencia.

Que me cumpre fazer? desistir da herança? nessa não cahe o *Sobrinho de meu Tio.*

E' indispensavel aceitar e não cumprir a condição.

O juramento sobre o livro dos Santos Evangelhos é o menos: quem hoje dá importancia a semelhante banalidade? Perguntai aos deputados de uma legislatura nova o que jurárão quando todos depois do primeiro, que gaguejando lê materialmente todo o juramento, vem um por um e de joelhos, pondo a mão no livro dos Santos Evangelhos, vão dizendo: « *Assim o juro* ». Perguntai-lhes o que jurárão? Poucos d'entre elles o sabem, e todavia ficão todos sendo augustos e dignissimos juramentados, e ha quem diga, que durante quatro mezes em cada anno dô quatriennio, muitos delles perjurão como testemunhas falsas, e são infieis á patria como Judas foi infiel a Christo.

O juramento sobre os livros dos Santos Evangelhos não me cria embaraço algum: a minha escola politica admitte e considera o juramento como um meio de mais para enganar os tolos.

Mas os tres preceitos tão clara e positivamente estabelecidos?... em todo caso é preciso salvar as apparencias: é preciso vêr como poderei sophisma-los de

modo a impôr silencio aos meus detractores futuros

Primeiro: nunca me afastarei da Constituição do Imperio.

Deste estou salvo: eu sou materialista, e devo entender e explicar tudo debaixo do ponto de vista material. Trarei sempre no bolso do *paletot* a Constituição do Imperio: assim nunca me afastarei della, e nem por isso serei obrigado a respeitar os seus principios e disposições. Os ministros de estado tambem conservão religiosamente nas suas mesas a Constituição do Imperio, e entretanto fazem della gato e sapato.

Estou arranjado com o primeiro preceito: vamos aos outros.

Segundo: serei leal ao partido politico a que me achar ligado e não mudarei de partido sem fortes razões de consciencia.

Este preceito é estupido: ha sempre fortes razões de consciencia para um ganhador politico mudar de partido. Eu conheço não um, mas uns poucos de patriotas como eu, que tem jurado bandeira em todos os partidos e em todas as facções desta nossa terra, que são sempre ministeriaes em annos de eleições, e sempre depois das eleições quando os governos repartem com elles o pão-de-ló do thesouro, e que ostentão tanta lealdade e firmeza, como os martyres da fé.

Por mim eu adopto o preceito de meu Tio e vou ainda além delle: protesto que nunca hei de mudar de partido; porque eu sou do glorioso partido do meu *eu:* a minha bandeira está hasteada nas minhas conveniencias: nas grandes lutas o meu pennacho de Henrique IV será sempre o meu interesse. Malditos sejão os politicos voluveis: eu sou firme: não mudo, e nunca mudarei de partido.

Chego ao ultimo preceito.

Terceiro: unca e sob pena de maldição lançada da eternidade por meu Tio, me venderei, ou venderei o meu voto a ministerio algum.

Este preceito é que seria capaz de deitar-me a perder ! Para mim e para os da minha escola equivale a um *homicidio politico.*

Fação de conta que eu me apresento candidato a deputado : estava arranjado com o tal preceito ! O preceito quer dizer policia contra mim ; policia contra mim quer dizer — candidatura perdida !

Meu Tio era um maniaco que via o sol á meia noite, e não o via ao meio dia.

E supponhamos que apezar da policia, eu era eleito deputado: estava arranjado com o tal preceito! preceito seria para mim a transformação de camara em tormento de Tantalo, seria o pão-de-ló a cheirar e eu morto de fome a jejuar! O preceito seria o distico escripto por Dante na porta do inferno, e para mim transcripto na porta da camara : « *Lasciate ogni speranza...* »

Não; isso não: isso é de mais: não me submetto a semelhante sacrificio do meu futuro.

E' preciso sophismar este louco preceito...

Ah! perfeitamente! a idéa não é original; mas serve-me, e é idéa salvadora: *o aluguel não é compra: o alugado não se vende.*

Protesto e juro que nunca me venderei a ministerio algum; fica-me porém o direito de me alugar a todos os ministerios.

Oh meu venerando Tio! abençôa-me da eternidade: eu aceito a condição que me impuzeste para receber a herança dos cento e cincoenta contos! Eu cumprirei á risca, e conforme os entendo, os tres preceitos da tua sabedoria!

Abençôa-me, e não condemnes os meus sophismas! Olha lá do alto da eternidade para a terra que deixaste, e verás, que mais franqueza menos franqueza, mais hypocrisia ou menos hypocrisia, os Sobrinhos de seus Tios abundão tanto, e pensão e praticão tão uniformemente que eu seria um famosissimo tolo, se quizesse ser excepção.

Consola-te do logro que te vou pregar, oh venerando finado! Consola-te com o Brasil; porque o Brasil é um tio velho e rico, cercado, atropellado de sobrinhos que o devorão, que o reduzem á miseria, e que se dizem patriotas, sem duvida porque se considerão donos ou proprietarios da patria.

Assim pois a terrivel condicional do testamento ficará plenamente satisfeita, desempanhada em todas as tres partes de que se compõe.

Livre desse pezadelo que me afrontava, voltei o meu espirito para os outros dous absurdos testamentarios, e comecei pelo mais grave que era a terça legada á senhora minha prima.

Bem se diz que a mulher é a desmancha calculos do genero humano: nos meus calculos de herança eu não tinha contado com a mulher e por isso espichei-me redondamente.

De volta da Europa não me lembrára de procurar os parentes que não me visitárão, e nem uma só vez me encontrei com a prima Francisca, que vivia com sua mãi depois que sahira do collegio, onde meu Tio a fizera receber mais instrucção do que qualquer homem de juizo se lembraria de dar-lhe.

Devo declarar que desde os mais tenros annos antipathisei com esta minha fatalissima parenta.

A prima Francisca era filha de um irmão de meu Tio; estava portanto nas mesmas condições em que eu

me achava, com a differença, que ainda muito criança perdeu o pai; mas ficou-lhe a mãi; e eu tambem ainda muito criança me acharia só no mundo, se não fôra meu Tio que, sempre escravo de certas regras de justiça que elle arranjava para si, entendeu que me devia amar na razão dupla do amor com que amava a sobrinha, que ainda tinka mãi para ama-la outro tanto.

Do pai que lhe morrêra não herdou a senhora minha prima um real: não houve na sua casa trabalho algum com a excuçao do testamento, nem com o inventario ; porque o finado não tivera que testar, nem deixára que inventariar: o que elle deixou no mundo para lembrança de seu nome foi a mais infeliz, a mais nociva de todas as lembranças; foi a filha, que estava destinada para usurpar-me a terça de meu respeitavel e maniaco Tio.

Que asneira um homem pobre ter filhas que vem depois embaraçar a fortuna dos primos! A tal menina era uma orphãsinha sem vintem, que devia ter entrado logo para um convento afim de não pesar no mundo.

Eu sempre pensei assim; munca porém me animei a propôr a minha idéa com receio de que por identicas razões me destinassem para frade; porque eu tambem fiquei logo na primeira infancia orphão de pai e mãi, orphão igualmente sem vintem, e foi meu tio que tomou conta de mim, como já disse.

O infortunio e a caridade reunirão muitas vezes e por muitos dias os dous orphãos na casa de meu Tio: a prima Francisca tres annos mais moça que eu, estava como eu igualmente em um collegio, e nas férias meu Tio nos passava exame-e, achava sempre de que ralhar comnosco; a menina porém inventava tantas e tão originaes desculpas para os seus erros, que o velho acabava rindo-se com ella.

A minha ogerisa com a prima não nasceu d'ahi, mas de motivos muito mais ponderosos: tendo muito melhor vista do que eu, ella sempre me deixava logrado, quando procuravamos fructas, correndo pelo pomar; na distribuição de doces e confeitos recebia os melhores e creio que maior porção com os seus direitos de mais moça e de menina; e no caso em que o objecto digerivel era um só, e não se podia repartir, quem comia era ella; e eu ficava á olhar.

Mas o que principalmente determinou a minha invencivel antipathia, foi o seguinte facto que a muitos póde parecer insignificante e pueril e que para mim é ainda hoje de grande significação moral. Um dia estavamos á brincar; a prima descobrio tres ovos no gallinheiro, e delles immediatamente nos apoderamos, seguindo-se porfiada disputa entre nós: eu queria ficar com dous ovos, e ceder-lhe um, e ella reclamava precisamente o contrario: furioso e receiando vê-la ir procurar meu Tio para juiz da causa, exclamei:

— Pois vou quebrar todos os tres ovos!

— Não; gritou ella: eu tenho uma boa idéa!

— Qual? perguntei.

— Vamos fazer um pão-de-ló.

Não é de hoje: desde criança eu sempre fui doudo por *pão-de-ló:* approvei a idéa com enthusiasmo, e, ainda me lembra, fui eu que bati os ovos! fui eu que tive o maior trabalho! depois a prima ordenou a uma escrava que puzesse o *pão-de-ló* no forno, e no fim de pouco tempo do forno o vi sahir inchado, cheiroso, provocador!...

Meus olhos brilhavão, minha boca abria-se instinctivamente... eu já estendia a mão para receber o meu pedaço...

— Espere: deixe esfriar, disse-me a prima.

Esperei: o *pão-de-ló* esfriou e ella tornou-me:

— Vá buscar dous pratos e dous talheres.

Obedeci, correndo: voltei nas azas da gula; mas chegando, deixei cahir os pratos no chão, e soltei um grito de desespero!

A prima tinha comido todo o *pão-de-ló,* e ainda com a boca cheia, ria-se de mim!

Nunca mais lhe perdoei este attentado.

A minha antipathia se basêa pois em motivos graves e serios; provém exclusivamente de questões que interessão ao direito de *comer*, e sobretudo á mais triste das desillusões em materia de *pão-de-ló*, que é um doce eminentemente politico e governamental. Eu não perdôo a quem perpetra contra mim um crime de *lesa-barriga.*

Desde aquelle dia sinistro rompi com a prima, achei-a desengraçada, fria e insupportavel. Não me censurem, não me accusem: a pratica do mundo absolve meu justo resentimento: o *pão-de-ló* varia conforme as idades, as posições e as condições do homem; mas no fundo é sempre *pão-de-ló*: examinai os fundamentos de certos pronunciamentos inesperados de opposição no grande mundo politico, e vereis que a opposição deste se explica por ter ficado de fóra na organisação de um ministerio novo; a daquelle porque não o contemplarão candidato em uma eleição de senador; a daquelle outro porque não lhe derão a presidencia da provincia que almejava, e assim por diante, e por fim de contas sempre caso de *pão-de-ló*.

Portanto eu tive as melhores razões para declararme em opposição á minha prima.

E agora ainda muito mais porque ella se transformou em golphão que me absorveu cem contos de réis: que *pão-de-ló!...*

E não ha meio de disputa-lo : o testamento de meu Tio é positivo...

Cem contos de réis ! com os meus cento e cincoenta contos farião duzentos e cincoenta contos, isto é, trinta contos de renda annual ou talvez mais, renda segura, limpa, deleitosa, sublimemente annual !

Aquella prima Francisca é um demonio de usurpação !

E' verdade que com a minha fortuna de cento e cincoenta contos de réis, eu posso facilmente encontrar uma noiva, cujo dote... Oh travesseiro ! que idéa me suggeriste !

Por que a prima Francisca, o demonio da usurpação, não se poderia transformar em prima Xiquinha, em anjo de restituição ?...

E' possivel, mas não é facil nem provavel que eu ache uma noiva com um dote superior a cem contos de réis; mas em todo caso mais vale um *toma* do que dous *te darei*.

Porque não me hei de casar com a prima Xiquinha?

Eu sempre chamei a prima — *Sinhá Xica* — ; mas depois da terça deixada por meu Tio, ella tem incontestavel direito a ser chamada *Xiquinha*.

A lembrança do *pão-de-ló* dos tres ovos está completamente prejudicada pelo projecto do *pão-de-ló* dos cem contos de réis.

Nas camaras os ministros clamão, quandos lhes faz conta : « esqueçamos o passado ! sacrifiquemos nossos resentimentos pessoaes e nosso odios no altar da patria ! » eu te direi o mesmo, oh Xiquinha ! sacrifiquemos nossas desintelligencias e nossas brigas de crianças no altar do teu dote !

E, cousa celebre ! consultando a minha memoria, que neste momento reproduz a meus olhos a imagem

da Xiquinha aos quinze annos de idade, não posso deixar de reconhecer que ella era uma joven encantadora e cheia de perfeições !

Eu creio que estou apaixonado pela Xiquinha. Decididamente devo casar-me com ella e ficão assim resolvidas todas as duvidas e corrigidos todos os absurdos do testamento de meu Tio.

Todos, menos o absurdo dos cincoenta contos legados a um formigueiro de parentes, e pela maior parte de parentas pobres, eu não teria duvida de casar tambem com todas ella para reunir a quasi totalidade do espolio; as leis porém o não admittem e é caso em que não ha remedio senão obedecer ás leis.

Mas para minha consolação basta-me a Xiquinha.

E não encrespai as sobrancelhas, severos moralistas e pretenciosos moralisadores da sociedade! pensaes que vou illudir uma donzella, fingir amor que não sinto, para casar-me, não com ella, mas com o seu dote ? estais muito irritados com isso ?...

Fazeis-me rir !

Vós que me censuraes, acabastes de almoçar com um mocetão que era pobre, ha seis mezes, e que improvisando ardente paixão por uma velha de setenta annos, casou-se com ella da noite para o dia, e senhor dos milhões da noiva septuagenaria, tem carros e palacetes, não lhe faltão amigos, e é já barão, ou se-lo-ha, se quizer, e quando quizer.

Vós louaves, admiraes, elevaes ao setimo céo a honestidade de caracter e as virtudes exemplares daquelle que, sentindo-se perdido de amor com a noticia da existencia de uma herdeira de algumas centenas de contos, ajusta com um intermediario um casamento sacrilego, dá-lhe cinco ou dez contos de molhadura, e consegue assim casar com uma mulher

a quem nunca vira, e por quem nunca fôra visto.

Vós que me condemnaes, já perdoastes, e já abraçastes aquelle, que por amor de um avultado dote, prestou-se aos planos de uma familia algoz, e fez-se algoz de uma donzella que amava, que dera o coração a um mancebo da sua escolha, e que no silencio da noite, e diante do altar da violencia, onde se profana o Christo, foi obrigada a dar a mão de esposa ao especulador sem brio e a tornar-se escrava de um senhor sem honra...

Oh! não me censureis, nem vos mettaes nessas questões de casamentos-financeiros ; porque a terça parte do vosso mundo vos pediria misericordia, e apenas as victimas, as santas martyres vos applaudirião em segredo, abafando com os véos do pudor os échos com que seus corações responderião aos vossos estereis clamores.

E fallemos agora a verdade, confessando a realidade do que se passa a nossos olhos, e dizendo as cousas como as cousas são.

Que diabo é a mulher na nossa sociedade ?

Moça solteira é uma boneca, com que se brinca: diverte-nos, tocando ao piano, e dansando comnosco na sala, e se não é simplesmente boneca, é uma infeliz que começa a desmoralisar-se passeiando á conversar com desmiolados, que pensão ser cortezia, namorar todas as moças.

Joven casada calcula o futuro pela lua de mel e no fim de quatro ou seis mezes se desengana, e passa as noites a chorar desenganos, emquanto o marido applaude e namora as nymphas do *Alcaçar*.

Esposa e já mãi de familia é a mais graduada escrava da casa; ás vezes dizem que ella é rainha; mas é rainha que tem por sceptro a chave da despensa.

Esta é a regra geral, e eu tenho o maior prazer em dar parabens ás excepções, que as ha sem duvida.

Mas quanto aos dotes e aos casamentos financeiros eu sou fiel á minha escola politica, que acaba de acender o meu amor pela Xiquinha.

A noiva rica é uma entidade altamente politica, perde o seu caracter de mulher, e passa a instrumento material das grandezas do noivo: casa não pelo que vale por si; mas pelo valor que lhe dá o dinheiro que leva em dote : não importa que seja feia, mal feita, rabujenta, e sem juizo ; o essencial é que seja rica : o seu merecimento não está nas perfeições do corpo nem do coração, está nos seus cofres; considerada debaixo do ponto de vista da grammatica, o seu amor é uma oração incidente, o seu casamento uma oração subordinada, o seu dote a oração principal. Se morresse um dia depois de casada, e pudesse deixar, e deixasse toda a sua meação ao marido, não faria mal nenhum, e pelo contrario facilitaria ao viuvo a perspectiva e a esperança de um segundo casamento igual.

A noiva rica é o pedestal do monumento do noivo.

A noiva rica é, antes de casada, o plano, e depois de casada, o resultado de uma operação commercial: e o marido, em vez de escrever-lhe o nome no coração, escreve-lhe o dote no livro da receita.

Estas graves e muito verdadeiras considerações, em vez de aviltar, elevão a mulher, ao menos na opinião do *Sobrinho de Meu Tio*; porque, sem que o saiba, sem que o pense a mulher, ou a noiva rica é quasi sempre um agente commercial, um agente industrial, um agente politico: creio que empreguei erradamente a palavra agente, direi melhor, é um capital que se obtem pelo casamento, capital que se emprega, e que

se faz render para florescimento, augmento, e gloria do marido.

Eu penso assim : esta é uma das grandes theorias da escola do egoismo, e portanto...

E portanto estou apaixonado pela Xiquinha.

Amanhã começarei a bater a fortaleza e hei de conquista-la. Agora vou dormir.

Oh travesseiro! inspira-me bellos sonhos ! eu quero sonhar com a Xiquinha.

CAPITULO II

Em que dou conta do somno que dormi e do sonho que tive: lamento a falta de dous estomagos no homem e faço considerações philosophicas sobre uma chavena de chocolate que me mandárão: abro a minha mala de viagem e não acho nella a *Carteira de Meu Tio*; encontro porém e destino a perpetuo somno, dormido no bolso esquerdo do meu paletot, a Constitui ção do Imperio, á quem dirijo um discurso patetico e sentimental: saio do quarto, e pouco depois almóço prodigiosamente, ficando este almoço entre duas interessantes contemplações, a da prima Xiquinha na sala, e a do ruço-queimado na estrebaria.

Dormi um somno só, mas um somno que durou a noite inteira. Não sonhei com a prima Xiquinha; sonhei porém com o perú que eu tinha comido e que a minha imaginação me fez comer segunda vez, dormindo: achei-o delicioso, e comprehendo agora quam grande foi o erro da natureza, esquecendo-se de fazer o homem ainda mais feliz pelo dom da ruminação; para os politicos gulosos seria isso um recurso admiravel, porque emquanto fossem obrigados a estar em opposição ruminarião o que tivessem comido no tempo do seu ministerialismo, e terião mais paciencia para esperar por novo periodo de vaccas gordas. Por esta ou por qualquer outra razão ha homens que vivendo principalmente pelos gozos da barriga, serião capazes de vender qualquer das faculdades da alma para ter mais de um estomago, e fruir as delicias dos ruminantes.

Contra o meu costume despertei ao primeiro raio do sol. No dia que se seguira uma consideravel alteração

ou funesta ou prospera da vida, por força nos acordamos mais cedo. E' principalmente uma felicidade da vespera que nos faz matinar no dia seguinte : é falso que os noivos que se amão, fação excepção a este principio, e que acordem muito tarde depois da noite do noivado : é peta : não crêão nelles ; despertárão ambos com as rosas da aurora e com o canto dos passarinhos; mas só ás dez ou onze horas da manhã se lembrárão de que devião tomar a benção aos pais e dar os bons dias aos amigos.

Eu ainda não era mais do que candidato a noivo, e não tinha motivo algum para deixar-me ficar na cama acordado: até a minha natural preguiça, já muito abalada pelos cuidados e calculos que absorvião o meu espirito, foi completamente vencida por uma chavena de chocolate que me mandárão trazer, apenãs me sentirão desperto.

Sorri-me, reconhecendo que me estavão já tratando com a consideração devida ao herdeiro principal da casa. Aposto quanto quizerem que a Xiquinha, em honra da sua terça, tambem tomou chocolate; e não aposto, mas devo suppôr, que os herdeiros dos cincoenta contos tiverão de contentar-se com o simples café, recebendo os parentes não herdeiros cada um sua combuquinha de mate.

E depois destas e de outras censurem-me, porque sou egoista, interesseiro, e porque anteponho á todos os vãos principios de moral sempre e sempre o dinheiro, ou melhor, a riqueza.

Ponhamos de lado as ceremonias e confessemos que uns apenas soletrando, outros lendo correntemente, uns a gaguejar com vergonha infantil, outros a declamar com o mais ardente enthusiasmo, neste assumpto rezamos todos pelo mesmo breviario.

A sociedade tem para o pobre canga, carga e menoscabo:

E tem para o rico reverencias, distincções indulgencia e chapéo fóra até o chão.

Querem ver, se isto é ou não verdade? Querem apreciar na historia de todos os dias o abysmo que separa o rico do pobre?

Venhão comigo, e comecemos pela casa de Deos. Olhem que é a *casa de Deos*.

Sou um pobre operario; visto porém calça e jaqueta lavadas, e vou á pamposa festa do santo da minha devoção; quero entrar na capella-mór da igreja; mas esbarro com sentinellas ás portas, que me repetem *on ne passe pas*, e que á minha vista deixão passar um sujeito de casaca, relogio de ouro, e alfinete de brilhantes : e faz-se isso na *casa de Deos*, cujo filho que é o mesmo Deos feito homem escolheu os seus Apostolos entre os mais pobres e humildes

Querem ir á casa do governo ?

Vejão ! della sahe muito consolada uma mulher com quatro meninos: é a viuva e são os filhos de um pobre soldado que se fez matar no campo da batalha, batendo-se como um heróe : derão á viuva uma pensão de quatrocentos réis por dia ou cento e quarenta e seis mil réis por anno : agora sahe tambem, e embarca-se no seu carro, um senhor que possuindo mil escravos, libertou dez, offerecendo-os para soldados, e recebeu por isso o titulo de barão com grandeza.

Querem ir ás casas de todos ? Entremos na de um daquelles que gozão de geral estima, e são justamente reputados homens de bem.

Batêrão palmas na escada, o criado vae ver quem é: o amo apura o ouvido. Abrio-se immediatamente a porta da sala, é visita de homem que tem dinheiro ou

posição : — o criado demora o visitante na escada, é sujeito que não tem cartas no correio : —o criado diz que vai vêr se seu amo já está acordado : — é um pobre carpinteiro, compadre do dono da casa, que levando o filho á escola, entrou para que o pequeno tomasse a benção ao padrinho.

Aquelle outro homem serio tem filhas e observa-as cuidadoso, e tremendo ante a idéa de vêr qualquer dellas apaixonada de algum moço pobre; e se esta calamidade sobrevem, combate-a, reune os parentes, faz guerra ao amor de filha, e se acaba, cedendo a elle, cede, chorando e desconsolado; mas se o namorado da menina é rico, o pai abre-lhe as portas da casa, dizendo antes á esposa : « E' um bom partido ; finge que não vês o namoro da pequena, e opportunamente provoca o pedido de casamento. »

E ainda quando o namorado rico é cabeça douda, e tem reputação de libertino, o pai da menina diz sorrindo : « Peccados da mocidade ! nós o poremos em bom caminho. »

Entremos finalmente na casa de imaginação.

Fazei de conta que alli estão ao lado uma da outra a mais linda donzella de vinte annos ; mas pobre como Job ; e uma velha de oitenta annos horrendissima ; tendo porém um milhão de seu : annunciai pelo *Jornal do Commercio* que ambas querem casar e esperai pelos pretendentes. Ora ! a velha acha mais de duzentos noivos em vinte e quatro horas, e a moça espera dez annos antes que lhe appareça algum poeta.

Sobre este assumpto cem Alexandre Dumas a escrever não esgotarião a materia em um seculo, exactamente porque a influencia, e o poder do dinheiro são inesgotaveis.

De tudo isso que expuz, conclue-se que a sociedade

não prefere o homem ao homem, não tem mais estima pelo homem, a quem faz barão, do que pela viuva do bravo a quem deu a pensão de quatro cento réis por dia, nem respeita mais a casaca do que a jaqueta, nem entende que a velha de oitenta annos é tão capaz de agradar e de ser amada, como a joven formosa de vinte annos : nada : a sociedade não é tão estupida, nem faz ostentação de opiniões e de gostos tão inadmissiveis.

O que a sociedade ensina, proclama e adopta é mais simples, mais positivo, mais pratico, e mais sabio : ella ensina, proclama, e adopta que quem tem dinheiro vale mais, merece mais do que quem não o tem.

E estupendamente logica a sociedade vai adiante : examina, discute como é que este ou aquelle de seus membros está ganhando dinheiro, ás vezes condemna os meios, e manda para a casa de correcção o ganhador ; se porém os meios de enriquecer ainda os mais indignos, escapão aos seus olhos, e um dia o ganhador se apresenta millionario, é *facto consummado !* a sociedade bate palmas, ao bancarroteiro-fradulento impune, ao moedeiro-falso impune, ao impune falsificador de dez testamentos ; comtanto que seja millionario a sociedade abre os braços, applaude, enche de honras, e genuflexa beija os pés do monstro moral mais feio e repugnante.

E' uma sociedade que adora o bezerro de ouro e á quem mandarei passear á lua se se atrever a censurar os meus principios egoistas, e a minha sede desesperada de posição politica productiva, que é o que ella me ensina.

A sociedade deve adorar-me : sou seu filho legitimo, e pareço-me tanto com ella como a mão direita com a mão esquerda.

Não posso dar-vos neste momento uma prova material e muito agradavel da verdade destas observações, e da influencia do dinheiro, prova que acabo de experimentar como principal herdeiro do meu Tio, não a posso dar-vos repito ; porque tomei todo o chocolate, e não me lembrei de deixar-vos um restinho, uma gotta para que aprecieis o gosto do chocolate preparado para quem deve receber em um dos proximos dias cento e cincoenta contos de réis.

Todas estas reflexões fiz eu emquanto me vestia ; vestindo-me, porém, lembrárão-me os preceitos da condicional da minha herança, e entendi que me cumpria grudar-me immediatamente com a Constituição do Imperio.

Abri, pois, a minha mala de viagem para procurar a defunta : achei-a e pu-la no bolso do paletot ; mas não me foi possivel encontrar a *Carteira de Meu Tio*, em que eu escrevêra os apontamentos dos primeiros dias da minha famosa viagem.

Decididamente eu tinha deixado a *Carteira* no quarto que occupára na estalagem da villa de... : o unico recurso era despachar um proprio para reclama-la, e tambem para trazer-me noticias do compadre Paciencia : resolvi-me a isso, e sahi a apresentar-me ao formigueiro de parentes ques estavão povoando a casa do finado.

Sahi com a Constituição do Imperio na algibeira e com a Xiquinha no pensamento.

Erão dous factos em contradicção, combinando-se perfeitamente pelas suas tendencias ao mesmo fim ; porque a Constituição do Imperio na algibeira do meu paletot, representava um embrulho, e a prima Xiquinha no meu pensamento era um projecto á desembrulhar; mas embrulho e desembrulho com o

unico fim de estabelecer os fundamentos da minha riqueza.

Pela primeira, e talvez ultima vez na minha vida venerei, adorei a defunta, amortalhada em encadernação de velludo verde : a Constituição do Imperio no bolso do meu paletot (e notai, que escolhi o bolso esquerdo, o bolso da bolsa, o bolso da verdade, debaixo do qual palpita o coração) era o cumprimento do primeiro preceito da celebre condicional ; era a minha mão aberta para receber cento e cincoenta contos de réis.

Eu não comprehendo que haja cousa mais suave do que ser constitucional para receber dinheiro.

Pobre Constituição ! fazem de ti o que querem : és tudo e nada, meio e fim, pão e páo !

Serves de isca para os credulos, de anzol para os velhacos.

E's salva-vidas com que conta a mestrança da náo do Estado para o caso de naufragio, e fôjo onde cahe o povo que conta comtigo nos tempos normaes.

Serves para se amassar o bolo que muitos geitosos apetecem e comem ; e para se dourar a pilula que o respeitavel publico engole.

Deves estar envergonhada do papel que te fazem representar ; esconde-te, Constituição !

Livrinho encadernado em velludo verde, fica ahi no bolso: o teu lugar é ahi mesmo: tu és como um vidrinho de cheiro activo que se traz de reserva para se applicar ao nariz nos casos de syncope, ou de ameaças de ataque de cabeça : fica onde estás, e fica bem quieta, porque deves apparecer sómente nos casos de perigo : tu és como *Nossa Senhora dos Navegantes*, a quem os pilotos e os marinheiros recorrem só nas horas e nos dias de tempestade.

Fica ahi quieta e não te movas : desengana-te ; tu pensas que és bella e sábia ; mas não passas de vaidosa.

Escuta : para teu ensino eu vou dizer o que és e o que não és : aprende ; mas depois de aprender, dorme, porque o teu somno é uma condição essencial da marcha regular dos negocios publicos, sempre que a minha escola e os meus mestres os dirigem.

Escuta :

Tu pensas que ainda vives, e sempre foste defunta.

Tens balda de sábia, e não podes manter a pureza dos teus preceitos.

Yulgas-te bella, mas és toda de gomma-elastica, e não ha autoridade que não te decomponha os traços aos empuchões que cada qual dellas te dá.

Presumes-te de eloquente e santa, mas o és sómente como S. João, quando prégava no deserto.

Crês que és um monumento, e não passas de uma escada.

Ufanas-te de ser bandeira, e de ordinario és sómente capote.

Blasonas de ser pura, e és violada impunemente por qualquer inspector de quarteirão.

Queres passar por *taboa de salvação*, e desconfio que apezar do teu pretendido poder, estás correndo o risco de dar á costa.

Dorme, pois, oh donzella ficção, dorme, innocente enganadora do povo, dorme poema em 179 estrophes, com um canto addicional em 32 ; dorme, oh maromba de volantins politicos ! arca santa que tantos tem profanado ! rainha escrava de executores perjuros, dorme! devéras que deves dormir, porque dormindo és sempre illusão que aproveita, e não atrapalhas o dominio e a marcha dos meus correligionarios politi-

cos, e acordada e se pudesses fallar, bradarias contra a degeneração do tal systema de governo que creaste, e contra o aviltamento da nação que presumiste haver nobilitado.

Importuna vaidosa ! dorme ahi no bolso do meu paletot, como dormes sophismada, mentida, adulterada em sete pastas, cujos nomes não digo, não em attenção a ti nem ás pastas, mas pelo respeito e veneração que tributo aos empastados de todos os tempos.

Dorme, pois, no bolso do meu paletot !

Para mim basta que esteja acordada a prima Xiquinha, que vale mil vezes mais, do que a Constituição do Imperio, pelo menos nas circumstancias em que me acho.

Porque, olha; graças ao sophisma, é sufficiente que tu estejas no meu bolso, para que eu receba a minha herança de cento e cincoenta contos de réis, e portanto receberei o dinheiro, não por ti, mas pelo sophisma.

E para que eu conquiste os cem contos da terça da Xiquinha, ainda tenho trabalhos a vencer, paixão que fingir, laços que armar, e diabruras a fazer.

Tu estás no meu bolso, e a Xiquinha apenas no meu calculo : tu és um problema resolvido, e a Xiquinha um problema a resolver : tu és uma defunta viva, e a Xiquinha uma viva que eu não admitto que seja defunta.

Tu és cento e cincoenta contos que são já meus e a Xiquinha é cem contos de réis que ainda não o são.

Dorme pois no bolso do meu paletot, dorme ahi para sempre ; porque desse modo nunca me afastarei de ti, e cumprirei plenamente um dos mais graves preceitos do meu finado Tio.

Estas considerações fiz eu, emquanto completava o meu toilette, e acabado este, olhei-me ainda uma vez

no espelho, retorci as pontas do bigode, corrigi um defeito do penteado, ajustei a gravata, achei-me encantador, sahi do quarto, e entrei na sala onde já estava reunida a parentela toda.

Ninguem mais chorava ; sómente havia em todos os semblantes aquelle ar de tristeza que era pela decencia imposta á situação.

Apertei as mãos de todos os parentes e com um certo *que* de especial a mão mimosa da Xiquinha, que ou não percebeu ou fingio não perceber a especialidade do aperto.

Emquanto esperava pelo almoço empreguei muito utilmente o meu tempo, conversando grave, mas amigavelmente com a melhor das minhas tias, isto é, com a mãi da terça deixada por meu Tio.

Excellente senhora ! reunia as duas mais apreciaveis condições para mãi de uma moça que se pretende namorar : era surda e tinha a vista curta ; como porém não ha quem seja perfeito neste mundo, minha tia fallava como se fosse ella só tres dias a fallar ! era pessima recommendação para sogra; mas nas circumstancias em que me achava o senão me aproveitou; porque, durante os seus discursos observava eu a minha calculada noiva.

Não que para os meus projectos de casamento a belleza da noiva fosse condição indispensavel ; mas indisputavelmente rico dote e mulher bonita são dous thesouros a um tempo.

A Xiquinha contava vinte e um annos, achava-se na idade do maior viço da formosura, e tambem na do maior empenho por laçar marido : esta condição animou-me muito ; porque ella a querer laçar e eu a querer ser laçado, tinhamos metade do trabalho vencido para nos entendermos.

Vou descrever a minha noiva.

Todos sabem que isto de descripções é conforme: cada qual descreve com as tintas, e com as imagens da sua sciencia, da sua arte, ou do seu officio.

Eu podia fazer e completar o retrato da Xiquinha em tres palhetadas, dizendo, é linda, elegante e engraçada ; mas em materia de descrever senhoras, a concisão é para ellas falta de respeito e de cortezia ; vou pois, retratar a minha noiva com toda a poesia dos meus sentimentos e com as imagens do officio ou meio de vida que pretendo ter.

A Xiquinha estava, como toda a parentela, vestida de luto fechado: exprimia a dôr profunda do coração n'aquella côr negra do vestido: em mim tambem as calças, o paletot e a gravata exprimião o mesmo sentimento; mas ainda bem que ninguem via os nossos corações escondidos nas suas caixas thoracicas: a sociedade civilisada não tem nada mais que inventar em materia de enganos e de hypocrisia! mentimos aos vivos sem dó nem consciencia, e até muitas vezes mentimos aos defuntos, enrolando o corpo em roupas de um luto que nem por momentos nos entrou no coração. O corpinho do vestido da Xiquinha trazia umas pregas tão bem feitas e com tanta arte dispostas que apanhei-lhe escondido nas taes pregas a peta do sentimento: era ainda por isso mais formosa: pareceu-me um daquelles *anjos da dôr* com que o herdeiro de um parente rico faz ornar o tumulo do excellente finado, *anjinho* feito de pedra e com as mãos cobrindo os olhos, sem duvida para ninguem ver que não chora.

A minha noiva se penteára a *capricho:* affectara nos cabellos negros e bastos um abandono e um desdem que erão o resultado da mistura de todos os pen-

teados que estavão então em moda; e nessa desordem dos cabellos anellados aqui, lisos alli, riçados em um ponto, retorcidos em outro, cahia ainda um buliçoso e bello caracol de madeixa que chegava á tocar-lhe o peito: nos detalhes o penteado era de uma desharmonia revolucionaria; mas no seu conjuncto achei-o encantador : a habil moça suppunha talvez que o tomarião por emblema da incuria que acompanha a dôr e o luto ; eu porém encontrei nelle eloquente emblema da politica moxinifada, da politica poly-glota; polyhedra, poly-mita e poly-tudo que tem incontestavelmente por si a maioria ou mesmo a totalidade da nação ; porque sendo a combinação de todas as politicas oppostas de todas as aspirações mais divergentes, é uma politica que contém um pedaço de politica de cada um, e não sendo exclusivamente de nenhum, é de todos, e portanto deve ser a que tenha em seu apoio a nação inteira: é uma politicia sublime! desordenada, absurda nos seus detalhes; mas no seu conjuncto estupendamente digna dos estadistas meus mestres, bem pensada, sabia e emfim tal e qual o penteado da Xiquinha.

Vejo que gastei muito tempo com o vestido e o penteado: vou resumir a descripção, aliás não chego hoje aos pés da Xiquinha.

Pela sua côr a interessante moça não representa typo algum com perfeição, e pureza; a sua côr é uma encantadora mistura de claro — e moreno-rozado — e pallido; liga ou coalisão de quatro côres differentes, que não dão em resultado côr alguma franca, e positiva; é finalmente assim como a côr de um ministerio hybrido, que é a côr mais bonita que se póde imaginar. Tem a estatura alta e elegante, como a posição social de um millionario: seus olhos são bellos, langorosos, enterne-

cedores, como os do deputado da maioria que tem rasca no orçamento e que contempla o ministro seu protector: a sua boca tem sorrisos de tantas significações, o seu rosto expresões physionomicas tão eloquentes, tão variadas, tão promptamente mudaveis, como a boca e o rosto de um frade que quer ser abbade, de jesuita que procura entrar com pés de lã em paiz que lhe fechára a porta, ou de guarda-roupa que morre por ser viador, apezar de côxo, ou por subir a camarista, apezar de cégo e surdo; mas conforme vi depois esse mesmo rosto da Xiquinha em horas de desillusões e de cólera descompunha-se em horriveis contracções, como a physionomia da opposição em dia de dissolução da camara: o seu pescoço, o seu collo de Cysne (o Cysne é aqui de obrigação) é garbozo, e alto, como o de um banqueiro que está em vesperas de fazer ponto, e ainda calcula augmentar o numero dos seus credores; por baixo da camisinha de gaze preto adivinhavão-se os candidos e entonados seios do ladrão da prima palpitando anhelantes, ardendo em férvidos desejos, como um candidato á cadeira vitalicia de senador, o que conseguindo entrar na triplice, suspira, e torna a suspirar, presentindo chegado o dia da escolha: ella tem a cintura fina, como a metaphysica do jornalista que escreve por conta do governo; seus braços são tão perfeitamente torneados, como os calculos da despeza publica, que sahem do thesouro para o corpo legislativo; suas mãos e seus pés são tão paqueninos-sinhos, como a sciencia politica dos nossos estadistas; sua voz tão suave e harmoniosa, como a de uma actriz que falla e namora ao emprezario do seu theatro; e o seu andar tão mimoso e seguro, como o de um actor, digo mal, como o de um augusto dignissimo que é tambem conselheiro de estado, que hontem fazia opposição, e

que hoje vae á casa do chefe do ministerio pedir uma *sinecura* para seu sobrinho.

A Xiquinha é portanto, sem contestação, formosa, resplendente: um poeta a chamaria Hebe, Aurora, Venus, etc. : para mim ella é *Ceres*, a deosa das mésses, que ensinou os homens á cultivar a terra para terem dinheiro, ou cousa que valia dinheiro, e que foi mãi de Plutus, o deos das riquezas.

Encontro no physico da Xiquinha perfeitas imagens de grandes verdades observadas na nossa vida social e politica: o seu caracter moral ha de corresponder aos seus caracteres physicos: eu creio e muito nas theorias de Lavater: juro por Lavater que a Xiquinha é estadista: era a mulher que me convinha: sinto-me apaixonado até ás pontas dos cabellos.

Annunciou-se que o almoço estava servido.

A' mesa derão-me o lugar de honra, ficando a prima Xiquinha ao meu lado direito. Notem bem, como aquella gente, apezar de simples erude, instintivamente reconhecia, e respeitava as proporções da herança legada por meu finado e respeitavel Tio: em primeiro lugar estava eu, isto é, cento e cincoenta contos de réis; depois de mim a Xiquinha, isto é, cem contos de réis; nem valera á prima a cortezia devida sempre ao bello sexo: não ha preceito de cortezia que faça esquecer um excesso de cincoenta contos na comparação de duas heranças.

Mas para mim o que então estava em discussão obrigada, exclusiva era o almoço: sou homem de ordem, e nunca darei lugar a que no parlamento me chamem á ordem.

Durante o primeiro quarto de hora occupei-me sómente, e como devia, dos direitos muito respeitaveis da minha barriga : comi quanto pude, e sem voltar os

olhos nem para a direita, nem para a esquerda: quando finalmente satisfiz com inteira plenitude o meu appetite, fiz ainda apenas uma pausa de suspensão; porque nesse quarto de hora devorára os solidos, e logo depois me seria preciso completar o almoço, bebendo os liquidos, pois que contava como infalliveis o café e o leite.

A minha pausa de suspensão foi consagrada á Xiquinha.

Era de direito : depois da barriga o coração ; depois do almoço o meu amor ardentissimo.

— Prima Xiquinha, disse-lhe eu; a senhora não comeu nada !

Ella fez um movimento e olhou-me admirada; depois murmurou quasi de máo modo :

— Comi de mais... meu... senhor.

Reconheci-me por estupido em materia de conversação com senhoras: aquelle admiração da prima sem duvida proveio de lhe fallar eu em *comer* logo á primeira vez que lhe fallava ! é o erro do exclusivismo, do absolutismo de todas as escolas, e de todos os systemas: eu sempre penso, que não ha quem não anteponha a tudo a situação farta e portanto deleitosa do seu estomago. Esquecera-me que é regra de cortezia fazer de conta que as senhoras vivem sem comer, ou que comem como pombas rôlas.

Quiz corrigir a minha-rudeza, e tornei-lhe:

— Enfadou-se, prima ? juro que nunca a tive por gulosa... e hoje ainda menos, que...

A Xiquinha interrompeu-me :

— Não foi por isso ; disse-me...

— Então porque ?

— Pela mudança no modo de tratar-me : d'antes você... perdão... o *senhor* tratava-me por *você*, e me chamava Sinhá-Xica, e agora me chama *senhora*, e pri-

ma Xiquinha: ainda *prima Xiquinha* póde me ser agradavel; mas *senhora !...*

— Abençoado o erro que commetti pelo castigo que recebo ! respondi ; mas, tantos annos separados, vim encontra-la em condições, que podião exigir o esquecimento das dulcissimas e mutuas relações da infancia.

— Não é razão para mim: na Europa muda-se talvez muito com a idade e com a ausencia, e esquecem-se, por isso talvez, os laços da amizade e do sangue : nós que não sahimos do Brazil, somos sempre selvagans, escravos dos nossos prejuizos e conservamos intactas nossas affeições, e indeleveis as nossas lembranças dos primeiros annos...

— Sem discutir e sem desculpar-me confesso-me criminoso, e peço perdão: em signal do meu arrependimento pergunto-lhe: *você* me perdôa ?

— Sim; respondeu ella com um leve sorriso: tratando-me de novo por *você*, lavrou o seu perdão sem precisar de despacho.

Eu começava á sentir-me pequenino, insignificante, um cousa nenhuma diante da Xiquinha.

— Ainda bem, tornei-lhe; tive medo de lhe ter parecido grosseiro quando lhe fallei em *comer;* realmente eu não devia começar por esse assumpto, dirigindo-lhe a palavra.

— Porque não ? eu creio que vinha até muito á proposito fallar desse assumpto á mesa do almoço.

— Você quer desculpar-me, prima; eu porém cada vez reconheço mais o meu desazo : *comer* é uma necessidade indeclinavel; mas é tambem de regra que não se alluda a esse cuidado, fallando-se a uma senhora, principalmente, sendo ella joven, bella e mimosa.

— Outra vez porque? *comer* é o primeiro cuidado da innocencia : os passarinhos almoção á luz da aurora,

e as crianças, que ainda são anjos, pedem pão e doce o dia inteiro.

— Prima, juro-lhe que estamos mais de accôrdo, do que talvez suppõe.

— E eu lhe juro que não supponho; porque já tinha e tenho a certeza disso.

— Como?... perguntei.

E correndo a vista pela mesa, pareceu-me que alguns olhos desconfiados nos observavão.

— Creio que reparão em nós, prima; murmurei-lhe ao ouvido.

A Xiquinha fez com os hombros um movimento indicador de soberana indifferença, como se olhasse com desprezo para aquelle respeitavel publico que almoçava comnosco, e respondeu-me no mesmo tom, com que fallára até então :

— Escute : por mais de uma vez nosso Tio conversou comigo sobre as suas idéas, suas opiniões, e seus calculos de futuro: nosso Tio não approvava o seu modo de pensar, era porém desculpavel, como velho aferrado a principios que abraçára com cego enthusiasmo na mocidade : entretanto, primo, você póde acreditar, que nós as senhoras comprehendemos instinctivamente e muito melhor do que os homens certos systemas...

— Continue, prima Xiquinha.

— Eu conheço, por exemplo, as suas idéas philosophicas relativas á necessidade material e moral do *comer*, e nós as senhoras, embora injusta mas felizmente excluidas da vida politica, damos na pratica material da nossa vida a mais sabia lição moral aos homens philosophos e politicos: nós á mesa dos convidados ao banquete, e até á mesa da familia apenas tocamos com os labios em uma azinha de frango; mas

antes do almoço ou do jantar regularmente servidos, comemos tanto quanto é preciso, embora ás escondidas, para satisfazer as exigencias da natureza. A lição é eloquente e sabia applicada á philosophia e á politica : cumpre comer o mais possivel atrás da porta da despensa, e de intelligencia com os cozinheiros, e ostentar sobriedade ante os olhos profanos, ou diante do publico.

Fiquei de boca aberta ! levei um quináo dobrado; mas comecei immediatamente á presumir que minha prima Xiquinha estava já tão apaixonada por mim, como eu estava apaixonado por ella.

A prima Xiquinha era um Machiavel mettido em saia de balão, e com sapatinhos de duraque preto.

Todavia era possivel que eu me estivesse enganando em minhas apreciações: a mulher é uma charada que ainda não achou quem a decifrasse: a Xiquinha, além de instruida, era experta, como um demandista velho, e convinha que eu não me expuzesse á algum triste desengano. Lembravão-me as nossas desintelligencias e os nossos ciumes da infancia: quem me assegurava que eu não tinha uma inimiga disfarçada ao meu lado direito ?... os meus cento e cincoenta contos erão por certo uma garantia da consideração e do respeito da humanidade; mas a natureza da mulher não é totalmente humana; ella reune em si e em partes iguaes alguma cousa do céo, alguma cousa da terra, e alguma cousa do inferno, sopro de Deos, costella do homem, e tentação da serpente.

Considerando assim, resolvi-me a fazer nova experiencia.

A occasião veio logo, acudio immediatamente: eu estava em maré de boa fortuna.

Servio-se o café com leite, vi diante de mim um

enorme, rubicundo e provocador *pão-de-ló:* recordei-me do logro que a Xiquinha me pregára em pequena: talhei o *pão-de-ló*, e fitando a prima com expressiva intenção, perguntei-lhe:

— Ainda gosta muito de pão-de-ló ?

Ella sorrio-se e respondeu-me :

— Sempre.

— E sempre, como d'antes ?

— Com uma notavel differença.

— Qual ?

— E' que hoje não comprehendo, como se póde comer um pão-de-ló inteiro, logrando o socio que ajudou a prepara-lo. Cada idade tem suas malicias: ha muito que perdi as minhas de criança traquinas : fui muito estouvada em menina; mas... creio que depois de moça até fiquei tola.

— Como porém... cada idade tem suas malicias...

— Segue-se que devo ter algumas proprias da mocidade; mas apezar de tola, sei bem que não é a mim que cabe o empenho de descobrir minhas innocentes malicias de moça...

— Permitte pois que eu a observe e a estude ?

— Tenho medo de desagradar-lhe: observando-me, achar-me-hia feia, estudando-me reconhecer-me-hia frivola, e logo abandonnando a idéa de descobrir as minhas malicias, não trataria mais por *você* á frivola, e nem mais chamaria *Xiquinha* á feia.

Não pude responder, porque nesse momento a parentela toda levantou-se da mesa : não sei, se a minha conversação com a Xiquinha causou impressão desagradavel ou talvez mesmo revoltante aos enlutados e melancolicos parentes: pouco me importou examinar essa impressão: nenhum delles era herdeiro da terça de meu Tio.

*

Sahi da mesa do almoço com o estomago repleto de excellente e farta alimentação, e com o espirito engolphado em um oceano de enthusiasmo pela prima Xiquinha.

Que almoço e que mulher! Gallinha de canja, carne de vitella de primeira qualidade, perú recheado á fazer vontade de almoçar tres vezes, fiambre primoroso, lombo de porco á pedir-se mais, e arroz de forno por concumitancia, além dos pratos de detalhe, incidentes naquella grande oração cullinaria! Comi de tudo e muito: em̃ sua vida meu Tio nunca me dera almoço igual: era um perigo para a sensibilidade almoçar assim na sua casa e depois da sua morte.

E que espirito! que eloquencia da prima Xiquinha! Victor Hugo escrevendo versos, Alexandre Herculano escrevendo prosa, Humboldt descrevendo o céo, os mares, e a terra, Platão imaginando a republica, Solon e Lycurgo legislando para suas patrias, Machiavel dogmatisando sophismas e a policia do Brasil reformando por sua conta e risco a Constituição e as leis do Imperio, ficavão todos muito á baixo da eloquencia com que a Xiquinha me havia sorprendido no proemio ligeiro e improvisado das suas idéas politicas tão habilmente disfarçadas.

Sahi da mesa com a barriga cheia, e com a alma cheia: duas enchentes que realizão a beatitude humana neste mundo.

Estomago e alma pedião-me tempo para digerir a alimentação recebida: sob o pretexto de despachar um portador que fosse procurar na estalagem a *Carteira de Meu Tio*, separei-me da companhia; despachei o proprio, e por distracção fui observar como estava de-

pois daquella viagem de quatro dias (dous de ida e dous de volta) *o ruço-queimado*.

Atravessando o terreiro, todos os escravos me tomárão á benção com signaes de requintado respeito; os cães da casa festejárão-me; e fui encontrar o *ruço-queimado*, que em toda sua vida pastára sempre desprezado no campo, recolhido então á estrebaria recentemente varrida, tendo a mangedora atopetada de capim fresco, notando-se ainda pelo chão vestigios de boa e já devorada ração de milho.

O intelligente e grave animal, sentido os meus passos, fez uma pausa de suspensão no trabalho suavissimo de que se occupava, estendeu para o lado da porta da estrebaria o seu enorme pescoço, olhou-me, inclinou tres vezes a cabeça, como se me cumprimentasse; mas cedendo ao instincto, logo depois continou a comer o seu capim.

Frue os gozos dessa estrebaria, *ruço-queimado!* come o teu milho e o teu capim! cavallo do principal herdeiro de meu Tio, em tua qualidade de cavallo, tu és uma peça muito ordinaria, e merecerias antes cangalhas do que sellim! mas em honra e consideração de teu dono estás sendo objecto de cuidados, que nunca recebeste em tua vida já bem longa: goza e come! eu te saudo, oh *ruço-queimado!* porque hoje admiro a imagem do encanto da riqueza em ti, da maior parte dos homens nos escravos que te derão milho e capim fresco, e do mundo na tua estrebaria.

Ah! quantos *ruços-queimados* de dous pés passão vida milagrosa e felicissima na terra, porque seus pais, ou seus padrinhos, ou seus protectores estão nas condições, em que me acho depois que se abrio e foi lido o testamento de *meu Tio!*

Ruço-queimado! és feio, velho, e não prestas para

nada; mas, ainda assim, levanta a cabeça, e espera quem sabe, o que ainda te prepara a fortuna?...

Positivamente asseguro que não és o cavallo que Bouffon descreveu; a fortuna porém tem caprichos; e não ha quem possa determinar até onde póde chegar e subir um cavallo.

Já houve um cavallo que chegou á senador do imperio romano: o exemplo ficou na historia, e o exemplo é como a semente, que tem o dom da reproducção.

Convenho em que a extravagancia de Caligula incommodou o amor proprio dos animaes homens; porque o senador de Caligula foi mesmo cavallo de quatro pès, cavallo-cavallo.

A cousa esteve no nome, e na impossibilidade physica de sentar-se o bicho em uma cadeira parlamentar; não esteve porém na capacidade intellectual, nem nas condições moraes do cavallo.

A' parte o nome imposto pelos naturalitas e pelo vulgo, eu te affirmo, *ruço-queimado*, e fica sabendo para tua consolação e teu orgulho, que tem havido muitos homens importantes, que se devem reputar feitos á tua semelhança, e que todavia se chamão homens.

Em consideração á ti, meu cavallo, vou examinar os pontos de semelhança, em que fraternisaes tu e essas notabilidades.

Tu não tens o dom da palavra, e é de suppôr, ou deve-se admittir por hypothese, que tens o dom de rinchar: elles, as notabilidades á que me refiro, se podem fallar, nunca fallão, e apenas gritão : — *apoiado!* ora entre um rincho de cavallo, e um apoiado de quem nunca diz outra cousa, não descubro differença que valha á pena.

Tu recebes freio e sellim e te deixas cavalgar, e car-

regar como pódes com o cavalleiro, e ás vezes com algum outro á garupa: elles sujeitão-se ao mesmo captiveiro; abrem a boca para receber o seu freio especial, offerecem as costas ao sellim da mesma natureza; e são cavalgados ás vezes somente por seu dono reconhecido; mas ás vezes tambem levão a condescencia muito além da tua; porque tu em caso extremo carregas um no sellim e outro á garupa, e elles tem costado tão grande, e tanta força cavallar, que carregão até sete cavalleiros de cada vez!!!

Tu gostas de comer capim e de roer milho, e elles tambem tem seu capim e seu milho e comem, como o diabo.

Tu tens cauda que serve para espantar as moscas e os insectos que te perseguem, e ás vezes como um abano para te refrescar o corpo e elles tambem tem cauda mais ou menos comprida, e em muitos enorme; cauda que não compõe, que não orna como a tua, cauda que envergonha, e que assignala em uns fraquezas inconfessaveis, em outros crimes que ficárão impunes.

Eis ahi da cabeça á cauda quatro pontos de semelhança em que não ficas abaixo de certas notabilidades, e a ellas pelo menos te igualas.

Examinarei agora as differenças, e verás, meu *ruço-queimado*, que é nellas evidente a tua superioridade.

Tu andas de quatro pés, e satisfazes assim as condições physicas da tua natureza animal: és cavallo, e andas e sabes andar, como cavallo: elles andão de dous pés; muitas vezes porém moralmente se tornão quadrupedes, e esquecendo a sua natureza e dignidade de homens, se tornão homens-cavallos.

Tu nunca déstes couces, mas tens natural direito de os dar, e todos os esperão de ti, como se espera o arranhão de um gato, e a dentada de um cão; elles

não são animaes couceadores; mas couceão, quando lhes faz conta como dez cavallos chucros.

Tu e outro qualquer cavallo-cavallo em regra não daes couces em quem vosdá o capim e o milho; e elles escouceão quem lhes dava o milho e o capim, desde que farejão que a mangedoura vai passar á direcção de outros senhores.

Tu és dirigido pelo freio que recebes, e elles são dirigidos pelos rabixos que lhes põe: tu obedeces pela cabeça e elles obedecem pelas caudas.

Em ultimo resultado deste exame comparativo que aliás se poderia estender muito mais, conhece-se que entre elles, e tí, *ruço-queimado*, a semelhança é sorprendente no procedimento, no officio, e no modo de vida, e que a unica differença realmente sensivel e real é que, debaixo do ponto de vista physico, elles são bipedes e tu quadrupede.

Sois differentes pelos pés e semelhantes pela cabeça: a physica vos separa; mas a moral vos iguala.

Tu és o que és — *cavallo-cavallo.*

Elles são o que não devião ser — *homens-cavallos.*

Tu és melhor, mais digno do que elles.

Levanta a cabeça, *ruço-queimado!* rincha uma vez por excepção; mas rincha, solta um rincho-trovão, um rincho de escarneo lançado á essa sucia humana degenerada.

Ah! esquecia-me um ponto muito importante de differança entre elles e ti: aqui o consigno.

Elles mais dia menos dia são despedidos pelos alugadores cansados de matar-lhes a fome cavallar; e cahem no esquecimento, que é o justo castigo dos *homens-cavallos*, e tu, *ruço-queimado*, nunca serás esquecido, porque quando morreres, heide te mandar

empalhar, e te remetterei para o Musêo Nacional para perpetuação da tua memoria.

Acabo, *ruço-queimado*, de dar-te seguros fundamentos para o teu orgulho; não quero porém que sejas vaidoso, e agora te digo: — abaixa a cabeça que te mandei levantar; porque ha homens que são superiores a ti, embora sejão *homens-cavallos*.

Ha homens que são superiores a ti; porque tem intelligencia, illustração, sciencia; porque devem á natureza talento brilhante, e ao estudo conhecimentos, em algums, muitas vezes profundos.

E entretanto superiores, muito superiores a ti, são *homens-cavallos*, recebem e quasi que pedem freio e sellim, e deixão-se cavalgar.

Mas são cavallos aristocratas: escolhem o cavalleiro e o dono; tem orgulho, vaidade da montaria; mas por fim de contas são em todo caso *homens-cavallos*.

Eu, para mim, *ruço-queimado*, julgo estes ainda mais nocivos que os outros: os outros quasi que não tem razão de ser, positivamente não exercem influencia na sociedade: animaes de carga, fazem o seu officio, vivem fazendo rir, e morrem sem que alguem dê por falta delles; são coristas muito insignificantes de opera italiana, de quem os camarotes e a platéa não fazem caso; os outros porém são cantores de primo cartello, o publico ouve-lhes as arias, deixa-se levar peas volatas, trinados e tenutas de suas gargantas magistraes, illude-se com elles, bate palmas e applaude, pensando que são genios da sua especie, que o exaltão, que o honrão, que o nobilitão, servindo ao progresso e á civilisação, e no meio ou no fim da peça desaponta, reconhecendo, que bateu palmas e applaudio em vez de artistas conscienciosos a *homens-cavallos* e nada mais.

Seja o cavalleiro peão ou rei, o animal em que cavalga é sempre cavallo.

E por consequencia o meu *ruço-queimado* vale mais, merece mais do que todos elles; porque un cavallo, não se avilta por isso; e os homens, ainda os mais intelligentes e illustrados que se abaixão á fazer o papel de cavallos, deshonrão-se, o que é o menos; mas além disso compromettem o cavalleiro, quasi sempre innocente, o que é o mais.

Come portanto o teu milho e o teu capim, *ruço-queimado*, come-os à fartar, come-os com a certeza de que ha por esse mundo muitos ruços-queimados e não fazendo o bem que fazes, fazem o mal que não fazes.

Cavallo-cavallo, tú és melhor do que todos os *homens-cavallos.*

Fiz estas reflexões em pé na porta da estrebaria, fazendo-as porém (é cousa celebre!) comprehendi, calculei todas as vantagens, que pode fruir o homem, quando combina as duas condições de cavallo e cavalleiro, e attendendo aos seus interesses, se resolve a ser hoje cavallo, para ser cavalleiro amanhã.

O sellim e o freio e os braços no chão para um homem ser cavallo, não poucas vezes são degráos por onde elle sobe ás grandezas sociaes.

Ah *ruço-queimado!* eu tambem me parecerei comtigo! para ganhar e subir não hesitarei em ser homem-cavallo.

O costume faz lei.

CAPITULO III

Como resumo em poucas paginas a historia de tres mezes dedicados ao dinheiro e ao amor; dou noticias da *Carteira de Meu Tio*, que ficáca junta aos autos; do *compadre Paciencia* processado e na cadeia, e da *mula ruça* digna de melhor fortuna: faço o justo elogio do moleque Platão, que é raro sem ser o unico no seu genero: admiro a sabedoria da Xiquinha, com quem me caso, e a quem os padrinhos do casamento em vez de dar, tomão a benção: ha banquete, e não digo quanto comi; segue-se o baile, digo com quem a Xiquinha dançou : á meia noite dão-nos — boa noite —: elles forão-se, ella foi-se, eu fui-me, e fica na sala minha tia com a cara que lhe competia no caso.

Da morte de meu Tio a um outro acontecimento muito importante para a minha vida, acontecimento facil de adivinhar, mas de que me cumpre dar conta, corrêrão tres mezes que forão consumidos principalmente em duas grandes e principaes tarefas : — no facil processo do inventario do espolio do finado e na plena execução do seu testamento; — e nos meus cultos, na minha adoração á Xiquinha. Esta segunda tarefa, cheia de mil episodios mais ou menos interessantes, ainda admittida a hypothese de que a sua recordação tivesse mil encantos para mim, pareceria muito banal ao publico para quem escrevo : são ou forão os mesmos episodios que enfeitão a historia de todos os namores que precedem aos casamentos : os homens casados por amor verdadeiro ou fingido conhecem perfeitamente esse romance de milhões de edições : os homens solteiros que não o conhecem, se não por ouvir dizer, tratem de casar-se quanto antes

para ter idéa perfeita da obra. Estou seguro de que as moças e tambem as velhas solteiras approvão por unanimidade este conselho.

Ao publico pouparei descripções, conferencias, leitura de bilhetes amorosos, e todas as mil nihilidades que são grandes cousas em materia de paixã a ferver, que pela minha parte simulei quanto, e como pude.

Resumirei pois a historia desses tres mezes em poucas e breves paginas.

O proprio que eu despachara em procura da *Carteira de Meu Tio* esquecida por mim na estallagem da villa de... voltou no fim de poucos dias, trazendo-me as mais desagradaveis noticias.

A *Carteira de Meu Tio* fôra apprehendida pela policia da villa, e junta ao processo instaurado contra o *compadre Paciencia*, cujas apreciações politicas, e juizos sobre o governo e as autoridades lhes fazião enorme carga: entre outras testemunhas fôra o *Marca de Judas* chamado a jurar no processo e depôz, além de muito mais, que o réo o convidára instantemente para entrar em uma revolução que devia ter por fim destruir a fórma do governo estabelecido.

Em resultado ficára o *compadre Paciencia* na cadeia e processado o condemnado á prisão e livramento pelo crime de que trata o art. 85 do Codigo Criminal, pedindo o promotor no competente libello que fosse imposto ao réo o gráo maximo da pena respectiva, isto é, quinze annos de prisão com trabalho.

E como é de regra que em *cima de queda couce*, o escrivão perseguidor do *compadre Paciencia*, levou a sua vingança até á pobre *mula ruça*, e não lhe sendo possivel *ajunta-la aos autos*, como fizera á *Carteira*, conseguio que a autoridade a mandasse arrematar para se applicar o producto á alimentação do preso, e lá pas-

sou a historica *mula ruça* ao dominio de um meirinho (protegido do escrivão), que a arrematou com sella e freio por vinte e quatro mil réis.

Sic transit gloria mundi !

Assim pois tres calamidades: o *compadre Paciencia* processado e na cadeia; a *mula ruça* abatida, aviltada, reduzida á montaria de meirinho; e a *Carteira de Meu Tio junta aos autos !*

E sem duvida algum abelhudo pedio por certidão a materia contida na *Carteira de Meu Tio*, e eis explicado o facto abusivo da sua publicação, contra o qual protesto, e quando tiver tempo heide tirar a limpo exigindo de todos os editores as competentes indemnisações.

Realmente a peior das tres calamidades era a prisão e o processo do *compadre Paciencia:* era humano, moral, até mesmo justissimo que eu corresse em seu auxilio; achava-me porém de tal modo occupado com a minha herança e com a minha noiva, que me esqueci tão completamente do pobre homem, como se nunca o tivesse conhecido em minha vida.

Não me condemnem: as duas preoccupações do meu espirito erão *dinheiro e mulher; dinheiro* que levanta a cabeça do homem, e *mulher* que o faz andar com a cabeça á roda: perdôe-me o *compadre Paciencia:* positivamente eu não podia ter cabeça para occupar-me delle.

E demais, quem o mandou tirar bulha com o escrivão ? que lhe importava a instituição do jury ?... adorava-a ? adora-a ? pois então espere na cadeia pela influencia benefica do jury, e experimente-a no banquinho dos réos: foi muito bem feito.

Além disso, pensando agora friamente, acredito que foi para mim uma fortuna o ver-me livre do *compadre*

Paciencia, que se havia agarrado á minha pessoa como um conselheiro obrigado, um Larraga constitucional, um Degenais politico: não póde haver sociedade mais incommoda, massante, nociva para quem calcula com o governo e o Estado com o fim de erguer o monumento do seu futuro, e ser figura importante no theatro official, do que a companhia incessante de um maniaco, que a todo momento nos arranha os ouvidos, fallando de honra, dever, consciencia, verdade e de outras filagranas da moral romanesca dos poetas: bom companheiro e bom conselheiro é sómente aquelle que está sempre de accôrdo comnosco.

Lembra-me que no meu ultimo anno de estudos de preparatorios frequentei com assiduidade a casa de um collega, que, longe da familia, vivia independente, e era servido por um moleque impagavel. O moleque chamava-se e devia chamar-se Platão: grande philosopho o diabo do crioulo !

O meu amigo apaixonou-se por uma moça, pedio-a em casamento e o pai da rapariga negou-lh'a: exasperado pela recusa concebeu o projecto de raptar a namorada, que estava prompta a fugir com elle: na vespera do dia marcado para o rapto,surgirão apprehensões e duvidas no animo do estudante e teve elle a excellente idéa de consultar o moleque:

— Platão ! disse o estudante; eu adoro uma moça que tambem me adora: pedi-a em casamento, e o pai deu-me em resposta um não redondo: estou com vontade de furtar a rapariga : que me aconselhas tú ?...

Platão respondeu :

— Furta, nhônhô.

— Lembra-me, porém, que se eu a furtar, a policia me perseguirá, e poderá apanhar-me, e pôr-me na cadeia: que dizes?

Platão respondeu :

— Não furta, nhônhô.

—E' assim; mas eu tomei já medidas seguras: tenho promptos bons cavallos, e furtando a moça, ponho-me com ella a pannos, e não ha policia capaz de pôr-nos a mão: que achas?

Platão respondeu :

— Furta, nhônhô.

— O que porém não sei, é como heide viver muito tempo assim fugido com a rapariga: não sou empregado e tenho mezada mesquinha, que talvez me falte, se eu praticar, o que intento: é um embaraço terrivel: como pensas ?

E Platão respondeu:

— Não furta, nhônhô.

— Mas eu não posso resistir á paixão, e quero furtar a moça...

E Platão respondeu:

— Furta, nhônhô.

— E se meu pai, que não é de brinquedos, além de suspender-me a mezada, mandar assentar-me praça ?

Platão respondeu :

— Não furta, nhônhô.

Estupendo moleque ! este Platão é o typo dos melhores e mais sabios conselheiros, que são aquelles que nos achão sempre razão, especies de adjectivos que concordão com os seus substantivos em todos os generos, em todos os numeros, e, o que é sublime, *em todos os casos*.

Os conselheiros devem ser assim: é verdade que, sendo taes compromettem muitas vezes os aconselhados; mas que importa isso?...

Eu sei que o moleque Platão não é no mundo o unico no seu genero : sei que ha por ahi uma ou outra rari-

dade do mesmo molde, e do mesmo gosto; são porém raridades, andão muito por cima, e não chegão para mim.

Todavia que thesouros ! que conselheiros para os casos difficeis; elles, adjectivos que concordão com o substantivo *em todos os casos*, que conselheiros para circumstancias extraordinarias ! e para o estudo e combinação de um glope de estado, que thesouros !

Ha desses Platões raridades que não são, nem forão nunca moleques de estudante ; mas que podem ufanar-se de se parecer muito com o moleque Platão pela sabedoria e pela consciencia de seus conselhos.

Não tenho, não posso ter a esperança de possuir um Platão de semelhante ordem, heide porém empregar todos os meios possiveis para descobrir, onde se acha hoje o moleque Platão, e se o descubro, o moleque é meu, custe o que custar: compro-o por todo e qualquer preço.

Quero esse moleque para meu conselheiro.

E' o avesso do *compadre Paciencia*, que falla sempre a verdade, não hesita em contrariar as opiniões que condemna, e que por isso lá está e ficará trancafiado na cadeia, emquanto o moleque Platão sem duvida teve, que a merecia, muito differente fortuna, e estará agora ostentando libré de cocheiro no carro de seu nhônhô, se o nhônhô ainda não cahio em alguma desastrosa estralada, como a do rapto que projectára e que felizmente não realizou.

Esquecido portanto, e de todo esquecido ficou o *compadre Paciencia* por mim, que só pensava e cuidava em dinheiro e mulher.

O inventario e o testamento não offerecêrão difficuldades.

No mesmo dia do almoço que descrevi, e das minhas sábias reflexões feitas á porta da estrebaria contemplando o *ruço-queimado*, exigi que todos os meus parentes, e não tres sómente, fossem testemunhas, do juramento condicional, de que fallava o testamento de meu Tio.

A sala estava cheia: no meio della collocou-se sobre uma mesa o livro sagrado: reinava profundo silencio: eu avancei grave e solemnemente até á mesa, ajoelhei-me, puz a mão sobre o livro, prestei o juramento em voz alta, mas commovida, e levantando-me, tirei do bolso do paletot a defunta, e exclamei: — « Ei-la aqui! nunca me afastarei della! a Constituição do Imperio vive, mora e existirá sempre sobre o meu coração! »

O enternecimento foi geral: vi duas lagrimas pendentes dos olhos da Xiquinha: tive vontade de beber aquellas lagrimas, porque, bebendo-as, beijaria as fontes.

Depois do jantar despovoou-se em grande parte a casa do finado; pois os parentes não contemplados nas verbas do testamento, puzerão-se ao fresco, e desses poucos forão os que concorrêrão á missa do setimo dia.

Em consciencia inventario e execução completa do testamento de meu Tio podião concluir-se em quinze dias; eu porém demorei, com habilidade e sem atraiçoar-me, o facilimo processo por mais de dous mezes, e consegui até fazer acreditar em difficuldades e complicações de negocios que estenderião a demora por muito tempo.

A minha herança fundára o meu credito: achei dinheiro, e utilisei-me do dinheiro de meu Tio, negociei com diversos legados dos cincoenta contos repartidos, comprei-os com elevados lucros, e ganhei uma de-

zena de contos de réis á custa dos meus parentes mais pobres.

Realizadas estas transacções, tudo correu a vapor: o testamento cumprio-se e quem mais lucrou, fui eu.

Constou-me que alguns dos parentes pobres, a quem comprara os legados, chegárão ao ponto de chamar-me *velhaco;* mas para casos taes a regra já está desde muito estabelecida em regiões elevadas: o offendido declara, que *responde com o mais solemne desprezo ás calumnias de detractores, para quem não abaixa os olhos.*

Eu creio que disse mais alguma cousa, e, se bem me lembra, repeti a contrariedade bombastica, que não sei quantas vezes tinha lido nos Annaes do Parlamento: « *Eu não me avilto ao ponto de apanhar no chão, onde rolão, as injurias torpes que me são atiradas pela canalha.*

A canalha compunha-se de parentes meus, e se elles erão, eu era, isso é positivo; ha porém uma cousa muito mais positiva, uma realidade, um facto, que os homens que sahem do nada, e que subirão ou estão em caminho de subir ao tudo, devem esquecer, ou pelo menos não devem reconhecer: é a sua origem.

Um tóro de larangeira que foi torneado e que se dourou, é indigno do torno e do ouro que o alindárão e ennobrecêrão, se tem a extravagancia de em suas grandezas, lembrar-se que foi *páo de larangeira.*

Entre a patuléa donde se sahe, e a nobreza para onde se entra deve correr um Lethes milagroso que faça esquecer a procedencia.

E' verdade qua a tal nobreza da Constituição é a da sabedoria, dos serviços relevantes, e das virtudes, e que diante da Constituição um *qui quæ quod*, cujo pai não passou de *hic, hæc, hoc*, se é sabio, benemerito

e virtuoso, póde ser altamente condecorado, e titular, trazer armas na portinhola da carruagem, e (isto é duro de se roer) ostentar, dizendo em alta voz que a sua nobreza é a mais nobre de todas as nobrezas, e tanto mais se altêa, quanto mais se deixa vêr a humildade do berço, e a altura a que se chegou pelos vôos d'aguia do verdadeiro merecimento.

Mas deixa-los fallar, que são poetas, e acreditão nas theorias da defunta : um *filho d'algo* ainda que seja falso, como Judas, estupido como o mais serio dos animaes irracionaes, tem sempre bastante intelligencia, e sufficiente orgulho para, quando vê passar um daquelles condecorados ou titulares, não por dinheire que deu a preço ajustado, mas pelas condições grandiosas que ennobrecem o homem muito antes do ennobrecimento official, rir-se muito, fazer uma careta, e dizer « canalha dourada!... aquillo é um *qui quæ quod* filho de um *hic hæc hoc* » : isto é na supposição de que o filho d'algo gagueje latim; o que hoje em dia é raro.

Pela minha parte pouco me importão a nobreza constitucional de uns, e as caretas aristocraticas dos outros : sei positivamente que não sou filho d'algo : mas tambem não sou *qui quæ quod* filho de *hic hæc hoc;* sou e quero ser pura e simplesmente *ego-mei-mihi-me-a-mé*, e sem plural, bem entendido, sem plural, emquanto não estiver casado com a Xiquinha.

Cumpre porém, e quanto antes, completar com este importantissimo assumpto do meu casamento, a minha historia de tres mezes, que, no fundo altamente politico, fracas ou duvidosas relações parece comtudo ter com a politica não só particular ou individualmente minha, mas tambem geral do Imperio, que é em summa o objecto transcendente das *Memorias* da minha illus-

tre vida, que aliás se acha ainda apenas em seu começo esperançoso.

Eu já informei ao respeitavel publico de que minha digna tia, mãi da Xiquinha, era surda e tinha vista curta, e agora estou habilitado para assegurar que, percebendo que eu e a filha nos namoravamos, ficou ainda mais surda, e quasi completamente céga.

Ha nesta nossa vida e neste nosso mundo tres cousas que servem para todos os casos, e se empregão em todas as circumstancias com perfeito cabimento.

Sãos os seguintes :

A *aguardente*, que serve para o frio e para o calor, que se póde applicar a todas as molestias ou deste ou daquelle modo, que combate as tristezas, e duplica, triplica e centuplica as alegrias, e que entra por todas as portas ou pura, ou disfarçadamente.

O *diabo*, comparação universal, espirito maligno que está no corpo de todos os homens e de todas as mulheres, presidindo, inspirando, e activando os sete peccados mortaes, e traquinando em todos os peccados veniaes, que é vegetal, mineral, e animal, liquido, solido e gazoso, que móra nos lares domesticos, e nas secretarias de Estado, e que, em uma palavra, tem relações tão vastas, tão altas e tão baixas, e resume tanta cousa em si, que ninguem o comprehende bastante, ninguem o póde definir, senão dizendo — o diabo é o diabo.

O *dinheiro*, que é a aguardente e o diabo combinados e levados á ultima essencia, o dinheiro que póde tudo, que faz tudo, que é capaz de tudo aqui na terra; que é masculino, feminino, e neutro, epiceno e commum de dous, e de tres, e de cem e de mil; que é adjectivo, substantivo, verbo, adverbio, preposição, conjuncção, ponto de interrogação, ponto final, e

sobretudo reticencias....., primeira regra de jurisprudencia, primeiro systema de medicina, base de toda escola economica, pai e mãi da industria, do commercio, das artes, e de tudo, rei absoluto de todas as nações, o incomparavel general nas guerras de todos os seculos, o grande decifrador de todas as charadas politicas, o encanto que faria rir a Heraclito, chorar a Democrito, e convencer Diogenes da conveniencia de trocar a sua pipa por um sorriso de Alexandre, e, que emfim, fez a mãi da Xiquinha ficar mais surda, e quasi céga, como em outras circumstancias teria o condão de fazê-la ouvir o segredo de um guarany a dez braças de distancia, e de enfiar um bordão de *contrabasso* pelo fundo de uma agulha de cambraia.

Minha tia não perde nada pela minha, conscienciosa observação : estava lendo pelo breviario universal : se a sua condescendencia fôra um crime, um milhão de casas de correcção que houvesse, não chegavão para os criminosos.

E' que o dinheiro abre a vista, e tira a vista, como faz a guerra, e acaba a guerra; como faz do branco preto e do preto branco; como faz eleições *livres*, muda os destinos das nações, levanta e derriba thronos, e finalmente governa o mundo cá debaixo, emquanto Deos não permitte que um cataclysma politico e moral aniquille o poder da aguardente, do diabo, e do dinheiro; da aguardente que perturba a razão, do diabo que tenta a alma, e do dinheiro que corrompe e que domina o mundo.

Por consequencia minha tia não via, nem ouvia, e a Xiquinha e eu estavamos em maré de rosas.

Tive mil occasiões de admirar o talento, o instincto politico, embora desfigurado em outros sentimentos, e as felizes disposições da minha noiva : era uma se-

nhora de esperanças, um espirito enriquecido de principios reflectidos e systematisados!

Era um volcão de amor... frio como o gelo.

Um dia estavamos juntos e quasi sós, ou sós, porque minha tia se achava cada vez mais céga e mais surda; e nessa occasião muito occupada se mostrava com o governo de casa : conversavamos pois a Xiquinha e eu em suave confidencia em um canto da sala, e veiome á lembrança distrahir-me misturando com o nosso doce sentimentalismo um ensaio de ciume simulado.

— Quer saber? disse de repente á Xiquinha; no meio dos meus sonhos de incomparavel felicidade vem ás vezes uma nuvem entristecer a minha alma.

— Como se chama essa nuvem? perguntou-me ella?

— Chama-se *suspeita*.

— De que?

— De que não fosse eu o primeiro objecto de suas ternas affeições : de que antes de mim algum outro homem tivesse occupado um lugar no seu coração, e talvez concebido esperanças de ser seu marido!

— Ah! pois era isso? perguntou ella sorrindo-se.

— E então é pouco? você jura que eu sou o seu primeiro amor?

— Primo, os amores contão-se de diante para trás : o primeiro amor é o ultimo.

— Comprehendo; tornei, fingindo-me um pouco magoado; não póde jurar...

— Jurar? poder, posso; mas não quero: é tão facil jurar!

Fiz um movimento, e lancei-lhe um olhar que se não significárão impeto de ciume, não foi por falta de vontade da minha parte.

Ella proseguio sem hesitar :

— Escute : devo acreditar, que você quer e vai casar-

se comigo : dizem-me que ha paizes, onde é regra, que, realizado um casamento, nenhum dos noivos tem direito a tomar contas do passado do outro; a regra é boa; eu porém tenho outra melhor.

— Póde dizer qual?

E' antes do casamento a mais ampla franqueza entre os noivos.

— Então?

— Não quero ter segredos para você : confessar-lhe-hei tudo : affeições passageiras, amores de uma hora ou de alguns dias, trocas de sorrisos e de suspiros sem consequencia, sem significação para a vida, realmente não sei a conta de quantos tive dos quinze aos vinte e dous annos : prisão de coração mais apertada, attenção mais séria dada a um homem, proposição de casamento ouvida, promessa de attender ao pedido, esperança finalmente alimentada por mim com juramentos, ha uma, confesso que ha uma; mas uma só.

— E queria que fossem mais?

— Olhe, nestes casos uma só é raridade : eu sou rara..... talvez porque tenho sempre morado na roça.

— Então..... se é assim... que papel faz o meu indigno rival..... e que papel faço eu?

— Elle? o de namorado logrado : você o de preferido : não lhe basta?

— Mas porque sou o preferido, e elle é o logrado?

— Meu Deos! em taes assumptos é uma inconveniencia e um erro perguntar por que.

— Embora..... eu pergunto.

Devo declarar que me achava ou aturdido ou revoltado pela franqueza da Xiquinha! não comprehendia naquelles momentos de revolta do meu orgulho a sublimidade dos seus sentimentos; não via, estupido que

eu tinha ficado, que ella era uma legitima representante da minha escola.

Repeti :

— Embora..... eu pergunto.

Ella sorrio-se outra vez e disse friamente :

— Darei apenas metade da resposta que me pede, e estou certa de que não me pedirá a outra metade. Quero amar e ser amada; mas quero tambem ser feliz e brilhar no mundo : o tal meu namorado, aliás um bonito moço, é pobre, e offuscava-me, fallando-me em esperanças de riqueza devida ao seu trabalho, e á herança de um parente millionario : o trabalho até hoje não lhe deu, senão a estima de uma duzia de amigos, e o parente millionario morreu antes de nosso tio, não deixou testamento, e ficou sem real o meu pretendente : a poesia do meu amor morreu com a morte do millionario, e portanto.....

Dobrei um joelho !... a luz da mais real e utilissima verdade tocou os meus olhos... beijei a mão da Xiquinha.

— Covenho-lhe assim ? perguntou-me ella.

Por unica tornei a beijar-lhe a mão.

Nunca mais tive, nem terei ciumes verdadeiros ou fingidos desta moça digna do seculo das luzes.

No fim de mez e meio depois da morte de meu Tio não pude démorar por mais tempo o meu pedido official da mão da Xiquinha, e recebi em resposta, de minha Tia, tres apertados abraços que em consciencia eu dispensaria sem difficuldade, e da encantadora moça um *sim* que lhe sahio todo tremulo por entre os labios côr de rosa, e acompanhado da condicional : « *se fôr da vontade de mamãi* », condicional que me fez vontade de rir, porque me lembrou a do testamento de meu tio.

Ficou entre nós ajustado que o casamento se effectuaria d'ahi a outro mez e meio, isto é, no fim do nosso luto, exigencia pueril da mãi da Xiquinha, que escrava das idéas e dos costumes do seu tempo, quiz salvar as apparencias da dôr que eu aposto que nem ella mesma sentia mais. Cedemos á esse capricho; mas eu tambem exigi pela minha parte que o nosso ajuste ficasse em absoluto segredo, e isso pela excellente razão de que a alma do negocio é o segredo, e o meu casamento era, antes de tudo, negocio.

Era facil esperar o prazo marcado, a quem ainda se atarefava com inventario e cumprimento de legados : a adoração, o culto da minha bella noiva era para mim o mais doce lenitivo dos trabalhos arithméticos, que aliás muito me occupavão.

Não havia mais, nem podia haver questão de ciumes com a Xiquinha : depois do pedido de casamento viviamos ainda em maior intimidade, e tive ensejos de aquilatar muitas vezes a sua nobre franqueza, e de apreciar a mulher que ia ser a providencial companheira da minha vida.

— Confesse, Xiquinha, disse-lhe um dia, confesse que em nossos primeiros annos você não foi minha amiga.

— Questões de frutas, de doces, e de *pão-de-ló !* respondeu-me ella, rindo-se.

— Não : questão de tudo ; você não era minha amiga.

— Pois bem : mas havia entre nossos sentimentos uma enorme differença.

— Qual ?

— Eu o olhava com indifferença e você me aborrecia.

— Franqueza por franqueza : eu não a aborrecia,

odiava-a : do odio ao amor ha apenas um salto... saltei : eu adoro-a.

— E a indifferença é um sentimento de transicção ou para o amor ou para o odio : eu morro por você, meu primo.

— Como porém se explica isto, Xiquinha ?

— Pergunte a si mesmo : nós nascemos um para o outro : você é a minha imagem, eu sou a sua.

— Então o nosso amor ?

— Tem a sua raiz em um recente passado : nasceu com a morte de nosso Tio : comprehendemos ambos que um é o complemento do outro para a realização das glorias do futuro.

— Xiquinha !

— E' o primeiro dos amores que tem solidas garantias de resistir ao tempo e de perpetuar-se até a morte!

— Sim ! sim ! e será um amor eterno ! um amor que nem o sôpro da morte poderá apagar !

— Menos essa, meu primo : seremos leaes e dedicados um ao outro em toda a vida ; mas, sejamos francos até o extremo, em caso de viuvez fica a qualquer de nós o direito de arranjar ainda melhor casamento, passados seis mezes de luto.

A Xiquinha valia dez vezes mais do que eu : tinha-me comprehendido, e fazia-se comprehender .

Não havia fingimento, nem dissimulação, nem hypocrisia, naquella alma transparente de noiva, que ia ser esposa.

Ella era a expressão leal, franca, sem véos, sem sophismas da sociedade em que vivemos ; era o egoismo de espartilho, de vestido branco, de brincos de brilhantes nas orelhas, e de colar de perolas ao pescoço.

Era um talento brilhante realçado pelas convicções

da philosophia do realismo puro, e do interesse material, que é a lei do nosso mundo na actualidade.

Era uma mulher ás avessas, e portanto a maior verdade ás direitas : uma mulher pelo sexo, homem pelos sentimentos, uma mulher masculina como Isabel de Inglaterra.

Nascêra para estadista, para organisar ministerios. para piloto da náo do Estado : a natureza espichou-se completamente, dando-lhe o sexo que lhe deu; não conseguio, porém, mudar-lhe a vocação, e apagar-lhe as sublimes inspirações da sua alma.

Ainda bem que nenhum dos grandes estadistas da minha terra, conheceu em solteiro, e descobrio a Xiquinha em seu retiro da roça : se assim não fôra, e qualquer delles comprehendesse a extensão da sua sabedoria, e tivesse noticia do legado da terça de meu Tio, teria eu ficado com agua na boca, e obrigado a procurar outra noiva para fundamento da grande fortuna com que sonho.

A Xiquinha é uma verdadeira maravilha, uma estupenda conselheira politica; é a pedra philosophal que por acaso ou inaudita felicidade encontrei. Com ella a meu lado, dispenso o moleque Platão.

Não nego, nem escondo que sou interesseiro ; mas não cederia a Xiquinha por um milhão.

Hão de ver o que dá de si esta rapariga, que tem o pensamento no futuro ; que aprecia devidamente o mundo em que vive ; que é mulher pelo sexo, homem pela ambição, e o diabo pelo calculo e pela tentação.

O prazo almejado chegou emfim: a Xiquinha trocou o vestido preto de luto por aquelle vestido branco, que não é como os outros vestidos brancos, porque estes são simplesmente vestidos brancos, e aquelle é mais do que isso, é symbolo, e symbolo que se completa com

a corôa de botões de flôres de larangeira, que a noiva ostenta com os olhos baixos, e com enleios de pudor, pensando na abdicação.

Em face do altar o *Et ego auctoritate qua fungor*, sagrou os laços da minha união com a Xiquinha.

Emquanto o padre lia-nos a lição dos beneficios do matrimonio, e dos nossos deveres de esposos, aproveitei o tempo para examinar os meus planos relativos ao emprego do dote da minha noiva.

Em que pensava então a Xiquinha, não sei, e nem depois procurei saber ; certo é, porém, que lhe apanhei no rosto signaes de profunda reflexão, e no olhar ou vago, ou distrahido, indicios de que o seu espirito andava tal e qual como o de seu noivo, arranjando futuros da vida longe do altar.

O nosso casamento sorprehendeu a todos os parentes e amigos da casa, que sómente nas vesperas tiverão noticia delle; nenhum, porém, deixou de concorrer ás bôdas: vierão todos, e até aquelles que me havião chamado *velhaco*, e que nem por isso dispensárão o banquete do noivado.

Eu não consenti que se fizesse excepção nos convites : destinando-me á vida politica, quiz ir logo me habituando a dar e a receber amnistia de injurias e calumnias, e a apertar com gracioso sorriso as mãos daquelles, que poucas semanas antes havião despedaçado a minha reputação, e a quem pela minha parte eu amarrára ao pelourinho das descomposturas e de aleives sem medida.

Chama-se a isto reconciliação parlamentar e tolerancia politica.

Minha Tia e sogra soffreu duas insignificantes contrariedades, nas disposições tomadas para o casamento ; mostrava-se teimosa em suas idéas; teve, po-

rém, de ceder ás exigencias dos noivos que se achavão de perfeito accôrdo.

Queria ella que as nossas testemunhas fossem dous velhos parentes nossos, com fama de muito honrados, mas pessoas *de pouco mais ou menos*. Nós declaramos que os nossos padrinhos serião dous figurões muito ricos e importantes, um do municipio em que moravamos, e o outro do municipio vizinho, homens a quem eu mal conhecia por ouvir dizer que tinhão tido relações com meu finado Tio.

A boa velha sustentou que semelhante escolha era uma falta de consideração e de respeito a nossos honrados e venerandos parentes: nós a deixamos ralhar, quanto quiz, e guardamos o segredo do nosso acerto.

O meu padrinho e o padrinho da Xiquinha erão as primeiras influencias eleitoraes dos dous municipios.

A outra questão foi mais simples.

A velha propunha que se celebrasse o casamento com a maior modestia, em attenção á morte recente de nosso Tio : a Xiquinha não disse *sim* nem *não;* eu, porém, metti pés á parede, e reclamei toda ostentação e brilhantismo, em honra do solemne acto.

— Vaidade ! vaidade ! bradára minha Tia.

Ainda bem que ella me accusára só de vaidade e não comprehendêra, que nas idéas de *casamento modesto* eu presentia a exclusão do grande banquete, com que o meu estomago sonhava desde dous mezes.

A festa foi sumptuosa.

Houve banquete e baile.

Quanto eu comi não se diz.

No baile a Xiquinha dançou com os dous padrinhos, e esteve feiticeira com elles : o encantamento foi tal, que no fim do baile em vez da afilhada pedir a benção

aos padrinhos, forão elles que a tomárão á ella, beijando-lhe ambos a mão.

A' meia noite os nossos convidados tiverão a escrupulosa delicadeza de procurar os chapéos e de dar-nos a *boa noite !*

Boa noite ! muitas vezes repetida, e dada em todos os tons, desde o grave até o tremulo e o acentuado de malicia.

Vi brilhando cem invejas nos olhos de cincoenta convidados.

A Xiquinha era toda confusão...

Tiverão piedade da noiva e provavelmente raiva de mim...

Forão-se...

A Xiquinha estava cahindo de somno...

Foi-se...

Eu creio que cochilava desde as nove horas da noite...

Fui-me...

Ficou só na sala minha Tia... com a cara que lhe competia naquelle caso... com cara de tôla.

CAPITULO IV

Em que rendo cultos á verdade que não me póde prejudicar, embora prejudique aos outros, e confesso que a Xiquinha me fez esquecer o mundo durante quarenta horas: conto como despertando ao romper do dia, o noivo e a noiva, eu e ella, fomos sentar-nos á uma janella que abrimos e embebemos os nossos olhos na aurora que despontava, e emquanto a Xiquinha enrolava e desenrolava os aneis de seus cabellos, enrolei e desenrolei o theatro politico: a Xiquinha prophetisa cousas muito bonitas, eu beijo-lhe as mãos, minha Tia nos percebe á janella, e por fim de contas a Xiquinha e eu não vimos a aurora.

Eu detesto a impostura e a hypocrisia, quando a hypocrisia e a impostura não se tornão necessarias para os arranjos e os negocios da vida: é um erro estupido mentir sempre e ainda sem utilidade nem conveniencia. O philosopho egoista, o politico sabio que zomba das idéas pueris da moral e da consciencia, aquelle que respeitando a primeira lei da natureza, trata exclusivamente de si, e sacrifica tudo e todos aos seus interesses pessoaes, deve tantas vezes quantas lhe seja possivel, fallar a verdade, e ostentar que falla a verdade: se assim não praticar, dentro em pouco ninguem lhe dará credito, e mais difficil lhe será enganar a humanidade, quando precisar fazê-lo.

Quando estive em França, fui amigo intimo do redactor em chefe de uma gazeta diaria publicada á custa da policia : o misero publicista só escrevia o que os ministros lhe ordenavão que escrevesse, e por consequencia mentia diariamente tanto, quanto continhão os seus artigos de fundo : no fim de pouco tempo ficou-lhe a

boca exactamente com o máo costume da mão que escrevia: não lhe foi mais possivel fallar sem mentir: os ministros tinhão-lhe feito da mentira uma segunda natureza : eis senão quando um dia o pobre publicista morreu de uma congestão cerebral ao terminar um artigo que escrevêra, conforme os apontamentos do chefe do gabinete ministerial — tão grande fôra a mentira que produzira congestão de cerebro — : pois bem, ou pois mal : não se achou medico que attestasse a morte antes de apodrecer o cadaver !... todos os hypocrates receiárão, que o morto estivesse vivo, e procurando engana-los ; e a policia pagante tomou cautelosas providencias para não fazer despezas com o enterro antes de perfeita segurança da morte do seu orgão e fiel e legitimo representante das idéas do governo na imprensa.

Não preconiso o culto da verdade : fôra esse um erro ainda mais grave para os estadistas e os homens reflectidos e frios : a verdade não deve ser o pharol do homem ; porque é pharol que muitas vezes o compromette, e lhe atrapalha a viagem da vida ; mas quando a verdade não faz mal a quem a diz, ainda que faça mal aos outros, póde e deve dizer-se.

E a regra dos homens sabios, dos mais preconisados directores e tutores obrigados dos povos, é a minha regra.

Vou portanto proclamar uma verdade que não fará mal nem a mim, nem a pessoa alguma.

A Xiquinha teve o poder de dominar-me, de subjugar-me tanto, que nem na noite do nosso casamento, nem no dia e noite seguintes pude ter independencia e liberdade de faculdades intellectuaes para pensar em outro objecto que não fosse ella, para viver com outro pensamento, que não fosse o seu amor.

Accusem-me fraqueza embora! todos nós somos peccadores, e ainda bem que eu tenho por escusa do meu peccado de fraqueza a formosura, e os encantos da Xiquinha.

Convenho em que o amor é um sentimento que abate, que avilta o homem : o famoso escriptor Proudhon, que aliás nunca foi da minha escola, embora muitos dos seus principios me convenhão perfeitamente, demonstrou até á evidencia, a baixeza e o aviltamento do amor.

Mas o que Proudhon não disse nem comprehendeu, é que ha amor e amor : amor de poeta, todo cheio de metaphysicas, de sonhos, de lantejoulas, de cousas-nenhumas, sentimento que prende, que absorve a alma, e que por consequencia abate e avilta o homem, que assim se esquece de que é um bixo vivo e pensante deste mundo cheio de bixos de todas as qualidades : e amor animal, material, positivo, sem mistura de sentimentos d'alma, ou apenas com essa mistura passageira, apparente, sem consequencias perigosas para a independencia e liberdade do homem.

E' do primeiro desses amores que fallou sem duvida Proudhon, cujas theorias neste caso aceito sem restricções.

E' do segundo que me vi, que me senti preso, captivo, absolutamente dominado durante o tempo que determinei.

Esta confissão é em todo caso uma homenagem que deve parecer muito lisongeira á Xiquinha, que é philosopha e pensa exactamente como eu.

O dia que se seguio ao do nosso casamento ainda foi de festa, á que estiverão presentes e nella tomárão parte os dous importantes padrinhos, que ficárão captivos da bondade, do agrado, e das graças da minha bella esposa.

Em honra della sem duvida jurárão-me ambos leal e eterna amizade: eu tomei nota do juramento para explora-lo em occasião opportuna.

No outro dia a Xiquinha e eu despertamos aos primeiros annuncios do dia, e erguendo-nos do leito nupcial, fômos sentar-nos á uma janella que abrimos com o proposito de ao lado um do outro saudarmos o romper da aurora, que começava a enrubescer o horizonte.

Eramos dous noivos, casados á quarenta horas, quando muito: eu estava envolvido em um elegante robe-de-chambre de seda, a minha adorada esposa tomára um *peignoir* finissimo, lindissimo, provocadorissimo, e sobre o qual cahião em enchentes de anneis seus longos e formosos cabellos negros.

Estavamos á janella: eu apertava entre as minhas uma das mimosas mãos da Xiquinha; nossos olhos convergindo para o mesmo ponto se encontravão juntos, unidos, identificados, como um só olhar embebido nas rosas da aurora que despontava.

Era doce, suave, voluptuosa essa situação de um homem e de uma mulher por assim dizer tornados em um só ente, em um só ser, olhando, vendo, sentindo, como se não fossem dous, como se ambos fossem sómente um.

Era impossivel, quando nossas mãos se apertavão, nossos olhos se embebião em um só objecto, nossos corações palpitavão em nossos peitos quasi unidos, nossos suspiros voluptuosamente se confundião, era impossivel, digo, que nossas almas, tambem identificadas, não estivessem engolphadas no mesmo, e em um unico pensamento.

E estavão, palavra de honra!

Quem primeiro manifestou, fallando, esse pensamento, foi a Xiquinha.

Sem arredar os olhos que se prendião aos fulgores da aurora, apertando-me suavemente uma das mãos, e descansando com ternura a linda cabeça no meu hombro, a Xiquinha deixou sahir por entre os labios a seductora harmonia da sua voz, e perguntou-me :

— Primo, a quanto sobe a nossa fortuna ?

— Eu estava fazendo esse calculo, Xiquinha : estamos entre duzentos e cincoenta e trezentos contos de réis, o que indica a necessidade de chegar á conta redonda.

Ella reflectio e tornou :

— Sim ; mas no principio isso é muito difficil.

— Por que?

— Porque é preciso semear para colher.

— Eu conheço muita gente que arranja para si contas redondas, colhendo o que os outros semêão : quer ver, como isso se faz ?

— Quero ; respondeu-me ella sorrindo com angelica innocencia.

E sem retirar a cabeça que pousava no meu hombro ; e sempre com os olhos fitos na aurora, poz-se a enrolar e a desenrolar os anneis de seus cabellos com os dedos da mão que eu lhe deixára livre.

Emquanto ella brincava com os cabellos, fallei eu :

— Olhe, Xiquinha : cem, duzentos, mil pobres de espirito, trabalhão durante a vida inteira com a esperança de deixar aos filhos riqueza ou pelo menos mediocre fortuna, vão semeando sempre, e ainda semeando levão aos cofres de um banqueiro *habilidoso* as economias e as sobras de cada anno : eis chega um bello dia, o banqueiro declara-se quebrado, apresenta livros admiravelmente preparados, *prova evidentemente* que a fallencia não foi fraudulenta, paga aos credores com oitenta por cento de rebate, larga-se a

vapor para a Europa, e lá ostenta gozos de millionario : quem semeou ? o batalhão dos logrados : quem colheu ?... o espertalhão que logrou, e que fica sendo grande cousa na terra porque tem dinheiro.

— E a justiça publica ? perguntou a Xiquinha.

— A justiça, de que falla, pinta-se com os olhos vendados : é uma pobre céga que quasi nunca descobre os crimes dos homens de gravata lavada. Ouça mais : uma intelligencia superior, um genio nas sciencias, na industria, nas artes, *faz a luz* de uma transcendente descoberta, que destróe as praticas estabelecidas : *utopia !* brada a rotina, que é a mais teimosa e rabugenta das velhas : morre o genio no hospital, ou em uma esteira quasi podre, e no fim de algum tempo a sua descoberta que se tornou verdade sediça, enriquece os filhos dos detractores do sabio utopista : quem semeou ?... quem colheu ?... ah ! sim : ás vezes a posteridade levanta uma estatua ao genio que morreu de fome : depois do asno morto,cevada no caso : o diabo leve a estatua.

A Xiquinha continnuava a brincar com os anneis dos seus cabellos.

— Nas cousas politicas a observação tem ainda mais perfeito cabimento : semêa a imprensa, semêão homens dedicados ao que chamão culto dos principios, religião das idéas, semêão em opposição, combatendo no campo da lei annos inteiros, soffrendo agora perseguições, logo injustiças, quasi sempre injurias e aleives ; mas semeando sempre ; chega emfim o dia da victoria do seu partido, e de subito embrulhão-se os ambiciosos e os traficantes politicos com os vencedores, em duas vira-voltas atirão os semeadores para o canto, e colhem os resultados da luta porfiada e as palmas do triumpho.

E a Xiquinha enrolava e desenrolava.

E eu tambem continuei a desenrolar assim :

— Os conspiradores semêão revoltas que de ordinario se afogão no sangue, ou algumas vezes conseguem derribar o governo : no primeiro caso não ha colheita, e apenas vão para a cadeia os Gracchos que não morrêrão ; a patuléa que escapou assenta praça de soldado, e os grandes especuladores que acendêrão a fogueira, e observárão o fogo ás janellas, mettem-se na moita por alguns dias para salvar as apparencias, ou fazem côro com os vencedores e condemnão os revolucionarios: no segundo caso a patuléa vai trabalhar, os Gracchos ficão a olhar, e os especuladores apressão-se a colhêr e colhem e comem elles sós por todos.

— Ah primo, não seja Graccho! exclamou a Xiquinha.

— E ainda menos patuléa.

— De accôrdo : disse-me ella, tornando a desenrolar um annel de madeixa que de repente deixára.

Eu prosegui :

— Semêa o honrado capitalista que empresta dinheiro aos caloteiros que colhem, não pagando as dividas : semêa doudamente o parvo que alimenta a ociosidade de vadios, que lhe colhem o suor, vivendo á custa de uma caridade degenerada; semêa o estudioso e abalisado chefe de secretaria projectos, melhoramentos, e bem combinados planos, que um ministro, taboaraza ou pouco mais do que isso, apresenta ás camaras como seus, e colhe os applausos, e as honras que a outro que não a elle devião caber: semêa o philosopho e colhe o pratico ; semêa o tolo no seu, e colhe o avisado no alheio, semêa o tempo presente, e colherá o tempo futuro ; semêa o bom, e colhe o diabo. Xi-

quinha, eu não quero semear, quero colhêr na sociedade em que vivemos.

— Mas é preciso : disse-me ella.

— Xiquinha ; creio que você aprendeu o latim...

— E' verdade: nosso Tio quiz por força que eu traduzisse Virgilio.

— E o quiz com razão : eu adoro Virgilio pela discrição do banquete dos Troyanos fugitivos, e pela sublime invenção das harpias, felizes animaes que podião comer sem cessar e sem o trabalho da digestão ! o inspirado poeta mantuano adivinhou nas harpias certos politicos do nosso tempo. Xiquinha, eu te cumprimento, porque traduzes Virgilio : era preciso que na nossa idade o latim achasse um refugio, um abrigo hospitaleiro, que o salvasse da sentença que o condemna á proscripção : em outras éras salvou-se nas dobras dos habitos dos frades ; convem que na nossa época se salve nas prégas dos vestidos das senhoras. Pois bem : Xiquinha, você tem no latim de Virgilio a theoria sublime, que tenho exposto rudemente : uns semêão para outros colhêr : Virgilio o disse :

Vos ego versiculos feci, tulit alter honores;
Sic vos non vobis, etc.

Foi um *sic vos non vobis* que o poeta poderia ter estendido além das aves, dos bois, e das abelhas, a todos os animaes racionaes.

— Diga-me porém, primo ; que idéa tem você no sentido ?... perguntou-me a Xiquinha, abandonando os cabellos, e levantando a cabeça, que descansára no meu hombro.

— Que idéa ?

— Sim : que vida pretende seguir ?

— Que pergunta, Xiquinha ! eu nasci talhado e predestinado para a vida politica.

— E que é a politica ?

— Um meio de vida como outro qualquer ; um homem póde resolver-se a ser estadista, como póde se resolver a ser advogado, medico, sapateiro, alfaiate, urbano ou pedestre. Ainda não cheguei a determinar precisamente em meu espirito, se a politica é sciencia, arte, ou officio mecanico: creio que é tudo isso ao mesmo tempo.

— Como ?

— E talvez sciencia para aquelles que entendem que se devem applicar os preconisados e ridiculos principios da moral sevéra, do direito — direito ao governo dos povos, e tambem para aquelles mais sabios e mais habeis, que aceitão taes principios em theoria ; mas que os sophismão na pratica : é sem duvida uma arte para aquelles que comprehendendo a realidade das cousas, se convencem a tempo de que ella, a politica, é uma collecção de regras arranjadas com acerto para se enganar as nações e viver e brilhar á custa dellas ; é finalmente um officio mecanico para quantos em exercicio de funcções politicas servem sempre a todo e qualquer governo, comtanto que o governo lhes pague o seu salario de cada dia. Eu quero cultivar a politica como sciencia, como arte, e como officio mecanico.

— E' difficil !

— Não me será difficil, se eu chegar a ser eleito deputado; começarei o meu noviciado como membro da maioria, tendo a politica por officio mecanico, se me convier passar para a opposição, cultivarei a politica como arte, e quando chegar

a ministro de Estado, eleva-la-hei á sciencia de sublimes sophismas.

— Você espera ser ministro de estado ?

— Ora, Xiquinha! por que não? O finado padre Feijó, quando regente do Imperio, dizia : que emquanto passassem pelas ruas homens de casaca, teria onde escolher ministros : depois do padre Feijó a escolha desceu até os homens de paletot, e eu posso assegurar e affirmar que já têm sido ministros illustres cidadãos, em cujos hombros pendurão-se casaca e paletot, como em qualquer cabide de páo ordinario, que não tem cerne e apodrece depressa.

— Deveras ?...

— Se deveras! de certo tempo a esta parte as exigencias politicas tornárão-se menos severas : basta que o presidente do conselho, e organisador do ministerio saiba não muito, mas alguma cousa : os outros ministros não precisão saber cousa alguma.

— E como taes ministros dirigem as suas repartições ?

— Por instincto, e por tutoria obrigada: por instincto, fazendo parvoices de todos os calibres ; e por tutoria obrigada, assignando de cruz, tudo quanto escrevem os officiaes de gabinete que chamão para lhes dar o trabalho de governar e administrar por elles. Eu já li um relatorio de ministro escripto por tres officiaes de gabinete, cada um dos quaes tinha idéas e opiniões oppostas ás dos outros.

— Havia de sahir bonito !

— Sahio uma torre de Babel na hora da confusão das linguas ; mas por isso mesmo foi sublime ! tão sublime, que ninguem o entendeu, nem o ministro que o assignou ! foi como se estivesse escripto em grego, celta e sanscrito: nunca houve relatorio igual :

a opposição não poude metter-lhe o dente : havia nelle recursos para tudo : com a pagina segunda atacavão-se as idéas da primeira, com a quarta as proposições da terceira : as outras paginas, estavão no mesmo caso : era um relatorio cheio de pró e contra : era um encouraçado dos estaleiros da ilha das Cobras : não houve bala opposicionista, que o atravessasse.

— Foi portanto um relatorio, que pelo menos, teve o merecimento da originalidade.

— Nem tanto assim ; porque Eugenio Sue, já havia feito em França, cousa muito semelhante nesse genero.

— O que ?

— O *judeu* que o Churinada dos Mysterios de Paris jantou no *Tapis-franc ;* mas em todo caso o relatorio deu idéa da capacidade do ministro, e ainda uma vez demonstrou que para ser membro de um gabinete ministerial o homem não precisa conhecer o *a b c* da repartição publica que vai presidir.

— Não discutamos este ponto, primo : vamos de preferencia occupar-nos, do que nos convem resolver. Você está pois decidido a adoptar a vida politica ?

— Adoptar... o verbo é muito bem applicado.

— Mas eu penso que essa vida tem portas que não se abrem facilmente aos noviços : eu sou uma pobre moça, uma tola que não entende dessas cousas ; explique-me, como se passa, e como se vive a vida politica.

— A politica de um Estado, Xiquinha, é a maior das comedias, representada no maior dos theatros: ha platéa, camarotes, palco, bastidores, pannos de scena e de fundo, todas as possiveis mutações da scena, camarins de actores, e até uma especie de porão do thea-

tro, onde se atirão os trastes e objectos que não tem mais serventia.

— Ainda não comprehendo...

— Vá ouvindo : a platéa, que é immensa, enche-se do povo miúdo, aquelle que serve sómente para votar e ser guarda nacional : os camarotes são occupados pela classe um pouco mais elevada, donde sahem os subdelegados, delegados, commandantes da guarda nacional, eleitores, etc. : não preciso dizer-lhe que toda essa gente da platéa e dos camarotes é quem paga os espectaculos, e quem carrega com toda a despeza do theatro.

— E póde applaudir e patear, como nos theatros ordinarios ?

— Se póde ! é mesmo de regra, que os espectadores estejão sempre, uns applaudindo e outros pateando: cada actor tem sua claque, e os partidos theatraes chegão ás vezes ás do cabo ; esbordoão-se uns aos outros sem piedade, em quanto os actores mais astutos e ladinos, recolhendo-se aos bastidores durante a pancadaria, riem-se a não poder mais.

— Até aqui a platéa e os camarotes.

— No palco brilhão os actores *pregando* ou desempenhando a *peça* que está em scena : a intriga dramatica é sempre inextricavel : mas todas as peças têm a mesma intriga, e apenas ha mudanças de nomes proprios e de palavras ; as personagens de primeira ordem têm em torno de si numerosos comparsas, e aquellas que na marcha da comedia procurão dispôr e apressar a catastrophe de que as outras devem ser victimas, são seguidas de um cortejo muito menos numeroso; ás vezes o *ponto* é entidade obrigada na comedia ; mas nesses casos não ha cupola que esconda de todo o malandro que dirige a peça sem parecer entrar

nella : os contra-regras são os jornalistas, que não pisão na scena, mas observão, avisão, fallão e ralhão d'entre os bastidores ; os pucha-vistas, e muda-pannos são os presidentes de provincias que, *fazendo eleições*, executão as grandes mutações theatraes para novas comedias : os empregados do thesouro publico acendem o gaz do lustre da platéa, têm a seu cargo trazer o oleo para as lampadas do palco, illuminar os camarins das primeiras personagens, e dar luzaos comparsas destes; os actores que desempenhão papeis de desgostosos e de vencidos comprão vélas de sebo á sua custa para se vestir nos competentes camarins.

— E que mais ?

— As comedias são admiraveis ; mas a companhia anda sempre em furiosa briga por causa dos primeiros papeis. No palco todos os actores são mais ou menos deslumbrantes, eloquentes e bonitos.

— E fóra do palco ?

— Ah Xiquinha ! você não faz idéa o que elles são para dentro dos bastidores, atrás do panno do fundo, e nos camarins ! Aquellas fardas bordadas, aquellas finissimas casacas que em scena parecião tão escovadinhas e tão limpas, observadas de perto, e nos recantos do interior do theatro, tem cada nódoa que enjôa ! cada remendo que espanta ! e o que dizem uns aos outros, o que conversão, o que machinão os actores, atacando-se, aggredindo-se sem compaixão, é incrivel ! dir-se-hia um convento de franciscanos ou de quaesquer outros frades nas vesperas da eleição para os cargos das communidades. Eis-ahi o que é a maior comedia do maior theatro.

— Esqueceu a guarda-roupa e o porão do theatro.

— E' verdade, e até me esquecia tambem da orchestra. O porão do theatro é a sepultura, o abysmo onde se atirão os trastes velhos e imprestaveis.

— Por exemplo.

— Ha um marmanjo, a quem se faz deputado, porque é filho de seu pai e sobrinho de seu tio, notaveis influencias da provincia, por onde quer ser eleito senador o ministro Manoel de tal: procedeu-se á eleição, e foi o ministro escolhido senador: fica o marmanjo sendo traste velho, e é atirado ao porão do theatro na seguinte legislatura. Outro exemplo: ha um excentrico que é conhecido por honrado, austero de costumes, de consciencia pura, e por isso amado do povo: os espertalhões explorañ a mina, tratão de adula-lo, fingem admirar suas virtudes, aproveitão os seus serviços, abusão da sua generosidade, fazem de seus hombros degrão, se é preciso, o obrigão a ser ministro em nome do patriotismo e da causa publica; a pobre victima illude-se, nobre e leal aos companheiros, sacrifica-se por elles, carrega com peccados alheios, compromette-se, gasta-se; fica traste imprestavel, e vai dormir no porão do theatro.

— E a orchestra?

— E' immensamente numerosa: tocão nella todos os ganhadores politicos, todos os foliões e timbaleiros das ultimas classes, que por officio e costume entoão o hymno ao ministerio que existe, qualquar que elle seja.

— E os ganhadores das primeiras classes?

— Esses representão sempre no palco os papeis de confidentes, ou desempenhão o mister de comparsas notaveis.

— Ah! e a guarda-roupa?

— Que guarda-roupa, Xiquinha! você não póde

calcular as proporções collassaes desse reservatorio de casacas e vestidos de variedades sem conta, e variedades tanto na côr, como nas fórmas: para estender todas essas casacas, e todos esses vesidos á côrte, á négligé, á fidalga, e á patuléa, serião pequenos dez campos da Acclamação.

— E para que tudo isso?

— Tudo isso? pois se ainda assim não chega, Xiquinha!

— Não chega?

— Não: os actores, o figurões do palco, virão, e mudão tantas vezes as casacas que não ha guarda-roupa que baste!

— Ah, primo, que theatro!

— E' o melhor que posso imaginar, é o mais conveniente que conheço: a *companhia* ainda não se queixou de falta de pagamento dos seus honorarios: a platéa e os camarotes dão sempre para a despeza.

— E nunca ha deficit?

— O Estado quasi sempre, ou pelo menos desde muitos annos se queixa dessa moletia; mas a companhia que representa a comedia politica, ainda nem uma só vez sentio-lhe o cheiro.

— Quem é o bilheteiro do theatro?

— E' o ministro da fazenda.

— Como, porém, se arranja elle, quando augmentão as despezas do theatro politico, e a receita não chega para as representações da comedia?

— Encontra sem difficuldade comparsa, que propõe o augmento do preço dos bilhetes da platéa e dos camarotes, isto é, novos tributos que o povo tem de pagar.

— E o respeitavel publico?

— E' obrigado, e quer queira, quer não, a comprar

os bilhetes do theatro, ainda que maldiga da comedia.

— Começo a comprehender, primo.

— Por consequencia, devo e quero entrar para a companhia: tenho vocação para o theatro politico.

— Guardo commigo uma questão importante, de que logo trataremos, e volto á principal, que ainda agora lhe propuz.

— Qual é ella?

— Como entrará você para esse theatro?

— Com o pé direito ou com o pé esquerdo, isso pouco importa; o essencial é entrar.

— Bem: mas quer me parecer que haverá difficuldades a vencer para se realizar o engajamento de um novo actor. Em primeiro lugar: em que categoria pretende engajar-se?

— Não farei questão disso, estou prompto a engajar-me ainda mesmo na categoria dos comparsas; não é novidade ver-se um comparsa subir aos primeiros papeis.

— Quer me parecer que você pensa bem; mas emfim... as portas do theatro politico são difficeis de se abrir a um homem novo.

— E' certo.

— Essas portas...

— Não confundamos as cousas, Xiquinha: para se entrar na companhia ha uma porta só...

— Uma só?...

— Sim; immensa, que se abre em par, e que pela sua amplidão parece abrir-se a todos, a quantos possão bater a ella, á todos sem excepção; são porém bem poucos e bem raros os que chegão e são admittidos á companhia, entrando por essa porta, ou batendo a ella.

— Em tal caso vejo crescerem as difficuldades.

— Mas, Xiquinha, ha portinholas de todas as dimensões, umas rudemente rasgadas, outras de fechaduras de segredo, por onde se entra, e se escorrega para dentro.

— E quem escorrega para dentro não está exposto a cahir?

— Não: desde que se passa a portinhola, sempre se escorrega para cima.

— Você me embaralha as idéas, primo: não comprenhendo bem, o que me está dizendo.

— Eu lhe explico tudo em breves palavras: a porta grande, a que se abre em par, a que se offerece a todos os cidadãos, é a porta chamada legitima, grandiosa, monumental, a porta da Constituição: por ella póde chegar, e impôr-se á companhia qualquer filho desta terra, onde nascemos, venha elle da mais alta, ou da mais humilde escala social; comtanto, porém, que traga bilhete de entrada assignado pelo voto livre do povo, e com todas as exigencias de uma cousa que se chama lei eleitoral.

— Deve ser bella, sublime essa porta!

— Sim; é porém a porta da defunta, e custa muito a chegar á ella: ministros, presidentes de provincia, chefes de policia com todo o seu enchame de delegados e subdelegados que se multiplicão por não sei quantos mil inspectores de quarteirões, commandantes superiores da guarda nacional, tenentes-coroneis de batalhões, officiaes de companhias, caçadores do recrutamento forçado, quatro exercitos emfim politico, administrativo, militar se fórmão, estacionão defronte da grandiosa porta, e a defendem com desespero, transformando-a em mundo em que não se vive, em lingua que não se falla, em verdade que não

se diz, em preceito que não se cumpre, em tremendissima illusão, ou, em portuguez claro, em Constituição que não se executa, em defunta cujos sapatos o povo, que é o herdeiro, espera, e cansa de esperar, andando sempre com os pés no chão.

— Torno a entender agora, primo.

— A' vezes acontece que um ou outro teimoso feliz, por descuido do governo, e da tropa estacionada, tanto se esforça e tanto é ajudado pelo povo, que consegue romper as fileiras dos janizaros, e embarafusta pela porta grande a dentro; isso porém, é excepção que serve sómente para provar a regra.

— E qual é a regra?

— A entrada pelas portinholas para o engajamento na companhia. As portinholas são immuraveis: ha sete que têm fechaduras de segredo; essas pertencem aos ministros de Estado, cujos filhotes trepão e chegão a ellas com facilidade extraordinaria. Quem diz filhote de ministro, diz portinhola aberta, e novo comparsa da companhia; os comparsas desta ordem já trazem de fóra a sua parte estudada para todas as comedias que se representão: são comparsas que dizem *apoiado* aos ministros, e que se encarregão por escala de requerer o encerramento das scenas da comedia. As outras portinholas, têm diversos donos, que são os presidentes de provincias, as improvisadas influencias de cada situação politica, e os compadres importantes que têm afilhados a arranjar: não ha bicho careta que não possa entrar por estas portinholas; por isso em cada legislatura nova se vê a capital invadida por uma bicharia que espanta.

— Em conclusão?

— Em conclusão vivão as portinholas, porque por uma dellas hei de eu entrar, e pouco me importa a

porta grande, que é o sonho dos tolos, e o desengano dos utopistas que acreditão que o que se garante na Constituição, é o que o governo deve observar na pratica.

— E as portinholas abrem-se facilmente, primo?

— Isso é conforme: a escriptura sagrada diz: « batei, e vos abrirãõ »: mas o que ella não diz, e é verdade, positivo e demonstrado, é que é preciso saber bater.

— E portanto chegamos sempre á questão difficil, que se torna preciso encarar de face e resolver.

— Sim, tem razão, porque todas as portinholas têm chave; a porta grande é que não a tem, e está sempre aberta: é como a porta do céo, por onde entrão poucos; porque... eu não sei mesmo porque não ha de haver portinholas para se entrar no céo; é uma reflexão esta que ás vezes me incommoda.

— Não pensemos agora no céo.

— E' verdade, Xiquinha; fallavamos de theatro e de comedia politica; pensemos na terra, e no inferno: é muito mais apropriado.

— Quem lhe dará, quaes são as chaves que abrem taes portinholas?...

— São diversas: ninguem m'as dará; porque eu pretendo forja-las. Já tenho uma.

— Qual?

— A nosso fortuna: com o dinheiro que nos deixou nosso Tio, daremos bailes, em que você ha de ser a rainha, reuniões semanaes, que multiplicarãõ nossas relações e nossos amigos; os padrinhos do nosso casamento são potencias eleitoraes, que com teus sorrisos irresistiveis, e com a minha incessante cortezia e obsequiosidade se tornárão amigos dedicados; já vê, que estamos em bom caminho.

— Ah! bem dizia eu que era preciso semear para colhêr!

— Xiquinha, você é sábia! você é um genio!

— Ora! eu mal comprehendo essas cousas.

— Além desses meios, que me dão uma chave, ha outros, que me podem servir...

— Um por exemplo...

— A imprensa.

— Segundo tenho ouvido dizer, o povo lê pouco no Brasil.

— Felizmente lê pouco o que mais lhe convinha ler: é indifferente e mata com a sua indifferença a imprensa periodica moralisadora, idealista, séria: esquece na poeira das estantes dos livreiros o livro que contém maximas e principios preparadores do futuro, illustradores da população: essa imprensa, esse livro são raros; porque não achando quem os leia, não recolhem nem o preciso para pagar as despezas da impressão; e é muito justo que assim aconteça, porque tal imprensa periodica, e taes livros são os mais perigosos revolucionarios do mundo.

— De que imprensa então me fallava?

— Xiquinha, houve no Brasil, em um tempo em que o povo lia, houve, digo, *Aurora Fluminense*, e *Matraca:* a *Aurora*, brilhou muitos annos, e a *Matraca*, não poude matraquear muitos mezes: agora o tempo é outro: temos progredido tanto, que o povo já não quer ver *Auroras;* mas está sempre disposto a ouvir *Matracas*.

— Ah!

— Eu fallava e fallo da imprensa periodica, que vive, porque descompõe, que é lida, porque despedaça; fallo da imprensa que ataca, atassalha, diffama por sua propria conta, ou por conta da policia : mui-

tos especuladores preferem a primeira : porque é mais temída, e no Brasil o mais seguro degráo para subir, é fazer-se temer. Injuriar sem medida, nem consciencia, misturando uma verdade com cem aleives, ostentar independencia na ousadia do insulto, aggredir desapiedadamente a todos e a tudo, calumniar a vida publica, morder a vida privada, ser imprensa-tigre, eis o segredo.

— E a responsabilidade?

— E os testas de ferro?

— Mas é uma imprensa que devia ser condemnada.

— Esta não, porque desmoralisa, e portanto abate o povo; concordaria porém que se supprimisse esta com a condição de se matar a outra : porque a imprensa foi uma invenção do diabo para atrapalhar os governos, e embaraçar os homens de juizo que arranjão a vida á custa do Estado.

— Mas o povo que prefere a imprensa-tigre á imprensa-vivificadora não dá boa idéa de sí.....

— Assim, Xiquinha! fallemos mal do povo, quanto quizeres : que a desmoralisação vai chegando ao povo, é verdade, e por consequencia fogo nelle! não admitto, porém, que censuremos o governo que com seus exemplos, sua pratica, sua imprensa, seus abusos, tem levado essa desmoralisação ao seio do povo.

Em todo caso poupemos por ora o governo; pois calcúlo com elle.

— Bem : então você, primo, pretende escrever?

— Durante um, dous, tres annos, se necessario fôr, far-me-hei tribuno do povo, e arrazarei tudo e todos... asseguro-te, Xiquinha que o resultado é infallivel : hão de querer fechar-me a boca; hão de tratar de

quebrar-me a penna de publicista independente e enraivado, e então saberei impôr as condições.

— E descerá de Catão a comparsa de ministro?

— Por que não? ah! Xiquinha! se você soubesse a historia dos nossos Catões, reconheceria que ou por inveja ou por ambição, ou por odio ou por vaidade, esses Catões trocão sem vergonha nem consciencia da noite para o dia, de uma hora para outra o boné phrygio dos democratas pelo chapéo de plumas do cocheiro do carro do governo. Entre elles e o *Sobrinho de Seu Tio* ha apenas uma unica differença, e vem a ser, que eu sou ambicioso sem mascara, e elles uns famosos especuladores, que fizerão da politica um passeio ou baile de carnaval, em que se apresentárão trajando vestidos de Washington para esconder corações de Galalão. Elles e eu somos pouco mais ou menos da mesma escola; mas não somos iguaes; porque elles são peiores : somos parentes, mas não somos irmãos; eu sou simplesmente um sobrinho do povo, que quer viver e subir á custa de seu respeitavel tio; e cada um delles é um enormissimo Caim, irmão do povo que é o seu Abel, e a quem mata á traição com a queixada de burro, como diz o vulgo, com o veneno da inveja, e com a furia da ambição, como a verdade e a experiencia o tem provado; mas tambem é só assim, Xiquinha, que se póde ser Catão.

— E ainda ha outras chaves que abrem as portinholas por onde se póde entrar para o theatro politico com engajamento na companhia?

— Se ha! muitas que varião segundo as circumstancias; todas porém se classificão e resumem nos tres generos dos latinos, porque todas são masculinas, femininas, e neutras. Abrem as portinholas com as chaves masculinas os potentados ou representantes

pessoaes dos potentados de provincia que se fazem instrumentos cegos do governo sob a condição de ser sustentada e desenvolvida pelo governo a influencia legitima ou illegitima que elles tem : abrem as portinholas com as chaves femininas os noivos das filhas ou sobrinhas dos ministros que gozão justissimamente o privilegio de fazer a nação pagar os dotes das meninas : abrem as portinholas com as chaves neutras os doutores astutos, doutores de borla e capello de machiavelismo, que se fingem ministeriaes antes da eleição, e apanhado o diploma, atirão-se na opposição, fugindo do anzol depois que comem a isca. Eis aqui tres exemplos que dão idéa dos tres generos de chaves.

— E qual será seu genero, primo?

— Eu sou commum de tres, Xiquinha.

— Mas você não póde mais ser noivo de filha ou sobrinha de ministro, sem incorrer em tentativa de crime de polygamia.

— Não tenhas receio, Xiquinha : não é preciso absolutamente ser noivo para o caso : a influencia feminina faz deputados sem casamento.

— Influencia feminina... ah! Lembra-me agora a questão que inda ha pouco disse que guardava commigo...

— Qual é?

— No theatro politico representão sómente os homens.

— A's vezes as senhoras tambem representão; mas por trás dos bastidores, e do panno do fundo.

— As senhoras não gozão pois as emoções da scena, não são alli jámais objecto da observação, dos louvores, da admiração dos milhões de olhos do immenso auditorio...

— E' certo; estão porém livres de levar pateada.

— Nem isso; porque os odios que despedação com a diffamação seus pais e maridos, que representão a comedia, ousão subir até ellas, e offendê-las atrozmente.

— E' para carambolar nos pais e nos maridos, Xiquinha.

— Até os proprios enfeites politicos são reservados exclusivamente para os homens : as gran-cruzes, e commendas que assentarião tão perfeitamente nos peitos das senhoras, não chegão, não podem chegar para ellas.

— Ah Xiquinha! se fosse de outro modo, ia o mundo pelos ares : quando os homens gastão dinheiro, alugão-se, vendem-se, brigão e fazem loucuras por causa dessas tetéas, faça você idéa do que haveria, se as senhoras pudessem andar de commendas as peito ! Senhoras de commenda, revoluçao de encommenda: ahi está un anexim de primeira ordem.

— Entretanto as senhoras com a riqueza que levão aos maridos, com a influencia de suas familias, com as amizades que attrahem, e muitas vezes com habil intervenção servem muito aos interesses politicos daquelles, de quem tomão o nome : diga-me, primo, onde está a compensação?

— Você acha pouco governar sem ser governo?

— Como é isso?

— A senhora sagaz, intelligente, e de vontade forte, faz prodigios em politica : em quanto o marido é candidato á deputação, ella é o seu maravilhoso recurso de cabala, arranja votos, cantando um lundú, conquista um collegio eleitoral, dansando uma walsa, e firma o triumpho da candidatura, passeando

e conversando n'um baille com o presidente da provincia.

— Semêa... para o marido.

— E para ella tambem, que, eleito o marido deputado, faz parte com elle da maioria, ou da opposição, recebe em suas reuniões os deputados, em pouco tempo faz circulo seu, inspira, influe, aconselha a todos, manda em alguns, e eis senão quando, na primeira organisação ministerial, entra um pouco, com um dos seus amigos, ou completamente com o marido para o novo gabinete.

— E depois?

— Depois governa sem as inconveniencias de ser governo : com o marido ministro não traz commenda, mas dá commendas, faz nomeações, escolhe presidentes de provincia, elege deputados, resolve contractos de obras publicas, distribue pensões, suspende e demitte empregados publicos, reforma a Constituição pelo capricho de um momento, quando se pentêa, faz das leis do Imperio, e dos papeis do expediente que vem da secretaria papelotes para annelar os cabellos, e, finalmente, quando tem ciumes do marido, põe o ministerio em crise.

— Deveras?

— Sem duvida : examina bem, esmerilha a marcha dos governos, indaga e procura as causas ou a origem de actos, de nomeações, que parecem inexplicaveis, e has de encontrar em muitas épocas, e em muitos ministerios o leque da mulher dentro da pasta do ministro, e apenas lamentarás que a mulher não esteja de farda, e o ministro de saia.

— Primo, veja bem o que diz?

— Eu digo o que é verdade, digo como as cousas se passão, sustento que é assim mesmo que se devem

passar, e mando ao inferno todas as theorias que aniquilão a influencia politica das senhoras, influencia que é tão conveniente, e tão proveitosa ao adiantamento dos maridos.

— Então eu...

— Olhe, Xiquinha, sei de senhoras que com sagacidade e força de vontade e ainda mesmo sem intelligencia, tem governado sem ser governo, pondo a administração em contradansa de baile, e a politica em jogo de prendas : conceba o que fará você, que além de sagaz como um frade ladino, e de vontade forte, como um *yankee* que resolveu ser millionario, é intelligente e sábia como um presidente de conselho, que pelo facto de ser presidente do conselho é sabio por força de lei, conceba o que fará, sendo além disso rica, o que é metade das condições accessorias, e bella, como todos os amores juntos, o que é o complemento, a magia, a maravilha da sua proxima-futura e incontestavel influencia politica.

A Xiquinha lançou-me um olhar chéio de flamm s, sorrio-se com indizivel encantamento, e exclamou :

— Primo, você será eleito deputado!

— Peço a palavra! gritei, como se já estivesse na camara.

— Juro-lhe, que você ha de ser ministro de Estado!

— Qual dos membros da maioria propõe o enceramento da discussão? perguntei, imaginando-me sentado em una das sete cadeiras ministeriaes.

Porque, entre parenthesis, ministro de Estado e rôlha parlamentar são duas cousas que necessaria-

mente se combinão, dous namorados que se adorão, duas entidades que parecem uma só: pois não ha ministro que não seja rôlha parlamentar.

Mas a Xiquinha tinha-se levantado da cadeira, e pondo as mãos sobre a minha cabeça, disse com accento prophetico:

— Você ha de subir, será grande, deputado, ministro, talvez mais...

Fui-me ajoelhando...

Ella accrescentou com suavissima modestia:

— E tudo isso... talvez... um pouco por mim.

Quando ella fez ponto final, eu já estava de joelhos a seus pés: estendeu-me os braços, deu-me as mãos para levantar-me: preguei-lhe dez beijos em cada uma das mãos.

Cedi á doce violencia, e puz-me em pé: debruçamonos á janella.

Com o meu braço direito eu cingia a Xiquinha pela cintura: nossas faces se roçavão; um annel dos seus cabellos cahia-lhe sobre o seio, passando pelos meus labios.

Estavamos, como dous pombinhos que pousão juntos, unidos, e cujos bicos côr de rosa se tocão.

Debaixo da nossa janella se estendia um jardim.

Minha tia e sogra passou por diante de nós, e, já com melhor vista, percebendo-nos á janella, perguntou-nos:

— Então?... quizerão apreciar o romper da aurora?...

Não respondemos: contentamo-nos com o cumprimento do dever de lhe dar o *bom dia*.

Mas a Xiquinha interrogou-me logo e sorrindo maliciosamente:

— Primo, você vio a aurora?...

— Eu não, Xiquinha.

— Nem eu.

Ah! como nos comprehendiamos! Que almas fraternaes! Eramos, somos dous irmãos gemeos, como um conservador vermelho, e um liberal quando estão ambos em opposição.

CAPITULO V

Como a Xiquinha e eu conversamos de noite debruçados á janella e não vimos a *lua cheia* que devia estar brilhando; mostro a differença que ha entre o *olhar* e o *ver:* faço uma prelecção de astronomia, estudando o mundo do sol e o mundo da lua; a Xiquinha me convence da necessidade de uma viagem a Paris, e eu a convenço da obrigação que tem a patria de carregar com as despezas da nossa viagem: dou ligeira e incompleta idéa dos filhotes dos ministros, e conto a historia de uma contradansa diplomatica; partimos para a Europa, e deixo ao *ruço-queimado* o meu ultimo pensamento de despedida; não digo o que fiz em Paris; digo porém por que voltei á patria, e faço a descripção da bahia do Rio de Janeiro com arroubos de poesia que devem encher de pasmo a todos os leitores destas *Memorias,* principalmente quando souberem onde deu fundo o paquete que teve a honra de trazer-me ás terras da patria.

Na noite desse mesmo dia, em que sentados junto de uma janella aberta para o oriente, a Xiquinha e eu não vimos a aurora que rompia apezar de termos os olhos fitos nella, abrimos outra vez a mesma janella, sentamo-nos ao lado um do outro, como fizeramos ao amanhecer; mas tambem não vimos a lua, que entretanto devia estar clara e brilhante, porque era em phase plena.

Não se admirem disso: é enorme a differença que ha entre o olhar e o vêr.

Ponho de lado a grammatica e vou direito ao positivo.

Um conquistador de eleições *olha* sem cessar para a urna eleitoral; mas não *vê* a embrulhada e a fraude que a policia, sua amiga, lança no seio da Vestal.

A maioria da camara dos deputados *olha* muito e

até namora os ministros; mas não *vê* as infracções das leis que elles commettem.

Um velhaco que se fez noivo *olha* muito para a velha horrenda com quem vai casar; mas não *vê* senão os cofres de ouro que pretende dissipar.

Um parasita *olha* attentamente para o hospede a quem desfructa; mas não *vê* senão o jantar que regularmente devora.

Uma senhora elegante e vaidosa *olha* perdidamente e sempre para um adereço novo; mas não *vê* os suores que elle vai custar ao marido.

O menino malcriado e vadio *olha* para a carta do a b c; mas não *vê* as letras, e menos as syllabas.

Os tolos *olhão* para a cidade; mas não *vôem* as casas.

Os tratantes *olhão* para tudo; mas não *vêem* o que não lhes faz conta vêr.

Os velhos namorados e gaiteiros *olhão* para os sorrisos; mas não *vêem* as caretas das Venus que os depennão.

Em summa, um homem de juizo e que sabe o segredo de viver convenientemente, isto é, segundo as suas conveniencias, *olha* para a aurora e *olha* para a lua; mas não *vê* nem uma nem outra; porque nem a aurora nem a lua podem ser degráos das grandezas da terra.

A aurora já havia passado: não a vi, nem me lembro della.

Tratarei da lua, não porque a esteja vendo; mas porque é noite.

Que importa a lua a mim e ã Xiquinha?

A lua é um mundo que pertence em primeiro lugar aos poetas que vêem nella o que lhes é preciso para achar consoantes ou maçar-nos a paciencia com

enxame de versos, que de ordinario os miseros leitores fazem de conta que comprehendem, e na presença dos autores dizem — « bravo! bravo! » sem saber por que, exactamente como os deputados ministeriaes gritão — apoiado! — quando falla algum ministro, que elles fazem de conta que ouvem.

O mundo da lua é, em segundo lugar, propriedade dos astronomos, que nelle tem descoberto e proclamão um milhar de cousas, que eu juro que lá não existem; mas os astronomos estão em seu direito perfeito, porque pertencem ao genero dos poetas aéreos.

O mundo da lua é o mundo dos sonhos dos namorados, das illusões dos utopistas, das esperanças e das crenças de certa classe de papalvos que acreditão ser uma realidade possivel o systema representativo, como se escreve no papel.

Ha mundo do sol, e mundo da lua.

Benjamin Constant e os estadistas inglezes fizerão o mundo da lua.

Machiavel e todos os successores desse grande genio fizerão e fazem o mundo do *sol*, astro sublime, cujo nome é a primeira syllaba da palavra *soldo*.

A raiz da palavra *soldo* é o *sol;* porque a verdadeira luz é aquella que o ouro *radia*.

Ha todavia mundos que são ao mesmo tempo do *sol* e da *lua*, conforme se considerão as classes da sua população.

O Brasil é o mundo do *sol;* porque ha nelle muita gente que vive a *soldo* do seu governo, e o seu governo tem sido muitas vezes verdadeiro Machiavel em acção.

Mas o Brasil é tambem mundo da lua para a nação que anda sempre a comprar nabos em sacco, que grita — « viva a Constituição! » na festa official de 25 de

Março, e passa sem Constituição em todos os outros dias do anno; mundo da lua para o povo, estupendissimo soberano de comedia, que serve á mesa, e ainda em cima paga o pato.

A Xiquinha e eu estavamos á janella olhando para a lua que era plena; mas não viamos a lua.

Como ao romper do dia foi ella, não a lua, porém Xiquinha, quem fallou primeiro:

— Primo, é indispensavel que eu complete, aperfeiçôe a minha educação.

— Xiquinha, você é o typo da educação moral mais completa e perfeita, que eu posso imaginar.

— Não; heide por força resentir-me dos costumes, e dos prejuizos da nossa gente; preciso sobretudo de prestigio.

— E onde iremos achar o prestigio de que suppões precisar?

— Na Europa, na vida e nos encantamentos de Paris: quem atravessa o Altantico depois de haver por algum tempo respirado o ar, frequentado as sociedades, bebido, não a agua do Sena, mas as idéas, as lições, e ainda mesmo os venenos de Paris, chega ao Brasil cercado de uma aureola, que todos ou vêem, ou imaginão que vêem.

— Quer então estudar?

— Não; quero passear: trarei o meu prestigio nos meus chapéos, nos leques, nos vestidos, no tom com que hei de pronunciar — *oui* — no meu andar, no meu sorrir, no meu olhar; no meu penteado, nos meus sapatos, em tudo emfim. Chego e não preciso dizer — *estive em Paris*, — porque todos o reconhecem vendo-me e admirando-me. O prestigio é certo.

— Um passeio á Europa, a vida de Paris deslumbrão-me, Xiquinha; é uma idéa tentadora! mas os

meus calculos, os meus planos politicos vão ser condemnados a um adiamento comprommettedor!

— Ao contrario: você ainda não é conhecido no paiz.

— Ah Xiquinha! é exactamente essa consideração a melhor garantia do meu engrandecimento: uma boa parte dos nossos — grandes do Estado — se fossem conhecidos antes de subir ao poleiro, não chegavão nem a vereadores de camaras municipaes; porque o povo responderia a todas as suas pretenções, gritando com furor: « *quem não vos conhecer, que vos compre!* » Xiquinha, o que mais me preoccupa, é o receio de que antes das minhas conquistas de posições officiaes, alguns abelhudos quer do povo, quer do governo, cheguem a conhecer-me por dentro e por fóra do coração.

— Por isso mesmo; você tem tudo a ganhar em uma viagem á Europa: não é mais o estudante que vai pedir um pergaminho, um titulo academico a esta ou áquella escola; é um homem já formado em sciencia, um grande talento, que por amor de seu paiz, viaja pelo mundo civilisado, estudando em sua applicação e pratica as instituições e os altos assumptos, que mais podem utilisar a sua patria.

— Pois você quer que eu estude, Xiquinha?

— Quem lhe disse semelhante cousa, primo? eu lhe proponho sómente que diga que vai estudar: olhe; você faz com que os jornaes diarios da capital annunciem na vespera da nossa viagem, que você vai á Europa estudar, por exemplo, instrucção publica, colonisação, correios, estradas de ferro, etc., etc., e um dia depois da nossa volta ao Brasil, os mesmos jornaes proclamão a sua chegada, e os profundos conhecimentos que adquirio em todos aquelles assumptos.

Em Paris pagaremos quem escreva e publique na imprensa artigos laudativos da sua applicação, dos seus talentos, da sua constancia no trabalho; esses artigos serão traduzidos e transcriptos em todas ou em muitas gazetas aqui: para mais alta fama do seu nome, você assignará e dará ao prélo memorias compostas por homens habilitados, a quem compraremos o trabalho intellectual, que apparecerá como de sua lavra, e, tornando á patria, meu marido, que na Europa só se occupou em passear e divertir-se com a sua dedicada e ternissima esposa, será recebido no seio do paiz como um filho distincto, que o soube honrar no estrangeiro, e considerado pelos seus concidadãos capaz de desempenhar as mais altas commissões, e os mais elevados cargos; e então, primo, brilhará o dia da pesca e — rêde ao mar!

— Xiquinha, quando partimos?

— No proximo paquete.

— E' facto consummado, embora esteja ainda por consummar-se.

A Xiquinha convenceu-me: adoptei o seu plano com enthusiasmo, e limitei-me a aperfeiçoa-lo com um artigo additivo digno da minha escola politica, e já por vezes proposto e feito adoptar por outros em circumstancias identicas.

A Xiquinha ia apurar sua educação, e eu aprofundar os meus estudos de importantissimas instituições na Europa, com o fim de melhor servirmos á patria; por consequencia, a patria estava na obrigação de pagar as despezas da nossa viagem.

Quantos meninos bonitos têm andado assim por India e Mina á custa da barba longa!

O Estado tem dinheiro como terra, e uma pequena parte dos tributos que o povo paga, sendo despendida

com os passeios dos filhotes dos estadistas, não faz falta ao thesouro publico.

E nem ha que ralhar por ninharia tão insignifiante: os ministros sabem fazer as cousas: nenhum delles diz que o seu filhote vai passear á Europa, e todos dizem que os seus filhotes vão em commissão do governo, uns para estudar isto, outros para examinar aquillo; mas por fim de contas, o isto e o aquillo acabão em cousa nenhuma, e os pequenos regalárão-se, o que é o essencial.

Os ministros de estado têm e devem ter filhotes para tudo, e em compensação da sua esterilidade em medidas uteis e de futuro, em materia de filhotes são fecundos como os porquinhos da India.

Ha filhotes para a magistratur, filhotes para a marinha e para o exercito, que atirão com os direitos de antiguidade e das promoções para os cantos da senzala do desprezo: ha filhotes para as repartições publicas, filhotes para deputados, e mesmo filhotes de quarenta e mais annos para o senado, que ficão de improviso com merecimento que espanta e sabedoria que assombra; mas de que ha sómente testemunhas por ouvir dizer, e nem uma só de vista: ha filhotes para obras publicas, filhotes para subvenções do Estado, filhotes para *sinecura*, ainda muitos outros, e finalmente, filhotes para passeios á Europa, que todos comem *bons bocados*, excellente doce que abunda na mesa do orçamento, e que os ministros repartem com obsequiosa prodigalidade por duas poderosas e convincentes razões, primeiro porque não lhes custa nada a elles, e não ha cousa mais suave do que fazer favores com o alheio; segundo, porque uma mão lava a outra, e semelhantes favores rendem sempre aos ministros, ou votos no parlamento, ou apoio em elei-

ções, e ás vezes até demonstrações de gratidão tão pudibunda e melindrosa, que se esconde em segredo para que a luz não lhe faça mal. Em regra, são os padrinhos dos filhotes, que manifestão o seu reconhecimento, e, sublimes transacções, estupendos contractos! nunca houve um só que fosse lesivo aos contractantes! ganha o que dá, e ganha o que recebe: quem, segundo dizem, perde quasi sempre no caso, é o Estado; mas o Estado é um féliz animal cégo, surdo e mudo, que nunca vê, quando lhe deitão fóra o dinheiro, nunca ouve quando lhe dizem blasphemias, e nunca falla, nunca se queixa ou grita, nem mesmo quando lhe dão pancadas, e o arrastão pelas ruas da amargura.

Eu quero ser filhote para tudo; agora, porém, vou tratar de ser filhote para passear.

Reflecti um dia inteiro sobre o que mais me convinha, e fixei a minha escolha na diplomacia, lembrança que a Xiquinha applaudio muito.

Recorremos logo aos nossos dous padrinhos de casamento a quem fômos visitar, e pedimos o concurso de ambos para que eu fosse nomeado addido de primeira classe de qualquer legação da Eurōpa, com a indispensavel concessão de uma licença com ordenado para tratar da minha saude, onde me conviesse.

Os padrinhos não se fizerão rogar, tendo empenho em demonstrar a sua influencia, e o muito que valião para o governo: escrevêrão ambos aos ministros, seus amigos.

As cartas chegárão em occasião a mais opportuna: exactamente na vespera, um senador pela minha provincia, santo homem, que era sempre ministerial, tivera uma indigestão e estava com cinco medicos á cabeceira: o ministro dos negocios estrangeiros, cal-

culando com as proporções de uma indigestão parlamentar, e talvez tambem com o numero dos medicos, concebeu logo uma encantadora esperança de passamento senatorial, e, reputando-se herdeiro obrigado da immensa garopa vitalicia, tratou de ir ageitando a sua candidatura em perspectiva.

Em menos de quinze dias achei-me com a nomeação e a licença na algibeira; mas para nomear-me, o ministro precisou fazer prodigios.

Escutem só: elevou um encaregado de negocios a ministro residente, fez encarregado de negocios a um secretario de legação, passou dous diplomatas das côrtes da Europa, onde estavão, para Estados americanos, demittio um addido de primeira classe, e nomeou tres que o erão de segunda, esteve à ponto de crear uma missão extraordinaria na China, e emfim, depois de tudo isso, achou meio de encaixar-me na legação de Paris!!!

A contradansa diplomatica custou ao Estado algumas dezenas de contos de réis, mas eu e a Xiquinha lá vamos passear á Europa com um ordenado soffrivel, e com uma ajuda de custos que eu não devo, não posso dizer de quantos contos foi; porque S. Ex. me recommendou segredo, e o thesouro publico incluio essa quantia nas *despezas não classificadas*.

Assim é que se governa uma nação! aquillo é que é ser ministro ! S. Ex. deve ser senado ; palavra de honra!

Chegou o dia da partida, o paquete levou os jornaes desse dia, em cada um dos quaes eu fizera imprimir um artigo entrelinhado, que differente pela redacção, era em todas as folhas o mesmo pela substancia; resumia-se no seguinte:

« Segue hoje no paquete com sua excellentissima

e amabilissima esposa o senhor F..., ultimamente nomeado addido de primeira classe da legação de Paris; é um illustre Brasileiro que não se limitará ao fiel e escrupuloso desempenho do seu emprego diplomatico e que achará tempo para dilatar ainda mais os seus já muito vastos conhecimentos; podemos asseverar que o nosso distincto compatriota propõe-se a aprofundar os seus estudos sobre systemas de colonisação, instrucção publica, organisação de exercito e diversas industrias que podem ser aproveitadas no paiz. A formosa esposa do Sr. F... radiará nos mais elegantes e aristocraticos salões de Paris, fundando a reputação da belleza, dos encantos e do espirito das Brasileiras. »

Cada artigo era assignado por um nome com sobrenome e cognome de pessoas que realmente não existem; mas cuja existencia imaginei, porque isso me convinha.

Pelos mesmos jornaes, e pretextando falta de tempo, despedi-me dos meus numerosos amigos da capital do Imperio, onde eu não tinha relações senão com a agente do hotel, em que morei tres semanas, e com a secretaria dos negocios estrangeiros que tive de frequentar por alguns dias.

Minha sogra ficou chorando e o paquete sahio.

Paris!... Paris!... hão de vêr como eu e a Xiquinha voltamos dessa cidade de encantamentos, de metamorphoses, e de maravilhas de todas as especies.

Ninguem vai a Paris que não volte sabio.

Senti não ter podido levar comigo o *ruço-queimado* para uma experiencia decisiva; tenho para mim que o *cavallo de meu Tio* havia de voltar de Paris rinchando harmoniosamente, e andando á trote inglez, ou á galope francez.

Não achei beliche, onde coubesse o *ruço-queimado* ; ficou pois confiado á solicitude de minha sogra, que me prometteu não consentir que lhe puzessem cangalhas.

Eu adoro aquelle animal, e quero conserva-lo, como raridade : ha no *ruço-queimado* tantos pontos de semelhança com alguns grandes politicos da minha terra, que eu me jurei guarda-lo para cuidadoso estudo de analogias.

Foi por isso que ao *ruço-queimado* couberão os meus ultimos pensamentos ao deixar a patria.

*

Não me é licito dizer quanto tempo me demorei na Europa; porque se eu o dissesse, marcaria a época, em que de volta cheguei com a Xiquinha ao Brasil.

No Capitulo seguinte destas importantissimas *Memorias* darei as ponderosas razões deste segredo, que pertence ao numero e á classe dos segredos de abelha.

E tambem deliberação definitivamente por mim tomada não dar contas á pessoa alguma da vida que a Xiquinha e eu vivemos na Europa, e sobretudo em Paris.

Eu já disse que não minto, senão quando me convem mentir, e portanto não quero seguir o exemplo da quasi totalidade dos meus patricios, que passão mezes ou annos em Paris e que de Paris voltando, não ousão confessar o que por lá fizerão, o pelo que passárão; mas vingão-se inventando historias, do que nunca virão, e improvisando factos, que não praticárão.

Não se deve abusar do direito de mentir, eu o re-

servo para as horas solemnes da minha conveniencia pessoal.

Ha na minha vida de Paris um unico facto que devo registrar : não sei nem quero lembrar em que gabinete novamente organisado no Brasil o ministro de estrangeiros entendeu lá de si para si que devia caçar-me a licença que eu tinha para tratar da minha saude, que aliás foi sempre a melhor possivel : este attentado contra as prerogativas da minha *sinecura*, provocou o meu resentimento, e determinou-me a dar demissão de addido de primeira classe e a voltar para as terras da patria.

O meu resentimento foi justissimo : a licença de que eu gozava para tratar de minha saude, equivalia sem duvida a uma *sinecura*, mas *sinecura* devia-se traduzir em portuguez por — *sem cura* —; a alteração da minha saude não tinha pois *cura* possivel, e portanto a minha licença devia ser perpetua.

O novo ministro dos negocios estrangeiros não entendeu assim, porque não sabia nem latim, nem logica, o que acontece muitas vezes aos nossos ministros; eu porém não quiz submetter-me á uma ordem absurda e revoltante, dei pois a minha demissão, e tratei de voltar para o Brasil disposto a declarar-me em opposição ao ministerio, que me havia arrancado da boca a deliciosa chuchadeira.

Obedecendo aos sabios conselhos da Xiquinha, que ganhára cento por cento em Paris relativamente á lavor de educação social, e sabedoria pratica, encommendei e paguei tres eruditissimas memorias, cuja traducção em portuguez tambem encommendei e paguei, e as fiz publicar com o meu nome, e com uma dedicatoria redigida pela Xiquinha á minha — *Patria.* —

Não me é possivel dizer quaes os assumptos de que tratavão essas interessantissimas memorias; porque não as li ainda : algumas pessoas fallárão-me dellas, abundando em elogios ao seu merecimento; mas nem por isso me atrapalhárão; pois acudi-me com o recurso da modestia, pedindo que não me julgassem por trabalhos executados de improviso; o que porém afirmo sob juramento é que paguei essas memorias, e portanto são minhas, absolutamente minhas, e tão minhas como se eu mesmo as tivesse escripto. Podem-se comprar idéas, como se comprão peixe e verduras na praça do mercado.

Ha tanta gente que têm idéas assim!

Eu comprei idéas, de que não tenho idéa, e não me arrependo de as haver comprado. Sou autor, e nunca escrevi, senão na *Carteira de meu Tio:* isto é pouco?

O que lamento, é que eu não tenha o privilegio desta innocente usurpação e que me veja obrigado a reconhecer que no mundo, e especialmente no Brasil, sejão tão numerosas as gralhas que ostentão o brilhantismo das pennas que comprárão aos pavões, que as vendem.

Em summa supponhão todos terminado o meu passeio pela Europa, e chegada ao seu termo a minha vida de Paris.

Vejo bem que é grave a falta da historia do que vi, do que observei, do que admirei, do que reprovei, do que estudei, e apprendi na Europa, e em Paris; mas, eu acho muito mais commodo, e muito mais agradavel, que os meus compatriotas, para quem escrevo estas sorprendentes Memorias, fação de conta que eu escrevi e elles lêrão tudo isso e sobre tudo isso.

Os meus compatriotas já devem estar habituados á *fazer de conta:* é um trabalho suave de imaginação que poupa muito trabalho real, e torna facil o arranjo e relação de muitas difficuldades.

Fazer de conta é gozar do que não existe, é ser o que não é, viajar sem sahir de casa, chegar sem ter sahido, saber ignorando, remoçar tendo cem annos de idade, é emfim a doce loucura dos homens de mais juizo.

Ah! e quanta cousa se faz de conta no Brasil!

Ha moços bonitos que vêm lá do interior, felizes predestinados que nunca em sua vida molhárão o dedo mendinho na agua salgada, e que no entanto impellidos por um feliz pé de vento chegão a fundear no pacifico e universal ancoradouro do ministerio da marinha sem que houvessem jámais embarcado no mais podre e desconjuntado chavéco; como se improvisa um ministro da marinha assim? Ora é boa! *faz-se de conta* que elle é almirante.

Ha magicos bemaventurados, que quasi nunca fallárão, e que nunca escrevêrão duas linhas para o publico, e que apezar disso gozão da reputação de sabios e de intelligencias profundamente esclarecidas: como se explica tão assombroso phenomeno da prova de bom vinho em taes garrafas lacradas? Facilmente: *faz-se de conta* que esses magicos bemaventurados são fura-paredes de um tamanho e de uma força colossal.

Ha magistrados, que, incapazes de vender a sua consciencia por dinheiro, ousão comtudo dar despachos e recursos a troco de votos nas eleições para si ou para seu partido, e escrever sentenças injustas contra a propriedade alheia, e os direitos politicos dos cidadãos para servir assim a potencias eleitoraes,

de quem depende a sorte de suas candidaturas, ou das candidaturas de correligionarios seus, e *faz-se de conta* que são magistrados integros, e incorruptiveis.

Ha parlapatões falladores, que taramelão no parlamento duas horas sem parar, nem tomar folego, deixando apenas boiar uma duzia de idéas muito communs em um diluvio de palavras campanudas ou triviaes, e *faz-se de conta* que são uns oradores de mão cheia, que atirão Mirabeau de cocoras, Cicero de pernas para o ar, e Demosthenes de barriga para baixo.

Ha dilectos da fortuna que ouvirão fallar em geometria, e sabem por lhes haverem dito, que ha uma cousa que se chama desenho, e outras que tem outros nomes, de que não se lembrão, e que por ordem superior, *fazem de conta* que são engenheiros.

Ha notaveis arithmeticos que além de saber *quantum satis* as quatro especies, são grandes em *quebrados;* mas não comprehendem os complexos, e que de improviso *fazem de conta* que são financeiros de primeira plaina.

Ha nas grandes enchentes do rio da politica aguas de monte que vão passando, e que ainda depois de passadas, *fazem de conta* que moem moinho.

Eis ahi, pois, sete exemplos do faz-se de conta, e paro nos sete porque sete é um numero symbolico e respeitavel, o numero dos peccados mortaes, e dos nossos ministros de estado.

Como porém póde haver quem queira mais exemplos, ahi vão mais sete em supplemento:

Ha perús que *fazem de conta* que são aguias.

Ha pedaços de crystal que *fazem de conta* que são diamantes.

Ha papagaios que *fazem de conta* que são rouxinóes.

Ha canniços que *fazem de conta* que são vinhaticos.

Ha tartarugas que *fazem de conta* que são balêas.

Ha macacos que *fazem de conta* que são homens.

E ha cavallos que *fazem de conta* que são cavalleiros.

Já agora sáião outros sete exemplos no caracter de addicionaes.

Ha chapéos armados que *fazem de conta* que são cabeças.

Ha páos de vassouras que *fazem de conta* que são columnas.

Ha échos de voz alheia que *fazem de conta* que tem voz propria.

Ha lodaçaes que *fazem de conta* que são lagos.

Ha manivelas que *fazem de conta* que são eixos.

Ha botas acalcanhadas que *fazem de conta* que são pés mimosos.

Ha tapetes que *fazem de conta* que são fardas.

Eu bem podia passar dos addicionaes aos annexos; julgo porém que já dei exemplos de mais.

Fação pois *de conta* que levão um grosso volume contendo a historia da minha vida e dos meus trabalhos durante o feliz tempo que com a Xiquinha passei na Europa, e quasi constantemente em Paris.

Dada a minha demissão, e disposto quanto era necesserio, embarquei-me com a minha linda esposa no primeiro paquete, e nelle fizemos a melhor viagem: a Xiquinha enjoou muito; mas foi só em terra, quando disse adeos a Paris: no mar passou admiravelmente.

No fim de vinte e dous dias avistamos a barra do Rio de Janeiro, tendo antes saudado o famoso gi-

gante de pedra: a Xiquinha corrêra ao convés do vapor, e apoiando a mão sobre o meu hombro admirou commigo o sublime espectaculo, que a nossos olhos se mostrava.

Foi tão longa e profunda a nossa admiracão que sómente despertamos ou sahimos desse enleio d'alma diante da *Rasa.*

Esta ilha que hoje se chama *Rasa,* já se chamou do *Gato*, e eu entendo que fizerão muito bem em mudarlhe o nome: *Gato* quer dizer animal caçador de *ratos* e portanto um symbolo inconveniente, mal escolhido para se collocar á entrada da bahia de uma cidade capital do Imperio, e onde se achão, além de todas as outras repartições publicas, a primeira alfandega, os arsenaes e o thesouro publico: *rasa* quer dizer *taxa dos estipendios ou das custas*, e portanto symbolo filho de inspiração, symbolo annunciador-de licado da pratica e do systema do *venha á nós.* Fizerão bem em trocar o nome de *Gato* pelo nome de *Rasa.*

Diante desta ilha abrem-se as duas carreiras mais seguidas por onde entrão os navios na bahia do Rio de Janeiro. Uma fica entre a Rasa e a *ilha dos Paios*, e para o occidente a que medeia entre a mesma *Rasa* e a *Redonda.*

Ainda bem que o capitão dirige o navio para o occidente: eu antipathiso com aquella denominação de *ilha dos Paios.*

Fixando o oculo nesta ilha, não descubro nella signaes de população e entretanto devia-se suppôr muito povoada; porque a familia dos *Paios* é a mais numerosa que se conhece no mundo, embora nenhum dos membros della queira acudir pelo nome da familia.

D'aqui a pouco verei ao lado esquerdo, na Praia Vermelha, um magestoso palacio erigido em beneficio dos doudos; mas uma cousa é loucura e outra cousa é falta de juizo: se todos quantos padecem de falta de juizo devessem recolher-se áquelle asylo de caridade, pelo menos a quarta parte da população da cidade que começo a descortinar, achar-se-hia ás voltas com a Santa Casa da Misericordia, e por certo que não caberia tanta gente no palacio da Praia Vermelha.

O que cumpria ao governo, ou aos institutos philantropicos era mandar construir alguns palacios como esse na *ilha dos Paios* e offerece-los para recolhimento e residencia dos membros da familia dos Paios, que são os padecentes da falta de juizo.

Querem vêr quanta gente estava no direito de residir na ilha dos Paios?

Os Paios politicos: aquelles que em eleições e em lutas de partidos acreditando nas promessas e protecções de tribunos ardentes, e de chefes improvisados, sacrificárão-se por amor delles que apenas se apanhárão no poleiro, fizerão uma grande careta aos principios, e derão um pontapé ainda maior nos amigos.

Os Paios sentimentaes: os velhos apaixonados, que tendo mais de cincoenta annos de idade casão com bonitas moças, que ainda estão longe dos trinta.

Os Paios innocentes: aquelles que convencidos do seu direito não se *empenhão* para alcançar o despacho, que lhes é devido e que ficão com caras do que são, isto é, com caras de tolos, vendo-se preteridos pelos afilhados de bons padrinhos.

Os Paios commerciantes: aquelles que sem conhe-

cer bem as cartas do baralho da agiotagem, mettem-se no jogo, e sahem depennados.

Os Paios... mas onde irei parar! ah! não edifiquem na ilha dos Paios! porque o maior *paio*, de que tenho noticia, é um famoso indio que se chama *Brasil*, e não cabe dentro de ilha alguma.

Mas o paquete já passou além da *Redonda*, nome estupido por ser apropriado á fórma da ilha, o que é contrario aos principios da applicação politica e moral das palavras; denominação abusiva porque offende o que devera ser privilegio dos arranjadores de dinheiro a receber: *redonda* é adjectivo na parte feminina que cumpria concordar só e sempre com o substantivo — *conta*.

Eis-nos em face do Pão de Assucar: na verdade é um penhasco sublime que ha de immortalisar-se com todas as petas poeticas, com que o tem ornado certas imaginações escaldadas. Fizerão delle os pés do gigante de pedra que deitado ao occidente da entrada da bahia, *preside* os destinos do Brasil : está o Brasil bem servido com semelhante presidente! o tal gigante dorme sempre um somno de pedra e não desperta, nem á força dos raios que lhe cahem em cima: é verdade que, ainda assim, e dormindo sem cessar, é melhor do que muitos presidentes que tem tido as provincias do Imperio, onde fundárão e deixárão reputação e creditos que fazem inveja ao cholera-morbus, e á febre amarella : posso affirmar que ainda actualmente certas provincias, preferirião ter por presidentes, em vez dos bichos que lhes mandárão, o proprio *Corcovado*, ou ainda qualquer pedra ordinaria que servisse ao menos para a construcção da parede mestra de algum edificio util; vãos desejos porém ! dão as presidencias das provincias a bichos fe-

rozes, e se alguma vez despachão para ellas pedras, são estas sempre lagedos talhados de proposito e exclusivamente para degráos de escada.

Elevárão tambem outros o Pão de Assucar á *sentinella da barra!* Fresca sentinella que nunca em sua vida soube nem uma só vez bradar *alerta!* apezar de quanta pouca vergonha entra e sahe pela barra que vigia! é una sentinella que está no caso da Constituição do Imperio; ninguem faz caso della.

Passamos além do Pão de Assucar: lá está a *Praia Vermelha*, berço primitivo da cidade do Rio de Janeiro, razão talvez porque o governo zombando muitas vezes do seu povo, parece manda-lo *á praia.*

Lá está o formoso *Botafogo*, e o sumptuoso *palacio dos doudos*, o maior, mais elegante, e mais bem acabado palacio do Imperio do Brasil.

Cada nação tem um ou alguns monumentos, que attestão o seu mais profundo sentimento, o seu principal caracter, a sua idéa mais predominante, o seu ponto de vaidade, ou que manifestão o cuidado das suas mais reaes necessidades.

Roma tem a basilica de S. Pedro, que é na terra o throno do catholicismo, e os monumentos das suas ruinas, que ostentão as grandezas do seu passado.

A França tem o Pantheon que imprime o sentimento da gloria, e o hotel dos Invalidos o espirito bellicoso do seu povo.

A Inglaterra tem a Torre de Londres que recorda immensas lições da historia e o poder das tradições, a cathedral de S. Paulo que altêa a influencia do protestantismo, e o palacio do parlamento que magnifíca a soberania da nação.

A Hespanha tem o Escurial alardeando o palacio

convento e a realeza — sempre mais ou menos frade ou freira.

A Russia tem o palacio do inverno em S. Petersburgo, e o Kremlin em Moscou assignalando a omnipotencia imperial.

A Turquia tem o Serralho e no Serralho o harem realçando o despotismo do Sultão, e a escravidão da mulher.

A China tem o palacio do filho do sol, cuja extensão parece um symbolo da vastidão do imperio, e a torre de Nankim com os seus nove andares, cuja elevação symbolisa o parentesco do soberano com o astro do dia, e provavelmente tambem com o da noite.

A Confederação Norte-Americana tem o *hotel de marmore branco* que representa a grandeza e a liberdade do povo, e tem *os palacios das escolas de instrucção primaria*, que são os monumentos, onde alli *se cria* ou se prepara o futuro.

O Brasil tem o seu mais bello e grandioso monumento no palacio da Praia Vermelha, o que claramente está indicando que o paiz conta mais doudos do que homens de juizo.

Ora como no systema representativo o governo é a expressão da maioria, e como o nosso systema de governo é o representativo, e como está indicado monumentalmente que a maioria entre nós se compõe de doudos, segue-se... tirem lá a conclusão os que sabem logica.

Vamos agora passando entre a *Lage* e *Santa Cruz*, e vendo lá em cima a fortaleza do *Pico*, tres fortalezas innocentes, que ainda não fizerão mal á pessoa nenhuma, e nas peças de alguma das quaes já houve gallinha que tirasse pintos!...

Lá está Willegaignon, ninho de hereges, primeiro

ponto de povoação européa, que parece ter deixado na predestinada capital do Brasil o germen dos maleficios de toda especie de heresia.

Volto os meus olhos para o lado direito e lá descubro em seu gracioso retiro a famosa Jurujuba.

— Cmo se chama aquelle sitio encantador? perguntou-me a Xiquinha.

— *Sacco da Jurujuba.*

— Mal escolhido nome, tornou ella; embora o sacco tenha boca e tenha fundo, não desperta senão idéas prosaicas e completamente materiaes: devião antes chama-lo *Seio* ou *Regaço da Jurujuba*, nomes que trarião á mente pensamentos mais mimosos e suaves. Ao menos nestas cousas que não dão nem tirão, podia-se preferir o regaço ao sacco, o seio ao dinheiro.

— Xiquinha, onde você a vê alli tão escondida no seu *Sacco*, a Jurujuba já teve a sua época gloriosa na historia contemporanea da nossa terra. En 1831 sahirão da Jurujuba para a cidade do Rio de Janeiro alguns dos revolucionarios que se pronunciárão no Campo de Sant'Anna, depois da Honra, e, por hora, da Acclamação, na tarde e noite de 6 de Abril: realizada a abdicação de 7 de Abril o Jurujuba foi o typo do patriota exaltado, isto é, o typo dos Paios da época: houve um batalhão chamado dos *Jurujubas*, houve módas á *Jurujuba*, houve muita gente trazendo á cabeça chapéo de palha rudemente tecido por caboclos, que se dizia á *Jurujuba*, houve até um periodico intitulado « *O Jurujuba dos Farropilhas* », que deu pancas, e não respeitou nem o crime, nem a innocencia. Tudo isso já lá vai; ainda porém florescem hoje na scena politica alguns figurões que subirão pelos hombros dos *Jurujubas*, que não voltárão a

cara á alcunha de *farro pilhas*, e que depois de servirem-se da escada, quebrárão os degráos, ajudando outros a atirar com os *Jurujubas* no *Sacco*.

Oh! lá está a cidade de Nictheroy: é a chacara da cidade do Rio de Janeiro: capital da provincia tão perto, e tão á vista da capital do Imperio, ainda é chacara em relação á politica e á administração: é chacara do ministerio, de quem é feitor de chacara o presidente da provincia, pobre coitado, que não póde, que não tem licença de dar um espirro sem vir primeiro á Côrte perguntar ao ministerio, se terá direito a receber — *dominus tecum*. E' por isso que desde alguns annos só por excepção concedem á provincia do Rio de Janeiro algum presidente que possa ou seja capaz de espirrar sem licença e de pensar por si.

Eu não censuro, antes louvo esta pratica; porque ella permitte e facilita ao governo geral despachar presidente para a provincia do Rio de Janeiro a qualquer amigo desasado que não sirva para nenhuma das outras provincias: com o seu quartel em Nictheroy qualquer cabosinho de esquadra póde ser capitão-mór: um homem quasi analphabeto faz alli o mesmo que o maior sabio: é uma provincia como não ha duas; é o mais suave ninho presidencial dos filhotes que não furão parede: basta que o filhote saiba materialmente assignar o seu nome: o mais é simples; quando o *pequeno* quer espirrar, vai á Côrte.

E dizem os gaiatos que *capenga não fórma!* fórma: na presidencia da provincia do Rio de Janeiro até os capengas fórmão: é uma presidencia museu: alli entra toda especie de raridade burlesca: ha só um impossivel, é que um filho da provincia, um homem que conheça e ame a provincia seja lembrado para presidi-la.

O paquete não pára, e não dá importancia alguma ás minhas sábias observações que só a Xiquinha escuta pacientemente.

Eis alli o *Arsenal de Guerra* á nossa mão esquerda, dominando a ponta do Calabouço ; este aresnal tem dado que fallar aos abelhudos e impertinentes zeladores dos dinheiros publicos: é voz corrente que nas proximidades delle frequenta o mar um méro faminto e insaciavel que devora quanto póde apanhar: asseverão-me que é um méro que come desesperadamente e nunca deixa de ter fome, e ouvi dizer que o governo atropelado pelos abelhudos e impertinentes, empenha-se em querer pesca-lo: não sei se ha allegoria na historia: se ha, protesto contra a resolução do governo: convença-se elle de uma grande verdade da nossa escola: em taes casos finge-se não entender a allegoria, manda-se pôr anzol e rêdes no mar; verdadeiro mar para pescar o peixe, e deixão-se em paz os méros e os merotes que nadão e comem em terra.

Ora que tolo sou eu! estou querendo ensinar o padre-nosso aos vigarios!

Não tenhão receio: os méros e os merotes do arsenal e dos arsenaes sò serão pescados, se não fôrem filhotes.

E finalmente o paquete deu fundo, lançou a ancora, parou; chegamos!

E onde havia de lançar a ancora o paquete que me trouxe de volta ao seio da patria?...

Oh! presagio afortunado e animador! oh annuncio de prodigioso futuro politico! eu te bemdigo!

O paquete parou, deu fundo quasi juntinho á *ilha dos Ratos!*

CAPITULO VI

Em que a Xiquinha e eu vamos de passeio e visita á minha provincia, que não digo qual seja para não perder o direito de haver nascido em mais duas ou tres: deixo por breves dias a capital do Imperio sem declarar quando cheguei a ella, porque não quero offender a sábia doutrina dos partidos impessoaes: somos recebidos e despedidos em triumpho pela gente da nossa terra, onde fica ainda em gozo de alforria o *ruço-queimado;* chegamos de novo á cidade do Rio de Janeiro, e vamos provisoriamente morar no Club Fluminense, das janellas do qual vejo mais do que se póde suppôr : estudo a situação politica do paiz, e sem mais véos nem reservas denuncio quem erão então os ministros de estado, e encho de luz o quadro dos negocios publicos do Brasil nesse tempo.

Immediatamente depois da nossa chegada ao Rio de Janeiro, gemêrão os prélos das folhas diarias, saudando o acontecimento em artigos encomiasticos que elevárão a mim e a Xiquinha ás maiores alturas, de modo que nos theatros que frequentamos, merecemos a honra dos binoculos do respeitavel publico, e nos passeios a gloria de nos apontarem com os dedos.

Não preciso dizer que os artigos forão todos escriptos por aquelles meus excellentes amigos que nunca existirão. Os latinos dizião « *amicus est alter ego* »: eu penso melhor que os latinos: *amicus mei solus ego.*

Não era possivel que nos demorassemos na capital, onde aliás deviamos em breve estabelecer-nos: o interesse do meu futuro politico me impunha a necessidade indeclinavel de ir visitar e festejar os dous padrinhos de casamento, os nossos pa-

rentes, e as influencias do districto eleitoral; partimos pois eu e a Xiquinha a cumprir esse dever.

E' um dever massante, onerosissimo, enfadonho! ter um homem como eu de fazer boa cara, cortezias, de ouvir, de fallar, de agradar a todos aquelles rudes e desageitados roceiros! mas que remedio? é indispensavel contemporisar: não se apanhão trutas á bragas enxutas. Ah!... no dia em que me apanhar senador que pontapé darei em toda aquella gente! Não tirarei mais o meu chapéo a nenhum eleitor.

E partimos para a provincia.

Ha duas cousas que, por ora, eu não digo, nem que m'o peção de joelhos: é o mez e anno em que cheguei da Europa, e o nome da minha provincia.

A razão deste duplo segredo vou agora manifestar.

Não digo, por ora, o nome da minha provincia; porque me reservo o direito de me proclamar natural de qualquer das provincias do Imperio, seguindo o exemplo de alguns politicos ladinos, que tem mudado de berço provincial por duas e tres vezes. Se me obrigassem a declarar já de que provincia sou, erigia-me em Fluminense; porque a provincia do Rio de Janeiro é como a Santa Igreja, mãi de todos os que querem ou fingem querer pertencer a ella: e boa mãi adoptiva que ella é!... despreza até os filhos pelos engeitados: não parece irmã da Bahia.

Não tenho certeza, mas acredito que fui baptisado: como porém não se encontra o assento do meu baptismo, conto com este feliz recurso para sustentar que nasci na provincia que me fizer mais conta, e assim procedo muito bem; guardando cautelosamente este meu segredo.

E tambem hoje em dia no Brasil está banido o máo

costume de inquirir a alguem sobre a sua procedencia, ou sobre o lugar donde sahio; porque tanta gente de *Saquarema* tem-se mudado para *Santa Luzia*, e vice-versa, que ninguem mais se anima a offender as conveniencias, expondo-se a fazer perguntas indiscretas.

Quanto á época da minha chegada da Europa, *chiton ainda mais absoluto:* darei facil meio de determina-la, a quem a adivinhar no rapido esboço da situação politica do paiz, trabalho que executarei logo depois da minha viagem á provincia.

Menção franca do dia, mez, e anno da minha volta do *velho mundo*, e do meu desembarque no Rio de Janeiro, fôra a denuncia e declinação dos nomes dos ministros desse tempo, e das influencias reguladoras ou presumpçosamente suppostas-reguladoras da situação, e impossivel se tornaria para mim escrever com inteira liberdade e sem o perigo de quererem descobrir em minhas apreciações, e em minhas idéas censuras, recriminações e indirectas á pessoas determinadas: nessa não cahe o *Sobrinho de Meu Tio* que fez voto de viver bem, e de viver mal com estes, aquelles, e aquelles outros, conforme as conveniencias e as circumstancias, que ainda espero que se pronunciem para mim.

Esta reserva relativa *ás pessoas* está muito de harmonia com os meus sentimentos politicos: eu admiro e sigo o principio dos *partidos impessoaes*, partidos cuja metaphysica sublime ensina áquelles que os seguem a não vêr nem considerar devidamente homem algum por mais legitimo e antigo representante que seja das idéas desses partidos, cada um de cujos membros fica por isso mesmo com o direito de vêr só e exclusivamente a sua propria pessoa, o *seu eu;* pois

que a ninguem é dado deixar de vêr ou de sentir a si mesmo.

Se este não é o meu partido, o legitimo partido da minha escola, não entendo as cousas deste mundo.

Vejamos se elle é ou não é o meu partido, estudando às consequencias que o sapientissimo principio é susceptivel de produzir em beneficio de um ambicioso, como eu.

Vá por hypothese.

Pertenço a um partido politico que tem chefes antigos, tradicionaes, provados nas lutas, na adversidade, e conhecidos pelos seus serviços: eu quero subir depressa ás maiores alturas sociaes, e alguns desses chefes me embaração o caminho, porque naturalmente estão adiante de mim: que faço eu? ataco os partidos pessoaes, desconheço a importancia, a significação dos generaes do exercito; simulo culto exclusivo ás idéas, finjo não comprehender que um chefe de partido, que o dirige, que falla em nome delle, não representa, não symbolisa, em quanto é leal, o partido que aliás commanda: esmerilho o passado, a vida, as acções, os actos desses capitães politicos: são homens, devem ter commettido erros, olvido as suas virtudes e actos de dedicação, elevo seus erros á crimes, adubo esta apreciação com cincoenta ou cem aleives, proclamo e grito contra os taes capitães, reduzo-os a cabos de esquadra, engano os inexpertos com a ostentação da pureza e da severidade dos meus principios, junto aos inexpertos que seduzo quantos famintos pedem comer, e estão promptos a servir-me e auxiliar-me com a esperança de fazer carreira productiva, e por fim de contas empurro para o lado, por algum tempo ao menos, os chefes que estavão no

caminho, e vou arranjando a minha vida em nome das idéas, e dos partidos impessoaes.

Que dizem a isto? haverá cousa ou bicho mais *pessoal* do que o politico que se declara propugnador dos partidos *impessoaes?*

Ah, Talleyrand, Talleyrand! como tu eras profundamente sabio quando defnias a palavra !

Realmente nã ha, não póde haver pessoa mais engraçada do que um homem impessoal! é um homem epicenatico (admittão o adjectivo), um epiceno humano que não enxerga, senão o seu eu, e que até casar-se-ia comsigo mesmo (tal é a sua paixão por si proprio!) se achasse bispo, que lhe désse licença, e padre que lhe recebesse os votos.

Eu sou dos *partidos impessoaes ;* porque não conheço nenhum que aproveite mais ás pessoas, e por consequencia não digo, e não direi, em que dia, em que mez, em que anno cheguei de volta ao Brasil para não entender com *pessoa* alguma.

A nossa visita á provincia foi curta e animadora : achamos minha tia e sogra de perfeita saude, e promettendo viver ainda longos annos, o que não me preoccupou, porque era uma pobre senhora que morresse quando morresse, não tinha fortuna que legar.

O *ruço-queimado* estava no pasto, e em pleno gozo de alforria, em que nem por isso engordava : era sempre o mesmo caixa d'ossos, comendo muito e sempre magro, sempre cavallo immodificavel, sempre eloquente analogia politica !

Quando voltamos para a capital do Imperio, não trouxe comigo o *ruço-queimado* sómente em attenção á despeza que me custaria.

Lembrou-me por alguns momentos trazê-lo, e provocar uma corrida com aposta a favor do cavallo que

corresse menos e chegasse ao ponto em ultimo lugar; abandonei porém a idéa, receiando que algum administrador de obras publicas se inscrevesse para contender com o *ruço queimado* : não quiz expôr-me a que o ministro da repartição respectiva se coroasse indirectamente com os louros, que conquistaria o administrador, seu afilhado.

Os padrinhos do meu casamento derão-nos banquetes, e bailes em que a Xiquinha primou : houve delirio por ella, e manifestações enthusiasticas pela minha candidatura a deputado da assembléa geral, que desde logo annunciei com estudada modestia, mas com toda a firmeza, que me foi possivel mostrar.

Os artigos publicados nos jornaes tinhão-me precedido, e produzírão o seu effeito; fui recebido com orgulho pelos roceiros da minha terra, que engolírão innocentemente o opio que eu lhes havia preparado; e quando me retirei da provincia, um esplendido cortejo de amigos, e de enthusiastas, que me adoravão como dez, e como cem á Xiquinha, acompanhou-nos até ao lugar, onde embarcámos.

Adeos, até outra vez, pobres instrumentos da minha calculada elevação ! Adeos ! E' provavel que eu continue ainda por muito tempo a explorar a mina da vossa credulidade : quando, d'aqui a quinze ou vinte annos eu entrar para o senado, e me conhecerdes então, não maldigaes de mim, porque eu sou tal e qual a muitos outros que lá estão na vitalicia, cumprindo o seu glorioso dever de servir sempre á vontade de todos os governos, e de esquecer e desprezar a origem, donde sahirão.

Durante a viagem, que não me é licito declarar se foi breve ou longa, a Xiquinha e eu discutimos e resolvemos todas as questões relativas ao nosso esta-

belecimento na cidade do Rio de Janeiro; entendemos, porém, que era prudente começarmos por habitação provisoria antes de chegarmos á habitação permanente.

O bairro onde se mora decide muito do circulo em que se vive, e esta questão de circulo é das mais importantes para um homem que pretende apresentar-se candidato na primeira eleição.

Na escolha da habitação provisoria coube á Xiquinha a gloria de provar-me ainda uma, porém não a ultima vez, a sua perspicacia e sagacidade.

Tomámos commodos e sufficientes aposentos no *Club Fluminense.*

A casa e os costumes da casa prestavão-se perfeitamente a todos os nossos calculos e disposições : em poucos dias conquistei alli numerosas relações, e com ellas as chaves que me abrião as portas da alta sociedade e da sociedade politica do Rio de Janeiro : a Xiquinha alegre, espirituosa, expansiva, bella e habil começou a causar delirio, sem comtudo arriscar-se a compromettimento algum : deixava que lhe fizessem a côrte; mas só até o limite que a honestidade permitte. Estavamos em mar de rosas, que é o mar das esperanças.

Para mim principalmente a casa tinha uma condição como que providencial : a casa do club é uma casa que tem duas frentes ou duas caras : das janellas de uma eu via a *Praça da Constituição;* das janellas da outra eu espiava a *Policia.*

A *Constituição* estava ou está na praça e a *policia* na rua vizinha; duas inimigas morando tão perto!...

No meio da *Praça* ergue-se a monumental estatua equestre do fundador do Imperio : ornão as quatro faces principaes do pedestal octogono, grupos de

Indios admiravelmente executados; mas os Indios não dão idéa de comprehender o que se passa por cima delles : são exactamente a imagem do povo brasileiro.

O cavalleiro, o heróe, tem o braço direito alçado, mostrando ao povo a *Constituição do Imperio*, que se ostenta no ar : quererá isso dizer que a *Constituição* é cousa aérea, e que deve estar sempre suspensa? Não desejo calumniar o pensamento do estatuario; mas, se o pensamento foi esse, Mr. Luiz Rochet é sabio.

Tenho receio de incorrer em sérias inconveniencias, estendendo mais a descripção da *Praça da Constituição*, lembrando a sua historia antes de ser *Largo do Rocio*, depois que passou a *Largo do Rocio*, e finalmente quando chegou aos seus famosos annos de *Praça da defunta* : foi Campo, foi Largo, e é Praça : quando era *Campo* teve a gloria de uma força; quando passou a *Largo* teve a nobreza de um *Pelourinho de açoutes*, quando chegou a *Praça* teve as honras de uma especie de cemiterio, porque lhe derão por nome uma especie de epitaphio no nome de uma defunta.

Foi um Campo, foi um Largo, e é uma Praça que encerra mil recordações historicas : vio a morte de um heróe no patibulo, vio as torpes vergonhas dos açoutes, vio *bernardas*, tres incendios de um theatro, rusgas e muitas cousas mais. E' um lugar cheio e rico de reminiscencias.

Se um dia me der na cabeça estudar, hei de escrever a historia do Campo do Rosario, Largo do Rocio, e Praça da Constituição.

Agora tenho cousa melhor a fazer : estou escrevendo as minhas *Memorias*, e não fallarei mais na Praça da Constituição.

Empreguei os dous primeiros mezes que passei no Club Fluminense a ler e a estudar os Annaes da camara e do senado e as gazetas politicas dos ultimos annos, a consultar e a ouvir a todos sobre os acontecimentos, as idéas, e os homens do mundo politico; mostrei-me ainda mais ignorante do que sou, relativamente aos negocios publicos, e no fim dos dous mezes mandei vender os Annaes e os periodicos á confeitaria vizinha; porque tinha já comprehendido perfeitamente a situação do paiz, e adoptado o partido que me convinha seguir.

Vou, pois que é impossivel deixar de fazê-lo, denunciar quem erão os estadistas que achei no poder, chegando ao Brasil de volta da Europa e descrever em breves, mas fidelissimos traços a situação das cousas publicas.

Governava o Estado um gabinete composto de sete ministros, cujos nomes esqueci completamente; mas que todos podem adivinhar quaes erão pelos seguintes signaes caracteristicos dos excellentissimos.

A parte as differenças determinadas pelo maior nariz de um, pela calva mais lustrosa de outro, pelas grandes orelhas deste, pela enorme barriga daquelle, os sete ministros que achei no poder, parecião irmãos gemeos dos sete que os tinhão precedido, e promettião ainda ser muito parecidos com os sete que havião de subir depois delles ao governo.

Vestião fardas bordadas de ouro, andavão farofando de carro com ordenanças e correio atrás; tinhão officiaes de gabinete e tratamento de excellencia, brigavão uma ou duas vezes por semana nas conferencias, e fazião as pazes uma ou duas vezes por semana no Paço.

Assignavão os expedientes das secretarias, fazião

nomeações de empregados, distribuião pela gente da sua roda os cargos publicos, dizião em segredo áquelles a quem faltavão com os despachos promettidos *que infelizmente os ministros no Brasil precisavão ter mais liberdade de acção;* protestavão que as circumstancias do paiz erão muito embaraçosas, e que a opposição era facciosa e culpada da esterilidade do governo; rião-se de quem lhes fallava do futuro, e não adiantavão idéa.

Mentião cem vezes por dia : faltavão a palavra dada cem vezes por mez; adoravão as pastas, acordavão de noite sobresaltados, sonhando com crises ministeriaes, e juravão a todas as horas que estavão fazendo votos ao céo para se verem fóra das cadeiras de Procusto onde se vião atados.

Asseveravão que lhes faltava o tempo para o desempenho de todos os seus deveres e para attender a todos os assumptos da administração e que não tinhão socego, nem consolações; mas não perdião banquete, nem baile, não sentião fastio, palestravão com os amigos até alta noite, os amantes da scena frequentavão os theatros e não ião ao *Alcazar Lyrico* sómente pelo receio de alguma pateada.

Uns erão senadores, e outros deputados : os que não erão senadores e contavão quarenta annos, pensavão em sê-lo, e informavão-se caridosamente do estado dos vitalicios doentes; e os que ainda estavão longe do oitavo lustro, fazião estudos profundos sobre a theoria e a pratica das compensações.

Todos os sete, poucos mezes antes, na opposição ou mesmo na maioria ministerial, tinhão fallado muito em Constituição, systema representativo, e liberdades publicas, mas entrados para o ministerio

fizerão da primeira — petéca, — do segundo — phantasmagoria — e das terceiras — palitos.

Eis aqui os mais pronunciados signaes caracteriscos dos sete ministros, que, chegando da Europa, achei governando o Brasil.

Sem declinar os nomes destes sabios estadistas ou os leitores das minhas *Memorias* devem immediatamente reconhecê-los e aponta-los todos um por um, ou a duvida e a disputa servirão sómente para provar que os padres são muitos; mas que o breviario é para quasi todos esses reverendos *um só*.

E na hypothese provavel da segunda ponta do dilemma, quem tem razão sou eu, que não acredito na *cousa*, e trato de arranjar a minha vida sem me importar com honra, virtude, e dedicação á patria, tres estupidas atrapalhadoras do conseguimeuto das grandezas sociaes e politicas.

E o senhor Brasil não se vexe nem se envergonhe destas miserias humanas; porque lá pela Europa civilisada o que eu ví, foi isto mesmo, salvas impertinentes excepções que felizmente não abundão.

Lá tambem a adulação é escada segura, a mentira é dogma para os ministros, a traição é recurso que aproveita, e a desmoralisação substitue perfeitamente á forca de Richelieu, ao *quero* de Luiz XIV, á guilhotina de Robspierre et cœtera.

Entre parenthesis : o et cœtera com que rematei o precedente periodo, completaria, mas deixa encapotado o meu pensamento para livrar o governo do meu paiz de alguma questão internacional, de que venha a sahir, como tem sahido de outras, isto é, pagando sempre as custas do processo.

Já denunciei o mais claramente que licito me era, os nomes dos sete ministros, a quem saudei, chegando

no Brasil : agora vou expô-los ainda com transparencia mais patente aos olhos de todos, descrevendo em ligeiro quadro a situação politica que comprehendi e apreciei logo com criterio magistral.

O Brasil continuava no posição astronomica marcada pelos geographos, e no gozo perfeito e afortunado dos beneficios do calor e da humidade.

O governo era, como d'antes, monarchico, hereditario, constitucional, representativo, conforme está escripto no art. 3º da Constituição, e se ensina nas academias juridicas de S. Paulo e Pernambuco.

A politica do ministerio tinha maioria na camara, e a opposição jurava que a maioria da nação era contraria ao ministerio.

O gabinete encerrára a sessão legislativa sem haver feito passar o orçamento annual, e por isso estava sendo muito censurado pelos ultimos e penultimos ex-ministros, que do mesmo modo tinhão governado o paiz, dispensando essa recommendação essencial da defunta.

Não havia ministro, senador, deputado, jornalista, simples cidadão que não se enthusiasmasse, fallando do seu partido, e todos tambem se occupavão de uma cousa que chamavão reorganisação dos partidos.

Havia sempre na esphera politica dous pólos oppostos; mas a esphera andava sem eixo, e no anno em que cheguei ao Brasil, como acontecêra nos anteriores, e havia de acontecer nos proximos futuros, erão poucos os astros fixos e luminosos, e muitos os errantes e opacos que a viajar assemelhavão-se ás andorinhas.

As frotas movião-se e misturavão-se sem bandeira, e nò meio dellas vagavão duzias de navios piratas disfarçados.

Fallava-se muito e fallavão todos ao mesmo

tempo; mas ninguem se entendia; porque na maior parte dos falladores cada um tinha o seu patuá, e a menor parte não conseguia fazer-se comprehender, teimando em exprimir-se em portuguez.

Estavão em moda tres questões principaes :

Regeneração do systema representativo, pobre soneto com versos de pés quebrados de que cada qual por sua vez mostrava os defeitos, e subindo ao governo, apresentava emenda peior que o soneto.

Questão financeira, problema em resolução consecutiva e que se resolvia, mudando-se de systema e de escola economica de seis em seis mezes.

Emancipação de escravos, gato em cujo pescoço não se amarra facilmente o guizo : nó gordio que em meu parecer deve cortar-se de um golpe; porque eu já vendi todos os escravos que me couberão na herança de meu Tio.

A situação politica do paiz definia-se, distinguia-se, pronunciava-se evidentemente por outros signaes que assim como os que acabo de esboçar, não a deixão confundir com outra qualquer.

Eis alguns :

Os que estavão de cima não querião descer, e os que estavão em baixo querião subir : d'ahi provinha uma gritaria infernal.

A esphera rolava ás tontas :

Aos pólos já faltava attracção :

Os astros errantes transtornavão todos os calculos :

O numero dos *cometas* crescia a olhos vistos :

A terra tornára-se satellite da lua, e no mundo da lua se achava; mas a maldita lua estava em permanente e dupla phase mingoante; porque mingoava o dinheiro e ainda mais o juizo :

Mas ainda assim se para os tolos havia em cima

sómente enormes trabalhos a vencer, havia para os ambiciosos por vaidade bonitas farofas a fazer, e para os homens de juizo, a quem a canalha chama *ganhadores*, sempre o *pão-de-ló* a cheirar :

A opposição fallava em reformas liberaes, o ministerio declarava-se ainda mais liberal que a opposição, e o povo continuava como d'antes e como depois, a vêr as reformas liberaes, e a pratica da Constituição por um oculo, que no lugar dos vidros tinha baeta preta.

Em summa para de uma vez e de um só traço daguerreotypar a situação, determinando a sua época, o seu mez, o seu dia, mostrando os seus directores, os ministros de então com os seus nomes e sobrenomes, e com as suas caras naturaes, digo tudo em duas palavras :

A situação politica do Brasil no anno, mez, dia e hora em que desembarquei no Rio de Janeiro, de volta da Europa, *era um grande embrulho a desembrulhar que cada vez se embrulhava mais.*

Tão claro como isto só noite de tempestade.

Era uma situação *embrulho*, a mais favoravel e auspiciosa de todas para quem, como eu, está resolvido de pedra e cal a explorar a mina inexgotavel da politica em proveito não só da patria, mas do seu *eu.*

Oh embrulho! embrulha-me em ti, e desembrulha-me em alguma productiva e suave posição official!

Oh patria! eu confesso que sou a prosa personalisada; hoje porém adoro-te, como em noivo adorei a Xiquinha pelos encantos da terça deixada por meu Tio, e empenhado em casar-me tambem comtigo pelo dote que me podes trazer, peço de emprestimo a um dos teus melhores poetas dous versos para te demonstrar a natureza e as proporções do meu amor!

Oh patria! eu te digo como o Caldas *(de ouro)* fez Pygmalião dizer a Galatéa :

« Convence-me em ternos laços,
« Que eu e tu somos só *eu.* »

Embrulho! embrulha-me em ti com a condição de me desembrulhar convenientemente!

Comprehendi a situação politica do meu paiz : é sem tirar nem pôr a mesma em que o deixei em 1855.

Embrulho sempre, e cada dia mais embrulhado.

Estou esclarecido e vou entrar em scena.

Xiquinha ! repito as palavras propheticas, que me disseste :

Agora — rêde ao mar!

CAPITULO VII

Em que começo por abençoar a moxinifada politica, passo á apresentar a nova theoria das candidaturas á deputado, e dou conta dos titulos e fundamentos importantissimos da minha candidatura: em resultado de uma longa conferencia com Xiquinha, entro em scena pela porta da imprensa, publicando a *Espada da Justiça*, que produz effeito maravilhoso: deixo, a pezar meu, de receber patrioticas inspirações sahidas dos fundos secretos da policia por culpa da Xiquinha, que me faz assim representar o papel de *Catão* de mascara, e experimentar o martyrio de Tantalo; fallo dos visionarios da imprensa livre, mostro quanto soffrem os namorados leaes da filha de Guttemberg, e concluo dizendo as duas cousas que nunca serei, mas reservando-me o direito de fingir-me uma dellas, quando me fôr preciso.

Eu não conheço no mundo paiz como o Brasil, onde se falle mais em partidos politicos, e onde menos se fação sentir os partidos politicos na governação do Estado.

Ouvi dizer, quando estive na Europa, á um francez velho que fôra discipulo de Benjamin Constant, que os partidos politicos erão para o systema representativo o que são as arterias e as vêas para o coração do homem; como porém pertenço á escola que comprehende a vida do homem politico dirigida ás vezes pela cabeça, sempre pela barriga e nunca pelo coração, applaudo muito o facto de não se osbervar em minha patria a doutrina do discipulo de Benjamin Constant.

O tal velho francez, apezar de francez, apontava como exemplos da sua lição os governos da Ingla-

terra e da Belgica, onde, segundo elle, ha mais moralidade politica, exactamente porque alli fielmente se observa a condição essencial do systema representativo, isto é, o governo franco e leal dos partidos legitimos.

A isso respondo eu com duas poderosas observações: primeiramente se assim é, tanto melhor para mim no Brasil, pois não tenho lucros a tirar, nem posições a conquistar com as absurdas theorias da moralidade politica; e em segundo lugar, onde não ha, elrei o perde: se o Brasil não tem partidos politicos legitimos, o remedio é arranjar o seu systema representativo sem elles e dar graças a Deos por ter vida constitucional de comedia em vez da realidade constitucional.

Asseverão-me que o Brasil já teve partidos politicos legitimos, vivazes, e activos, succedendo-se no poder e tão pujantes e arrojados que no ardor das lutas chegárão á maior violencia, um no provocador excesso da oppressão, outro no excesso illegal da reacção, e quer em um quer em outro caso tomando os respectivos chefes toda a responsabilidade dos mais graves compromettimentos.

Eu não ponho em duvida essa historia do passado, em que tanto abundárão os tolos com a mania das crenças, das convicções do culto dos principios, e dos sacrificos pessoaes pelas idéas dos seus partidos; mas o que a historia do tempo em que começo a florecer, me ensina, é que *aguas passadas não móem moinho.*

A verdade é que felizmente para os egoistas e especuladores politicos, entre os quaes me desvaneço de contar-me, não ha desde muitos annos partidos legitimos governando franca e lealmente o Estado, ha successivamente no poder uma poly-pharmacia de

homens que não podem decentemente entender-se, de idéas que não se combinão, de aspirações que se repellem, embroglio politico que faz as delicias dos egoistas e especuladores e por consequencia a fonte aberta da immoralidade politica, fonte para mim dulcissima, onde hei de beber, beber, e beber até a saciedade.

As causas determinantes desta feliz e proveitosa falsificação do soho poetico do systema representativo do Brasil hão de ser estudadas profunda e sinceramente em um dos seguintes capitulos das minhas *Memorias*, dizendo-se então tudo quanto é verdade em portuguez claro em signal de gratidão aos arranjadores deste glorioso desconchavo, de que espero tirar o maior proveito.

Patenteei a moxinifada governamental, a debandada dos partidos, a mistura incombinavel de homens e de idéas, a situação provisoriamente permanente, em que uns se illudem, outros especulão, e todos, quantos não se illudem, nem especulão, todos, se precipitão ou andão ás tontas; patenteei tudo isso em poucas palavras com o fim preciso e positivamente determinado de tirar a *estes e áquelles* o direito de dar ás minhas *Memorias* o caracter da sua autonomia politica risivelmente ostentosa.

Não quero, não admitto que alguem se supponha com direito a dizer que as *Memorias do Sobrinho de Meu Tio* são a satyra deste ou daquelle partido: porque tratão de um periodo em que predominou no governo este ou aquelle partido.

Menos essa. Não hei de levantar semelhante aleive a partido legitimo nenhum.

O que eu tenho visto e espero ainda continuar a ver, é o mais feliz e engenhoso jogo do *ahi vai o pa-*

pelão politico, em que *ahi vão-se* succedendo no governo series de homens antigos e novos, que jurão, protestão ser de familia differente dos antecessores e successores, e que entretanto são todos irmãos gemeos, fallão todos a mesma lingua, tem todos os mesmos sestros, fazem todos a mesma cousa e até se parecem perfeitamente uns com os outros naquillo que lhes falta; porque poucos delles tem religião de principios, firmeza e lealdade de crenças, amor do poder pelas idéas, e desapego do poder pelas suas individualidades.

Convenho em que haja excepções (rarissimas) desta regra: mas taes excepções são notas desafinadas no grande côro do egoismo.

Nada tenho pois que entender com os partidos legitimos que são almas do outro mundo, bananeiras que já derão cacho, para fortuna minha e de muitos: nem haveria hypothese em que eu me prestasse a servir á causa de qualquer delles : sobretudo nunca me sujeitaria a ser considerado *liberal* por mais de seis mezes; preferia antes ficar viuvo da Xiquinha.

Ainda bem que acho-me livre desse perigo: a situação é como devia ser sempre favoravel, propicia aos arranjos da vida e foi por isso que me resolvi a lançar *a rêde ao mar,* porque tenho quasi certeza de abundante pescaria.

A perspectiva de uma eleição geral a effectuar-se em breve prazo acariciava o mais suave e lisongeiro dos meus sonhos.

Eu já era dentro de mim mesmo candidato á deputado da assembléa geral, embora não soubesse por qual districto de qual das provincias do Imperio: este ultimo problema devia ser resolvido pela *opinião publica* manifestada na designação do meu nome por

algum ministro ou por alguma notavel influencia ministerial.

Eu já tinha alguns titulos importantes e fundamentos consideraveis para a minha candidatura.

Pensão alguns velhos do tempo em que os deputados e senadores ião de casaca ás sessões das camaras, e alli ficavão em suas cadeiras ouvindo, e deliberando desde as dez horas da manhã até ás duas da tarde, que para um cidadão brasileiro se apresentar candidato á deputado, deve antes ser conhecido do povo eleitor pelos seus estudos e pratica dos negocios do Estado, pelos seus serviços ao paiz, pela sua instrucção e capacidade de desempenhar o grande mandato politico, e emfim pela sua probidade, e pela sua moralidade.

Pois vão com essas hoje em dia ! pratica tão insensata só podia ser tolerada nos tempos revolucionarios, vergonhosos, em que o povo, a ignobil patuléa era quem realmente elegia os eleitores, que realmente elegião os deputados.

Agora não; agora e desde muitos annos o systema representativo civilisou-se, e a moda parlamentar, e a moda eleitoral são outras.

Agora são os delegados e subdelegados de policia, e os chefes da guarda nacional que elegem os eleitores em nome da ignobil patuléa, que ou se submette, ou é recrutada e apanha pancadas, e são os ministros, os presidentes de provincia, e os chefes de policia que elegem os deputados em nome dos eleitores, quer elles queirão, quer não; porque ao governo sobrão os meios de fazer querer contra a vontade.

Agora os senadores e deputados apresentão-se de paletot e quasi de nizia com abas ás sessões das suas camaras, e especialmente os deputados, depois do acto

de presença, vão ás duzias matar o tempo das sessões, comendo pasteis, e adorando as moças na rua do *Ouvidor.*

E eu entendo que assim mesmo é que se deve praticar; porque o *pastel* que se come, representa perfeitamente o mandato legislativo, e a moça que se namora por passatempo é a melhor imagem da *patria,* a quem se fazem cumprimentos, e logo depois se deixa no olvido.

Consequentemente a theoria das candidaturas á deputação tambem se reformou profundamente, e a sua moda é hoje outra, e bem diversa, variadissima, e portanto impossivel de se especificar em todas as suas variedades.

Contentem-se os leitores das minhas *Memorias* com uma especie dessa moda de mil especies, com o exemplo das bases sérias, legitimas, patrioticas, e grandiosamente politicas da minha candidatura em problema; contentem-se, e fiquem certos de que, como eu, ha muitos que têm sido candidatos, e felizes candidatos assim.

Os titulos importantes, e fundamentos consideraveis da minha resolvida candidatura a deputado da assembléa geral legislativa ainda não sei por qual districto de qual das provincias do Imperio, erão já os seguintes:

No dia anniversario natalicio do filho mais velho do ministro da... eu no meio do banquete festivo improvisei um soneto, que me custára dez mil réis que paguei a um sempre inspirado negociante de versos, o qual vaticinou ao *nhônhô* um brilhante futuro igual ao de seu pai, e por signal que o soneto acabava com o verso de Camões: « *Que de tal pai tal filho se esperava !* » Cumpre-me declarar que ouvindo o meu

improviso, o pai do nhônhô fez uma careta de sensibilidade, a mãi desatou a chorar, e o nhônhô, mais ajuizado que ambos, provocou a hilaridade da numerosa companhia, gritando: « aquillo tudo é mentira, papai! »

Havia perto de um mez que eu estava adulando uma das principaes e mais vaidosas influencias da situação: apenas lhe ouvia a mais insignificante trivialidade, ficava diante della em contemplação: mostrava-me adorando esse homem como se elle fôra um Cicero em eloquencia, um Aristoteles em sabedoria, um Catão em patriotismo austero, e até repetia muitas vezes que lhe achava no rosto extraordinaria parecença com os retratos de Malesherbes que eu vira em Paris.

Incumbi-me de comprar uma parelha de cavallos de tiro para o carro de um personagem muito considerado pelo ministerio, e, comprando-os admiraveis, dei-os á S. Ex. por metade do preço que me havião custado, o que me trouxe em consequencia uma série de encommendas que me arrasárão um terço do meu rendimento daquelle anno.

Além disto e de outros fundamentos menos poderosos accrescião ainda dous titulos concurrentes e de significação muito preciosa.

A Xiquinha era em todos os bailes o par effectivo na primeira quadrilha da excellentissima influencia, de quem eu me tornára agente de compras baratas.

E ainda a Xiquinha, muito amiga da excellentissima senhora do ministro da..., aos annos de cujo filho eu improvisára o meu soneto de dez mil réis, era a conselheira do seu toilette, e chegára até a corrigir não sei que imperfeições de um vestido que aliás sahira das mãos prestigiosas de Mme... franceza.

Com taes titulos, com semelhantes fundamentos da mais alta politica era impossivel que a minha candidatura á deputado da assembléa geral legislativa não fosse adoptada com enthusiasmo por aquelles muito illustres e provaveis fazedores de deputados.

Por consequencia eu podia *decentemente* calcular para o bom resultado da minha candidatura com tres abundantes, riquissimas fontes da opinião publica:

Com o ministro aos annos de cujo nhônhô eu improvisára o meu soneto, e cuja senhora tinha por directora ou conselheira do seu toilette a Xiquinha.

Com a importante influencia politica da situação, a quem eu adulava sem vergonha nem consciencia, achando-lhe até no rosto parecenças com os retratos de Malhesherbes, os quaes eu nunca tinha visto.

Com o personagem muito poderoso, de quem eu me havia feito o comprador barato e com quem a Xiquinha dançava a primeira contradança em todos os bailes.

Erão tres esperanças, tres escóras: que me falhasse uma, duas erão até de mais: que me falhassem duas, uma me bastava para o pronunciamento ardente e enthusiastico da *opinião publica* em favor da minha candidatura.

Mas desde o primeiro dia, e a primeira hora em que pude apreciar a intelligencia superior da Xiquinha, tinha-me habituado a não tomar resolução alguma sem ouvir-lhe os conselhos.

Pensando no futuro, o homem reflecte, a mulher adivinha.

Eu já havia demittido de conselheiro o meu travesseiro : a Xiquinha tomára o lugar da minha nympha Egeria, e tinha o direito de toma-lo ; porque era um

abysmo de sabedoria, e um milagre no calculo das conveniencias.

Antes de lançar a *rede ao mar*, em uma bella manhã precursora de um dia sereno e aprazivel, convoquei o meu conselho de estado, isto é, chamei a Xiquinha a conferenciar comigo.

— Xiquinha, penso que é tempo de cuidar muito seriamente da nossa candidatura a deputado da assembléa geral.

— Da nossa? perguntou-me ella sorrindo.

— Sim; o candidato serei eu sómente; mas o negocio e os lucros serão da firma *Sobrinho de Meu Tio e C.ª*, e sabes que não tenho e nem quero ter outro socio que não seja a minha bella e querida Xiquinha.

— Pois sim... seja nossa a tua candidatura.

— Dizia-te que a campanha eleitoral se approxima e que me parece não dever adiar a minha apresentação.

— Eu o creio tambem.

— Por consequencia desde hoje mãos á obra:

— Como?...

— Julgo que deves dizer duas palavras á tua amiga, mulher do ministro...

— Esta noite devo levar-lhe os ultimos figurinos que me chegárão de Paris.

— Optimo! atira-lhe com a minha candidatura no meio de algum penteado moderno, e dentro do corpinho do vestido mais elegante, porque assim lhe ficará ella em cima da cabeça e perto do coração.

— Só?...

— Não: sou de parecer que digas tambem não duas, mas quatro palavras ao teu par indefectivel das primeiras contradanças.

— Amanhã é dia de reunião em casa do barão de...

— Excellente! pódes fazer-me deputado em um *tour-de-main*.

— Em um *passeio* é mais logico.

— Pois passeia.

— E você, primo?

— Eu vou nestes dias ver o que me podem render o soneto que improvisei, as compras baratissimas que tenho feito, e a adulação que gastei até hoje e as parecenças que descobri com os retratos de Malesherbes.

— E depois?

— Achas pouco?

— Não; mas acho de mais e de menos.

— Explica-te.

— Para que sejas eleito deputado, basta que tenhas o apoio decidido ou da mulher do ministro da... ou de qualquer dos tres nossos amigos, a quem temos sido tão agradaveis: ha portanto ahi elementos eleitoraes de mais.

— Em materia de eleições quanto mais elementos, mais certeza de resultado.

— E' um erro repartir a gratidão por tanta gente.

— Em politica é de regra que só se reconheça o beneficio emquanto se precisa do bemfeitor: a gratidão é um abatimento da alma que avilta o homem que a sente: a gratidão é sentimento que nunca me ha de fazer mal.

— Não discutamos isso: prefiro passar a dizer-te o que acho de menos no teu plano.

— Vejamos.

— Serás deputado exclusivamente pela influencia de alguns protectores e sem a mais leve apparencia de elemento proprio, e de importancia pessoal.

— E que importa isso desde que eu consiga ter assento na camara?

— Importa muito : ficarás reduzido a simples filhote de um ou de tres senhores pretenciosos que se julgaráõ com o direito de te dar sempre na camara o *santo* e a *senha*.

— Deixa o futuro por minha conta: tenho bons exemplos a seguir: quando o meu interesse o determinar, voltarei as costas aos protectores.

— E elles dirão em alta voz que te levantaste contra os santos; mas que não largaste a esmola.

— E eu os deixarei dizer tudo quanto quizerem, confundindo-os com o meu solemne desprezo.

— Mas não é preferivel em tal caso sustentar que a tua eleição teve por fundamento a tua importancia pessoal?

— Mas se eu não tenho importancia pessoal, Xiquinha !

— Apparenta ao menos que a tens : é um argumento que te ficará de reserva.

— E como heide eu arranjar essa apparencia?

— Ah primo! eu não sou mais que uma pobre moça tola, que, quando muito, póde discorrer sobre assumptos de *toilette;* no teu caso porém appellaria para um recurso, de que por vezes já te lembraste.

— Qual?

— A imprensa : explora em proveito de tua candidatura a influencia dos protectores, com que contamos; mas ao mesmo tempo publíca uma gazeta, e nella sustenta as idéas e os principios, que mais convenientes te fôrem.

— E acreditas...

— Tenho a certeza de que o teu periodico não te dará dez votos na eleição; com elle porém, terás

um pretexto para te proclamar opportunamente — *filho da imprensa* — e de sustentar que não deves o teu diploma de deputado, senão a ella.

Reflecti durante cinco minutos, conversando com os meus botões : depois levantei a cabeça e disse :

— Xiquinha, ainda uma vez reconheço que tens mais juizo do que eu; o teu conselho porém esbarra diante de difficuldades muito consideraveis.

— Primo, eu tenho o defeito feminil de não acreditar no impossivel, quanto mais em difficuldades que se opponhão á nossa vontade.

— Resolve pois, ou annulla as que te vou apresentar. Sejamos francos : eu me reconheço incapaz de redigir uma gazeta.

— E quem escreveu os *teus admiraveis trabalhos* publicados em Paris? quem compoz o soneto que improvisaste no banquete do anniversario natalicio do nhônhô?...

— Tens razão neste ponto; mas repara que deve ser uma despeza horrivel.

— Semêa-se para colhêr : é o meu principio.

— Bem : esta difficuldade é facil de vencer-se : o autor do meu soneto e mais dous ou tres estudantes talentosos podem encarregar-se de alimentar com artigos a gazeta, da qual aliás me considerarăõ o redactor em chefe. Eu dirigirei o pensamento do periodico, darei os themas principaes para os artigos e ficarei com as honras e com as glorias da redacção.

— Agora cabe-me dizer-te por minha vez — mãos á obra!

— Espera; que ainda falta muito a considerar. Primeira questão : qual deve ser o formato da gazeta?... cumpre que ella seja diaria ou não?...

— Julgo isso muito indifferente.

Não : o seculo dezenove é um seculo *assú* : apezar de dever compôr-se de cem annos, como todos os outros seculos, não é como os outros : as proporções do seu progresso exigem que tudo nelle seja grande, gigantesco : *mirim* é adjectivo guarani que não entra no diccionario do genio progressista da nossa idale; todas as entidades *mirins* são esmagadas pelas locomotivas da moderna civilisação. Uma das nossas antigas instituições, que não póde mais resistir ao despotismo do progresso, é a gazeta *mirim* e periodica : não se tolera hoje em dia senão a gazeta gigante e diaria : o pequeno periodico do tempo passado, se ainda algumas vezes ousa sahir á luz, procurando leitores, passa da typographia á confeitaria, é lampada que em breve se apaga por falta de azeite, logo se torna em papel de embrulho.

— Primo, você raciocina, como se quizesse fundar uma empreza permanente, e do que deve tratar é da publicação de uma gazeta préviamente condemnada a desapparecer d'aqui a tres ou quatro mezes.

— E' exacto : nas vesperas de todas as campanhas eleitoraes ha dessas erupções de patriotismo arrojadas por volcões que fechão as cratéras apenas apanhão os votos que pedem, cantando, chorando, e gritando.

— Mas além disso eu não adopto a sua these : você calumnía o seculo e a sociedade brasileira para não confessar a verdadeira causa do mal : o que devemos dizer é que no Brasil não ha imprensa exclusivamente politica; porque o povo á força de se ver mil vezes enganado, perdeu as crenças, e assiste quasi indifferente ás lutas : é por isso que os homens politicos que precisão da imprensa appellão para as grandes folhas diarias, que fallão aos interesses do commercio e de todas as industrias, e são obrigados a soccorrer-se dos

vintens por linha que produzem os annuncios para sustentar os artigos de propaganda.

— Xiquinha, juro que aprendeste logica e historia politica do Brasil.

— Continuemos a conversar, disse-me ella.

— Assim pois gazeta de pequeno formato e periodica, embora não seja lida.....

— Não; vendendo-se, e quando não se vender, distribuindo-se *gratis* para ser lida.

— *Gratis?* essa palavra — *gratis* — desequilibra todo o systema da minha vida. Eu não comprehendo que se trabalhe de graça em caso algum.

— Semêa-se para colhêr, repito.

— Para demonstrar que a agricultura é um mister onerosissimo basta este principio cruel. Eu queria ser deputado sem despender um real.

— Para que então te apressaste a casar comigo?... se fosses noivo da filha de algum ministro, podias receber em dote a deputação — geral, ou alguma outra alta posição official.

— Sei, e todos sabem isso ; mas não ha thesouro, que iguale o teu merecimento.

— Temos alguma outra questão a resolver?

— Sim : de que especie deve ser o meu periodico?

— Quantas especies ha?

— Muitas : mas limitar-me-hei a fallar-te das principaes : ha a gazeta excepcional, a gazeta séria, que discute as questões, aprofundando-as, que não faz arma da calumnia, nem da injuria pessoal, que...

— Adiante; essa não te póde aproveitar.

— Ha a gazeta exaltada e violenta que tem principios definidos; mas que insulta o adversario, e nunca enxerga nelle nem merecimento, nem acto acertado,

nem honra, limitando-se porém a atacar a pessoa do adversario, e parando nella.

— Se não fossem os taes principios definidos, essa te convinha.

— Ha o periodico pelourinho, que não tem idéas ; mas tem pennas que são azorragues e punhaes : o redactor é um vil assassino de esquina de rua, que fere á traição a victima : é um salteador de estrada que com a ameaça do mais horrivel insulto, pede a *bolça* ou a *honra;* é um detractor sem pêas, que atira o aleive e a diffamação ao seu condemnado e não pára nelle, vai além, ousando ferir a esposa nobre, e a filha innocente do teimoso que não quiz dar dinheiro...

— Ah! isso é horrivel de mais!

— Pois é assim; não te admires porém; porque...

— Ha peior?

— Não; mas ha melhor; o periodico pelourinho franco, nú, ostentoso, é farropilha e despresivel : já ninguem faz caso delle.

— Então que é que você acha melhor?

— O pelourinho civilisado : a gazeta sem idéas e que se proclama idealista, que não tem consciencia e que falla sempre em nome della, que affecta gravidade nos artigos da redacção, e que espalha veneno em artigos anonymos, mas de lavra propria, e que com esses recursos assassina ou faz por assassinar a honra alheia, quando isso convem ao seu interesse, ou aos odios de quem o aluga, como o *bravo de Veneza* que vingava affrontas de outros á preço de contado. E sempre pelourinho; mas o outro era farropilha e este é afidalgado.

— Primo, a minha opinião é que você deve combinar a gazeta exaltada com o pelourinho civilisado.

— Estamos de accôrdo; vou ser um luzeiro da imprensa politica e periodica : hoje mesmo organisarei o meu gabinete de redacção e alugarei o meu *testa de ferro.*

Oito dias depois desta conferencia sahio á luz da imprensa o primeiro numero da *Espada da justiça.*

Rodeei-me de alguns moços de talento e sem experiencia do mundo, incensei-lhes a vaidade e contei com redacção segura que facilmente fui pagando com modestos presentes, e com pomposos elogios, que sahidos muitas vezes da formosa boca da Xiquinha, puzerão os rapazes doudos.

A necessidade que eu tinha de ganhar toda a protecção do ministro da... obrigou-me a atacar immediatamente o seu mais detestado adversario, e assim o primeiro artigo da *Espada da Justiça* foi uma biographia insultuosa, violenta e calumniadora da vida inteira daquelle ex-ministro dos negocios estrangeiros, que me nomeára addido de primeira classe para a legação de Paris, que me dera a ajuda de custas mysteriosa, e a licença com vencimentos para tratar da minha saude, onde me conviesse.

Estreei, pagando um favor composto de tres grandes favores com os mais desabridos ataques e ultrages.

Houve quem me lançasse em rosto este procedimento ; eu porém respondi :

— Sou na imprensa a *Espada da Justiça;* sou juiz consciencioso e severo : nos proprios favores que recebi vejo o desenfreamento do mais escandaloso patronato, que a rigidez dos meus principios me fórça a condemnar.

A *Espada da Justiça* teve em breve, e contra a minha espectativa, numerosos leitores, alguns dos

quaes pagantes : um certo esmero, ás vezes pedantesco, na redacção, devido ao talento dos meus jovens colaboradores, a audacia nos ataques, a exaltação das idéas, a impostura de independencia derão interesse ao periodico.

Eu não admittia artigo, cuja materia não fosse agradavel ao ministerio; mas tomei como regra dizer tudo em nome do *meu partido*, protestando sempre que pouco ou nada me importava desagradar ao governo.

No fim de um mez vi que havia já despendido com a *Espada da Justiça*, que se publicava tres vezes por semana, cerca de trezentos mil réis do meu bolso, o que me incommodou consideravelmente.

E' verdade que os tres personagens, meus amigos, tinhão-me garantido a eleição de deputado á assembléa geral; mas a minha idéa predominante era sempre *colhêr sem semear*.

Em taes circumstancias procurei consolar-me, ostentando a grandeza dos meus sacrificios, e em certa noite de reunião na casa do ministro da..., ouvindo encomios, e recebendo parabens pela redacção illustrada e energica da *Espada da Justiça*, respondi com o geito que pude :

— E todavia é um serviço que presto e que me custa caro : não faço questão disso ; mas o primeiro mez da *Espada da Justiça* exigio que eu despendesse nada menos que um conto e setecentos mil e tanto; ainda assim porém não desanímo : a patria merece mais.

Evidentemente o meu patriotismo admirou ao auditorio.

Os homens de genio fazem maravilhas sem perceber

que as fazem : eu acabava de fazer uma verdadeira maravilha, e eis aqui a prova.

No dia seguinte ao levantar-me da cama, recebi este bilhetinho precioso escripto pelo ministro da...

« *Confidencialissimo*. — Meu Predilecto: o governo não abusa nem deve abusar da dedicação dos seus amigos : a sua candidatura é um direito do seu merecimento e lealdade, mas o seu eloquentissimo periodico não póde continuar a ser tão oneroso sacrificio pecuniario para um dos mais illustres dos nossos correligionarios : venha fallar-me : temos meios secretos que sem offensa da sua probidade e sem quebra da sua independencia, tornaráõ mais leve o peso da *Espada da Justiça*, cuja publicação é indispensavel ao ministerio.

« Seu de todo coração. — *X. Z. Y.* »

Dei um salto de alegria : a Xiquinha correu á saber que novidade havia, e lendo a cartinha ministerial, fez um momo :

— Que lhe achas? perguntei.

— Máo cheiro, respondeu ella.

— Como?...

— Cheira-me á cofre da policia.

— E' um dos meus sonhos, Xiquinha!

— De realização muito desejavel no futuro; mas por ora inconveniente, e talvez perigosa para a nossa candidatura.

— Xiquinha, estou receioso de que estejas hoje por excepção com falta de logica : um homem que regeita dinheiro, nem ao menos póde entrar na lista dos jurados; porque evidentemente lhe falta o *bom senso* exigido pela lei.

— Primo, você quer passar toda sua vida em aluguel á policia?

— Não : tenho determinado ser muito mais alta e desfaçadamente carissimo pensionista do Estado.

— Em tal caso regeite o offerecimento do ministro e continue a escrever.

— E o dinheiro que perco?

— Ganhará muito mais depois : alugado ao governo nesta occasião, amesquinhará o seu merecimento, e poderá até pôr em risco a sua candidatura : aproveite o ensejo para ostentar desinteresse e dedicação e eu lhe juro que lucrará muito e muito mais em proximo futuro.

Deixei cahir tristemente a cabeça e pensei e reflecti duas longas horas em silencio.

A Xiquinha calculava bem, é verdade ; mas condemnava-me ao martyrio de Tantalo : eu tendo diante de mim aberto o sublime cofre das despezas secretas, e obrigado a afastar a mão, e a fingir horror ao dinheiro ! ! !

Oh! a vida politica tem horas e dias que sabem a tragos de fel!

A Xiquinha me grudava no rosto a mascara, e me enrolava o corpo com o manto de Catão!!!

Foi neste dia de silenciosa tempestade rasgada no meu espirito que comprehendi, com a mais dolorosa experencia, os transes por que passa, as amarguras que experimenta o egoista que explora a politica, e que por sabio calculo refalsado leva ás vezes annos a illudir o povo com brilhantes rasgos de fingido catonismo que lhe custão os olhos da feia cara verdadeira!

Hoje o diabo do governo tenta-o, offerecendo-lhe uma *sinecura*, o Catão mascarado somma os lucros, e vê que ainda não chegão á *conta redonda* que espera : tem entretanto uma fome devoradora, maldiz

do povo que o observa; mas faz das fraquezas forças, encrespa os sobr'olhos e exclama com voz altisonante: « eu não sei receber favores do governo! »

O ministerio fica desapontado, o povo bate palmas, e o egoista — acatonado murmura comsigo, passando a mão pela barriga, « que massada! porque não me havião offerecer logo o pão-de-ló com que sonho! »

Amanhã vem nova tentativa, nova experiencia, e novo tormento da alma do pobre peccador, que não quer comprometter o seu calculo, comendo fatias...

Finalmente chega o dia do bôlo grande e completo! o heróe arregala os olhos, abre a boca immensa, por onde o bôlo desapparece, como um navio que se abysma no golphão. Desde então não ha mais pêas, que contenhão a fome e a sede do egoista que depôz a mascara e rasgou o capote.

Os falsos Catões são para a politica do Estado, como os falsos prophetas para a religião do verdadeiro Deos.

Mas eu confesso que não tenho animo de aspirar tanta gloria: eu sou simplesmente egoista ordinario, não posso ser egoista genio.

Tenha a Xiquinha paciencia: sujeitar-me-hei a fazer papel de Catão esta vez sómente: represental semelhante comedia uma segunda vez, me faria rebentar de desespero.

Fiz, consummei o enorme sacrificio: escrevi ao ministro, regeitando o seu offerecimento, queixando-me de que me tivesse feito uma proposição que offendia o meu caracter escrupuloso e severo, e assegurando que ainda assim continuaria a prestar na imprensa os meus serviços ao ministerio.

Referi muito em segredo aos outros protectores com quem contava, tudo quanto se havia passado;

ganhei por isso os cumprimentos de ambos; devo porém declarar que o ministro recebeu-me depois friamente na primeira visita que lhe fiz, e que só voltámos á intimidade das antigas relações depois que a Xiquinha imaginou e regulou para um pomposo baile um *toilette* á capricho com que a vaidosa esposa de S. Ex. conquistou os louros do primor da elegancia.

Não censuro a frieza do ministro ; elle teve razão : o que o governo quer dos seus afilhados, deve ser feito promptamente e logo : imprensa livre e independente, ou com ostentações desse caracter não póde convir a ministerio algum no Brasil : a imprensa deve ser o écho da voz do governo, deve ser toda ella, como o *Semanario* do Paraguay. E' por isso que eu desejo a censura prévia.

Além disso os ministros no Brasil estão tão habituados a pagar com o dinheiro da nação a imprensa que os defende, que o uso já tem feito lei; e conseguintemente, por culpa da Xiquinha, offendi a lei, e os direitos da policia.

A *Espada da Justiça* continuou pois a fazer prodigios de diffamação-civilisada, e eu a tornar-me celebridade na capital do Imperio, sendo muitas vezes objecto das ovações dos meus suppostos amigos politicos.

Mas olhem, nem tudo que luz é ouro.

Se a *Espada da Justiça* não fosse para mim sómente alavanca eleitoral, um calculo egoista, em que não entrava nem a consciencia, nem o dever, nem o interesse pelo bem publico, eu a teria mettido logo na baínha, e a deixaria alli perpetuamente enferrujar-se.

Faço idéa dos desgostos que experimentão, e das lutas secretas que são obrigados a travar as almas candidas dos toleirões que escrevem periodicos por

impulso de patriotismo, e pelo generoso interesse dos principios dos partidos politicos, a que em sua virginal innocencia suppõe servir.

Que exigencias crueis, que imposições ao pobre coitado! que acerbidade de queixas!

Examinemos, entre parenthesis, este assumpto que é de maxima importancia nos paizes onde existem governos livres bem regulados.

Ha entre nós cabeças desmioladas e teimosas que tomão ao serio a missão da imprensa politica e que em vez de a fazerem negocio de idéas, ou meio de prégar idéas exclusivamente para lucrar com ellas, deixão-se guiar pelo triste pharol das convicções, e sacrificão-se pela missão da imprensa em vez de sacrificar a missão da imprensa ao seu interesse.

São uns visionarios que me causão compaixão!

Querem elles que a imprensa politica seja livre e independente e que fiel mantenedora dos principios, da opinião de que é o orgão, não os olvide nunca, nem pela conveniencia de defender contra os justos ataques dos adversarios os erros e os abusos destemperados do ministerio que sahio ou pretende ter sahido das fileiras do seu partido.

Que erro descommunal! a imprensa politica deve ter obrigação de considerar impeccaveis os ministros que reputa do seu credo politico: a boa disciplina de um partido exige que os partidistas de um ministerio abdiquem o direito de pensar e de ter consciencia, limitando-se a dizer *amen* a tudo quanto quizer e fizer o ministerio: em politica é loucura querer viver pela verdade, e é prova de bom juizo arranjar a vida pela condescendencia com a mentira: no Brasil já é pratica muito antiga que os ministerios que se organisão manifestem a procedencia, não direi dos partidos,

mas dos lados ou dos grupos parlamentares d'onde sahirão, não realizando no governo os principios que sustentárão na tribuna, sim, repartindo as posições politicas influentes, e os empregos lucrativos pelos socios da commandita que conseguio o monopolio temporario do governo do Estado.

Com imprensa politica livre e independente, com imprensa zeladora dos principios, sem condescendencias contradictorias dos principios não haveria no Brasil ministerio regular, porque no Brasil o que é regular, é que o governo não tenha principios definidos.

E os patetas a quererem reformar a sociedade! Por isso quando algum desses visionarios ataca, em nome dos principios, este ou aquelle acto do ministerio que se propala sahido do seu lado politico, o ministerio e os famelicos que o cercão bradão enfurecidos : « fóra! está fóra do partido! » e bradão com razão; porque o partido de um ministerio é uma especie de *instrumento de metal* que ao excellentissimo sopro rincha sempre e por força — *amen.*

E não se queixem do governo os visionarios da tal imprensa politica independente e livre; porquanto no proprio seio dos partidos de que ella se quer fazer orgão, e em suas relações com uma boa parte dos respectivos chefes essa pobre martyr, a imprensa politica, vê-se douda, vê-se no purgatorio das suas loucuras, vê-se condemnada ou á mais desesperada luta, ou a ser creada não de dous, mas de vinte ou de cem amos.

Fação de conta que um desses visionarios se presta a publicar e redigir um periodico que seja orgão das idéas do seu lado politico : manifesta a sua resolução, e sobrão-lhe as animações e as promessas de consideravel concurso : cahe o tolo na esparrela.

Suppõe de si para si o pobre visionario, que a im-

prensa politica é a gloriosa, a mais importante tribuna, do alto da qual o escriptor illustrado e consciencioso orador de todos os dias, falla ao povo, annunciando-lhe os seus direitos, e ensinando-lhe doutrinas sãs, falla ao governo, lembrando-lhe o seu dever, defendendo seus actos legaes, e censurando os seus abusos e erros; falla emfim e sempre ao seu partido, esclarecendo-lhe o caminho que lhe cumpre seguir, e mantendo como pura Vestal, a flamma sagrada do templo da sua religião politica.

Pensa ainda o visionario que o laço commum de um partido é apertado pelo accôrdo e pela harmonia de um complexo de idéas capitaes de um plano politico, que em todo caso não impõe aos correligionarios o jugo servil e absoluto de submissão a todas e quaesquer idéas de ordem secundaria, ou ainda de consequencias as mais consideraveis, independentes porém do plano essencial do partido.

Pois o senhor visionario está, como estão todos os visionarios, vivendo e pensando no mundo da lua.

Ha sem duvida um ou outro, alguns homens politicos notaveis pela sua posição e sabedoria, ha ainda homens que nada mais tem que pedir ao povo, e que fieis ás suas crenças, dedicados á opinião que os elevou, estão sempre no seu posto, desinteressados e nobres, e typos de abnegação, quasi que se escondem na sombra nos dias da prosperidade e que ao soar a hora da adversidade, mostrão-se á toda luz e gritão aos antigos amigos : « aqui estou! contai comigo! »

Mas desses quantos ha?... *apparent rarinantes in gurgite vasto!* esses não incommodão, não atormentão os *visionarios;* porque elles tambem o que são senão *visionarios?* esses... eu sei! até *não tem graça,* são velhos imprestaveis, que não estão na moda do

nosso bello tempo: esses são excepções que não entrão em linha de conta.

Vamos á regra.

O visionario da imprensa politica livre e independente publíca o seu periodico.

Ai delle! prendeu-se á mesa da redacção noite e dia com o nobre e generoso intento de servir exclusivamente á causa da opinião cuja bandeira adoptou; para logo porém começão-lhe os transes: hoje um reisinho do partido vem exigir que o periodico insulte, ataque sem piedade tal correligionario politico que lhe disputa a influencia na sua provincia; amanhã é o chefe de um grupo de outra provincia, que não admitte que seja aggredido o presidente della, que está fazendo favores a seus parentes: mais tarde chega o senhor *Esta Cousa*, que está furioso; porque o jornalista independente pronunciou-se contra o seu projecto de concessão de um privilegio que lhe deve aproveitar muito, embora seja contrario aos interesses nacionaes; logo entra carrancudo no gabinete da redacção o senhor — *Outra Cousa*, — que pergunta enfesado, como é possivel que na gazeta se achasse eloquente o discurso do deputado que aggredio o chefe de policia da provincia de... que é seu compadre!

E dentro em pouco o visionario da imprensa politica livre e independente ou torna-se instrumento dos caprichos, das paixões, e dos interesses dos seus pseudo-correligionarios politicos, ou fica ás moscas, e por causa das moscas que realmente o devem incommodar muito, suspende a publicação do seu esperançoso periodico.

Eu tambem hei de suspender a publicação da *Espada da Justiça;* mas não ha de ser por isso.

No correr da minha vida poderão chamar-me quan-

tos nomes feios quizerem; ha porém dous nomes feios, que só os calumniadores poderão atirar-me ao rosto:

Um é visionario; porque não sou, nem jámais serei poeta.

Outro é liberal; porque...

Não: neste ultimo caso, preciso, em lugar de dizer o porque, deixar como franco e leal protesto da pureza do meu actual e futuro procedimento, uma reserva indispensavel:

Não sou, nem serei nunca verdadeiro liberal, isso é positivo; mas não prescindo do direito de fingir-me liberal, quando me convier.

E bem tolo seria eu, se desprezasse o recurso desse nome, que tem servido a tantos especuladores politicos para subir pelos hombros do povo até ás grimpas sociaes.

CAPITULO VIII

Infandum, regina, jubes renovare dolores!

VIRGILIO. — *Eneidas* (segundo diz a Xiquinha).

Como depois de patentear um notavel defeito do nosso systema eleitoral, e de descrever os symptomas principaes que annuncião a invasão da molestia politica chamada eleição, vejo minha candidatura entregue aos cuidados de um presidente de provincia, o que além de vesgo e côxo e de se chamar por alcunha o *Bisnaga*, tem uma filha de nome Desideria, feia, quarentona, e nunca d'antes desejada, por causa da qual entra o diabo nas urnas e eu naufrago nos cachopos do doutor Milhão, perdendo a Xiquinha o gosto dos versos rimados e cabendo-me, para coroação da obra, o cruel sacrificio de pagar as nossas passagens de volta no mesmo vapor, em que tiveramos na ida passagens do Estado por favor do ministerio.

Approximava-se o dia solemne, em que devião fallar as vestaes do governo representativo.

Dentro de dous mezes proceder-se-ia á eleição geral de eleitores, e um mez depois, conforme a disposição da lei, á eleição secundaria, ou dos deputados.

O dia de uma e outra eleição é, ainda nos casos extraordinarios, conhecido, sabido de todos com a necessaria antecedencia conforme um estupido preceito da lei que ainda não se achou meio de fazer sophismar, e que tem o gravissimo inconveniente de impedir que o governo faça eleições de improviso: digo que esse preceito da lei é estupido; porque, ainda com as prevenções, e com o conhecimento geral dos dias fixados para os taes comicios, é sempre o governo

quem faz ou quem ganha as eleições; sendo pois melhor que estas se fizessem de improviso; porque assim se poupavão á opposição immensas despezas e grandes esforços e sacrificios estéreis; e ao governo o emprego de muitos meios de corrupção indispensavel, e de muitas violencias irreprehensiveis para obrigar o povo a fallar a verdade, votando com a policia.

Mas ainda quando não estivessem fixados, ou não se publicassem com antecedencia, nos casos extraordinarios, os dias marcados para as eleições primarias e secundarias, ha sempre symptomas claros, patentes, eloquentissimos da proximidade do assalto official ás urnas populares, ou da invasão dessa molestia (ao menos a minha escola considera molestia) do systema representativo.

Vou apresentar o quadro do cortejo dos symptomas caracteristicos e infalliveis da tal molestia politica.

Primeiro: o ministerio muda ou faz contradança de presidentes de provincias e de chefes de policia, os quaes são escolhidos a dedo entre os já provados conquistadores, que tem realisado a fortuna de Cesar: *veni, vidi, vici.*

Segundo: em cada provincia o respectivo presidente ou faz *taboa raza* na machina policial existente, e enche os jornaes com portarias de demissões e nomeações de delegados e subdelegados, ou aperfeiçôa e fortalece todas as malhas da rêde já preparada: ás vezes em certas provincias até se nomêão para cargos policiaes de municipios suspeitos homens que são réos de policia, e ainda mesmo assassinos; mas quem tem culpa disso é o povo desses municipios que não quer obedecer ás ordens do governo, votando *livremente*, como o governo manda.

Terceiro: em todas as parochias opera-se mudança

ou aperfeiçoamento igual no exercito pedestre dos inspectores de quarteirão.

Quarto: as malas dos correios não chegão para as cartas que recebem, e o sello rende novecentos e noventa e nove por cento mais.

Quinto: descobrem-se parentescos e amizades, com que nunca d'antes se havia sonhado.

Sexto: multiplica-se o numero das *excellencias* de um modo extraordinario: esse tratamento torna-se quasi geral.

Setimo: tem alta excepcional na praça a mercadoria dos protestos de patriotismo, dedicação á causa publica, e, sobretudo, de *eterna gratidão.*

Oitavo: os negociantes com relações no interior, e principalmente os consignatarios, não têm mãos bastantes para escrever *post scriptum* nas cartas que mandão aos freguezes.

Nono: quadruplica a despeza do chá e dos sorvetes nos salões dos ministros.

Decimo: estragão-se em tres ou seis semanas seiscentos chapéos á força de muito cortejar a ignobil patuléa.

Undecimo: chega das provincias á capital do Imperio cada bicho que mette medo.

Duodecimo: descompõe-se o passado, o presente e o futuro de Adão e Eva em todas as gazetas da capital e de todas as provincias do Imperio.

Decimo terceiro: ha patronato como chuva em Dezembro, traições como ratos em casa velha, adulações como farrapos na casa da miseria, dinheiro como nas casas de jogo, imfamias como nos lupanares.

Quando semelhantes symptomas se pronuncião, podem contar que ha eleições, batendo á porta, e que o

governo está, por excepção, em época de gloriosa actividade.

Ora exactamente erão estes os symtomas que eu estava sentindo, apreciando, e com o maior cuidado acompanhando em honra do meu interesse pessoal.

A minha candidatura achava-se ao menos pelo que dizião os meus dedicadissimos protectores, fóra de contestação, e até eu já sabia que me havião designado para o unico districto eleitoral da provincia de...

Unico districto eleitoral quer dizer provincia pequena e de ultima ordem, quer dizer lugarejo desprezivel para onde se atira o desembrulho de uma *candidatura embrulho*, que não é possivel desembrulhar em outra qualquer parte.

Durante alguns dias empenhei-me fortemente para conseguir que o governo me apresentasse candidato pelo districto eleitoral dos meus padrinhos de casamento, e onde eu contava não poucos parentes, alguns dos quaes me serião favoraveis; foi porém trabalho baldado: a eleição desse districto já tinha sido empalmada com prévio cuidado por tres filhotes mais estimados do ministerio, e não houve meio de fazer aceitar os meus embargos á precedencia.

Resistir ao decreto eleitoral que me privava da benção dos meus padrinhos, era impossivel; porque eu não podia jogar as peras com os meus amos; fiz pois boa cara ao contratempo, e contentei-me com a esmola que me offerecião em outro districto.

A escolha da provincia que nunca tivera noticia da existencia do *Sobrinho de Meu Tio*, e da qual eu devia ser legitimo representante, não era por certo muito lisongeira para o redactor em chefe da *Espada da Justiça;* não dei porém importancia á essa desconsideração; porque emfim o que eu queria era ser *eleito*,

ou, em portuguez claro, designado deputado á assembléa geral.

E para sê-lo só me faltava a ultima etiqueta politica.

Não dêm aqui á palavra *etiqueta* a significação que lhe dão os caixeiros das lojas da rua do Ouvidor, que entendem por *etiqueta* a marca do preço da fazenda que vendem: não: *etiqueta* significa, no caso de que trato, a ceremonia politica.

Vou pôr esta charada em trocos miudos.

Na designação de candidatos para deputados a opposição observa uma pratica, e o partido do ministerio ás vezes duas.

Os chefes ou chamados chefes da opposição designão a quasi totalidade dos seus candidatos á deputação.

O partido do ministerio nem sempre procede do mesmo modo.

A's vezes os ministros dividem entre si as provincias, e cada qual designa os deputados da provincia ou das provincias, que lhe coube ou couberão na partilha.

A's vezes, menos indecentemente, os ministros entendem-se com os maioraes do partido que os sustenta, fazem concessões, arranjão de accôrdo os despachos eleitoraes, e fica assim resolvida a expressão do *voto livre.*

Mas em certas circumstancias torna-se indispensavel salvar as apparencias.

Quando os ministros despachão sem mais ceremonia (e é a pratica melhor, mais commoda e mais suave) os candidatos que devem por bem ou por mal ser eleitos deputados, não ha *etiqueta.* Nomêão-se os presi-

dentes de provincia, estes recebem as designações e *magistri dixerunt.* Vivão os Aristoteles.

Nas épocas de ceremonias porém o partido que sustenta o ministerio, ou para fallar com mais precisão, o partido que o ministerio sustenta, procede como sempre faz a opposição que não tem por si a donosa e invencivel providencia do governo.

Então os chefes respectivos fazem préviamente a designação: os chefes opposicionistas só por si, os ministerialistas de combinação e accôrdo com o ministerio, e, designados os candidatos, lustrão as *chapas* com o lavor da *etiqueta.*

Aqui vai agora a *etiqueta.*

Ha uma cousa a que os taes partidos politicos dão extraordinaria importancia, e que não tem importancia nenhuma: essa cousa chama-se: « reunião politica. » E' a *etiqueta.*

Partido de opposição, partido ministerial acreditão muito nessa comedia; mas é comedia, posso assegura-lo.

As reuniões politicas em regra não resolvem cousa alguma, e por excepção resolvem sómente o que já antes estava resolvido pelos maioraes.

Em negocios eleitoraes observa-se invariavelmente a mesma doutrina, e a mesma pratica.

Os candidatos a deputados, quer ministeriaes quer opposicionistas, já estão préviamente adoptados e designados pelos capitães dos respectivos partidos; para salvar porém as apparencias, convocão-se as grandes *reuniões politicas*, a que concorrem os tenentes que sabem metade, os alferes que sabem a quarta parte, e os sargentos e cabos de esquadra que não sabem uma só palavra do *padre nosso* dos capitães dos seus partidos, e que nas reuniões approvão

com enthusiasmo tudo quanto elles propõem e sustentão, e depois sahem dellas muito vaidosos do *concurso* que prestárão para a organisação das chapas eleitoraes, que aliás já estavão organisadas.

Graças á minha experiencia e ao meu bom juizo nunca até hoje tomei ao serio nenhuma dessas *numerosas* reuniões politicas, nas quaes o meu cuidado tem sido sempre tomar sorvetes e comer doce até a saciedade.

Incorro talvez em crime de profanação, descobrindo e manifestando estes segredos de abelhas; como porém não haverá quem se presuma, ou queira declarar-se atraiçoado pela minha franqueza, estou seguro da impunidade.

A *etiqueta* que me faltava, era pois a adopção da minha candidatura na *grande reunião politica*, que em breve se effectuaria.

E effectuou-se.

Como redactor em chefe da *Espada da Justiça*, isto é, como orgão notavel do partido que o ministerio sustentava, estive presente á *grande reunião.*

A assembléa era numerosa, brilhante, animada, e, oh sacrosanto respeito ao voto livre! oh sublime prova de abstenção do governo no proximo pleito eleitoral! nem um só dos sete ministros viera tomar parte no conclave magnifico.

Eu vi o mundo com todos os seus enganos, com todas as suas illusões resumido naquella assembléa! uns discutirão programmas, outros fallárão das altas conveniencias dos partidos, muitos abundárão em considerações sobre a escolha indispensavel de homens *seguros* e dedicados á causa do partido para candidatos á deputação geral, e por fim de contas a candidatura de cada um dos pretendentes que se

achavão na reunião foi successivamente aceita e approvada por unanimidade de votos, como era de esperar : adoptárão-se ainda outras candidaturas de ausentes, ficando duas duzias dellas para estudos e resoluções subsequentes.

Durante a conferencia, emquanto uns oravão e outros ouvião com admiravel gravidade, grupos de tres ou quatro influencias conversavão baixinho nos cantos da sala, ou no fundo do gabinete contiguo.

As illusões sonhavão pois em voz alta no meio da sala, e a realidade andava apuridando pelos cantos.

A reunião dissolveu-se com accôrdo geral, com a perfeita harmonia que se observára desde o seu começo : sahirão della todos satisfeitos, como herdeiros que acabão de fazer com pleno contento partilha amigavel.

Sem duvida o maior numero daquelles convocados politicos entrára na assembléa nocturna e della sahira com a alma cheia de boa fé e o coração palpitante de suaves esperanças de lisongeiro futuro para si, e, di-lo-hei, tambem para o paiz : sem duvida porque confesso que me pareceu haver disposição e empenho de fraternidade leal e sincera; mas declaro tambem, que apanhei no pestanejar de olhos de um, nas palavras alambicadas de outro, e até nos abraços apertados de um terceiro figurão os annuncios de talcatrua politica futura.

O governo representativo offerece sempre ao partido predominante uma festa muito parecida com a das nupcias de Thetis e Peleo, na qual alguns dos chefes representão as figuras de Venus, Juno e Minerva, e o primeiro lugar do poleiro governamental é o pomo lançado pela Discordia para desarranjar as melhores combinações.

Por que acontece assim? porque, felizmente para os homens de juizo, para os especuladores politicos á cuja grei pertenço, ou não ha, como sustento, verdadeiros partidos politicos no Brasil, isto é, partidos de idéas, cujos chefes só o sejão pelas idéas e pela capacidade e leal disposição de as realizar no poder, *sine qua non*, e ha sómente bandos e sequelas que se unem por sympathias a certos homens, e por opposição a outros bandos e sequelas, e que tomão nomes sem dar importancia ás idéas que esses nomes significão:

Ou então aquillo acontece, porque os partidos politicos no Brasil tem pressa de mais em subir ao poder, e por causa da pressa, ao primeiro aceno, correm aos trambulhões, trepão por toda a especie de escada, entrão pelas janellas em vez de entrar pelas portas, perdem nos saltos da subida o codigo dos seus principios, deixão cahir no caminho as suas idéas, desfigurão, ou alterão profundamente suas physionomias pela fadiga dos arrancos violentos, e quando se mostrão de cima, nem os pais, nem os filhos, nem os irmãos os conhecem mais.

Eu sou de opinião que os taes partidos, se procedem assim, procedem muito bem: porque o *pão-de-ló* do poder vale tudo isso e muito mais ainda; ha porém pobres de espirito que entendem preferivel conservar a pureza da religião dos seus principios a ser governo sem elles.

São gostos! eu acho muito melhor vestir-me á moda do tempo: os alfaiates não fazem fardas de ministros para vestir idéas; fazem-nas para pendura-las nos hombros de cabides humanos.

Mas o que é ainda mais certo e positivo, é que estas considerações não vêm a proposito: devo tratar agora sómente da questão eleitoral.

Apezar de todas as seguranças que me davão do triumpho incontestavel da minha candidatura pelo unico districto da provincia de... cumpre-me confessar que eu não me achava perfeitamente tranquillo.

Havia tres fundamentos, ou, pelo menos, tres motivos para os meus receios.

Primeiro : o presidente nomeado para a provincia que devia ter a honra de eleger-me deputado sem me conhecer, era um *varão illustre,* a quem chamavão, por alcunha, o *commendador Bisnaga :* ah! no Brasil até ha *bisnagas* commendadores!

Considerem-me tolo, e escravo de prevenções ridiculas, não me offenderei por tão pouco; mas não sei o que me dizia ao coração que o maldito *Bisnaga* me bisnagaria a candidatura.

Segundo : o excellentissimo *Bisnaga* era vesgo do olho esquerdo e côxo da perna direita, e ninguem me dava a certeza do olho com que elle veria a minha candidatura, nem do pé com que andaria em proveito della. Accrescia ainda ao olho vesgo e á perna côxa que sua excellencia era viuvo, e tinha uma filha solteira com quarenta annos de idade, feia como um jaboty, e da qual nunca se separava pelo medo da seducção de algum namorado.

Protestei contra a nomeação de semelhante presidente para a *minha provincia;* mas o ministerio declarou que era caso resolvido, que não havia remedio, senão ceder a *certos caprichos*, não querendo confessar que o *Bisnaga* era compadre do presidente do conselho : mas por compensação dous dos ministros apresentárão-me pessoalmente, e recommendárão-me com ardente empenho ao illustre designador dos deputados da provincia de...

Terceiro : esta *minha provincia* dá dous deputa-

dos : um será por certo o sobrinho do ministro da..., o outro, dizem, que serei eu; é porém alli candidato o filho do barão de..., o homem mais rico da provincia : candidato com vinte e dous annos de idade, sahido do curso juridico de S. Paulo, ha quatro mezes, intelligente, travesso, ambicioso, e que tambem tinha a sua alcunha, pois que na provincia era conhecido por *doutor Milhão.*

E notai bem : a alcunha — *Milhão* — não significava milho grande, significava mesmo — *milhão-dinheiro.*

Assim pois a minha candidatura estava collocada entre uma *Bisnaga* suspeitosa, e um *Milhão* contrario a ella.

E' verdade que eu tinha por mim duas importantissimas condições favoraveis, que erão duas condições negativas do *doutor Milhão.*

Este joven candidato era primeiramente opposicionista franco, e enraivado, e punha todos os ministros pelas ruas da amargura : em segundo lugar protestava em alta voz que não comprehendia a existencia de governo monarchico no mundo, e ainda menos na America, e que se pronunciaria sempre pela republica, como unico systema governamental digno das nações, e regenerador, e salvador do Brasil.

Ostentando semelhantes sentimentos, o *doutor Milhão* não poderia ser elegivel, e esta convicção animava-me bastante.

Evidentemente a riqueza enorme do pai do candidato, e o empenho que o malvado velho fazia em eleger o filho deputado erão um perigo serio para a minha candidatura; porque o dinheiro é a peça de artilharia de maior calibre que se conhece.

Mas se o *Bisnaga* tomasse deveras á peito a minha

eleição, encravaria com as pontas das baionetas dos soldados protectores do voto livre a peça de artilharia do velho Cresus, do barão de...

Neste ponto não ha duvida possivel; quando o governo quer, vence eleições, zombando dos mais colossaes elementos de opposição, e do proprio poder da mais opulenta riqueza. Imagine-se uma parochia em que quatrocentos e noventa em quinhentos votantes sejão contrarios ao ministerio, contrarias a elle todas as influencias legitimas, todas as autoridades electivas, toda a riqueza da parochia : pois bem : ahi mesmo o governo ganha a eleição e até por unanimidade de votos; basta querer: o meio é simples e já muitas vezes posto em pratica : no dia solemne do voto livre amanhece a matriz com as portas guardadas por soldados com espingardas carregadas e de baionetas caladas : o povo quer entrar na matriz e não lhe dão licença, protesta que tem o direito de votar e tem em resposta uma gargalhada do subdelegado : se em desespero intenta penetrar na Igreja, os soldados fazem fogo, morrem quatro ou seis cidadãos livres e os outros, feridos ou não, deitão a fugir e vão fazer uma duplicata inutil; mas no maior numero dos casos o povo soberano retira-se prudentemente antes que a historia acabe em banho de sangue e ou nesta ou na primeira hypothese, a policia procede á eleição suave e naturalmente, a urna fica atopetada de listas, embora ninguem votasse e entrou por uma porta, sahio pela outra, manda el-rei meu Senhor que me conte outra.

Ora o *commendador Bisnaga* fôra precedido na provincia de... por duzentas praças de tropa de linha: era de mais: com semelhante exercito faria alli vinte deputados, quanto mais dous.

O voto livre estava pois perfeitamente garantido na *minha provincia eleitoral*, e o que me incommodava era sómente a instinctiva desconfiança da lealdade do *commendador Bisnaga*.

Pelo sim pelo não fiz escrever e publiquei na *Espada da Justiça* dez artigos elevando ao setimo céo o merecimento, a sabedoria e os serviços relevantes do *Bisnaga* que veio visita-me muito agradecido, e protestou-me que eu era o seu primeiro, o seu candidato do peito.

Fui logo pagar a visita ao meu presidente e levei a Xiquinha para cumprimentar a excellentissima filha do *Bisnaga* e relacionar-se com ella; a quarentona solteira chama-se dona Desideria.

Era uma *Desideria* que nunca tinha conseguido ser desejada. Não houve protesto de amizade que não se trocassem entre nós.

Apezar disto e de quantas promessas me fazião, e das seguranças de triumpho que me devão ministros, influencias protectoras e o presidente *Bisnaga*, resolvi de accôrdo com a Xiquinha ir para a provincia de... zelar de perto e activamente a minha eleição.

Suspendi por dous mezes conforme a declaração solemne que fiz, e para sempre, segundo os meus calculos, a publicação da *Espada da Justiça* e segui com a Xiquinha para a provincia de... no mesmo paquete a vapor, em que foi o *Bisnaga* com a filha. E' escusado dizer, que o meu amigo o ministro da..., arranjou-me passagem do Estado para mim e para minha familia, e que portanto não fiz despezas com a viagem.

Chegamos á capital da provincia, e procedi como era de mister.

Tomei casa: andei de Herodes para Pilatos entre-

gando cartas de recommendação, e fazendo visitas; em obediencia aos conselhos da Xiquinha, embora a pezar meu, dei banquetes e saráos semanaes: não deixei passar dia em que não fosse ao palacio do presidente: alcancei duas duzias de nomeações para cargos policiaes: prometti quarenta empregos de repartições publicas da côrte: consegui que muita gente me tivesse na conta de *empenho infallivel* para qualquer dos membros do ministerio: assegurei que *havia de dar* á provincia pelo menos uma estrada de ferro: jurei que faria desembargador a um juiz de direito, e juizes de direito a tres juizes municipaes: perdi constantemente no voltarete, jogando com o chefe de policia: menti como um viajante francez, imposturei como um brasileiro tolo que chega de Paris, enganei e trapaceei como um solicitador ou procurador de causas desmoralisado.

A Xiquinha tambem não descansou: deu moldes de vestidos e figurinos velhos a quantas senhoras erão esposas ou filhas de eleitores provaveis ou de figurões da terra: dansou, cantou, fez maravilhas para agradar aos meus desejados commitentes.

Em honra da verdade me cumpre declarar que a minha candidatura me parecia fóra de questão: o meu nome tornára-se em breve bem aceito, e o *commendador Bisnaga* mostrava-se empenhado em darme o mais decidido apoio.

Entretanto o *doutor Milhão*, cujo nome de baptismo de familia não quero dizer, corria a provincia, trabalhava com furor, e por fim rebentou um dia na capital, onde me achava.

A nova da chegada do meu aureo adversario preoccupou-me um pouco; o que porém mais me admirou

foi vê-lo apresentar-se em minha casa para visitar-me.

Não havia que fazer senão recebê-lo com a devida cortezia.

O *doutor Milhão* era e é um joven bem apessoado e até bonito; elegante no trajar, engraçado fallando, amabilissimo na conversação, um pouco estouvado, com pretenções a poeta, sem crenças em materia de religião, dizendo-se republicano em politica; mas no fundo egoista como eu, ambicioso sem mascara, rindo-se da moral, e capaz de tudo para subir.

Vi no *doutor Milhão* o mais perigoso dos rivaes pelos muitos pontos de contacto que o seu caracter tinha com o meu.

Logo na primeira visita disse-me:

— Somos adversarios; mas não devemos ser inimigos: vamos de cara alegre até ao fim da comedia eleitoral, e vença quem vencer, não deixemos por isso de ser amigos.

Na segunda visita observou-me:

— Somos adversarios: mas deviamos não sê-lo: eu não hostilisarei a sua candidatura: por que ha de hostilisar a minha? Vamos pregar um mono ao sobrinho do ministro?...

Puz-me a rir para não responder *sim* nem *não*.

Na terceira visita não me fallou mais em eleições: occupou-se todo em fazer a côrte á Xiquinha, e cantou com ella um dueto do *Elixir de amor*.

Desconfiei do *elixir:* não gostei do Dulcamara, e pareceu-me que a Xiquinha desafinára.

O *doutor Milhão* fizera-se o mais assiduo dos meus amigos, e, o que é mais, frequentava do mesmo modo o palacio e a sociedade do *commendador Bisnaga.*

Todos têm o seu fraco: era impossivel que a Xi-

quinha fosse em tudo perfeita: a minha adoravel Xiquinha tem um unico senão, ama a poesia, e deralhe para aprender a compôr versos rimados com o *doutor Milhão*.

Tive minhas cocegas de ciume; porque evidentemente o *doutor Milhão* se interessava mais do que era preciso pela Xiquinha, que de sua parte, conservando-se aliás sempre digna do nome de seu marido, nunca se julgára offendida por quem reconhecia o poder dos seus encantos sem alvoroçar-lhe o pudor: era moça, bonita e vaidosa: que lhe havia eu de fazer?

A sabedoria humana consiste principalmente em tirar partido e proveito das proprias contrariedades.

Calculei que a Xiquinha poderia conseguir para a minha candidatura o apoio do *doutor Milhão:* abri-me confidencialmente com este sobre os negocios eleitoraes, e chegamos a um accôrdo, em que me pareceu que me coubera a partilha do leão; obriguei-me a não dar passo algum, a não recommendar a candidatura do sobrinho do ministro, e a não hostilisar a do *doutor Milhão*, o qual deu-me palavra de honra de sustentar a minha, fazendo-me obter os votos de todos os seus amigos politicos.

Deste modo augmentavão-se as proporções da minha victoria eleitoral, e eu devia ser indubitavelmente o mais votado dos candidatos.

Não me censurem, não me accusem nem pela tolerancia do namoro, aliás innocente, com que eu deixava o *doutor Milhão* incensar a vaidade da Xiquinha, nem pela indifferença, ou, se, quizerem, traição com que eu abandonava a candidatura do sobrinho do ministro da...; não me censurem, não me accusem, não me provoquem, nem me obriguem a defender-me, apresentando exemplos ainda mais tristes de uma e outra

fraqueza dados por alguns varões illustres da minha terra.

Não me provoquem; porque, se eu dissesse tudo quanto sei e muitos sabem, diria horrores...

Basta-me dizer o que agora vou expôr nestas minhas veracissimas Memorias.

Um bello dia, já nas vesperas da eleição primaria, o *commendador Bisnaga*, recebendo-me em seu gabinete, observou-me com ares de escrupulosa gravidade, que não era conveniente que eu vivesse em tão estreitas e amigaveis relações com um inimigo do governo, com um republicano confesso e ostentoso, como era o *doutor Milhão*.

Cahi das nuvens, e respondi ã sua excellencia que eu entendêra que não devia fechar as portas da minha casa a um homem de tão boa sociedade, que era recebido no seio da propria familia do presidente da provincia.

Ouvindo tal resposta o *commendador Bisnaga* carregou os sobr'olhos e tornou-me:

— O presidente da provincia é pela sua posição official, e pela conveniencia de ostentar plena imparcialidade, e completa abstenção no pleito eleitoral, obrigado a receber a todos sem distincção.

Sahi do palacio com o espirito carregado de sombrias apprehensões: referí quanto acabava de passar-se á Xiquinha, que, soltando um — ah! — muito comprido, observou-me:

— Ah! por isso dona Desideria enregelou-me hontem com a frieza de seu recebimento!

Ao que vinha a dona Desideria para a questão eleitoral, e para as inconveniencias da assiduidade do *doutor Milhão*, o inimigo do governo, o republicano confesso e ostentoso em minha casa?

A Xiquinha se entristecêra profundamente e de subito:

— Porque te affliges? perguntei-lhe.

— A tua eleição está perdida, respondeu-me ella.

Puz-me a rir; pois nunca julgára em melhores condições a minha candidatura.

— Não te rias, tornou-me a Xiquinha; olha; eu sou capaz de jurar que o diabo vai entrar nas urnas eleitoraes.

— E que diabo é esse?

— Um que eu conheço, porque sou mulher.

Não dei importancia ás prevenções, e aos temores da Xiquinha.

Tambem não me vi constrangido para obedecer ao *Bisnaga* a despedir de minha casa o *doutor Milhão;* porque tres dias depois o aureo candidato deixou a capital da provincia para assistir á eleição de uma parochia do interior, onde as cousas estavão correndo muito mal para elle.

Livre do *doutor Milhão*, tranquillisei-me: a Xiquinha, porém, cada vez se entristecia mais: ingrato! attribui sua tristeza a saudades do *doutor Milhão;* e era por mim que a Xiquinha se obumbrava em profunda melancolia.

— Candidatura perdida! Repetia-me ella.

E eu ria-me! pateta que eu era; ria-me!

Procedeu-se em todas as parochias da provincia á eleição primaria, e em todas as parochias, sem excepção de uma só, venceu por grande maioria o partido do presidente.

— Então? disse eu á Xiquinha, dando saltos de alegria.

— Veremos; respondeu-me ella ainda mais tristemente.

Resumirei agora a historia do meu desengano, da minha derrota, e da infamia do *Bisnaga*, e da baixeza da *doutor Milhão* em quatro palavras.

Sim! venceu o partido do *Bisnaga* em todas as parochias da provincia, e venceu quasi sem luta, venceu sem derramamento de sangue, venceu suave e naturalmente em toda parte, venceu até sem duplicatas!

E dez dias depois da eleição primaria o *doutor Milhão, o inimigo do governo, o republicano confesso e ostentoso* casou-se com dona *Desideria.*

O noivo era rico, joven de vinte e dous annos, bonito e espirituoso: a noiva era senadora pela idade, quasi irracional pela intelligencia, tartaruga pelos dotes physicos.

Nunca se contrahira na provincia de..., casamento mais absurdo; no fim porém de vinte dias a benção politica tornou-o logico, pois corôou aquellas nupcias: reunirão-se os collegios eleitoraes, votárão, e...

E forão eleitos ,em primeiro lugar e com unanimidade de votos, o *doutor Milhão*, genro do presidente *Bisnaga,* e em segundo, e por grande maioria, o sobrinho do ministro.

E eu que havia trazido cem cartas de recommendação e feito trezentas visitas, que déra banquetes, e saráos semanaes, que diariamente me sacrificára a adular horas inteiras o *Bisnaga,* que perdêra o meu dinheiro, jogando com o chefe de policia, eu que mentira, que imposturára, que enganára, eu...

Eu obtive na apuração geral de todos os collegios eleitoraes da provincia — sete votos!

Eu candidato do ministerio composto de sete ministros tive sete votos! um voto por ministro! que protecção!

A minha derrota eleitoral fez-me passar duas noites

em claro; mas em paga das vigílias vi tudo muito claro.

Não me queixo do *Bisnaga:* detesto-o; mas reconheço que elle é homem da época, e meu correligionario politico, pois evidentemente pertence ao partido do seu interesse material e pessoal.

Se o ministerio se tivesse empenhado devéras pela minha eleição, o *Bisnaga* não se animaria a atraiçoar-me tão indignamente, e ainda mais o presidente da provincia de... não teria sido o *Bisnaga*, e sim um homem de minha plena confiança, como eu reclamára.

O ministerio simulára adoptar a minha candidatura; mas realmente a havia abandonado ao arbitrio e á boa ou má vontade do *Bisnaga.*

Não me queixa do partido que me designára deputado na sua grande reunião politica; porque eu nunca acreditei naquella farça. Conheço o paiz em que vivo: em materia de eleições, quem vence, quem elege não é partido algum, não é o povo, é o governo.

Não me queixo do *Bisnaga:* já disse que o detesto; mas eu faria o que elle fez.

Estão vendo que apezar da minha derrota, conservo em toda sua pureza o meu espirito de justiça.

Pois que faz o *Bisnaga?* aproveitou-se da sua alta posição official para *arranjar a vida:* está direito; é assim mesmo que se faz, e que se vê muita gente grande fazer.

O *Bisnaga* é tão pobre que não tem onde cahir morto e carregava com uma filha chamada *Desideria,* que nunca fôra nem podia ser desejada, e que passára solteira além dos quarenta annos.

O ministerio fê-lo presidente da provincia, e elle, aproveitando o ensejo, deu em dote á *Desideria* um lugar de deputado, e casou-a com um mocetão de

vinte e dous annos, e herdeiro da casa mais rica da provincia.

Devo queixar-me do *Bisnaga?* não teve elle bons mestres? não fez o que outros fazem? pois é novidade dotarem varões illustres as suas meninas á custa do povo e da patria?

Avante, *Bisnaga!* fizeste muito bem: avante! no Brasil procedimento como esse teu não avilta, não deshonra aos grandes da terra: no Brasil diz-se que um homem é honrado, quando paga as suas dividas no dia do vencimento das letras: satisfeita esta obrigação, nada mais póde affectar a honra.

E' por isso que andamos esbarrando com benemeritos em todos os cantos das ruas.

Não me queixo do *Bisnaga*, repito; queixo-me sómente do governo, que anda desde certo tempo semeando *bisnagas* pelas presidencias de muitas provincias do Imperio.

Como quer que seja, eu me achava derrotado, vergonhosamente derrotado, e a Xiquinha tão desapontada que me causava verdadeira pena: coitadinha! tinha até perdido o gosto dos versos rimados.

O casamento da filha do *Bisnaga* com o *doutor Milhão* e a minha subsequente derrota fizerão da minha casa um deserto; fugirão todos de mim, como se eu fôra um bexiguento em S. Paulo, um leproso em qualquer parte; e, o que é melhor, uns dous periodicos que se publicavão na capital da provincia, e que até vinte dias antes me elogiavão, começárão a insultar-me sem motivo, chamárão-me *ave de arribação*, *forasteiro*, *intrigante*, *affrontador dos brios da provincia*, e outras amabilidades do mesmo genero.

Ainda que eu quizesse responder, não podia, porque não tinha imprensa.

O meu unico recurso era fugir; mas faltava-me o paquete, pelo qual tive de esperar perto de um mez, ficando, durante esse tempo, atado aos dous pelourinhos do *Bisnaga* e do *doutor Milhão*.

Do *Bisnaga* hei de vingar-me na primeira occasião: se eu fôr algum dia presidente de provincia e o apanhar na minha alçada, mandarei recruta-lo e assentar-lhe praça de soldade raso, apezar da commenda e da perna côxa.

Do *doutor Milhão* já estou vingado: casou com a dona *Desideria* e basta.

Finalmente chegou o paquete, em que devia effectuar a minha retirada.

A imprensa *bisnaga-milhão* assanhára todas as furias do povo contra mim.

Na hora da partida a Xiquinha e eu embarcamos ao estrepito de mil foguetes, bombas e girandolas: foi um fogo infernal!

E *finis coronat opus:* foi-me preciso pagar passagem para mim e para minha familia!...

Fação idéa das suaves e consoladoras disposições, com que eu voltava para o Rio de Janeiro:

Eu vinha — derrotado:

Tinha sido illimitadamente injuriado:

Sahira — esfogueteado:

Fôra obrigado a pagar as passagens no vapor.

Erão quatro attentados: o ultimo não menos que os outros fizera-me chorar o coração.

CAPITULO IX

Como chegando enfurecido á capital do Imperio, e indo logo acender o *Raio do Desengano*, vem uma chuva benefica apagar-me o fogo; a Xiquinha lança-me em rosto não ter aproveitado o ensejo para fazê-la baroneza: demonstra-se a necessidade da opposição, e por consequencia lembro-me do compadre Paciencia, que ainda se achava na cadeia, cujas portas de ferro abro com as chaves de duas cartas de empenho: descubro um bom e um máo agouro em uma quéda de cavallo, e depois de outras muitas cousas que ou não vem ou vem ao caso, chega-me de subito e a proposito ordem de partir logo e logo para a provincia de que estava nomeado presidente por causa de um Manoel Mendes que fizera a asneira de morrer, e de um Relamborio que pretendia ser vivo de mais, rematando a historia a mais horrivel careta do compadre Paciencia.

Cheguei á cidade do Rio de Janeiro, transpirando principios liberaes, e maximas severas de moralidade politica por todos os póros; porque uns e outras me servirião para atacar o ministerio, e o commendador *Bisnaga*, seu digno delegado.

Eu ia pois ser gralha politica toda vestida e enfeitada de pennas de pavão: não havia novidade no caso: estas rapidas metamorphoses se reproduzem constantemente: absolutistas da segunda-feira, republicanos na terça-feira, ministerialistas na vespera do dia de despacho, opposicionistas no dia que se segue ao do despacho, que desenganou, são phenomenos trivialissimos porque todos os partidos abração todos os desertores sem perguntar nem moralisar os motivos da deserção.

E' o que vale a mim e á minha gente: se os taes partidos politicos zelassem mais sua dignidade, desprezassem os traficantes, e arrancassem as pennas de pavão com que se enfeitão as gralhas, não se multiplicaria tanto o numero dos renegados, a descrença politica não se estaria arraigando no coração do povo, os homens honestos não se acharião misturados com depravados e ganhadores, e o *Sobrinho de Meu Tio* daria á costa nos cachopos da moralidade, com a triste consolação e afogar-se em companhia de alguns mil barrigudos.

Mas ainda bem que nenhum partido se convenceu de uma verdade perigosissima, isto é, de que no Brasil antes das lutas por idéas politicas, ou para que haja verdadeira e proficua luta por idéas politicas, é necessario que se chegue a accôrdo leal para conscienciosa e decidida imitação da sagrada lição de Jesus Christo, que a golpes de azorrague expellio os traficantes que mercadejavão ás portas do templo.

Mas no Brasil tolerão-se os traficantes que mercadejão não ás portas, porém dentro do templo do Estado e até sobre os altares.

E, se duvidão do que estou dizendo, estudem bem o logro infame que me pregárão o ministerio e o commendador *Bisnaga.*

O meu profundo resentimento era como uma cratéra a ferver, e a abrir-se para que prorompesse o volcão: vinte e quatro horas depois do meu desembarque na capital do Imperio, os jornaes diarios annunciárão o proximo reapparecimento da *Espada da Justiça,* que se publicaria com o novo titulo de RAIO DO DESENGANO *para fulminar todos os perversos, e oppressores do povo.*

Bem longe estava eu de esperar os grandes e felizes

resultados produzidos pelos meus furiosos annuncios.

Não ha no Brasil arma que assuste, phantasma que assombre mais os ministros de estado do que o annuncio de um periodico de opposição, principalmente se o seu redactor foi amigo da vespera e não tem papas na lingua, nem reservas de generosidade.

A razão é simples.

A razão geral é que quasi todos os ministros são animaes de cauda mais ou menos comprida, e a imprensa da opposição é tesoura amolada que corta sem piedade as caudas dos ministros.

A razão especial é que o amigo da vespera é cumplice de muitos escandalos mysteriosos, conhece segredos compromettedores, e os fracos e as miserias do ministerio, e se não tem papas na lingua, nem generosas reservas, se é capaz de sacrificar um olho para furar os dous olhos do seu inimigo, torna-se por isso mesmo uma potencia terrivel, cujas iras é preciso a todo transe desarmar.

Confesso que eu não tinha calculado com estas gigantescas proporções da minha vingativa opposição; reconheci-as porém, vendo entrar pelo *Club Fluminense* a dentro o ministro da... com sua excellentissima senhora para visitar a mim e á Xiquinha.

Recebi o elevado visitante com enregelada cortezia; mas é de regra que um ministro não sinta frio nem calor.

Sua excellencia deu-me mais de dez abraços, lamentou a minha derrota eleitoral, jurou-me que já estava resolvida a demissão do *Bisnaga*, e que o ministerio tinha meios de castigar a traição de que eu fôra victima; finalmente declarou-me que se achava autorisado para offerecer-me as compensações que eu quizesse exigir, e sem limite algum em minhas exigen-

cias, que estavão préviamente consideradas justissimas.

O homem é de carne e osso: abalei-me, senti-me commovido pela eloquencia sentimental do ministro da...

Eu tenho o coração muito propenso á ternura: aquelles amaveis offerecimentos do governo abrandárão a minha cólera, e tocárão a minha natural sensibilidade.

Referi ao ministro da... a historia de todos os tormentos por que havia passado, das affrontas que recebêra, e até do sacrificio a que fôra obrigado, pagando as passagens no vapor.

No fim de duas horas de conversação intima e confidencial o ministro da... retirou-se com sua excellentissima senhora, despedindo-se de mim com estas animadoras e suavissimas palavras murmuradas ao meu ouvido:

— Dentro de oito dias receberá as provas da lealdade do ministerio, e da alta consideração com que elle sabe distinguir os seus amigos.

Não é preciso dizer que adiei, ao menos por oito dias, a publicação do *Raio do Desengano* para vêr que resultado terião as promessas que acabava de fazer-me o amavel ministro.

E antes de terminado o prazo marcado chegárão-me com effeito as demonstrações inequivocas do apreço que de mim fazia o gabinete.

Por ordem superior e competente foi-me restituida a quantia que eu despendêra, pagando as passagens, minha e de minha familia, no paquete que me havia trazido de volta á cidade do Rio de Janeiro.

Fui nomeado presidente da provincia de..., uma das de segunda ordem, mas já não pouco importante.

E para compensar o *enorme sacrificio pessoal* a que me sujeitava, aceitando esse elevado cargo, concedêrão-me além da ajuda de custos da lei, uma outra extraordinaria, cuja importancia não chegou ao dominio do publico.

Finalmente foi-me solemnemente garantido que o commendador *Bisnaga* receberia em breve demissão pura e simples sem a mentirosa mas usual declaração de — *a pedido* que poupa certo vexame aos demittidos.

Esta chuva de despachos que cahio sobre mim em um só dia, apagou definitivamente o *Raio do Desengano*, como teria enferrujado a *Espada da Justiça.*

Em troco do diploma de deputado que o *Bisnaga* empalmára para o noivo da sua *Desideria*, davão-me dinheiro, e alta posição official, não pelos meus bonitos olhos, mas para trancar-me a boca, e comprar-me o silencio.

Os excellentissimos tinhão razão de sobra para apressar como apressárão a licita *transacção :* eu poderia contar tantas historias!...

Emfim não havia que dizer, nem que hesitar : o arranjo convinha-me perfeitamente : era negocio da China : aqui em segredo confesso, que ter-me-ia vendido por menos.

Um restinho de resentimento do estudo dos versos rimados tinha feito com que eu dirigisse toda esta negociação moral e politica sem ouvir os conselhos da Xiquinha ; recebendo porém os meus *despachos*, dei-lhe parte do transcendente acontecimento.

— Portanto, observou-me ella, a tua turiosa opposição desfez-se como trovoada imminente que uma hora de ventania desconcerta !

— Tal e qual : a opposição foi-se, e nunca me senti mais profundamente ministerialista do que hoje.

— Por que não me consultaste, conforme costumavas fazer sempre, antes de tomar qualquer importante resolução?

— Porque os dogmas não se discutem, são pontos de fé, e o negocio que acabo de fazer é para mim um dogma. Olha : por te ouvir os conselhos já uma vez pequei, offendendo este dogma, que me aproveitou agora.

— Quando foi isso?

— Quando me fizeste regeitar o dinheiro da policia que o ministro da... me offerecia para amolar a *Espada da Justiça.*

— Não me arrependo do que então aconselhei, primo; ainda mesmo no que hoje você conseguio, está a prova da prudencia do meu conselho ; e, digo mais, se me tivesses ouvido nesta negociação, terias lucrado... talvez o dobro.

— Ora!

— Que te derão? dinheiro, de que em consciencia não precisamos...

— Nego a consequencia : de dinheiro preciso eu sempre, e sempre cada vez mais.

— E uma presidencia de provincia, que te hão de tirar mais dia menos dia!

— E o *Raio do Desengano?...*

— Não te derão cousa que fique, que subsista, que não possa depois ser tirada, que aproveitasse agora e no futuro.

— Por exemplo?...

— O titulo de barão que facilmente conseguirias tambem.

Soltei uma risada homerica.

— De que te ris? perguntou-me a Xiquinha, sem desapontar.

— Da tua idéa: és capaz de dizer-me para que serve ser *barão* no Brasil?

— Sou.

— Pois dize.

— Serve só para satisfação de um pequeno, mas suave capricho; ao menos porém serve para esse capricho...

— Qual?... acaba de uma vez!

— Serve para um homem casado e amoroso fazer sua mulher *baroneza*.

Cahi de joelhos.

— Perdão, Xiquinha! exclamei.

Ella deu-me ambas as mãos e levantou-me.

— Oina: tornei-lhe commovido; tenho a certeza de que ainda hei de vender-me, ou alugar-me muitas vezes ao governo, e juro-te que na primeira transacção de importancia o meu primeiro cuidado será fazer-te baroneza.

— Esqueçamos esta puerilidade.

— Não: estou massado, arrependido de não ter consultado a minha sábia conselheira.

— Primo, os meus conselhos pouco ou nada valem: nós estamos sempre de accôrdo, vemos tudo com os mesmos olhos e debaixo do mesmo ponto de vista; é por isso que erramos frequentemente.

— Preferirias que vivessemos em constante e systematica divergencia?

— Não; mas seria uma fortuna, que tivessemos um amigo que não pensando como nós, soubesse contrariar-nos com franqueza: a discussão nos daria luz tanto para vêr a verdade verdadeira, como para distinguir bem a verdade das nossas conveniencias.

— Estás cahindo em cheio na desastrada e abominavel theoria do systema representativo, que reputa a opposição uma condição essencial da sua existencia, e até mesmo utilissima auxiliar do governo!

— Mas se é assim...

— Assim?

— Por certo: sem opposição o governo nem examina, se desvaira: corre sem cuidado, á rédea solta, e ás vezes se lança em precipicios: e pelo contrario as censuras e os brados da opposição o trazem álerta e cuidadoso; dão-lhe pharóes, mostrão-lhe os perigos, e até lhe emprestão força para resistir ás exigencias inadmissiveis dos falsos, ou pesadissimos amigos.

— Por consequencia...

— O que se observa com o governo do Estado, observa-se na vida trabalhosa e variavel do homem: feliz aquelle que póde ter constantemente junto de si um censor severo e ainda mesmo exagerado!

— Estou vendo que pretendes lançar-me na estrada gloriosa de todas as virtudes!...

— Digo-te sómente que para melhor apreciares o bem e o mal, a verdade verdadeira, e as nossas proprias conveniencias menos te aproveito eu que penso como pensas, do que te aproveitaria um amigo ralhador, que nunca nos achasse razão.

— Um *compadre Paciencia*, por exemplo...

— Quem? o amigo do nosso Tio? Primo! seria uma conquista inapreciavel, um verdadeiro thesouro!

— Pensas?

— E' um amigo dedicado, e a franqueza rude, quasi selvagem personalisada.

E' por isso que parou na cadeia.

— Como?... perguntou-me a Xiquinha.

Tive meus arripios de vergonha, minhas alfinetadas de remorso, considerando que até aquelle dia nem sequer me lembrára um instante do compadre Paciencia, esquecendo-o a tal ponto que nem ao menos referira o seu infortunio á Xiquinha.

Obrigado a responder ao — *como?* — interrogativo de minha mulher, contei-lhe a historia da prisão do pobre velho, desculpando com pretextos e falsidades a minha escandalosa indifferença e o meu reprehensivel olvido da desgraça, em que o abandonára.

A Xiquinha é mulher, e embora calculista e egoista como eu, ficou com os olhos rasos de lagrimas, ouvindo-me.

— Ah primo! você esqueceu demais o infeliz *compadre Paciencia!* não o conhecia bem... foi por isso.

— E' exacto: vi-o, encontrei-o pela primeira vez na celebre viagem, que nosso tio me fez emprehender...

— Então nem lhe sabe a historia? pois é curiosa...

— Conta-m'a.

— E' melhor que elle lh'a conte: eu não a conheço bem.

— Elle?... onde estará o *compadre Paciencia?*

— Eis o que cumpre immediatamente averiguar: se ainda se acha preso ou está condemnado, é preciso solta-lo, ou alcançar o seu perdão. Primo, este empenho não nos póde ser nocivo, e lhe fará honra: é um acto de beneficencia, de caridade e de gratidão, que sem o mais leve prejuizo ou inconveniencia recommendará o seu nome; e sobretudo será honra e proveito cabendo em um sacco.

A Xiquinha pensava bem: despedi no mesmo dia um proprio, que seguindo para a minha provincia verdadeira afim de trazer-nos as noticias e informações

de que precisavamos, voltou em breve e annunciou-nos que o *compadre Paciencia* ainda se achava na cadeia da villa de...

Sob o pretexto de levar a Xiquinha a despedir-se de sua mãi fizemos uma viagem á provincia ; e eu corri logo a tratar de pôr em liberdade a innocente victima.

Encontrei o *compadre Paciencia* no estado o mais deploravel, magro, descorado e coberto de trapos; seus já raros cabellos brancos cahião-lhe sobre os hombros, e a barba tambem alvejante roçava-lhe o peito; mas no rosto macilento ostentava a constancia mais inabalavel, e nos olhos brilhantes a flamma do espirito.

Era um homem endiabrado que uma prisão de annos não pudera abater! duvido que a famosa raiz de gamelleira, de que se faz tão legal applicação na constitucionalissima ilha de Fernando de Noronha, conseguisse dar juizo a liberal tão emperrado.

O compadre Paciencia conheceu-me, apenas lhe appareci, e quiz voltar-me o rosto; mas não poude, rolárão-lhe duas lagrimas pelas faces e disse :

— Ingrato!... eu te perdôo.

E apertou-me com força a mão, que lhe estendi.

Contei-lhe a melhor historia que eu tinha podido arranjar para diminuir as proporções do meu criminoso esquecimento, e deixei-o logo para occupar-me do meu empenho.

— Eu tinha levado uma carta do ministro da justiça para o juiz de direito, que felizmente estava, por excepção, na villa, e outra de um dos senadores da provincia para o escrivão de quem era compadre e protector : apressei-me a ir entrega-las, sendo recebido por ambos como varão illustre que estava no-

meado presidente de provincia, e já tinha portanto tratamento de excellencia.

Em menos de vinte e quatro horas consegui tudo quanto desejava : o escrivão descobrio em um canto escuro do cartorio o esquecido e empoeiradissimo processo, e o juiz de direito attendendo ao recurso que em 1855 o *compadre Paciencia* interpuzera, lavrou a sentença despronunciando o réo, e mandando passar-lhe alvará de soltura.

O *compadre Paciencia* sahio da cadeia bramindo no mesmo tom, com que bramira, entrando para ella, e sempre a clamar pelos direitos do cidadão e pela Constituição do Imperio, jurou que ia dar queixa contra o escrivão e as autoridades da villa de...

Diga-se a verdade : se as leis valessem alguma cousa, o enfesado velho tinha justos motivos para assim revoltar-se.

A tantos annos preso, processado e sem julgamento! a justiça publica faz cousas de arrepiar os cabellos, principalmente ahi pelo interior de algumas provincias!

Todavia se as apparencias condemnavão no caso do *compadre Paciencia* a justiça publica da villa de..., o estudo das circumstancias e dos factos a absolvião plenamente na minha opinião.

Tudo havia marchado senão muito regularmente, ao menos muito explicavelmente.

Em primeiro lugar o juiz de direito da comarca era deputado desde 1853, e em cada anno tinha, além do tempo das sessões legislativas, commissões a desempenhar ou como presidente de provincia ou como chefe de policia, e a comarca não o vio, senão algumas semanas por acaso em um ou outro anno.

Em segundo lugar o juiz municipal era membro

da assembléa provincial, e em regra, quando não estava atarefado na *salinha*, desfructava licenças repetidas para tratar de sua saude, e durante os mezes em que uma ou outra vez se recolhia ao desterro da villa de... empregava utilmente o seu tempo caçando veados, o que é innocentissima distracção.

Em terceiro lugar os substitutos do juiz de direito e do juiz municipal tinhão vida em que cuidar, andavão constantemente á passar *as varas*, e estavão muito no seu direito, procedendo assim, porque não era justo que roessem as espinhas dos dous peixes que os juizes formados comião em santo ocio.

Em quarto lugar por todas essas razões não se estavão em suspensão de alguns dos taes inconsiderados direitos constitucionaes.

Em quinto lugar o *compadre Paciencia* teimava convocára e portanto não se reunira o jury na villa de... desde 1855, o que os cidadãos jurados agradecião como favor, sem se lembrar dos presos e processados, que, innocentes ou não, gemião na cadeia, ou sempre em gritar contra a oppressão e injustiça que soffria, ameaçando juizes e o escrivão seu inimigo com a vingança da lei, e evidentemente a um homem que grita e ameaça não é prudente abrir a porta da cadeia, ao contrario convem apagar a exaltação dos revolucionarios, isto é, de quantos maniacos pretendem que haja no mundo direito real que não seja o facto, e preceito da lei que ponha limites á salutar omnipotencia da autoridade.

Ha cabecinhas politicas sempre cheias dos sestros das reformas, que do estudo de soffrimentos iguaes aos que passou o *compadre Paciencia*, de outros casos analogos, e da forçada intervenção da magistratura nas eleições, concluem sustentando a necessidade

urgente de magnificar-se o magistrado tornando-o independente do povo que *dá*, elegendo, e do governo que *dá*, removendo, melhorando as posições, e concedendo favores: achão elles que a magnificencia se realizaria facil e completamente com as incompatibilidades eleitoraes absolutas, e com o aniquilamento de toda acção influente do poder executivo sobre o magistrado.

Deos nos livre de semelhante desgraça! se tal acontecesse, o governo perderia metade de sua força: o magistrado não distrahido do cumprimento da sua missão, e sem esperanças de despachos e favores faria da religião da lei a sua gloria, não se arreceiaria de oppôr barreiras ás arbitrariedades da policia politica e eleitoral, resistiria á ordem illegal de qualquer ministro, e sem depender do povo seria a sentinella, e a guarda dos direitos do cidadão; não daria ouvidos parciaes á vontade dos potentados dos municipios e finalmente marcharia com a consciencia do dever, tendo a lei por pharol.

Desse modo desorganisava-se completamente a nossa sociedade politica, e ficava a nação em grande parte livre da tutela forçada do ministerio, muita gente boa em disponibilidade perpetua e provavelmente eu não conseguiria nunca ser designado deputado, nem continuaria por muito tempo, como pretendo, a felicitar-me nas presidencias de algumas provincias.

A prova da alta conveniencia da acção poderosa do poder executivo sobre a magistratura ahi está no proprio negocio do *compadre Paciencia*. O processo dormia a longos annos no cartorio do escrivão, e bastou uma carta do ministro da justiça para que o juiz

de direito despronunciasse o pobre réo immediatamente e até sem ler as peças do processo.

Custou-me muito menos a alcançar isso do que a arrancar da villa de... o enfezado velho, que pretendia começar logo a comprometter-se de novo, dando queixa contra o escrivão.

Emfim convenci o rabugento compadre de que só perante autoridades superiores poderia fazer vingar os seus direitos offendidos, e no dia seguinte, puzemo-nos a caminho, não como outr'ora, cavalgando eu *o ruço queimado*, e elle a infeliz *mula ruça;* mas desta vez montados em excellentes cavallos e seguidos de dous pagens com ricas librés.

As auras matinaes respiradas docemente em liberdade depois de tão prolongada e cruel prisão, puzerão de bom humor o *compadre Paciencia.*

— Adivinho que vive em maré cheia de fortuna; disse-me elle : viaja com um estadão...

— Proprio de quem acaba de ser nomeado presidente da provincia de...

— Presidente de provincia!... já vejo que mudou de vida e de costumes : que deu-se, como devia, ao estudo, e, como bom cidadão, occupou-se muito de assumptos administrativos.

— Compadre, aqui para nós, eu continuo inabalavel nos meus principios : não estudei cousa alguma, e em materia de administração enxergo tanto, como o menimo analphabeto que vai entrar para a escola.

— E conhece a provincia que tem de presidir? Sabe quaes são as suas circumstancias politicas e economicas? Quaes as suas grandes necessidades? Que fontes naturaes de riqueza podem nella ser exploradas?

— Nem migalha de tudo isso.

— Então que vai fazer?

— E' boa pergunta! vou ser presidente de provincia, vestir farda bordada, ter tratamento de excellencia, bocejar nas audiencias, comer nos banquetes e dansar nos bailes que me derem, arranjar maioria na assembléa provincial, recrutar na opposição, despender o dinheiro da provincia sem me importar com a lei do orçamento, ter o meu exercito de afilhados, e antes de tudo e principalmente arranjar a vida.

— Excellente! e não tem receio de que o governo geral o mande plantar batatas logo no fim do primeiro mez da sua desmiolada e pestifera presidencia?

— Qual! obedecendo cega e promptamente á todas as ordens officiaes e as cartas particulares de todos os ministros presentes e futuros, e sendo instrumento material da vontade e dos caprichos dos deputados geraes da provincia, serei presidente per omnia sœcula sœculorum.

— E a misera provincia?...

— Que se arranje com o calor e com a humidade.

— Benzo-me com a mão toda! exclamou, benzendo-se como dissera, o *compadre Paciencia.*

— De que se admira?

— E' que em outros tempos a presidencia de provincia era uma cousa séria : ás vezes era confiada a um ancião pouco illustrado; mas de experiencia e de pratica dos negocios reconhecidas : ás vezes tambem a um moço noviço em administração; mas de intelligencia superior e de notaveis habilitações.

— Pois meu caro compadre, hoje em dia ha uma invasão de *Bisnagas* nas presidencias de provincias que eu até ando com pretenções ás glorias de notabilidade.

O velho maniaco parou o cavallo, deixou cahir as

rédeas no pescoço do animal, cruzou os braços e disse gravemente :

— Presidente de provincia quer dizer um homem a cuja sabedoria é confiado o presente e o futuro de uma consideravel parte do Imperio...

— E um agente official que vai servir aos interesses dos deputados e dos amigos do ministerio.

— E' o architecto do futuro nos cuidados que presta e no desenvolvimento que dá á instrucção e á educação do povo...

— E' o especador do presente nas eleições que se preparão, ou nas urnas eleitoraes que viola e conquista.

— E' o mantenedor da lei que honra a moralidade do presente, fazendo garantir os direitos de todos sem enxergar diversidade de opiniões politicas.

— E' o caixo-mor do patronato a favora dos ministerialistas e presidencialistas, e o director em chefe das perseguições da sucia rebelde dos opposicionistas.

— E' o fiscal zeloso da economia dos dinheiros publicos, que só devem ser despendidos em proveito real da provincia.

— E' o espalhador mais ou menos ceremonios dos dinheiros provinciaes pelos protegidos de cada situação politica, com quem se fazem contractos, que á provincia aproveitão como dez e a elles como dez mil nos casos ordinarios.

— E' o homem creador que abrindo estradas, cavando canaes, facilitando a navegação dos rios, pondo em tributo o mineralogista, o naturalista, fallando aos interesses da industria e do commercio, accendendo a luz da civilisação, abrindo as azas ao progresso, faz maravilhas que economisão o tempo, encurtão o espaço, multiplicão a riqueza e nobilitão a humanidade.

— E' um candidato a deputado, ou candidato á senador, ou caixeiro de um figurão do tempo, ou commissario para realizar empenho especial e determinado, ou deputado que quer ser presidente no intervallo das sessões, e que toma a presidencia por gozo de férias, ou qualquer outra cousa como alguma dessas e que por consequencia não perde o seu tempo em pó de estradas, nem em agua suja de canaes, nem em pedras e lamas de rios, nem se queima na luz da civilisação, nem tropeça correndo com o progresso, nem é tolo para perder o appetite e o somno mettendo-se por minas e bosques.

— E' um chefe de administração que na provincia que preside resume ou reune as sete pastas dos sete ministros do Estado.

— E' portanto um grandioso sophisma multiplicado pos sete sophismas, e que deve dormir como sete, gozar como sete, comer como sete e viver como sete.

O compadre Paciencia era sempre a antithese da sua alcunha : perdeu a paciencia com as minhas interrupções, e dando com as mãos e com as pernas no brioso cavallo, exclamou furioso :

— Se é assim, onde vai parar o Brasil?...

E o cavallo que não era a *mulla ruça*, sentindo-se tocado pelas esporas, deu um salto e atirou com o *compadre Paciencia* em cheio nas bordas de um medonho precipicio que havia ao lado da estrada.

Soltei um grito de susto e de horror.

Mas o compadre levantou-se e disse, olhando para o abysmo :

— A Providencia salvou-me.

— Que coincidencias! um máo e um bom agouro! observei eu.

— Quaes?

— Acabava de perguntar onde iria parar o Brasil...

— E o cavallo respondeu-me, atirando-me na boca do *precipicio*.

— Mas a *Providencia* sálvou-o!...

— Assim seja.

Eu ainda tremia; o *compadre Paciencia* porém calmo e sereno, como se não acabasse de escapar ao maior perigo, tornou a montar á cavallo, e disse-me:

— Fizerão-lhe impressão as coincidencias; mas escapou-lhe uma observação muito curiosa.

— Qual?...

— Que as desgraças do paiz são tão patentes, e as calamidades e riscos que ameação o Brasil tão claros, que até este cavallo, que é irracional e não falla, respondeu de subito e com eloquencia irresistivel á pergunta que eu fizera.

Involuntariamente fiquei silencioso e pensativo.

O velho deu por isso e perguntou-me a rir-se:

Então?... o agouro está-lhe apoquentando o espirito?

— Ora... porque?

— Porque em seu caracter de presidente da provincia e conforme suas theorias vai ser cavalleiro, e reduzir o povo seu governado á cavallo...

— Firmeza da mão nas rédeas, dos joelhos nas abas do sellim, e dos pés nos estribos, açoute na anca, e esporas no ventre do cavallo sempre que fôr preciso, e não ha perigo possivel.

— Tem-se visto os mais consummados piçadores cahir de pernas para o ar, quando menos o esperão: olhe: basta que se quebre o freio e que rebentem as silhas...

— Sim... entendo: revolução no caso! eis o que

quer dizer ; eis o constante recurso dos liberalões de todo o mundo !

— Está dizendo uma grande necedade, com perdão da sua excellencia! exclamou o *compadre Paciencia*, a cujo nariz eu acabava de chegar mostarda.

— Estou denunciando um crime, e os verdadeiros criminosos.

— Revolução! bradou o velho; pois sim : ella é possivel, a fogueira está se construindo e ha nella cada tóro que mette medo...

— Ah! confessa?...

— Mas se é verdade! o que cumpre porém examinar é donde parte a conspiração, é quem são os revolucionarios.

— Aposto que o conspirador vai ser o governo.

— Indisputavelmente. As revoltas, as rebelliões podem ser obra de facções, ou de partidos em delirio : as revoluções têm sido, são sempre resultado dos erros profundos e accumulados do governo.

— Philosophia da historia a Victor-Hugo.

— Que se vê no Brasil? Systema representativo sem nação representada, porque os chamados representantes são designados pelos ministros e não eleitos pelo povo; — d'ahi falseamento da essencia do systema : — ministerios sem lealdade politica, sem côr de partido, homens ostentando a negação do passado, popularidades aniquiladas, influencias gastas e perdidas, confusão de idéas, engano em cima, desengano em baixo; d'ahi a descrença do povo : centralisação absurda, amesquinhando, abatendo as provincias que mudão de presidentes de seis em seis mezes e que são condemnadas a interminaveis noviciados de administradores ephemeros; d'ahi desgosto profundo e geral em todo paiz : corrupção dos costu-

mes mostrando-se desenvolta na fraude politica, na fraude administrativa, na fraude commercial e na impunidade de mil crimes; elevando o suor do ganho licito ou illicito á religião do ouro pelas vaidades da luxo, pelo furor do jogo, pelos desatinos da luxuria; o governo vendendo titulos e em mercado escandaloso, exercendo o patronato que atropela os direitos de uns, e avilta o merecimento de outros; no commercio os credores não se espantando mais ao ver chegar os devedores a propôrem-lhes concordatas lesivas; os ministros sophismando as leis sem pensar que os seus sophismas ensinão os governados a sophismar o dever; d'ahi a desordem dos espiritos e o enregelamento dos corações : na casa de Deos o clero ignorante e desmoralisado (guardadas nobilissimas excepções) amesquinhando o culto, apagando a tocha da fé, deixando accender-se o facho da heresia; na casa do rei o principio irresponsavel atirado ás discussões, ás censuras, ás queixas por ministros que se cobrem com o manto da corôa em face das camaras, que no conselho são baixos por subserviencia expontanea; e que são falsos lastimando-se do governo pessoal em confidencias ignobeis nos corredores da traição; na casa da justiça a magistratura condemnada ás migalhas da pobreza, atada ao carro do poder executivo pelos tirantes da dependencia, com uma das mãos pedindo ao governo, com a outra pedindo ao povo; e emfim na casa do povo...

— Basta de expôr o Brasil em vistas de marmota da opposição.

— Não : eu quero fallar dos soffrimentos do povo : no que já disse estão muitos dos principaes tóros, com que se arma a fogueira; agora vou tratar do archote que ha de accendê-la.

— Dispenso o resto do discurso...

— Mas não o dispenso eu...

— O senhor devia ter ficado para sempre fechado na cadeia da villa de...

— Então porque?

— Porque é um republicano endemoninhado e activo.

— Activo?... homem, republicanos de opinião ha de haver no Brasil, eu o creio; mas republicano em actividade, conspirando sem cessar tenebrosa embora indirectamente contra a monarchia, só conheçoum.

— Qual é?

— O governo que desacredita e solapa o systema monarchico representativo, adulterando-o, corrompendo-o.

— Declamações, *compadre Paciencia.*

— E' assim mesmo que os ministros respondem nas camaras.

— Onde aprendeu e soube tanta cousa, estando a tantos annos na cadeia?

— O carcereiro me emprestava o *Jornal do Commercio* de que eu era assignante, e elle se ficava com a collecção.

— Era melhor que se limitasse á leitura do *Diario Official.*

— Sim : queria que eu tomasse *opio* em todos os sentidos! que eu lesse para dormir e para me illudir.

— O *Diario Official* é mais do que um archivo dos actos politicos e administrativos do governo do Estado : é a realização do grande principio da publicidade exigido pelos liberaes abelhudos.

— Mas tarde ou nunca publica as deliberações mysteriosas que não convem que se apreciem.

— Ora o *compadre Paciencia* tendo já as barbas

e os cabellos brancos ainda está com os beiços com que mamou! pois então, os meninos escondem á familia as *gazetas* que fazem na escola; as moças as cartas que mandão aos namorados; os partidores occultão do juiz os *cahidos* que ganhão dos herdeiros que pedem melhor quinhão na partilha; não poucos padres prégadores não confessão de que sermonario copiárão os sermões *escriptos por elles de improviso;* o negociante esconde os defeitos e avarias da fazenda velha que vende por nova; os medicos nunca declarão que não conhecem as molestias dos seus doentes; os advogados enrolão e occultão em dez mil palavrões a ignorancia do direito e a sciencia da injustiça ou a convicção do crime que defendem; todas as variedades de postiços annuncião que a humanidade adora as dissimulações, e não póde viver sem o encanto dos segredos, e sómente aos ministros de estado não seria dado guardar nos arcanos da prudencia alguns ou muitos dos seus actos...

— Essa é boa! tem razão : o governo é cousa delles, não é cousa publica! o governo erige-se em marido da nação e diz-lhe : « minha mulher, o que possuimos é nosso; eu porém sou a cabeça do casal, e nada tens que ver com o que eu faço da nossa riqueza : » e quando gasta a fortuna com as mundanarias, e a desbarata em orgias, esconde o crime em segredo e está no seu direito.

— Nega que haja segredos de estado?

— Nego que os haja perpetuos : a prudencia e a conveniencia politica podem reservar alguns por certo tempo; mas o que se esconde sempre, é sómente o que envergonha, e avilta ou infama.

— Ainda bem que *certo tempo* quer dizer tempo *illimitado.*

— Venha mais esse sophisma : obrigação absurda de pagamento sem prazo! emprestimo a casamento! calote seguro de devedor sem consciencia; mas não tratavamos de segredos de estado, e sim de actos do governo na politica e na administração do interior, o que torna a reserva muito mais suspeitosa e condemnavel.

— Compadre, digo-lhe que não entende patavina de sciencia politica : os grandes segredos do estado consistem exactamente ou principalmente nas cousas que lhe parecem mais reprehensiveis. Escute : o ministerio precisa do silencio ou da palavra ou emfim do voto de um senador influente que exige por condição um enorme destempero administrativo : que ha de fazer o ministerio? destemperar; mas guarda segredo emquanto póde : é indispensavel reparar os estragos ou augmentar as proporções da fortuna de um *distincto* cavalheiro, cujos altos padrinhos o querem abençoar com a mão do thesouro publico, não ha remedio, incumbe-se-lhe de fazer compras extraordinarias no estrangeiro, e sepulta-se a negociação no cemiterio dos archivos da secretaria. Todas estas cousas e outras semelhantes são *segredos de estado*, que devem ficar em arcano, porque se fossem conhecidas, desmoralisarião o governo. A moral não está nos actos, está no véo que encobre o escandalo : o segredo é aqui o indicio do pudor.

— Não me diz nada de novo, meu caro senhor : estamos de accôrdo na materia e apenas discordamos na fórma : é isso mesmo o que eu pensava ; mas o que acaba de chamar *negocios do estado*, eu chamo *negocios da escada.*

— Compadre, eu não tenho o máo costume de fazer

questão de palavras: uma vez que estamos de accôrdo, mudemos o assumpto da conversação.

— O ultimo ponto da nossa conversação foi sobre o *Diario Official*, que eu chamei *opio*, e *opio* em todos os sentidos.

— Tal e qual.

— Nesse caso preciso ainda dizer alguma cousa.

— Ainda!

— Certamente: atacar é facil, e demolir não é difficil: mas o demolidor é um simples genio do mal, se não sabe reconstruir, o que póde aproveitar.

— Portanto...

— Eu não condemno, applaudo a instituição do *Diario Official;* lamento que o governo a esterilise, e a sentenceie á morte dada pela indifferença publica.

— Meu doutor, venha a receita para curar a molestia.

— O governo deve fazer lêr o *Diario Official* pelo povo: para isso é preciso que lhe dê duas condições, uma essencial, outra secundaria; mas tambem indispensavel.

— Vamos ao desenvolvimento do plano.

— Em primeiro lugar é preciso que o *Diario Official* seja sem contestação o franco e fiel archivo de todos os actos do governo; que se tenha a certeza de encontrar nelle toda a historia da vida do Estado: se fôr assim, ninguem no Brasil desconhecerá a sua importancia sobre todas as publicações da imprensa periodica e diaria.

— *Dificilem rem postulasti: o Diario Official* é e deve ser um composto de luz e sombras: dia de sol nublado seguido de noite sem lua.

— Depois dessa publicidade perfeita, consciencíosa que é um direito da nação soberana, cumpre que

venha a explicação e a defesa simples e grave dos actos dos ministros, o que é mais do que direito, é dever do governo; mas note-se que a explicação não é a polemica : a polemica e a luta ficão por conta das gazetas dos partidos politicos.

— Bem entendido, pagando o governo as despezas das gazetas que se disserem do seu partido.

— E além da parte official e politica é ainda preciso que o Diario do governo se faça lêr por todos...

— Peior!

— Severo e veracissimo em noticias do exterior, abundante em informações relativas á todas as provincias do Imperio, tornando-se interesante á agricultura, á industria, ao commercio e ás artes, instruindo e moralisando o povo com artigos amenos, originaes ou traduzidos, mas sempre moraes, reunindo emfim o util e o agradavel o *Diario Official* deixará de ser *opio*, e acabará, sendo lido por todos.

— Mas, compadre da minha alma, a grande conveniencia politica consiste em haver *Diario Official* organisado e dirigido de modo que a sua leitura seja cruel penitencia.

— Porque?

— Homem, fallando a verdade, o nosso *Diario Official* não é o que podia e devia ser, porque em compensação do dinheiro que se deita fóra por um lado, fazem-se economias doudas em serviços que serião utilissimos, se se gastasse com elles, quanto é preciso.

— Graças a Deos, que lhe sahio da boca uma observação sensata!

— Mas em meu parecer o *Diario Official* é o que deve ser, e o que exige a conveniencia politica; porque — existindo elle, suppõe-se satisfeita uma

necessidade publica, e sendo lido apenas por alguns penitentes, menos conhecidos são muitos abusos e erros do governo.

— E os jornaes muito lidos que transcrevem todos os actos officiaes *publicados?*

— Devia-se prohibir esse escandalo: tal publicação cumpria ser privilegio exclusivo do *Diario Official.*

— Sim! era melhor que ainda se publicasse menos.

— Sem duvida, e hei de proceder nesse sentido nas provincias de que fôr presidente.

O *compadre Paciencia* tornou a fazer parar o cavallo e disse-me seriamente:

— Ou os seus paradoxos são gracejos, ou o ministerio que o nomeou presidente, não o conhecia.

— Qual! nomeou-me e eu aceitei a nomeação porque elle eu nos conhecemos.

— Não! não: primeiramente ainda duvido um pouco da sua nomeação, e emfim custa-me a crer que o governo do meu paiz tenha descido ao ponto...

O velho não acabou; um soldado de cavallaria correndo á rédea solta, estacou diante de nós e entregou-me um officio e uma carta.

O officio ordenava-me que seguisse immediatamente a tomar conta da presidencia, annunciando-me que um *vapor* ficava á minha disposição na capital da provincia, onde me achava.

Passei o officio ao *compadre Paciencia* que o leu

— Então? perguntei.

— Tem razão: é presidente de provincia: respondeu-me com ar apatetado.

— E' homem de segredo?

— Penso que sou e por isso mesmo raramente curioso.

— Veja esta amavel cartinha que acabo de ler.

O velho não se fez rogar : a carta era do meu amigo o ministro da... e dizia assim :

« Confidencial. Prezadissimo; parta logo e logo, e para evitar demoras, não passe pela côrte. Morreu o deputado eleito Manoel Mendes e sabemos que o eleitorado todo do competente districto adoptou a candidatura do Dr. Relamborio que, embora seja do partido, é *inacceitavel* pelo ministerio, porque, ha dous annos, sendo examinador de philosophia, reprovou o irmão mais moço do actual presidente do conselho; por consequencia *carta branca :* não queremos o Relamborio eleito. Faça deputado a quem melhor servir para derrota-lo. — Seu do coração

X. Z. Y. »

— E agora? perguntei de novo.

— Agora, tornou-me o *compadre Paciencia*, agora estou ainda mais convencido de que com ministros e presidentes de provincias que assim desgovernão, o Brasil vai, não á véla, mas á vapor...

— Para onde?

O velho fez uma careta horrivel.

CAPITULO X

Em que *ad perpetuam rei memoriam* deixo resumida a historia de quatro annos durante os quaes fui presidente de cinco provincias que não sei se andárão de Herodes para Pilatos, mas posso assegurar que Herodes andou por ellas: sou obrigado a soffrer a incommoda companhia do *compadre Paciencia*, porque descubro nelle *duzentos titulos* que o recommendão ao meu respeito: o velho abusa da sua posição, atormentando-me os ouvidos com a matraca da verdade, e com a rabeca das censuras mais violentas, e a Xiquinha, que está de accôrdo comigo, finge estar de accôrdo com elle: recruto, designo, demitto e nomeio, contracto e reparto pão-de-ló; faço eleições, e até chego a enganar um vigario e sou emfim eleito deputado pela provincia de... que ainda hoje ignora, se eu sou peixe do mar ou bicho da terra.

O esforço que eu empregára para tirar da cadeia o *compadre Paciencia* fôra para mim simples questão de vaidade e empenho de passar aos olhos do povo, sempre facil de ser enganado, como homem compassivo e caridoso; bem longe porém estava de admittir as theorias da Xiquinha sobre a necessidade e utilidade da opposição.

Os sabichões politicos, a Xiquinha, e o *compadre Paciencia* agarrem-se embora á todas as subtilezas da metaphysica constitucional, hão de cahir, esbarrando no absurdo, quando chegarem á pràtica do governo.

Os sabichões ensinão assim: a opposição mais

ardente e injusta é ainda preferivel á falta completa desse elemento precioso : ás vezes, as censuras, os ataques da opposição são valvulas de segurança que dão sahida ás queixas, aos impetos dos resentimentos e das paixões dos partidos que se achão fóra do poder; e, além de serem valvulas de segurança politica, são os signaes patentes da vida civica pujante, e, se nem sempre da observação fiel e marcha regular do systema representativo, sempre da possibilidade de mantê-lo, de regenera-lo, quando está disvirtuado.

Regeito a lição e respondo : as taes valvulas são volcões; pois não tenho noticia de revolução que deixasse de ter o seu cordão umbilical preso á opposição; por consequencia não havendo fogueteiros, não ha fogo de artificio, e deixando de haver placenta, não nascerá a criança monstro. Opposição é gritaria, gritaria é desordem, e o governo não é cavallo que se dirija pelo freio.

Diz a Xiquinha que nas camaras unanimes é de regra invariavel que haja scisão do partido vencedor em consequencia da falta de adversarios, que tornem para elle a união, uma condição indeclinavel da sua influencia predominante nos negocios. — Pois é por isso mesmo, senhora D. Xiquinha! quanto mais se subdividirem os partidos, tanto melhor para o governo, que póde fazer delles gato e sapato. Eu entendo que convem levar ao extremo a experiencia de um governo representativo sem partidos politicos, ainda que aconteça o que succedeu ao cavallo do inglez, que morreu antes de se habituar a viver sem comer. Nesta questão a minha linda esposa parece resentir-se ainda das lições de poesia que lhe deu o *doutor Milhão.*

Esbravejará sem duvida o *compadre Paciencia* ex-

clamando : a opposição é a sentinella das liberdades publicas — é a barreira levantada diante dos abusos e arbitrios do executivo : — é a denunciadora das violencias da autoridade : — é o contrapeso da influencia e da acção immensas do ministerio : — é a Vestal que véla pelo fogo sagrado da Constituição. — Rabugens de liberal velho, renitente, contumaz e furioso ! — sentinella posta ao governo é suspeita injuriosa : — barreira diante dos excessos do executivo é exemplo de má criação que ensina os pupillos a tomar contas aos tutores : — a denunciadora dos abusos da autoridade é pecaminosa diffamadora da vida alheia : — contrapeso da influencia do ministerio é furto na balança do Estado : — a Vestal que véla pelo fogo sagrado é rapariga traquinas e desastrada que ás vezes chega a incendiar a casa toda.

Neste assumpto os sabichões, a Xiquinha, e o *compadre Paciencia* não valem nem uma moeda de duzentos réis da ultima emissão com cheiro de prata que fez a Casa da Moeda.

Eu tenho idéas mais praticas. Qual é o fim da opposição? derribar o ministerio e substitui-lo : ora *quem o seu inimigo poupa, nas mãos lhe morre ;* nescio portanto seria o ministerio que não empregasse todos os meios para fechar as portas da camara ainda ao mais innocentinho opposicionista. Se as camaras unanimes apresentão na scisão do partido vencedor opposição inesperada, ao menos *em quanto o páo vai e vem, folgão as costas :* se as maiorias muito numerosas trazem o ministerio em tormentos, e custão-lhe muito caro, ainda assim *viva a gallinha com a sua pevide.* Eis ahi tres anexins estabelecendo a verdadeira doutrina no estilo de Sancho Pança que foi estadista tão maravilhoso, como alguns que nos sobrão.

Com estas idéas não me podia convir a companhia do *compadre Paciencia;* mas para livrar-me della contava com a sua firme disposição a proceder judicialmente contra os seus oppressores da villa de...; logo porém que chegamos á casa, a Xiquinha pedio-lhe, no meio de dous abraços, para acompanhar-nos, e o maldito velho, esquecendo a sua desaffronta, deixando pela primeira vez de ser cabeçudo, respondeu gravemente :

— Irei.

Cahi das nuvens : provavelmente o meu rosto se franzio, e o compadre que me observou, disse no mesmo tom :

— Vou perder o meu tempo para cumprir um dever; mas feche-me francamente a sua porta, que ficarei agradecido.

Desfiz-me em desculpas : a Xiquinha interveio, jurando que o seu pedido tinha sido préviamente ajustado entre nós dous.

O velho apazigou-se; mas accrescentou :

— Não preciso de amparo, nem de esmolas : não tenho filhos, nem parentes, e sou rico de mais para mim.

— Rico?

— Os trapos em que me achou na cadeia forão o requinte da furia malvada do celebre escrivão.

— Rico?... tornei a perguntar.

— Relativamente. Possuo um telhado que é meu, emquanto o escrivão da villa de... não achar neste municipio algum seu semelhante, que faça desse telhado o que elle fez da minha pobre *mula ruça;* e possuo ainda duzentas apolices da divida nacional, cujo rendimento chega para o pão e para as manias de um velho.

Duzentas apolices! e como esteve na cadeia tantos annos?...

— Que tem a cadeia com o meu dinheiro?

— Com o seu dinheiro comprava o escrivão da villa de... sahia da prisão em triumpho e até recebia a *mula ruça* ornada de fitas de todas as côres.

— Tenho a vida limpa, meu joven compadre, e cá para mim o corruptor é tão ignobil como o corrompido.

— Menos essa : o homem que compra, olha sempre de cima para aquelle, cuja honra ou consciencia comprou.

— Será assim lá entre os dous; mas a moeda da corrupção deixa nódoa tão negra na mão donde sahe, como é negra a que imprime na mão que a recebe.

Calei-me e admirei o *compadre Paciencia*, não pela sua philosophia anachronica, sim pela noticia das suas duzentas apolices, que lhe davão a meus olhos pelo menos dous palmos mais de altura.

Era preciso tratar da partida. O velho foi vêr o seu *telhado* e dispôr os seus negocios, promettendo vir acordar-nos no dia seguinte. Eu fui com a Xiquinha fazer uma visita de despedida, levando o soldado de cavallaria, que eu transformára em ordenança interina para ostentar farofa na minha terra.

Na manhã seguinte partimos. Nem me lembrou ir vêr um instante o *ruço queimado* : um presidente de provincia não gasta o seu precioso tempo com cavallos magros.

O navio largou. Achei-me a sós com a Xiquinha. Fallamos sobre o *compadre Paciencia*.

— Sem filhos nem parentes e possuindo duzentas apolices! Xiquinha, póde-se supportar com indul-

gencia e doçura a opposição deste velho uma vez que elle faça testamento, e nos deixe por seus herdeiros.

— Deixa á minha conta ameiga-lo : protesto que hei de sempre dar-lhe razão contra ti.

— Entendo: vás passar para a opposição. E' assim mesmo... ah! os milagres do pão-de-ló!...

— Não queres?

— Ao contrario : faze-me guerra desapiedada : não ha tanta gente que finge brigar e se entende?...

— Estamos de accôrdo.

— Mas ha para mim um ponto obscuro : que dever é esse que obriga o rabugento compadre a acompanhar-nos?

— Não sei bem : supponho que elle deveu a sua fortuna e grandes favores a nosso tio.

O velho chegava nesse momento, e ouvira as ultimas palavras da Xiquinha.

— E' verdade, disse elle com os olhos humidos de lagrimas e com voz tremula : seu tio foi meu pai, menina ; e por paga unica de uma enchente de serviços immensos que me salvárão a vida, conservárão-me illeza a honra, derão-me riqueza material, e immensa consolação, incumbio-me de aconselhar, e dirigir este mancebo infeliz, cujos principios falsos, egoistas e ruins, enchêrão de amargura seus ultimos dias. Não tenho mais esperança de vencer as disposições desregradas, e reprehensiveis de seu marido; vou porém contar-lhe a minha historia, e Deos permitta que a rude exposição dos meus trabalhos e soffrimentos, e o quadro das virtudes de seu tio lhe sirvão de exemplo e de luz.

O *compadre Paciencia* fallou duas horas sem pedir cópo d'agua : está visto que não serve para deputado do nosso tempo de oradores aquaticos. Ainda sem

agua fez a Xiquinha banhar-se em pranto por vezes: para mim prégou no deserto.

A historia do *compadre Paciencia* é um romance politico e sentimental. Quando eu concluir as minhas *Memorias*, e ainda não fôr, ou não tiver sido ministro, escreverei e darei ao prélo a historia do velho: por ora não posso: sou presidente de provincia e quero ser deputado; por consequencia não escreverei cousa alguma, além destas admiraveis *Memorias*.

O *compadre Paciencia* retirou-se, a Xiquinha ainda chora, eu rio-me, e o vapor vai cortando as ondas.

* * *

Para poupar os leitores das minhas *Memorias* resumirei em breve quadro a historia de quatro annos que desfructei presidindo provincias.

Durante toda a legislatura na qual deixei de ser deputado pela infame traição do commendador *Bisnaga*, tive a habilidade de conservar-me sempre presidente, embora em tão curto periodo mudasse quatro vezes de ubi presidencial, ou fosse successivamente capitão-mór de cinco provincias, e tomei tanto gosto ao *onus* da administração que comprehendi o acerto de alguns geitosos politicos que fazem das presidencias de provincias profissão constante.

Não sei ou não quero dizer quantos e quaes os ministerios que se substituirão no poder nesses quatro annos: o que asseguro, é que passei excellente vida com todos elles: o segredo desta fortuna foi simples: nunca achei inconveniente algum nas ordens e recommendações que me vinhão dos ministros, a quem sempre obedeci cega e promptamente; e fui o instrumento da vontade e dos caprichos dos deputados ministeriaes da provincia, onde me achava: tive o

maior cuidado em repartir bem o *pão-de-ló* provincial, sendo excusado declarar que não me esqueci de reservar para mim as melhores fatias.

A' excepção da primeira, o motivo das minhas mudanças de presidencia foi sempre a justissima e legitima necessidade politica que tiverão os ministerios de satisfazer ambições e vaidades de deputados da maioria, que se empenhavão por passar as férias parlamentares, fazendo *vistas* de presidentes de provincias, e recebendo as ajudas de custos e os vencimentos competentes.

Nunca dei importancia a opposição da imprensa, deixando o trabalho de combatê-la aos periodicos que eu tinha de aluguel pagos em segredo mal guardado pelo thesouro provincial. Nunca li nem as censuras, nem as defesas, era a Xiquinha quem applaudia estas e o *compadre Paciencia* quem, em regra, fazia côro com aquellas.

Nas assembléas provinciaes a opposição irritava-me ás vezes com a luz da verdade; erão porém os deputados presidencialistas os que me atrapalhavã o mais; é certo que houve exemplo de deputado opposicionista que depois de atacar-me em sessão publica, veio de noite á palacio pedir-me favores administrativos, o que achei muito regular, porque um comico póde até na mesma noite fazer papel de principe e logo depois papel de lacaio; mas encontrei sempre não poucos deputados meus defensores, que erão dos taes procuradores do epigramma de Bocage. Que aduladores e que famintos! a pretexto de vir receber de mim o santo e a senha, fazião-me diarias visitas, e em cada uma dellas tinhão sempre que pedir : este queria empregar dous irmãos analphabetos na secretaria

provincial; aquelle pedia a nomeação de professor publico para um primo idiota; outro exigia a construcção de uma ponte sobre o rio da fazenda de seu pai; ainda outro uma estrada que só devia aproveitar a seu tio; e assim por diante.

Eu cedi tudo, concedi tudo, empregos, obras, despezas inuteis, fiz contractos horriveis, dei demissões revoltantes; mas por fim de contas quasi sempre artificiei maiorias que me sustentassem, e até uma vez fui obrigado a fazer commercio de amizade com o partido adverso ao ministerio que para isso me deu carta branca, ostentando o sublime espectaculo de um mistiforio politico que enjoou a provincia, e realçou a prevaricação.

O quadro de tantas miserias servia-me para demonstrar ao *compadre Paciencia* os absurdos e a natureza ruim do seu adorado systema representativo constitucional; o teimoso velho porém gritava-me sempre que eu confundia o systema com a corrupção do systema, a virtude com a immoralidade, a victima com o patibulo, e que em vez de se condemnar o systema, era indispensavel castigar exemplarmente os seus inimigos, os seus corruptores, no numero dos quaes entrava o *sobrinho de meu Tio.*

Que fosse e que seja assim: fui corruptor; mas achei corruptiveis, e emquanto o governo nomear homens do meu caracter presidentes de provincias e emquanto os taes patetas partidos politicos não se resolverem de commum accordo a não dar quartel aos ganhadores, não haverá bonifrate que sendo presidente de provincia deixe de fabricar maioria na respectiva assembléa provincial.

Debaixo do ponto de vista geral foi assim que passei a minha vida presidencial, vida alegre, cheia de

encantos, de flôres que só para os tolos escrupulosos tem espinhos, vida de festas que apenas erão perturbadas pelas diarias censuras, accusações e pelos destemperos do *compadre Paciencia*, cuja opposição sempre reconheci legal, admissivel pela perspectiva da herança das duzentas apolices de conto de réis.

Agora vou marcar cada uma das minhas cinco presidencias com os factos mais importantes que ficárão em minha memoria.

PRIMEIRA PRESIDENCIA

Esta durou sómente tres mezes. A minha missão era impedir que fosse eleito deputado o atrevido que *annos antes*, sendo examinador, ousára reprovar o irmão mais moço do varão illustre que havia de ser *annos depois* presidente de conselho; mas para conseguir tanto, para derrotar o atrevido que era o candidato legitimo e querido do districto eleitoral, preciso me foi pôr-me em luta desesperada com os principaes deputados da provincia, demittir, tirar o pão a uns poucos de empregados honestos e substitui-los por especuladores sem consciencia, e por parentes de eleitores, dar por páos e por pedras na policia e na guarda nacional, inventar pretextos escandalosos para privar do direito de voto a vinte e tantos eleitores, celebral dous contractos que devião arruinar as finanças da provincia, pôr em actividade eleitoral alguns juizes de direito e quasi todos os juizes municipaes, lançar fóra da provincia alguns officiaes de primeira linha que erão eleitores, fazer instaurar processos crimes sem fundamento, cercar o collegio mais numeroso com força armada, derramando o terror com o falso annuncio da descoberta de uma conjuração, que

nunca existira, e emfim suspender illegalmente os vereadores da camara municipal apuradora das votações dos collegios para que se désse o diploma de deputado ao meu candidato, que, ainda assim, venceu apenas por trinta votos.

A provincia inteira bradou contra mim; a imprensa depois de discutir os meus actos, passou a injuriar a mim, á Xiquinha, e, melhor que tudo, até ao *compadre Paciencia*, que aliás me atacava todos os dias, sustentando que eu era um louco ou traidor á causa publica.

Escrevi e mandei confidencialmente ao ministerio a historia da eleição, e das minhas proezas e em resposta recebi a demissão de presidente daquella provincia e a nomeação para presidir outra de igual importancia. Com os officios do governo veio-me uma carta do ministro da... que acabava com as seguintes palavras :

« Eu já o conhecia por homem de acção : agora vejo mais que é um heróe; mas não nos sendo licito sustenta-lo ahi sem inconvenientes graves, confiamos-lhe o governo de outra provincia e conte com a nossa gratidão. Asseguro-lhe que a camara approvará o diploma do nosso deputado e que vozes eloquentes hão de defender a eleição. Lembranças á D. Xiquinha, a quem minha mulher manda um beijo nos labios e eu peço licença para beijar os pés. Adeos, etc. »

Em tres dias entroxei o fato e partimos : embarcamos á meia noite, precipitadamente e pelo sim pelo não escoltados por uma força policial de cincoenta homens. O vapor sahio ao romper do dia e eu escapei assim de pela segunda vez ser esfogueteado.

— Consciencia de criminoso! dizia o *compadre Paciencia* a rir-se: um ex-presidente recto e honesto embarcava ao meio dia, e sem um soldado ao pé de si: a guarda do bom governo é o amor do povo. Deos permitta que lhe aproveite o castigo.

— Castigo! não vê que sou presidente de outra provincia?

— O castigo de que eu lhe fallava, era o da sua consciencia que o fez partir ás escondidas, medroso, tremulo, como um réo de policia que foge da cadeia: quanto á sua nova nomeação vejo sómente nella um desconchavo de idéas, que não abona o juizo do governo: póde gabar-se de que foi condemnado e absolvido, castigado e premiado pelo mesmo juiz e na mesma causa: o seu ministerio é um portento, e o senhor uma maravilha.

— Meu marido emendará a mão na sua nova presidencia; disse a Xiquinha.

— Misericordia! exclamou o velho; quando elle com a mão que tem, fez o que fez; que não fará com a mão emendada!

SEGUNDA PRESIDENCIA

Esta administração foi longa: teve uma duração de dez mezes! durante elles não houve nem eleição, nem tarefa extraordinaria a desempenhar. Forão dez mezes dedicados ao patronato, á esterilidade, ao abandono dos interesses raes da provincia, cujo cuidado exigia habilitações e conhecimentos especiaes que eu não tinha: deixei ao meu secretario o trabalho de governar por mim, e occupei-me em assignar o expediente e em divertir-me.

O *compadre Paciencia* não levou a bem este *dolce*

far nienti, e irritava-me, exagerando as proporções da especie de tutela do meu secretario: a Xiquinha fazia côro com o velho; porque o intelligente empregado nunca se lembrára de conversar com ella sobre os negocios da administração, e ainda mais porque um dia tivera a descortez imprudencia de dizer que o primor da bellaza em um baile que nos derão pertencêra á uma senhora que não era a excellentissima presidente, e tanto fizerão os dous que eu já cheio do prevenções briguei com o meu secretario por causa de um contracto de concerto de estrada, para o qual cada um de nós apadrinhára o seu afilhado: está visto que eu venci: mas o concerto da estrada desconcertou-nos: o vencido deu parte de doente e fiquei sem cabeça.

Resentido e vaidoso tive o pensamento de governar por mim mesmo e em poucos dias tornei-me o objecto dos epigrammas da imprensa e de gargalhadas geraes. Pratiquei sandices de arripiar os cabellos: por exemplo: o cholera-morbus tinha invadido a provincia, e recebi officios em que se me pedião instantes soccorros para uma villa, cuja denominação me pareceu indicadora de porto commercial: immediatamente contractei dous medicos, e mandei que seguissem logo em um barco a vapor para a villa empestada: ai de mim!... a villa está situada no alto de uma serra a muitas leguas do littoral!... as risadas que provoquei com o navio a navegar para a serra, puzerão-me de sobreaviso: logo depois chegão-me outros officios vindos da freguezia de..., em que dizião: « O cholera já chegou á esta parochia: medicos e medicamentos pelo amor de Deos, Ex.^mo^ senhor! »

— Ah! já chegou? pensei comigo: desta vez não me engano: a peste vai descendo a serra.

E ordenei que se puzessem á disposição dos medi-

cos contractados as cavalgaduras necessarias para elles, e as bestas precisas para as cargas.

Oh desgraça! a tal freguezia demorava em uma ilha a poucas leguas de distancia da capital!

Fiz a confissão ingenua destes dous miseraveis erros de palmatoria: mas tenho vexame de registrar aqui outros ainda maiores, com que dei prova da minha ignorancia.

O *compadre Paciencia*, que nunca me poupava, deu-me de presente á vista da Xiquinha tres livros; um era a geographia do senador Pompeu, e os outros dous os volumes da Historia do Brasil do Varnhagen.

— Olhe: disse-me então a rir-se; um homem não póde ser presidente de provincia sem ter estudado muita cousa, e sobre tudo muito a historia e a geographia da sua terra: mande dizer isto mesmo aos seus ministros.

— Póde! eclamei com força; cincoenta exemplos tem demonstrado o contrario do que está dizendo: não ha necessidade de estudos, nem de sciencia para o presidente que tem um secretario que se occupe das nihilidades da administração.

— Mas então o que é que não é nihilidade?

— A parte politica do governo provincial, a unica que deve ser o mister exclusivo do presidente.

— Quer ter a bondade de dizer-me de que consta essa parte politica?

— Pois não! consta da eleição, do recrutamento, da perseguição sem limite feita aos adversarios.

— Chama a isso politica?

— Sim senhor; o presidente deve ser na provincia a imagem do ministerio no governo geral do Imperio.

— Meu joven compadre, a isso que chama politica eu chamo escandalosa desgovernação do Estado.

— Os palavrões do costume! pois que é politica? diga: venha a lição.

— Politica é a sciencia do governo e do Estado: é uma cousa de pouco mais ou menos que não se tem, nem se adquire sem profundos estudos: prende-se á sciencia da riqueza, aos principios do direito, ás luzes da historia e da philosophia...

— Pare ahi, senão arrasta-me pela encyclopedia.

— Pois veja lá! sabendo tudo aquillo o homem póde ser um grande politico em theoria, e um desasado na applicação da politica.

— Sim?...

— Porque na applicação della o estadista precisa ainda ter em conta as exigencias do tempo em que vive, as condições economicas do paiz, a influencia dos costumes do povo, as circumstancias, emfim que são o thermometro da opportunidade dos actos e das medidas. Não é politico quem não aprendeu no passado, quem governa só com expedientes no presente, e quem não semêa para a colheita do futuro.

— *Compadre Paciencia*, accenda a lanterna de Diogenes, e vá me descobrir pelo nosso mundo um politico da sua definição.

— Não faça tal injustiça á nossa terra: Deos dá a cada paiz, a cada nação quanto a elles e preciso para o seu maior bem. E' o erro que faz desaproveitar os favores immensos de Deos. Sobra intelligencia aos brasileiros, e raro é o ministerio e nunca houve camaras que não exhibissem talentos superiores que se gastão em lutas estéries de caprichos pessoaes, que se perdem em consecutivas desforras reaccionarias, que a todos fazem mal.

— Com que sonha, compadre?

— Com as lutas generosas dos partidos legitimos separados por principios realmente diversos, distinctos, brilhantemente distinctos; com a Constituição, sendo ponto commum de partida, e de união para todos elles; com estadistas no governo, não se limitando a assignar a papelada das secretarias, não se occupando em designar deputados, não corrompendo a nação com o commercio illicito do patronato, das maiorias artificiaes, e das violencias do odios de partidos.

— Que vai por ahi de poesia!

— Sonho com ministros, que não sejão cabides de fardas, com ministros que não sejão brancos no norte, verdes no sul, amarellos no oriente e vermelhos no occidente; com ministros de uma só côr, de uma só cara, de um só caracter; com ministros que não mandem para as provincias presidentes ignorantes, oppressores, instrumentos cégos de facções ou de partidos.

— Sonha com o impossivel.

— Não ; por Deos que não ; porque o dever, a honra e o patriotismo não são impossiveis em paiz algum.

— Mas eu creio, que o compadre, quando agora mesmo fallou em presidentes ignorantes, e não sei que mais, não pretendeu referir-se a mim...

— Referi-me.

— Xiquinha, que dizes á esta?

A Xiquinha poz-me a mão no hombro, acariciou-me, e depois respondeu-me assim:

— Primo, faça as pazes com o seu secretario.

Segui o conselho da minha formosa esposa: tornei-me ás boas com o meu secretario, e passei vida regalada nos ultimos mezes da minha segunda presidencia de provincia.

TERCEIRA PRESIDENCIA

Duração: — onze mezes e mais meio mez: (presidencia Matusalem).

Facto principal: — eleição de lista triplice para um senador.

O ministerio era novo, e não tinha membro, que não fosse senador, e que não contasse quarenta annos ou mais : a deputação da provincia, aliás pouco numerosa, se havia declarado toda em opposição, e eu náo recebêra da côrte designação de candidato ou de candidatos officiaes, e até pelo contrario me vierão recommendações para não intervir no pleito eleitoral.

Pela primeira e unica vez, mas por cautela, desobediente ao ministerio, toquei os paoszinhos de modo que fiz a quasi unanimidade dos eleitores da provincia: custou-me isso apenas a despeza de algumas dezenas de contos de réis com marchas e contra-marchas de destacamentos, dez ou doze demissões e nomeações na policia, e meia duzia de favores na administração.

Arbitro dos eleitores, mas não tendo candidato official, deixei correr livre a eleição secundaria e apenas recommendei um vigario que tinha escripto uma *ode em latim*, elevando ao septimo céo, não as virtudes espirituaes, mas os encantos physicos da Xiquinha.

O *compadre Paciencia* batia palmas, e declarava que eu ia tomando juizo ; effectuou-se livre, quasi perfeitamente livre a eleição secundaria; mas vinte e quatro horas depois entra um vapor procedente da côrte e traz-me cartas dos ministros, recommendando-me absolutamente a inclusão do nome de um candidato, desconhecido na provincia, na lista triplice, cuja eleição aliás já se achava consummada.

Vi-me em apertos desesperados! o ministerio era novo, e eu precisava ganhar-lhe a confiança : todavia a eleição já estava feita! e esta? que apuros!

Operei um milagre: o vigario poéta latino tinha sido o mais votado: mandei-o chamar, e annunciei-lhe que em tres mezes seria bispo de não sei que diocese sob a condição de não tugir nem mugir, vendo-se fóra da lista triplice: o reverendo concordou, e o mais effectuou-se, embora com trabalho violento.

Durante uma semana eu, a Xiquinha, e o meu secretario não fizemos outra cousa, senão escrever actas de collegios eleitoraes, e durante quinze dias os meus agentes policiaes matárão cavallos para ir fazer assignar pelos eleitores actas novas e falsas, que derão o primeiro lugar na lista triplice ao candidato serodio do ministerio, ficando fóra dos tres esperançados o vigario poéta.

Dei conta aos ministros do milagre estupendo que operára, e fiquei tranquillo, desprezando solemnemente os insultos e as injurias da imprensa opposicionista da provincia.

No fim de quatro mezes o vigario poéta escreveu-me, perguntando-me pelo bispado; eu respondi-lhe com toda cortezia que o governo geral ainda não tivera tempo de escolher o candidato que devia eleger e apresentar á Sua Santidade, e que á sua reverendissima cumpria esperar com paciencia, empregando os dias da esperança em dizer missa de manhã, e cumprir os deveres parochiaes até á noite.

O maldito vigario entendeu-me o verso que lhe escrevera em prosa, e em breve pagou-me o logro, compondo e fazendo publicar uma segunda *ode*, essa porém em *latim macarronico*, em que pintou a Xiquinha como uma furia e a mim como um demonio.

A ode macarronica tinha sido inspirada pela mais rancorosa vingança: a descripção do rosto afeiado da Xiquinha, e do meu rabo de filho de satan fizerão furor, e me convencêrão da alta conveniencia de uma pratica que até certo tempo se observava o que os homens irreflectidos condemnavão, isto é, de se dispensarem os padres, e até os vigarios do estudo consciencioso do latim, lingua damnada que inspira ás vezes odes macarronicas.

E' indispensavel que voltemos á pratica já um pouco abandonada, e que se torne a dispensar o estudo do latim.

Um padre ignorante, quasi analphabeto, que nem sabe latim, que é a lingua, em que confere os sacramentos, é a mais innocente das creaturas, e apenas desacredita a religião catholica, o que é de grande proveito para aquelles, que, como eu, nada esperão da moral, nem da verdade.

O meu milagre eleitoral não escapou á observação e ás francas e asperas censuras do *compadre Paciencia,* que me honrou com a classificação de primeiro e o mais desenfreiado falsificador de eleições; quando, porém, passados breves mezes chegou-me a terceira demissão e quarta nomeação de presidente, mostrou-se elle profundamente triste.

— Que significão estas presidencias de provincia com duração ephemera? perguntou-me.

— Ah! a demissão que recebi o affligio?

— Ora! o senhor desde muito tempo deveria ter sido não só demittido, mas responsabilisado pelas violencias e loucuras das suas administrações: o que me afflige é sómente esse systema fatal de presidentes que não aquentão lugar em provincia alguma.

— Pois que mal provém dessas mudanças muito

repetidas de presidentes? *varietas delectat:* o povo gosta de vêr caras novas no governo: cada mudança nova esperança.

— E' como estou fallando.

— Pois está dizendo asneiras, com perdão da sua excellencia.

— Fallemos seriamente.

A Xiquinha poz-se a rir. O *compadre Paciencia* proseguio.

— Apreciemos a pratica sublime. Lá vai ella em trócos miudos. Em regra nomeão-se presidentes a homens estranhos á provincia.

— Acha isso máo?

— Conforme. Os presidentes que vem de fóra gastão tempo a estudar as provincias; mas o seu noviciado teria uma compensação na imparcialidade de administradores que não estão sujeitos á influencia de interesses pessoaes e politicos proprios, e dos seus parentes, e dos seus amigos, e companheiros de lutas de partidos ; mas com as taes presidencias ephemeras mil vezes antes os presidentes de casa, mil vezes antes aquelles que conhecem já as provincias onde nascêrão, e cuja prosperidade não lhes póde ser indifferente.

— Eu logo vi que o compadre havia de descobrir meio de atacar o principio: a opposição condemna sempre todo e qualquer systema adoptado pelo governo.

O velho olhou-me de revez; mas não quiz responder-me e continuou:

— Em regra os presidentes nomeados são estranhos ás provincias que vão presidir. Em Setembro, no fim da sessão legislativa, o ministerio, para alentar dedicações parlamentares, tira da maioria uma fornada de deputados presidentes, para o arranjo dos

quaes ha uma contradansa de administradores de provincias: os nomeados chegão ás capitaes e tomão posse em Outubro: nenhum delles conhece nem os negocios administrativos, nem as condições economicas e as necessidades reaes da competente provincia: supponhámos que alguns as estudem: estudão até Abril, seis ou sete mezes, e, adeos provincias! elles vem tomar assento na camara, e ellas ficão com os vice-presidentes, ou recebem novos presidentes que governão seis ou sete mezes, até Outubro, em que chegão os mimosos da nova fornada!... é assim ou não?

— Pouco mais ou menos...

— E viva la patria!... seis mezes presidentes interinos, seis mezes presidentes deputados! em uns e outros conhecimento das provincias nullo; governo fecundo nunca; arranjo de afilhados sempre; soffrimento das provincias cada vez a mais, o futuro do paiz cada dia mais escuro. Que diz a isto, meu sabio da Grecia?

— Digo que nem por isso padece a administração provincial, pois que embora haja dez mudanças por anno, ha sempre e em todo caso um chefe a dirigi-la.

— Mude pois duas vezes em cada anno o mordomo da casa, o administrador da fazenda, o gerente da empreza, o professor do estudante, o general do exercito, e os ministros do Estado, e ainda nas substituições prime no acerto dos escolhas, que eu lhe juro que no fim de poucos annos põe tudo isso em desordem, e não sabe mais a quantas anda.

— Meu caro, peça ao systema constitucional representativo as contas dessas mudanças frequentes de presidentes de provincias.

— E porque?

— Porque é o systema das maiorias parlamentares

que não se podem manter sem se dar cartuchos de amendoas aos meninos que servem de anjinhos na procissão.

— As maiorias do systema representativo são as que fazem ministros : as que são feitas pelos ministros são maiorias da corrupção.

— Mas com ha de proceder um pobre ministerio, quando alguns membros da sua maioria pedem, exigem seis mezes de presidencias confortaveis?...

— O ministerio deve negar o que não é conveniente e justo.

— E depois?... e as deserções para a opposição?

— E' melhor não ser governo, do que sê-lo para servir mal ao paiz.

— Mas...

— Qual mas! comprehendo que a pratica abusiva de muito tempo deve pôr em torturas os ministerios no mez de Setembro de cada anno : comprehendo que ás vezes ha verdadeira necessidade de se mandar presidir provincias por senadores e deputados, cujas habilitações e influencia offereção garantias de bom desempenho do serviço do Estado em épocas e condições locaes difficeis e arriscadas; mas a regra das fornadas de Setembro é mesmo de reduzir as provincias a chacaras de recreio para mezes de férias. Eu não hesitaria em appellar para um recurso extremo.

— Novo artigo do seu programma politico : venha elle.

— Tem alguns inconvenientes; mas acabava com as fornadas de Setembro, e com os cartuchos de amendoas : era uma lei estabelecendo a incompatibilidade da deputação legislativa com o cargo de presidente de provincia, salvos os casos extraordinarios de que falla a Constituição. Esta providencia daria pelo

menos dous grandes beneficios ao paiz: primeiro: administração prolongada de presidentes de provincias dedicados, habeis e honestos: segundo: um meio de menos para a organisação das maiorias artificiaes do parlamento.

— O compadre parece que tem razão; observou a Xiquinha.

— Tambem você contra mim, Xiquinha?...

— Contra você, não; mas contra os seus principios nesta questão.

— Tem a palavra para se explicar.

— Eu não entendo de politica; já li porém a Constituição do Imperio por curiosidade.

— E fez bem: a leitura de romances é agradavel ás senhoras.

— Sacrilego! exclamou o velho; falle, menina: seu marido não tem juizo.

A Xiquinha continuou, fingindo-se acanhada:

— Em regra os senadores e deputados não devem ser delegados do ministerio; porque sendo-o, são executores da sua politica, e tambem um pouco responsaveis por ella, e no caso em que a politica do ministerio fôr attentadora contra os direitos dos cidadãos, fôr criminosa em fim, taes delegados parciaes e cumplices não podem, deputados, cumprir o dever de accusar, senadores cumprir o dever de julgar.

— Lantejoulas... disse eu.

— Ouro fino, verdade pura! gritou o *compadre Paciencia.* Esta menina tem lingua de Cicero: ella e não o senhor, é que devia ser presidente da provincia!

A Xiquinha era effectivamente muito mais ladina do que eu; porque enganava, quantas vezes queria, o velho liberalão.

QUARTA PRESIDENCIA

Duração: nove mezes e onze dias.

Factos principaes: recrutamento e designação de destacados na guarda nacional.

Nunca me vi tão abarbado com as furias do *compadre Paciencia*, como nesta e na seguinte e ultima da primeira serie das minhas presidencias de provincias.

A guerra contra a dictador do Paraguay alvoroçava todos os corações brasileiros, e levas numerosas, brilhantes de *voluntarios da patria* tinhão partido enthusiasticamente para a guerra até que a voz do governo disse á nação: basta!

O *compadre Paciencia*, que era o mais bellicoso de quantos proclamavão a necessidade indeclinavel da guerra de honra, o *compadre Paciencia* que ao vêr os primeiros voluntarios desatára a chorar, maldizendo da sua velhice, entristeceu-se, ouvindo o — basta! — do governo, e disse:

— A intenção é boa sem duvida, porque inspirou-a o cuidado de poupar á agricultura e á industria braços que parecem já de sobra para a guerra; mas o enthusiasmo do povo é fogo que nestes casos não convem apagar; porque é fogo que difficil e raramente se reacende.

E o velho teve razão; pois, decorridos poucos mezes, o governo pedio ao paiz novos contingentes de soldados e força foi appellar para o recrutamento e para a designação na guarda nacional.

O compadre quiz desta vez decididamente intervir e para a designação na guarda nacional.

— Rapaz sem cabeça, mostra ao menos que tens

coração; disse-me elle quasi convulso; passou o enthusiasmo: mas a fonte do dever patriotico ainda é abundante e sublime: escuta: pelo amor de Deos, suavisa, santifica os sacrificios dos cidadãos com a imparcialidade e a justiça do governo: na designação dos guardas nacionaes que devem destacar para o serviço da guerra, manda appellar para o sorteio publico que excluirá toda idéa de perseguição de partido politico: no recrutamento véla pela execução conscienciosa da lei, e faze recrutar indistinctamente os recrutaveis pobres e ricos, os do teu partido, como os do partido contrario. A causa é de todos, a guerra é de honra, de desaffronta e de gloria; não guerreies a guerra sancta, fazendo da guerra uma arma de perseguição eleitoral e politica!

O velho quasi chorava e eu estive ás duas por tres á rir-me da cara, com que elle me fallava, e das puerilidades que me estava dizendo; mas para poupar-me a algum bate-barba tempestuoso, desviei a conversação para outro ponto, dizendo-lhe:

— Oh compadre! está cantando a palinodia! já applaude o recrutamento forçado?

— Nunca o applaudi e não o applaudo: desejei sempre vê-lo substituido pelo systema de conscripção que faz do onus militar um dever de todos os cidadãos, e não um acto de submissão á violencia: condemnei e condemno os abusos, as injustiças na execução da lei do recrutamento forçado, e hoje principalmente, pois que a guerra é patriotica, peço, exijo recrutamento patriotico, isto é, sem espirito parcial, sem perseguição de partido.

O *compadre Paciencia* estava sentimental; mas eu não podia deixar-me levar pelo seu sentimentalismo e perder a melhor das occasiões para descarregar

golpe seguro no partido da opposição que havia na provincia.

O ministerio pedira-me cem guardas nacionaes designados, e duzentos recrutas : para salvar as apparencias não fui além dos cem guardas; mas em menos de dous mezes mandei quatrocentos recrutas, isto é, quinhentos votantes do partido da opposição; e que boa gente! vinte viuvos com filhos, não sei quantos filhos unicos de mãis já viuvas e pobres, tres duzias de homens casados, e muitos maiores de quarenta annos, e menores de dezoito, mandei-os todos, tendo sómente dispensado alguns guardas e recrutas que estavão muito no caso de marchar ; mas a cujos padrinhos e madrinhas não me era licito resistir.

A Xiquinha fez-me por sua conta e risco reconhecer suppostas isenções de mais de vinte optimos soldados; entretanto eu me desforrava das isenções e dispensas com outros designados e recrutas.

Ignoro quantas mãis, viuvas e esposas acompanhárão esta leva de soldados para a côrte : o governo que se arranjasse com a gritaria dessa pobre gente feminina : affirmo que maior, muito maior foi o numero das carpideiras que me ficárão na provincia por absoluta falta de meios para se transportar á côrte, e ahi queixar-se de mim.

O velho liberalão tornára-se todo flammas; mas eu fiquei todo gelo.

— Que pensa que fez? perguntou-me um dia.

— Mandei quinhentos soldados.

— E como?

— Isso pouco importa.

— E as leis?

— Quando atrapalhão, o executor salta por cima dellas.

— E os direitos do cidadão?

— Ficão entortados.

— E' uma indignidade!

— Queria que não mandasse soldados para a guerra!

— E' falso : eu queria que o senhor presidente não admittisse designação e recrutamento de homens casados em quanto tivesse solteiros, e assim por diante observando as regras da lei.

— Não me sobrou o tempo para esses enfadonhos exames : o caso era urgente.

— E' falso outra vez! marcou as victimas, ou deixou que os seus agentes as marcassem, recrutando e designando sómente no partido contrario.

— E' boa ! pois queria que eu mandasse recrutar e designar no partido que me sustenta?

— Mas é cynismo!

— Pois se é capaz aponte muitos presidentes que não fizessem o que eu fiz.

— Que se segue d'ahi?

— Que temos tratado de aproveitar nossas posições e as circumstancias extraordinarias do paiz para preparar o triumpho eleitoral do nosso partido. Ajuntamos dous proveitos em um sacco : damos soldados para a guerra, e reforçamos o nosso partido, perseguindo e abatendo o outro.

— Póde dizer-me qual é o seu partido?

— A fallar a verdade não sei : é aquelle que me conserva presidente de provincia, e será aquelle que me der escada para subir a maior altura.

— E homens como o senhor...

— Serão sempre os melhores instrumentos dos partidos e das facções...

— Partidos! os partidos tem principios ou não são partidos...

— Não nos envolvamos nesse mistiforio; não dou importancia a palavras vãs.

— Partidos! e pensa que perseguio, que atropellou um partido com os seus ultimos despotismos? porque não recrutou os chefes, os filhos dos ricos e dos poderosos que lhes fazem justissima opposição? haveria ao menos nessa perseguição, aliás em todo caso condemnavel, a tal qual nobre afouteza do inimigo forte e franco.

— Não se vai logo ás do cabo, compadre.

— Que fez? foi atropellar os pobres, os desgraçados, não respeitando seus direitos duas vezes sagrados, sagrados pela lei, sagrados pelo pobresa!

— E a massa recrutavel, compadre.

— Meu Deos! exclamou o velho pondo-se de joelhos; meu Deos! concedei ao Brasil o systema de recrutamento pela conscripção para que se quebre nas mãos dos oppressores a arma malvada do recrutamento forçado.

— Amen : disse eu com ar contricto.

QUINTA PRESIDENCIA

— Duração : até o começo da nova legislatura.

— Factos principaes : uma questiuncula com o *compadre Paciencia*, e a conquista eleitoral.

Fui ainda transferido para outra presidencia e desta vez com evidente gloria minha, porque escolhêrão-me a dedo para uma provincia recalcitrante audaciosa que se suppunha com força bastante, e com disposições de resistencia legal capaz de mandar á camara deputados da opposição.

O Hercules chegou, entrando com pés de lã: illudi a opposição com protestos de imparcialidade, e de absoluta abstenção no pleito eleitoral: toda a imprensa elogiou-me e festejou-me.

Eu tinha tres mezes diante de mim e bastavão-me tres semanas para a conquista; dei porém apenas quinze dias de esperanças á opposição que cahio no laço. Não me era possivel proceder de outro modo; porque recebêra a designação dos candidatos officiaes para deputados, e porque um desses candidatos era presidente da provincia, pela qual em troca preajustada e sanccionada pelo ministerio eu devia ser eleito deputado.

No fim dos quinze dias e ainda em segredo aliás logo depois descoberto, despachei na mesma manhã e na mesma hora policiaes para todos os municipios, levando as demissões e substituições indispensaveis para fortalecer as malhas da rêde policial, ordens para recrutamento desenfreado, e para novas designações na guarda nacional, e fiz ponto com a mais plena segurança de resultado: os recrutadores e designadores erão todos meus, ameaçar, isentar, perseguir, espalhar o terror, cercando e varejando as fazendas e casas dos mais prestigiosos chefes opposicionitas sob os mais futeis protetos, e nos dias da eleição primaria forjar duplicatas eleitoraes em extremo caso de necessidade ficava por conta delles. Deitei-me tranquillo. O pouco que faltava para corôar a obra, o emprego da força em alguns pontos da provincia era cuidado que ficava para mais tarde, e a que opportunamente attendi.

Com o recrutamento forçado, a designação na guarda nacional para o serviço da guerra, e com o direito de empregar força armada, pretextando a

necessidade de manter a ordem publica ameaçada, e de garantir a liberdade do voto de cidadão, o governo só perderá eleições, onde as quizer perder por hypocrisia, e onde se deixar vencer por desmazelo e abandono.

A opposição, despertando desilludida, deu brados, arrastou-me pelas ruas da amargura, e disse de mim o que Mafoma não dissera do toucinho : a imprensa do meu partido, ou do partido a que eu servia de instrumento, defendeu-me habilmente com estudada frieza, queixando-se da minha exagerada abstenção, que já antes a opposição havia reconhecido e elogiado, e que punha em risco a causa dos amigos do governo abandonados pelo proprio governo.

Os tratantes estavão cheios até os olhos, e de accôrdo commigo quasi que me accusavão de inepto, de modo que ião chegar á côrte do Imperio com as furias da opposição e com as tristes lamentações dos governistas os indicios da minha imparcialidade na luta eleitoral, o que era tudo quanto desejava o Sobrinho de Meu Tio, esperançoso estadista que aproveita as lições de admiraveis mestres, e que protesta que não é tratante.

Preparada assim a conquista eleitoral, occupei-me de cousas de pouco mais ou menos, e um dia, estando presente o *compadre Paciencia*, que continuava sempre a perder o seu tempo, ralhando comigo debalde, disse eu á Xiquinha :

— Os teus dous afilhados receberáõ em breve os suspirados despachos : acabo de officiar ao ministro da justiça, pedinho-lhe as nomeações de um e de outro para os lugares de escrivão, e de partidor e distribuidor da villa ultimamente creada.

— Eis ahi! bradou logo o velho enfesado que

andava de máo humor com as minhas providencias eleitoraes; eis ahi a centralisação administrativa com as suas absurdas, intoleraveis exigencias atormentadoras do povo! Que quer dizer por tão pouca cousa tanta dependencia provincial da vontade do governo geral?

— Temos outro artigo do seu programma politico; observei eu rindo-me.

— Falle, compadre; disse a Xiquinha.

— Sim, falle! corte com a sua eloquencia revolucionaria os laços da união e da integridade do Imperio.

— Ora é na verdade engraçado vêr a união do Imperio dependente das nomeações de um escrivão e de um partidor e distribuidor da mais afastada villa do interior feitas pelo governo geral!

— E' uma condição do systema de centralisação que nos salva.

— O senhor, com perdão da sua excellencia, é papagaio que repete o que ouve, e não tem consciencia do que repete.

— O compadre é amavel!

— Digo as cousas pelos seus nomes. Escute lá. Ha centralisação politica e centralisação administrativa: depois de 7 de Abril de 1831 houve muitos que pretendêrão acabar com a segunda, e reduzir a primeira a sua mais simples e ultima expressão, transformando em monarchia federativa o systema de governo do Brasil. O senado matou essa idéa; mas em breve o Acto Addicional não só fundou o principio da descentralisação administrativa, como afrouxou um pouco os laços da centralisação politica, dando ás assembléas provinciaes consideraveis attribuições, principalmente com relação ao poder executivo das

provincias. Depois sophismou-se o Acto Addicional: a centralisação politica tornou-se mais forte e apertada do que nunca, e quanto á administração propriamente dita, em vez de se promulgarem leis que desenvolvessem e realizassem o principio descentralisador fundado pela reforma constitucional, forjarão-se leis que o contrariárão, e que derão em resultado não pouco o abatimento, e muito estorvo do maior progresso das provincias.

— Campadre, observei eu, o papagaio não póde aprender um recado tão comprido.

— Porque se havia de tirar ás assembléas provinciaes o direito de eleger os vice-presidentes das respectivas provincias? Porque... mas deixemos de parte os assumptos mais graves, aquelles que podem talvez ainda suscitar objecções; vamos aos pontos até absurdos da centralisação administrativa.

— Pois vamos a isso.

— Não ha nomeação de carcereiro que não dependa do governo geral: é o governo geral quem nomêa escrivães, contadores, distribuidores, até bedeis de academias, e os mais insignifiantes empregados; só escapão delle os meirinhos! e para que isso? Por um lado essa dependencia inutil, inexplicavel, incommoda, apura a paciencia dos cidadãos e abate as condições das provincias: por outro lado, como faz o governo geral taes nomeações? em regra deve fazê-las, ouvindo os presidentes das provincias, e nomeando os propostos por elles: pois, se é assim, deixe-se aos presidentes o direito de fazer taes nomeações!

— Isso foi *em regra:* foi hypothese.

— Tem razão: de facto as nomeações de que trato, fazem-se do modo o mais inconveniente e desmora-

lisador: chegado o mez de Maio, vem os deputados e senadores para as respectivas camaras, trazendo cada um dez ou vinte pedidos nos bolsos dos paletots: eis os ministros em cerco, e portanto eis aberta a feira das transacções, e são ainda nessa triste pratica falseadas a verdade e a pureza do systema representativo!

— E o caso da *confraria de pedintes!*

— Naturaes procuradores dos povos que os e legêrão os senadores e ainda mais os deputados por gratidão e por calculos de futuro pedem, quasi que não podem deixar de pedir ao ministerio; mas pedindo, descem, amesquinhão sua posição, seu caracter de representantes da nação: elles os fiscaes do governo, como hão de fiscalisar o governo, a quem pedem favores todos os dias? Ahi tem as bellas consequencias da centralisação administrativa.

— Ora, *compadre Paciencia*, na sua ultima apreciação é que está o segredo da cousa, e a perfeição do principio centralisador.

— Como é lá isso?

— O principio centralisador é o principal elemento da força irresistivel do poder executivo: o caso é simples: o ministerio precisa ter maioria, e com deputados que trazem das provincias os bolsos dos paletots cheios de pedidos a maioria é certa.

— Maioria artificial, como dizia um dos homens de mais juizo que tem tido o Brasil.

— Quem é ou quem foi elle?

— O Visconde de Albuquerque, o senador Hollanda Cavalcanti, que adoptára por costume formular as maiores verdades em apparentes paradoxos.

— No meio de toda esta discussão, disse a Xiquinha, uma idéa está-me incommodando.

— Qual?

— A necessidade de procurar um deputado que se interesse pela nomeação dos meus dous afilhados.

— Tranquillisa-te : já tens o deputado a teu dispôr.

— Qual será?

— Eu.

— Pois o senhor vai ser eleito deputado? perguntou o *compadre Paciencia*, arregalando os olhos.

— Estou seguro disso.

— Por qual das provincias?

— Pela provincia de...

— Oh! pela provincia cujo presidente tem de ser deputado da sua designação nesta?

— E' exacto : uma mão lava a outra : eu o elejo, elle me elege, nós nos elegemos.

— Mas é immensamente immoral!

— O que?

— Essa sophismação das incompatibilidades eleitoraes dos presidentes de provincias!

— A lei é executada ao pé da letra: os presidentes não são eleitos pelas provincias que presidem.

— Mas fazem berganhas que annullão o espirito da lei, e, o que mais é, o governo geral apoia e autotorisa essas berganhas.

— E' que assim anima e galardôa as dedicações.

— Porque foi que a lei de 1855 estabeleceu essas incompatibilidades? Porque o interesse da propria candidatura podia levar os presidentes das provincias a embaraçar a manifestação do voto livre do povo e a conquistar as urnas eleitoraes. Com as taes berganhas os presidentes continuão ainda a servir aos interesses das proprias candidaturas, e muito mais desembaraçadamente do que d'antes.

— Mas salvão-se as apparencias, compadre. A opi-

nião publica, dizião os senhores, reclamava essas e outras incompatibilidades: satisfez-se a senhora rainha do mundo; como porém é de regra que os reis e as rainhas vivão sempre enganados, ficou a opinião publica com as incompatibilidades dos presidentes das provincias escriptas no papel, e os presidentes das provincias com o recurso das berganhas dão gargalhadas homericas da pretendida soberana que os queria incompativeis.

— Por consequencia confessa!

— Confesso e sustento que esta, aquella, mais outra e todas as leis devem ser na bisca politica trunfos para os que estão de cima, e oito e nove fóra do baralho para os que estão debaixo.

— Isso é na politica dos *biscas*.

— E dos grandes jogadores que temos.

— E quando o senhor estiver debaixo pensará do mesmo modo?

— Fiz voto de estar sempre de cima, compadre.

— Voto de estar sempre de cima em politica é medida certa de profunda baixeza.

— Poesia no caso! fique eu sempre no poleiro, e sempre subindo mais, e dou licença a todos para lamentarem o meu rebaixamento.

O *compadre Paciencia* voltou-me as costas.

Chegou o dia da eleição primaria. Favas contadas. Os commandantes superiores e officiaes da guarda nacional tinhão andado na semana anterior ameaçando os guardas recalcitrantes com a designação para o serviço da guerra, e garantindo isençoes a todos os submissos; os delegados e subdelegados procedêrão do mesmo modo, explorando o recrutamento, e com as addicionaes de apparato de força aqui, de alguns tiros alli, e de duas duplicatas indispensaveis, impro-

visei um eleitorado que me deu assombrosa maioria. Nunca vi eleição mais livre : quasi todo o povo votára á força por sua vontade.

O supposto directorio do partido vencedor organisára a chapa de deputados de accôrdo comigo: isto é, a chapa viera organisada da côrte; nós porém tivemos de salvar as apparencias e de gastar algumas noites, conversando em alhos e bugalhos para dissimular a imposição e fazer crer que a escolha dos candidatos partira dos chefes do partido da provincia.

Como de costume surgirão pretenções, brigas de amigos, e roupa suja da familia lavada na praça publica; mas isso não impedio que no fim do mez da lei a chapa triumphasse toda e com abarrotamento de votos que todavia não causou indigestão a nenhum dos eleitos.

Duas semanas depois recebi a agradavel noticia da minha eleição de deputado á assembléa geral pela provincia, ou antes pelo presidente da provincia de... que, coitadinha, nunca vira nem a ponta do meu nariz e ignorava se eu andava com os dous pés ou de gatinhas.

Provincia nobre e generosa! nem uma só vez na legislatura que vai começar te darei motivo para te queixares de que mal te conheço e te aprecio; porque protesto e juro que farei de conta que não existes, e nunca me occuparei de ti!

Que festas e que alegrias em casa! a Xiquinha não cabia em si de contente, ia voltar para a côrte, e já planejava glorias e triumphos no circulo politico, que reuniria em sua casa, e de que devia ser a encantadora influencia dominante.

Em breve partimos.

— Adeos, provincias! exclamei eu.

— Adeos, cinco desterros!... disse sorrindo alegremente a Xiquinha.

— Adeos, martyres! resmoneou o *compadre Paciencia.*

CAPITULO XI

Como logo depois de chegado á capital do Imperio sou agraciado com a *commenda da Rosa*, cujos espinhos ferem a vaidade da Xiquinha, que ainda não consegue ser baroneza: tenho vontade de fazer opposição; mas não caio nessa asneira, e fico ministerialista *quand même:* quero a todo transe fallar na camara, levo oito noites a decorar um discurso que levára oito dias á preparar com a Xiquinha, e indo emfim improvisa-lo na tribuna, espicho-me completamente e faço espirrar um ministro: mudo de systema, e fico homem serio: a Xiquinha, que é inimiga da politica, faz politica em segredo; reuno um club de desgostosos, de que o *compadre Paciencia* faz autopsia perversa em uma noite em que a Xiquinha de improviso o dissolve por causa dos vestidos nesgados.

Chegamos á capital do Imperio poucos dias antes de começarem as sessões preparatorias e logo achei justissimo e ponderoso motivo para declarar-me em opposição ao ministerio, que em paga de quatro annos de dedicação amesquinhou, abateu a mim e a Xiquinha com um acto revoltante.

Pelos meus serviços extraordinarios prestados nas cinco provincias que presidira, reputava-me com direito ao titulo de barão com grandeza ou pelo menos ao de barão pequeno, e em uma fornada de despachos galardoadores de não poucos presidentes de provincias apenas me contemplárão com a commenda da Rosa!... ora! a commenda do *amor* e da *fidelidade* á mim que não *amo* senão a minha propria pessoa, e que jurei não ser *fiel* a pessoa alguma!... era para desesperar! a rosa da minha commenda tinha espinhos que ferirão principalmente o coração da Xiquinha.

Todavia não me foi licito romper com o ministerio,

primeiro, porque eu ainda não estava reconhecido deputado, e em segundo lugar porque não sabia se o gabinete dispunha de condições seguras de vida, ou se em breve se acharia *in articulo mortis*, e sabê-lo era essencial para a opportunidade do rompimento: suffoquei pois o meu resentimento ; conservei-me ministerialista; mas com os calcanhares firmes na maioria, e com as pontas dos pés levantadas para ao sentir cheiro de crise ir sentar-me nos bancos da opposição.

Emfim a eleição da minha provincia foi approvada: respirei e não era para menos: desde muitos annos uma eleição de deputado no Brasil ás vezes consta de quatro votações eleitoraes: — eleição primaria — eleição secundaria — eleição feita pela camara municipal apuradora — e eleição feita pela camara dos deputados, reconhecedora dos poderes.

O meu primeiro problema achou-se pois resolvido: a solução do segundo tornou-se clara antes e clarissima logo depois da abertura do Corpo Legislativo: o ministerio tinha na camara uma maioria a aborrecer e amigos enthusiastas a deitar fóra; ia portanto atravessar a sessão com certeza de assoberbar as tempestades da opposição; conseguintemente abaixei as pontas dos pés e mostrei-me inabalavel, ardente, intolerante, e phrenetico ministerialista.

Eu não conheço posição mais commoda e folgada do que a do bom ou do optimo deputado da maioria: o optimo deputado da maioria é aquelle que nunca falla, e que vota sempre com o ministerio. Eu resolvi-me a ser optimo, e eis aqui a minha vida parlamentar: ás onze horas e tres quartos chegava á camara, assistia á abertura da sessão, perguntava se devia haver votação, ou discurso de ministro com apparato triumphal, no caso affirmativo

ficava na minha cadeira; recebendo resposta negativa, tomava o meu chapéo, e ia palestrar na rua do Ouvidor. Ouvir as ordens do dia e estudar as materias foi cousa que nunca fiz.

Entretanto para ostentar pretenções á orador, pedi a palavra em todas as discussões importantes, tendo porém o cuidado de inscrever-me sempre em *vigesimo* lugar na lista dos oradores; porque assim estava certo de não fallar; a opposição descobrio o segredo e começou a chamar-me por trás dos bancos — *orador vigesimo* —: não gostei da graça e mudei de tactica, passando a inscrever-me em *vigesimo-quarto* lugar, e a maldita trocou-me logo a alcunha, chamando-me *orador das duzias.*

O peior, além das provocações da opposição, era o *compadre Paciencia* infallivel ouvinte, que em frente de mim se sentava em uma das galerias, e que de volta para casa atormentava-me sem piedade.

Comprehendi que a má figura que estava fazendo poderia prejudicar o meu esperançoso futuro, e determinei-me a fallar uma vez, fazendo essa excepção ao meu optimo ministerialismo. Comprei obras em que os oradores notaveis da França reunirão seus discursos, puz a Xiquinha a ler Mirabeau, Guizot, Lamartine e outros, traduzindo muitos pedaços applicaveis á politica do Brasil: no fim de oito dias ella, de combinação comigo, havia concluido uma grande manta de retalhos: achei-me abarbado com um quaderno de papel escripto e levei oito noites a decorar o meu recado.

Finalmente fiquei com o discurso na ponta da lingua, fui para a camara, pedi para romper pelo lado ministerial a discussão que ia abrir-se, e na occasião opportuna o presidente deu-me a palavra.

Levantei-me, pedi um copo d'agua e comecei:

« Senhor presidente, vou fallar desalinhadamente, porque não posso vencer o máo costume de não estudar discursos, e de improvisar sempre que fallo.

Uma voz da opposição.—Sempre que falla?... aqui é a primeira vez. *(Risadas.)*

Uma voz da maioria: — não perturbem o orador.

Eu. — Os apartes não me perturbão, e tenho a coragem precisa para responder com energia, repellindo os sarcasmos que partem dessa opposição facciosa! *gritos de ordem — cruzão-se violentos apartes — o presidente toca com força a campainha).*

(E no meio da confusão, eu fazendo um movimento desageitado, bato com a mão no cópo d'agua, e a agua entorna-se toda na farda e nas calças do ministro que officialmente assistia á discussão e por detrás do qual me levantára para fallar: fação idéa da scena! camara e galerias desfizerão-se em gargalhadas, e para meu maior mal, o ministro constipou-se e começou a espirrar até que sahio do salão maldizendo da minha eloquencia.)

(Só no fim de um quarto de hora restabeleceu-se a ordem e o silencio.)

O presidente: O nobre deputado póde continuar o seu discurso.

(Qual discurso! na perturbação do meu espirito não me lembrava mais uma unica palavra do meu recado: gaguejei, titubiei, e appellando para o mais incrivel e estupido recurso, eu que devia sentar-me pretextando incommodo explicavel, eu desabotoei o paletot parlamentar, tirei do bolso o meu quaderno de papel, e comecei a ler o discurso.)

Uma voz da opposição: é o máo costume de não estudar discursos e de improvisar sempre que falla!...

(hilaridade prolongada, o presidente não póde manter a ordem, porque é um dos que mais riem).

Não pude resistir á borrasca, disse trinta injurias á opposição, protestei que ia ler documentos importantes, e não um discurso, e sentei-me, declarando que o fazia, porque o presidente da camara não sabia defender e manter os meus direitos.

Eu sahia furioso do salão, quando S. Ex. o ministro da... que não é capaz de engolir epigramma que lhe faz cocegas na ponta da lingua, tomou-me o braço e disse-me :

— De que se afflige? você tem sobra de consolações, e prestou-nos hoje um grande serviço.

— V. Ex. quer zombar de mim?

— Não, meu amigo : olhe : console-se, porque eu tenho na minha maioria mais de seis oradores, que improvisão á sua moda.

— E qual foi o grande serviço que prestei?

— Fazer espirrar o meu collega da... que estava doudo para se pôr ao fresco e escapar á discussão.

— Mas voltará amanhã.

— Qual! constipou-se, e foi tomar sudorificos : o seu cópo d'agua salvou-o.

— Todavia... como o ministerio é solidario...

— Você é terrivel! nem poupa os amigos! está querendo dizer que eu vou andando com umas poucas de pernas de páo.

E S. Ex. foi-se, deixando-me estupefacto.

Vejão só como ás vezes alguns espirros de um ministro são mal traduzidos pelos proprios collegas do ministerio!

O que não admitte duvida é que o meu infeliz improviso e os afortunados espirros do ministro da... derão thema aos epigrammas da opposição na

camara, e na imprensa, e que tornei-me celebridade no Rio de Janeiro.

Ainda bem que eu podia achar em minha casa suaves compensações do meu fiasco na tribuna parlamentar.

Na camara não tornei a fallar, e, seguindo os sabios conselhos da Xiquinha, tomei a mascara de homem sério e grave : fiz o sacrificio da palestra na sala dos charutos, e dos passeios pela rua do Ouvidor : ostentei-me sempre occupando a minha cadeira, apoiando com apparente convicção, mas sem enthusiasmo, as doutrinas dos ministros e em um ou outro aparte deixei ouvir protestos de desinteresse, e preceitos triviaes de moderação. Em duas occasiões emfim cheguei a votar com a opposição, pretextando escrupulos de consciencia, havendo porém préviamente conseguido licença do ministerio para votar desse modo.

Era assim que eu deveria ter procedido desde o primeiro dia em que entrei na camara : ninguem faz idéa de quantas garrafas vazias, mas lacradas e com letreiro, passão por conter vinho generoso por causa do lacre e do letreiro ! ninguem faz idéa de quantas submediocridades passão por grandes cousas, graças ao silencio impostor.

Não sómente a palavra, tambem o silencio foi inventado para enganar os homens.

Com o emprego deste systema, e com a habilidade e o desenvolvimento da influencia da Xiquinha comecei em breve não só a ganhar quanto havia perdido, como a ser tido na conta de deputado importante pela consideração e amizade de que era objecto em um circulo numeroso de membros do parlamento.

A Xiquinha e eu recebiamos os nossos amigos quasi

em todas as noites, e especialmente em uma em cada semana tinhamos reunião numerosa de ambos os sexos : nesta dansava-se, cantava-se, tomavão-se sorvetes, e ainda nesta como em todas fallava-se, e tratava-se muito dos negocios politicos.

Da casa eramos tres as figuras : a Xiquinha oração principal, eu, oração subordinada, e o *compadre Paciencia*, oração incidente, que algumas vezes sacrificou a grammatica, tomando o governo do periodo.

O aspecto physico das tres figuras da casa, e alguns dos seus dotes moraes tem grande importancia para o caso.

A Xiquinha era sempre formosa : descobrira o segredo de perpetuar o viço dos vinte annos; vaidosa e meiga recebia a côrte de trinta admiradores, distribuindo sorrisos sem consequencias e tornando impossivel o compromettimento com algum pela igualdade do agrado com que encantava a todos : pelo menos era isso o que ella me dizia, e o que eu acreditava e acredito piamente; porque não tive nem tenho razões para pensar o contrario.

Eu era esbelto e um pouco magro como sempre fui e sou e como em regra se observa em todos os homens que comem muito : reconheço que ha respeitaveis barrigudos que são excepções, mas não destroem a regra : affavel e obzequiador sem sacrificio, não observando nunca minha mulher nas reuniões, adulando muito as pessoas das familias das notabilidades politicas, ajudava quanto podia á Xiquinha a fazer da nossa casa uma armadilha de flôres.

O *compadre Paciencia* ostentava enormissima calva cercada de uma orla semicircular de cabellos brancos, olhos vivos, rosto agradavel mas severo, e palavra prompta, franca, e desapiedada. Nas primeiras reu-

niões houve quem menos delicado pensasse em rir á custa delle; o velho porém não precisou de defensor; com o seu bom senso, e rudeza foi dizendo o que pensava, e dentro em pouco tornou-se o censor temido de quanto lhe parecia erro ou abuso, e de quantos erravão ou abusavão, e nem poupava epigrammas a quem lh'os dirigia.

Uma noite, por exemplo, acabava de pronunciar-se calorosamente contra um joven deputado da maioria, que no correr da conversação sustentára a conveniencia das dictaduras em circumstancias extraordinarias, e o ministro da... que o ouvira, disse-lhe, gracejando :

— V. Ex...

— Eu não tenho excellencia : o tratamento de *mercê* já é muito para o que sou na ordem das cousas.

— Pois bem : o senhor devia trocar o seu appellido de *Paciencia* pelo de *Trovoada*...

— Ah! se eu fosse trovoada, excellentissimo!

— Que faria?

— Tinha já lançado um raio, fulminando V. Ex. na ultima discussão em que fallou na camara.

O ministro não perguntou *porque*, e foi conversar com a Xiquinha.

Nossas reuniões erão muito concorridas : não havia nellas exclusão de partidos : ministros e membros da maioria tomavão sorvetes na mesma roda com deputados e senadores da opposição : a palestra era então mais ceremoniosa e contida; nas noites porém de simples recepção de visitas, fallava-se, discutia-se livremente, e muitas vezes laborava a intriga politica.

A Xiquinha declarára que aborrecia a politica e que não permittia que algum de nós se chegasse á ella sem juramento prévio de não provocar o seu aborrecimento : com ella só deixava que se tratasse de thea-

tros, de festas, de musica, de modas, e de sentimentos suaves; mas com as mãos no teclado do piano, debruçada á janella, dansando e sorrindo obtinha empregos, favores, graças para os nossos amigos das provincias, e, até como intermediaria directa, para alguns protegidos dos deputados da opposição.

Isso era o menos; o meu, o nosso futuro politico era o mais : a Xiquinha protestára que eu, isto é, que nós entrariamos na primeira organisação ministerial e procedeu nesse sentido : desejando naturalmenie a quéda do ministerio, nunca pronunciou, fóra da sua intimidade comigo, uma só palavra que revelasse aquelle pensamento; não poucas vezes porém, apanhando segredos da alta administração, e projectos ou planos ainda encobertos, passava-os ao ouvido de algum opposicionista que logo no dia seguinte ia na camara atirar com os segredos á face do ministerio.

Emquanto a Xiquinha manobrava por esse modo, eu continuava a prestar com decisão e firmeza o meu voto ao gabinete, e assim dentro em pouco a opposição principiou a acariciar-me, e o ministerio tratou-me com respeito.

A Xiquinha era o diabo em politica !

A' medida que a sessão legislativa se adiantava, mais violenta a opposição aggredia o ministerio, e mais desgostoso se mostrava em suas confidencias um circulo de deputados da maioria que contavão todos, e erão mais de uma duzia, herdar algumas das pastas do ministerio que apoiavão e no entanto desejavão vêr morto e enterrado.

Esses desgostosos erão constantes frequentadores da nossa casa, onde nas noites em que mais em liberdade nos achavamos, discutiamos sobre a situação politica e sobre os meios de *salvar o paiz.*

Salvar o paiz, — era pois, não direi a ordem do dia; mas a *ordem da noite* em todas as sessões desta nossa assembléa especial.

Tanto porém fallamos em *salvar o paiz*, que uma vez o *compadre Paciencia* tomou a questão muito ao serio, e sem pedir a palavra, pôz-se a discutir, como elle discutia.

— Digo-lhes, excellentissimos, que estou cansado de ouvi-los fallar na necessidade de salvar o paiz: pobre paiz! misero doente com tantas duzias de charlatães á cabeceira.

— Campadre!

— Não retiro a expressão: a verdade que sahio, sahio: convenho ao muito e por amor da cortezia que os excellentissimos que se achão presentes, se supponhão exceptuados.

Pozemo-nos a rir; era o unico recurso, que tinhamos.

O velho continuou:

— Todos os senhores são membros da maioria que sustenta o ministerio na camara, e que de noite e aqui proclamão todos que o Estado vai á garra, e que é indispensavel a organisação de um novo gabinete, de modo que os senhores são uns de dia, e outros de noite, têm uma consciencia para o sol outra para a lua.

— O senhor não entende destas cousas: o nosso proceder é muito politico: o ministerio é pessimo; mas na camara contemporisamos com elle até que sôe a hora opportuna do golpe mortal.

— E essa hora...

— Será aquella em que a quéda do ministerio actual não possa aproveitar á opposição que nos combate.

— Portuguez claro: será aquella em que lhes parecer que a herança das pastas lhes entrará por casa:

franqueza, excellentissimos! os senhores estão doudos por serem ministros : as fardas bordadas e os correios galopando atrás dos carros lhes fazem cocegas, e atíção uns desejos, a que não podem mais resistir : é natural : tambem as moças quando chegão aos dezoito annos e pensão em casar, ficão assim.

— O senhor calumnía os nossos sentimentos : os homens politicos que têm a convicção de poder fazer o bem do Estado, devem aspirar o governo.

— Bravo! a theoria é verdadeira, e até magnifica; mas vamos ao essencial : que politica pretendem seguir, quaes são as medidas que empregaráõ para salvar a náo do Estado?

A resposta demorou-se : o velho insistio e por fim um dos nossos amigos, que já tinha sido ministro, respondeu :

— Dêm-nos o poder, e verão.

— Ah, excellentissimos! pois os senhores querem ser nabos comprados em sacco?... a theoria á que a pouco se agarrárão, assenta em outros principios : os politicos que querem ser governo, porque pensão que podem fazer o bem do paiz, annuncião em opposição os seus planos, e manifestão as suas idéas.

— Os nossos sentimentos politicos ja são conhecidos em todo o Brasil.

— Mas, olhem : o Brasil já está muito aborrecido da constante successão de ministerios, que fazem todos a mesma cousa e não sahem de um circulo vicioso.

— Então o senhor quer que continue no poder este gabinete fatal e desassisado?...

— Misericordia, meu Deos! que eu dissesse isso, eu que applaudo a opposição; porque sou liberal da velha escola, estava direito; mas os senhores que têm votado e votão com o ministerio?... não se póde ser

juiz com taes mordomos! Excellentissimos! o ministerio é ruim, como o diabo; mas os senhores, são peiores do que o ministerio.

— O *compadre Paciencia*, não sabe migalha de politica pratica e parlamentar, observei eu; e por isso não comprehende as regras das conveniencias, e a necessidade de se tolerar e sustentar ás vezes um ministerio que faz o mal do paiz.

— Pois tenha a bondade de pôr-me em dia com as circumstancias attenuantes desse crime.

— Olhe, o ministerio actual é máo, é calamitoso; ao menos porém mantém nossa influencia nas provincias e faz-nos os favores que lhe pedimos; e se tivesse cahido ha um mez, ou cahisse amanhã, era e é possivel que subisse ao poder a opposição, e adeos nossa influencia, e adeos favores!

— Optimamente! os interesses da nação na cova do esquecimento, o dever banido como elemento perigoso, o pudor condemnado como trapalhão, a lealdade — peta, os principios — caraminholas, e o egoïsmo de cada um acima dos direitos de todos! politica negocio, governo balcão, ministros mercadores... oh que salvadores da patria!... excellentissimos, os senhores estão brincando.

— E o senhor já se resente da idade muito avançada, aliás comprehenderia que os nossos interesses pessoaes são legitimos; porque se achão ligados aos interesses da patria.

— Ora pois: admittamos este carapetão: ainda assim dou-lhes uma triste noticia.

— Qual?

— Os senhores não podem ser ministros.

— Porque?

— Porque não conseguirão maioria na camara.

Rebentamos em estrandosas gargalhadas.

O *compadre Paciencia* deixou-nos rir á vontade e depois continuou :

— Não tem maioria: não lhes é licito contar com a opposição...

— Quem sabe se não pescaremos nella alguns votinhos? olhe: estar em opposição muitos annos ha de cansar por força, compadre; sentir o cheiro do banquete, e não poder sentar-se á mesa, é um martyrio que entra pelo nariz, e vai pôr em torturas a alma...

— A alma dos gulosos e dos especuladores politicos. Quando uma opposição tem em seu seio alguns desses, ganha sempre que fica livre delles.

— Outro erro : na camara contão-se os votos e não as consciencias; mas pouco nos importa a opposição para o caso da nossa maioria.

— Bem: e omo se arranjaráõ os senhores com os actuaes ministerialistas? não se arreceião de que muitos delles não estejão pelos autos?

— Sabe como se organisa uma maioria?

— Não: sei apenas que maioria parlamentar deve ser partido politico sahido victorioso das urnas eleitoraes.

— Pois escute: a maioria é filha do gabinete que se organisa.

— Falsificação do systema: o gabinete deve sahir do pensamento, das idéas politicas da maioria mandada para a camara pelo paiz.

— E' assim mesmo que se diz ; mas não é assim que se faz.

— Então como é que se faz?

— Supponha que eu sou encarregado de organisar um gabinete...

— Do que Deos livre e guarde o Brasil.

— Porque?

— Por nada. Faça o favor de continuar: eu supponho que V. Ex. se acha encarregado...

— Muito bem: vou procurar um ministro em cada uma de tres ou quatro deputações mais numerosas, e completo o ministerio com uma cunha e dous amigos, ou com um amigo e duas cunhas.

— E o accordo politico entre os membros do gabinete?

— Ha casos em que se tem arranjado isso depois de organisado o ministerio. Na noite da vespera da apresentação do programma reunem-se os ministros e improvisa-se a politica.

— Primeiro as fardas, depois as idéas.

— Que fardas! no dia do programma ainda são ministros de casaca.

— E' o mesmo porque já são cabides de fardas.

— Cabides!... o senhor tem expressões...

— Ora! homens que aceitão pastas de ministros antes de ter uma politica entre elles combinada, que podem ser senão cabides de fardas?... mas não vá a desconfiar: V. Ex. já tem o seu ministerio organisado.

— Pois bem: está tudo feito.

— Alto lá! e o maioria para sustentar o seu ministerio?

— Não lh'o indiquei inda agora?... um ministro tirado de cada uma das tres ou quatro deputações mais numerosas é garantia da dedicação dessas deputações que acompanhadas pelos satellites, pelos deputados ministerialistas de todos os gabinetes, e ainda por estes e aquelles que pendem e que dependem, fórmão uma brilhante e decidida maioria que recebe com fervorosos apoiados e movimento de enthusiasmo o meu programma ministerial.

— O calculo é pelo menos lisongeiro; mas nessas deputações numerosas, ou mesmo nas outras não appareceráõ dissidentes?...

— Nunca faltão ambiciosos vulgares que invejando a elevação dos proprios e mais intimos amigos, declarão guerra violenta ao gabinete de que debalde desejárão e contárão fazer parte.

— V. Ex. acaba de enunciar uma verdade que a mais tempo já estava me entrando pelos olhos e pelos ouvidos. E' certissimo : nunca faltã o ambiciosos vulgares.

— Mas nós dispomos de influencia bastante para zombar de taes adversarios.

— Nós quem, excellentissimo?

— Quem? nós: os amigos que se achão de perfeita intelligencia, e com planos politicos estudados e adoptados; nós que estamos aqui, e ainda outros.

— Então os senhores tem todos mais ou menos influencia no parlamento?...

— Incontestavelmente.

— Em tal caso, excellentissimo, e julgando das cousas pelo que lhes tenho ouvido, cada vez acredito mais que um ministerio dos senhores não terá maioria na camara.

— Pelo que?...

— Pelo excesso de influencias, e falta de desinteresse pessoal.

— Isso é demais!

— Não é demais e vou demonstra-lo: excellentissimos! placidez e sangue frio! nenhum se atraiçôe mudando de côr ou perturbando-se: cabeças levantadas e eu principio.

Ficamos todos a olhar para o velho, que passou a mão pela calva, e disse:

— Os senhores são aqui quatorze: dos quatorze vejo tres, o que occupa a primeira cadeira, o que se senta na quinta, e o que está alli modestamente no canto, que se suppõe com direito a organisar ministerio: se o afortunado fôr o senhor do canto, como parece mais provavel?... ai! o da primeira cadeira ficou pallido e o da quinta vermelho! vejão só!

Olhamos e era verdade; em breve porém cada um dos dous protestou sua lealdade ao politico do canto, que com um sorriso mephistophelico respondeu-lhes no mesmo tom.

— Querem organisar o gabinete?... uma pasta para o presidente do conselho, duas para dous senadores, duas para contentar deputações numerosas: restão duas, dou mais uma de quebra, restão tres... tres para tantos que estão presentes, entre os quaes vejo quatro a namorar a marinha, cinco o imperio, todos a todas as pastas... como se ha de arranjar a partilha?...

E' preciso confessa-lo : começamos a olhar desconfiados uns para os outros.

Um dos meus amigos, corando até a raiz dos cabellos, exclamou:

— Nós o temos ouvido por distração ; devemos porém estar arrependidos do máo emprego do nosso tempo: o senhor nos confunde com os mais baixos exploradores da politica do Estado.

— Perdão! ou antes castigo! os senhores tem um meio de me proclamar aleivoso confesso: escolhão d'entre si tres para tres pastas determinadas, na hypothese da organisação de um ministerio sahido do seu grupo, e compromettão-se todos, debaixo de palavra de honra, a respeitar a escolha feita.

O maldito velho lançava a discordia no campo de Agramante: senti o perigo que eu mesmo corria, aper-

tou-se-me o coração, e acudi-me, fingindo acudir aos amigos.

— Compadre, o senhor quer arrastar-nos para o ridiculo; mas perde o seu tempo: nós nos estamos occupando de cousas muito sérias.

— Comprárão todos bilhetes da loteria e estão á espera que ande a roda: eu desconfio que os seus bilhetes sahem brancos...

— Aposto que não; tornei eu.

Nesse momento a Xiquinha, que havia sahido nessa noite a visitar uma de suas amigas, entrou na sala, affectando um sorriso, mas com a physionomia um pouco alterada.

— Grande novidade para os senhores que são politicos! disse ella.

— Que ha?...

— Não sei bem; porque quando fallavão, distrahi-me conversando sobre os vestidos nesgados...

— Mas.

— Foi na casa do barão de... creio que asseverárão que os ministros tinhão brigado...

— Ora... ora... isso é pelo gosto de fazer as pazes.

— Não: parece que houve desconcerto completo...

— Então cahe a casa?...

— Dizião que fôra chamado para organisar novo gabinete...

— Chamado... já?... perguntárão os senhores da primeira e da quinta cadeira, levantando-se.

— Quem?

— Repetirão o nome; mas não me lembra; é o nome de um dos chefes da opposição liberal...

Já estavamos todos em pé, menos o *compadre Paciencia*, que ria-se á bandeiras despregadas.

— Mas o nome... o nome, minha senhora!

— Que quer?... não sabe que aborreço a politica?... esqueci o nome; distrahi-me com os vestidos nesgados. Em dez minutos achei-me só com a Xiquinha, e o compadre; bastárão-me porém esses dez minutos para acreditar que em sua maioria os meus amigos votarião com o novo ministerio.

A Xiquinha tirava o chapéo, o *compadre Paciencia* bocejava, eu, depois de reflectir um pouco, disse:

— Compadre, sempre tive a mais pronunciada sympathia por este chefe liberal que está organisando o novo gabinete!

— Já sabe quem é?

— Não; mas sei que está organisando ministerio.

O velho ia proromper; a Xiquinha porém tomou-lhe a palavra:

— Primo, o pronunciamento das suas sympathias é inopportuno.

Como?

— Não houve briga de ministros, nem crise, nem mudança de ministerio: a baroneza e a sua ninhada de filhas, de primas, e de sobrinhas atormentárão-me tres horas com os seus vestidos nesgados; cada uma mostrou-me dous, e a baroneza quatro; tive medo que tambem o barão me mostrasse algum, sahi com dôres de cabeça, e ardendo em desejos de vingar-me em alguem.

— E portanto...

— Vinguei-me nos nossos amigos que vão passar uma noite de espinhos, pensando na mudança do gabinete.

— Em tal caso, Xiquinha, continúo a concentrar todas as minhas sympathias no ministerio actual.

— Boa noite! gritou o *compadre Paciencia*, sahindo da sala furioso.

CAPITULO XIII

Sessão do club dos desgostosos: presidencia da Xiquinha que faz do piano regimento da casa: ordem do dia — males mais consideraveis do paiz, — não tem, mas toma a palavra o *compadre Paciencia*, que faz discurso de cópo d'agua, e discorre sobre ninharias, como as questões de emancipação, de finanças, de degeneração do systema representativo e suas causas, e descobre o elixir das reformas para curar tudo isso, rematando o discurso com um epilogo de ave de máo agouro. Nós os desgostosos fomos destruindo todas as declamações do velho com apartes sapientissimos, e por fim eu proponho um programma e um convenio que são aceitos, o compadre sahe então fóra da ordem, desobedece á musica da Xiquinha; mas prova que tem cabeça, porque cahe com um ataque cerebral, e patentêa a fraqueza de seu juizo em uma visão que deixo no tinteiro por causa das duvidas.

A historia da mudança de gabinete improvisada pela Xiquinha e da consequente debandada dos nossos amigos correu, apezar delles, pela camara, chegou aos ouvidos dos ministros e foi motivo de grande zombaria para os debandados e de applausos para a moça travessa ou maliciosa. Durante alguonas das seguintes noites avultou o concurso das nossas visitas e o numero dos thurificadores da Xiquinha, que aliás descubrira na casa da baroneza um novo recurso para libertar-se dos mais teimosos: quando começavão á impacienta-la, desatava á discorrer sobre os vestidos nesgados e estava acabada a historia: não havia quem resistisse.

Emfim pouco a pouco tornárão as cousas ao seu estado normal, e passada uma semana, alguns dos ministerialistas *desgostosos* achárão-se quasi em plena

liberdade: digo quasi porque o *compadre Paciencia* era nosso infallivel *desmancha-prazeres.*

Estavamos reunidos sete nessa noite: o politico do canto, os seus dous rivaes, mais tres deputados da nossa grei, e eu: sete estadistas que se podião lavar com um dedal de agua, sete judeos-errantes politicos que todos tinhão já viajado por todos os partidos legitimos e de occasião, sete notabilidades, nenhuma das quaes podia rir-se das outras.

Este acerto na escolha dos meus intimos, esta attracção mutua que nos colligava erão muito naturaes; porque, diz o adagio, lé com lé, cré com cré.

E não pensem que os furores e conspirações de ministerialistas contra o ministerio, sejão cousas de outro mundo : não ! um velho porteiro da camara me disse um dia ao ouvido: « nesta casa ha duas opposições, uma do salão e outra dos corredores »; e eu hoje posso accrescentar que a opposição do salão arranha o ministerio, mas a dos corredores que corre por conta dos ministerialistas desgostosos, faz dos ministros bifes.

Como dizia eramos sete e além de nós estavão presentes a Xiquinha, que estudava ao piano uma musica nova, e o *compadre Paciencia* que rondava pela sala, observando-nos.

— O seu compadre não vai ao menos alguma vez ao Alcaçar? perguntou-me em voz baixa um dos amigos.

— Qual! diz que o *Alcaçar* é escola de devassidão.

— Este velho é uma nota dissonante que perturba a nossa harmonia: na ultima conversação que tivemos, disse horrores.

— Não é tanto assim: acudio o politico que habi-

tualmente se sentava no canto; ás vezes faz observações sensatas e aproveitaveis.

Os dous rivaes do politico do canto piscárão os olhos um para o outro.

— Eu vou appellar para um recurso poderoso; disse o mais joven de nós, levantando-se e dirigindo-se á Xiquinha: minha senhora! requeiro que V. Ex. faça hoje excepção ao seu aborrecimento á politica e que se declare presidente da nossa palestra para chamar á ordem o seu desabrido compadre, quando elle nos atacar.

— Aceita a minha presidencia, compadre? perguntou a Xiquinha.

— Sem duvida; estou seguro de que não ha de sophismar o regimento da casa para cortar a palavra á opposição.

— Pois declaro-me presidente da palestra; mas hei de presidi-la por musica: quando eu tocar *fortissimo*, estarei chamando á ordem o orador.

— Tenha V. Ex. a bondade de abrir a discussão.

— Está em discussão tudo ao mesmo tempo, com a condição de fallar cada um por sua vez: disse a Xiquinha, continuando a tocar a sua musica.

— Então que temos? eu hoje estou de excellente humor: disse o velho, vindo sem ceremonia sentar-se em frente de nós.

— E convém que assim esteja; observou o amigo que fôra já uma vez ministro, e a quem para distincção chamarei o ex-ministro: em assumptos graves deve fallar-se com seriedade e calma. Nós outros somos membros do corpo legislativo, temos importante missão a cumprir, e estudando em intima reunião de amigos as cousas publicas, não procedemos mal, antes desempenhamos um dever de patriotismo.

— Conforme as intenções.

— Satisfazemos um dever de patriotismo; porque o paiz vai mal, vai muito mal, e o ministerio não está na altura da situação.

— Se não está na altura da situação, ainda abaixo delle se achão aquelles que o sustentão nas camaras: o voluntario cargueiro de um fardo ruim vale menos do que o fardo.

— Peior! começamos?...

— Deixo isso já de parte: os senhores lá sabem as linhas, com que se cosem; passemos adiante: eu tambem penso que o paiz vai mal e muito mal: quaes são porém, na opinião do excellentissimo, os males mais consideraveis do paiz?...

O ex-ministro respondeu:

— Uns que são por certo tremendos, mas que me parecem de natureza transitoria; e um que é profundamente politico e que affecta a essencia do nosso systema de governo: os de natureza transitoria são a guerra, a ruina das finanças, e o problema implacavel da emancipação.

— De perfeito accordo! e que pensa da emancipação?...

— Que é inevitavel, que se não tratarmos della, ser-nos-ha imposta; mas não nos convém fallar nisso.

— Apoiado! disse um deputado; o raio é certo: e portanto deixa-lo vir; nós porém não devemos provocar o resentimento dos agricultores, occupando-nos de semelhante materia: seria impolitico: não nos compromettamos loucamente.

— V. Ex. para moço já é de calculo e de machiavelismo de velho manhoso.

— Porque?...

— Porque engana os agricultores, esquece a nação

e só trata do seu interesse: se o raio é certo, porque não prevenir os maiores estragos? Nesta questão o maior inimigo do lavrador e do proprietario de escravos é aquelle que não lhes abre os olhos, e não lhes manifesta a verdade. Não ir tomando medidas para que a solução do problema implacavel se realise sem precipitação, moderada e cautelosamente, e mantido o respeito ao direito de propriedade, salvo o direito da compensação pelo Estado, é atraiçoar a causa do lavrador, do proprietario e do paiz. O verdadeiro politico é aquelle que não podendo impedir o mal, sabe ao menos diminuir-lhe as proporções.

— O senhor não tem nem quer ter futuro politico: é por isso que falla assim: nós não podemos affrontar o resentimento dos lavradores; porque precisamos delles.

— E os lavradores têm mais juizo do que os senhores e reflectem muito mais do que se pensa.

— Ora... cahem nos laços, como passarinhos.

— Escute: eu tambem fui lavrador: o lavrador na sua solidão deita-se ás nove horas da noite, cansado do labor dorme um somno só, e acordando ás tres horas da madrugada, fica na cama esperando pela aurora, e sabe em que pensa então?...

— Diga.

— Metade do tempo no seu trabalho, e nas suas contas com o correspondente da cidade, e a outra metade nos carapetões de muitos deputados e de muitros ministros. O senhor não os illude : vá com esta.

— O que não quero é cahir no desaggrado dos taes roceiros: o meu districto é do interior.

— A emancipação é infallivel dentro de prazo mais ou menos breve?...

— Eu o creio.

— Pois, meu caro senhor, se tem essa crença, e não acode o lavrador, preparando a emancipação com providencias que a tornem muito menos calamitosa, póde limpar as mãos á parede: qualquer páo do matto é deputado assim.

— A'ordem!

— Dona Xiquinha ainda não tocou fortissimo.

— Veja como o ministerio pagou caro as palavras do discurso da corôa sobre a emancipação.

— E devia paga-las mais caro ainda: o governo apenas fallou, e nada propoz: sua falla foi ameaça vaga, impolitica que poz em cuidados e temores interesses immensos: seus projectos poderião ser consolações e confortos. O governo nunca deve fallar esterilmente. O grande erro esteve em um annuncio vago, e que se tornou vão.

— Deixemos de parte a emancipação.

— Deixemo-la; mas neste ponto os senhores não adiantárão idéa; reconhecêrão o mal do doente, e não receitárão para combater a molestia. Outro officio, meus senhores! antes uma velha a rezar de quebranto, do que medicos que recebem vinte mil réis por visita diaria em quatro mezes de cada anno e deixão o pobre paiz enfermo sem remedio, e até em vesperas de ficar sem caldo! outro officio! mas deixemos a emancipação. Vamos ás finanças. Estão em ruinas: todos o sentem. Meus excellentissimos doutores, que receitão contra a ruina das finanças?...

— O Brasil é um paiz novo, e rico de recursos.

— Lugar commum, podia V. Ex. accrescentar que devemos esperar muito do calor e da humidade; mas o positivo?...

— Em quanto durar a guerra é impossivel regenerar as finanças.

— Morreu o Neves : até ahi vou eu, que só aprendi as quatro especies da arithmetica; mas é possivel empregar meios que vão ao menos especando o thesouro publico e o credito da nação.

— A creação de novos e importantes impostos é indispensavel; disse o politico do canto.

— Voto por isso; observei eu : o povo é quem deve pagar as custas.

— Eu tambem voto; mas por outra razão, tornou o velho : a patria precisa e pede, o cidadão pucha pela bolsa e dá, e aquelle que recalcitra ou protesta, é filho desnaturado; quando porém o governo lança novos impostos sobre o povo, deve ao mesmo tempo ostentar a mais sevéra economia, e a mais escrupulosa fiscalisação nas despezas publicas.

— Isso tambem é quasi impossivel no caso de uma guerra relativamente colossal.

— V. Ex. deixou-me um quasi á que me agarro e que não largo mais : isso póde ser difficil, impossivel não é, faz-se preciso que seja possivel e real. Rouba-se escandalosamente, explorando a guerra : rouba-se o thesouro aqui na côrte, no Rio da Prata, em Corrientes, rouba-se, e todos o sentem e o sabem, e o governo ainda não apanhou um só ladrão e não deu um só exemplo de justiça e de moralidade que desanime os ladrões!... quando abundão os ratos em uma casa, o escravo velho da casa arma uma ratoeira, e apanha ratos; e o governo ainda não mostrou nem mesmo a rude habilidade do negro velho que arma ratoeiras!... e a consequencia...

— Qual é?...

— E que muita gente pensa que em grande parte o calculo dos devoradores da riqueza publica do Brasil tem concorrido para a perduração da guerra.

— Compadre, era preciso que o governo fosse tamanduá para acabar com o maldito formigueiro.

— Não : o que me está parecendo é que o governo além de mandar leões para os combates, já deveria ter uma creação de gatos nos arsenaes da côrte, e gatos em toda parte, onde se fazem fornecimentos; porque as ratazanas engordão com a guerra, e é indispensavel acabar com ellas.

— Mas a guerra...

— E' verdade : que julga V. Ex. da guerra ?

— Não se póde dizer tudo...

— Convenho : eu tambem sei e penso muitas cousas que não digo : ás vezes fazem-me cocegas na garganta e engulo-as; tenho por isso nauzeas e dominoas; limitemo-nos porém á uma questão essencial : que diz da continuação da guerra?

— A guerra é calamitosa : se não vencermos até o fim de 1867, é preciso acabar de qualquer modo com ella.

— Mesmo, celebrando um tratado de paz com o dictador Lopez?

— Ainda assim : a condição que a isso se oppõe no tratado da triplice alliança foi um erra lamentavel.

— E a honra nacional tambem será um preconceito ridiculo?...

— A França retirou-se do Mexico, vio Maximiliano fuzilado e não me consta que perdesse a honra.

— Na guerra do Mexico a França foi aggressora, e mesmo assim, se não retirou-se com quebra de sua honra, sahia do empenho tão confundida que ainda hoje ralha com o seu imperador que a metteu naquella entrosga.

— Então o senhor, apezar de velho, é dos bellicosos á todo transe ?

— Eu sou um velho como fui em moço brasileiro á todo transe : a guerra é de desaffronta da honra nacional : meus senhores, a questão do Paraguay não é contenda que se acabe por conciliação á exforços de um juiz de paz.

— Não ha governo que não tenha recuado diante da miseria publica.

— E como ha quem se lembre de recuar diante da miseria moral? Se o Brasil retirar-se do Paraguay antes de conseguir victoria completa, sahe vencido, e cahe na revolução dissolvente, que rompe da convicção profunda da ignominia nacional.

— Nas suas apreciações ha exageração do ponto de honra, e de terrorista do futuro. O paiz começa á fatigar-se da guerra. (*)

— E a vossa paz que seria, senão o adiamento da guerra? Se já estudastes a politica dos dous Lopes, do pai e do filho, fazei a vossa paz, dando logo de presente ao filho grande parte da provincia de Matto-Grosso, e o dominio exclusivo da navegação do Paraguay e do Paraná, ou preparai-vos para outra guerra muito mais difficil; e se já estudastes as condições e as delicadezas da politica do Brasil no Rio da Prata, e quereis a paz sem a victoria no Paraguay, fazei primeiro uma cova bem funda e enterrai a dignidade, a força moral, a vitalidade da politica brasileira naquella região importante; fazei a cova, porque sois coveiros; mas não vos descuideis de mandar tambem levantar as muralhas da China nas fronteiras do Rio Grande do Sul.

(*) As *Memorias do Sobrinho de Meu Tio* forão escriptas nos dous ultimos mezes de 1867 e no de Janeiro de 1868.

— Nenhum de nós propôz a paz : reflectimos sobre a perduração da guerra, e sobre a imposição partida da miseria publica; foi uma hypothese que figuramos.

— Ainda bem! mas nem por hypothese figuremos a patria de tantos bravos como triste mãi desamada dos filhos e exposta ás zombarias e ao ludibrio do mundo.

— Não insistamos sobre este ponto.

— Pois não insistamos.

— Eu annunciei por ultimo, disse o ex-ministro, um mal profundo, e exclusivamente politico.

— E qual é elle, excellentissimo?

— E' a degeneração do systema representativo.

— Outra vez de perfeito accordo! exclamou o *compadre Paciencia.*

— Dê-me a sua mão... quero aperta-la! tornou o ex-ministro, estendendo o braço, e offerecendo o mão ao velho.

— Espere, respondeu este; antes do signal da alliança é preciso saber se somos realmente alliados : degeneração do systema é consequencia de um vicio introduzido no systema; entendamo-nos pois sobre a causa do mal.

O ex-ministro hesitou um momento; mas logo depois disse :

— *E' o governo pessoal.*

— Mais claro : é a vontade do Imperador irresponsavel imposta ao governo dos ministros responsaveis.

— Exactamente : a eleição é phantasmagoria politica; os partidos politicos não se succedem mais no poder legitima e lealmente representados nos ministerios que se organisão; as camaras sentem amesquinhada a sua influencia constitucional no governo do

Estado; os ministros não têm importancia pela opinião que devem significar, e só recebem força da confiança da corôa.

— E tudo isso por causa do *governo pessoal?*

— Assim o penso.

O *compadre Paciencia* passou duas vezes a mão pela calva, coçou a orelha e disse :

— Cousa singular! me parece que V. Ex. tem razão, e que V. Ex. não tem razão!...

— Decifre-nos esse enigma.

— Eu digo que me parece que V. Ex. não tem razão : porque eu ainda não estou habilitado para acreditar e affirmar que haja *governo pessoal*, isto é, vontade do Imperador irresponsavel imposta ao governo dos ministros responsaveis.

— Não ha peior cégo do que aquelle que não quer vêr.

— Mas eu quero vêr. Escute, excellentissimo : sem fallar do governo pessoal francamente instituido como o está na França, creio que essa desastrosa anomalia se manifesta por dous modos, aliás falseando sempre o systema representativo : primeiro, quando o principe chefe do Estado, adoptando a politica de um ministro, ou fazendo com que este adopte a sua, sustenta esse ministro a despeito da opinião publica pronunciada no voto de opposição-maioria em camaras successivamente dissolvidas e eleitas; exemplo : o rei actual da Prussia com o seu conde de Bismark; ora no Brasil ainda não se observou este desconchavo constitucional; pelo contrario o Brasil muda de ministros e de ministerios, como D. Xiquinha de modas de vestidos e de chapéos.

— Vamos á segunda hypothese.

— Esta realiza-se, quando o principe chefe do

Estado não deixa livre a acção dos ministros responsaveis, impõe-lhes a sua politica, as suas opiniões nos assumptos importantes, impede reformas, e governa emfim sem responsabilidade legal; exemplo: Jorge III de Inglaterra.

— E' o caso.

— Póde ser que seja; mas eu quero vêr. Ministerios de todas as côres politicas, ou com pretenções a isso, tem dissolvido camaras; ainda não houve reforma, nem resolução legislativa que não fosse sanccionada, nem consta á nação que um só ministerio haja proposto á corôa medida alguma de importancia politica, que lhe fosse negada, á excepção de alguns casos de proposta de dissolução da camara, como se declarou no parlamento.

— Nem tudo se diz... muitas cousas deixão de ser entregues ao dominio do publico.

— Ahi é que está o nó da questão! Eu quero vêr, meus senhores! O governo pessoal de Jorge III foi nobre e francamente confessado e denunciado por ministros que se submettêrão a elle, e por estadistas que deixárão de ser ministros para não incorrer em tal submissão; no Brasil porém ainda não houve ministro, nem ex-ministro que nas camaras annunciasse, como era do seu dever, a existencia do governo pessoal. Não sei a conta, nem posso repetir os nomes de quantos têm sido ministros no Brasil; sei sómente que ainda nem um só delles denunciou o governo pessoal, e eu não admitto que nesse avultado numero de ministros fossem todos subservientes, e nem um só leal á nação, e decidido mantenedor da verdade constitucional.

— As conveniencias...

— Que conveniencias!... a honra e o patriotismo

exigião a verdade toda; porque acima da corôa está a nação. Uma de duas: ou ha, ou não ha governo pessoal; se ha, os ministros que o dissimulárão, que o escondem forão e são traidores á nação; se não ha, os ministros e os ex-ministros que o propalão, cochichando atrás das portas, são traidores á corôa, e ainda tambem á nação.

— Aqui estou eu que já fui ministro, e o digo.

— Di-lo aqui, onde não ha para V. Ex. gloria, nem para o paiz proveito em dizê-lo; talvez tambem o diga em artigos de jornaes, mas sem assignar os artigos com o seu nome; estes actos de civismo escondido qualquer calhambeque pratíca; é na camara com a fronte erguida, com a força que inspira a consciencia do cumprimento de um grande dever constitucional, que se faz preciso declara-lo: aqui V. Ex. até póde faltar á verdade impunemente.

— O senhor insulta-me!

— Xiquinha, chama á ordem o orador.

A Xiquinha tocava *pianissimo.*

— Bem vêem que estou na ordem; continuou o *compadre Paciencia*, rindo-se: eu não disse que V. Ex. mentia, disse, que podia impunemente escorregar...

— Aceito a explicação.

— Fico-lhe muito obrigado por esse favor; mas... a proposito: quantas horas, ou quantos dias foi V. Ex. ministro?

— Mais de um anno.

— Ah! e como V. Ex. poude submetter-se por tanto tempo ao *governo pessoal?*

O ex-ministro córou, e ia responder não sei mesmo o que; mas o *compadre Paciencia* não lhe deu tempo, e accrescentou:

— E que abnegação patriotica a de V. Ex. ! Ainda está trabalhando para tornar a ser ministro e mesmo com pretenções a presidente do conselho, apezar da sujeição obrigada ao *governo pessoal!*...

— Eu não serei outra vez ministro sem condições!

— Qual! já se conservou em um ministerio mais de um anno sem ellas.

— O senhor é um perfeito cortezão!

— Cortezão! cortezão quem pede e quer a verdade? Cortezão quem despreza os mexericos do ignobil, e provoca a lealdade do patriota? Cortezãos de que falla, são os aduladores que thurificão no palacio, e são Catões no club tenebroso; cortezãos, a que allude, são os miseraveis que elevados ao ministerio procurão adivinhar idéas e intenções do chefe do Estado para realiza-las servilmente e sem reflexão, e que sahindo do palacio, e perdendo as pastas, vão ás escondidas e em confidencias de Tartufos politicos, denunciar seus proprios crimes, se ha *governo pessoal*, ou espalhar calumnias, se o não ha. Emquanto não houver um ministro que se demitta, declarando não poder continuar a sê-lo por causa do *governo pessoal;* emquanto alguns, pelo menos daquelles que tem feito parte de ministerios não forem ao parlamento fazer confissão da sua subserviencia, eu continuarei a attribuir sómente aos ministros tudo quanto se attribue ao *governo pessoal.*

— Sim: lance todas as culpas sobre os pobres ministros!

— Que duvida! quem não quer ser lobo não lhe veste a pelle; desde que ha *governo pessoal*, ha ministros que se deixão levar pelo freio, e a ministros que se fazem cavallos de montaria não se poupa castigo : fogo nelles! eu porém não avilto, não rebaixo o ca-

racter de tantos homens de bem, de tantos cidadãos patriotas e venerandos que têm sido ministros, e que o não serião sem honra nem dignidade, cidadãos illustrados, honestos, dignos que não se confundem com os pescadores de pastas, que para se conservarem empastados, nunca têm, nem querem ter iniciativa de idéas, e não passão de teimosos e constantes pontos de interrogação vestidos de farda bordada.

— Acabe de uma vez as suas declamações!

— Eis aqui, excellentissimo, por que não posso admittir a existencia do *governo possoal*; eis aqui por que não lhe acho razão; agora se me dá licença, vou dizer porque me parece que V. Ex. tem carradas de razão.

— O discurso é de cópo d'agua, observei eu.

— Mas sem o inconveniente de entornar-se a agua na farda de algum ministro; respondeu-me o maldito compadre.

Rirão-se todos á minha custa! a Xiquinha que tambem ria-se, acudio comtudo a seu marido, tocando *fortissimo*.

Restabeleceu-se a ordem. O velho continuou a fallar.

— V. Ex tem razão; porque a degeneração do systema representativo é produzida pelo desequilibrio dos grandes Poderes do Estado e pela supremacia anormal, exagerada, excessiva do Poder Moderador.

— Ah! e quem exerce o Poder Moderador?

— O Imperador.

— *Idem est quod idem valet.*

— Está enganado: não é a mesma cousa; e quer saber? é peior: o *governo pessoal* é o erro de um homem, que o mesmo homem póde corrigir em um dia, em um momento: o desequilibrio dos Poderes não

provêm no nosso caso da vontade e do erro de um homem, nasce de leis que corrompêrão o systema, cuja regeneração agora depende do concurso, do accordo de muitos homens, do reconhecimento da verdade de muitos principios que forão e que talvez sejão ainda pontos de discordia politica.

— O compadre pretende fallar a noite toda? Eu peço a palavra pela ordem, quero propôr a *rolha.*

— O regimento não permitte que se interrompa o orador para propôr-se o encerramento da discussão; disse um deputado.

— E' verdade ; não me lembrava : devemos corriger esse defeito do regimento: ha de ser cousa deliciosa fazer um massante da opposição engolir o resto de um discurso, que se arrolhe no meio: deixa-se o impertinente nadando no mar dos principios sem chegar ao porto das consequencias: a logica naufraga, e o absurdo viaja em mar de rosas. A idéa é sublime!

— E velha para as glorias do absurdo que, ha muito tempo, nos leva de cambalhotas por um precipicio abaixo: disse o *compadre Paciencia.*

— A' questão! á questão!

— Eu digo que a supremacia anormal, excessiva do Poder Moderador amesquinha e quasi annulla os outros grandes Poderes do Estado. E ainda bem que para reconhecer esta verdade, não preciso das informações dos ministros, aliás estava perdido.

— Porque?

— Porque os ministros quando são obrigados a informar sobre assumptos de importancia politica, em regra derramão tanta luz que todos ficão no escuro. No Brasil o governo tem medo da luz: os ministros são corujas, adorão a noite.

— Adiante: entre na questão.

— Olhem que eu vou contar uma historia.

— Contar historias é um direito sagrado dos velhos ; mas veja que corre o perigo de nos fazer dormir ; se eu roncar não faça caso, tome a roncaria como *aparte* ao seu discurso.

— Lá vai a historia: a 7 de Abril de 1831...

— O senhor floresceu nesse tempo?

— Meu senhor, na tarde de 6 de Abril fui para o Campo de Sant'Anna, onde passei a noite com uma espingarda carregada ao hombro.

— Dou-lhe parabens.

— Aceito-os; porque ainda não me arrependi do que então fiz.

— Mas a historia? a historia?

— A 7 de Abril de 1831 venceu o partido liberal no Brasil: a sua victoria e a infancia do segundo Imperador que ficava no berço e confiado á patria, determinárão natural e indeclinavelmente a supremacia anormal do Poder Legislativo, e nelle a da camara dos deputados, representante do elemento democratico, que apenas contida pelo senado nas aspirações mais exageradas da revolução, predominou todavia, avassallou a acção do Poder Executivo; ao menos porém operou maravilhas, milagres politicos, salvou a monarchia constitucional, manteve a união do Imperio, abafou revoltas sem ter exercito, sem opprimir a nação, sem atropellar os direitos dos cidadãos e satisfez o paiz firmando as idéas liberaes em leis populares, fundando a guarda nacional, legislando o codigo do processo criminal, e para limitar-me ao essencial, promulgando a lei das reformas constitucionaes. Procedendo assim, teve a gloria de vêr o Estado assoberbar a crise mais assustadora, e de applaudir o magnifico espectaculo da monarchia cons-

titucional escapando de assombrosa tempestade nos braços robustos e leaes da democracia.

— Compadre, basta de ode pindarica aos seus liberalões do tempo das *aguas do monte.*

— E' que nesse tempo as aguas erão claras, embora impetuosas, e ninguem pescava nellas; hoje as *aguas são turvas* e os pescadores muitos.

— Basta de interrupções.

— Sem estudar as causas, marcarei os factos: no fim de cinco annos houve scisão no partido liberal victorioso; aos dissidentes reunirão-se os vencidos do primeiro reinado e a 19 de Setembro de 1837 o padre Feijó resignou a regencia e o governo passou para o partido que em breve se chamou *conservador.*

— Esse padre Feijó era necessariamente maniaco: quanto percebia dos cofres publicos como regente?

— Vinte contos de réis annualmente, e os empurrou com a ponta do pé, não lhe ficando nem a quantia restrictamente necessaria para se recolher á sua casa na provincia de S. Paulo, fazendo a viagem com algum commodo.

— Bem o disse eu: era um padre que não sabia latim; pois nem soube declinar o substantivo *pecunia pecuniæ:* hoje os politicos lêem por outro breviario.

O velho proseguio :

— Veio a reacção: sacrificou-se o principio da liberdade e da democracia ao principio da autoridade, e em vez de se harmonisarem um e outro, erigio-se a obra da mais completa centralisação sobre as ruinas do monumento de 7 de Abril: o Acto Addicional foi em parte modificado por uma lei chamada de interpretação; a reforma do codigo do processo criminal acabou com a policia democratica dos juizes do povo, e estendeu uma rêde immensa policial de delegados

e subdelegados, rêde que ficou com todos os fios nas mãos do Poder Executivo, e mais tarde aperfeiçoou-se o systema com a reforma da guarda nacional, passando para o governo as nomeações de todos os officiaes.

— O partido da ordem salvou-nos da anarchia, procedendo assim, e restituio á monarchia o seu verdadeiro caracter, e condições constitucionaes.

— Respeito as intenções desse partido, cuja legitimidade ninguem contesta; mas S. Ex. enganou-se duas vezes, esse partido não nos salvou da anarchia; porque da anarchia só nos pudera salvar a politica liberal predominante desde 7 de Abril; e não restituio, tirou á nossa monarchia o seu verdadeiro caracter que é o democratico: quer saber o que realmente elle faz? atirou com o systema representativo de pernas para o ar no salto mortal que deu.

— E' juiz suspeito, já se declarou revolucionario confesso de 7 de Abril.

— Todo partido é mais ou menos egoista; o conservador que estava no poder e desenvolvia a politica da autoridade, sonhou com a sua perpetuidade no governo, e para tornar impossivel qualquer victoria dos adversarios, armou a autoridade de força irresistivel, de todos os meios de compressão para os casos de companha eleitoral, e concentrou toda essa força e todos esses meios no Poder Executivo; mas nos transportes e arrebatamentos do seu triumpho esqueceu-se de que em vez de crear a omnipotencia do partido, creava sómente a omnipotencia do governo.

— Já vê que não foi egoismo.

— Em todo caso foi erro. Eis aqui agora as consequencias do tal systema politico: a ultima eleição livre que houve no Brazil foi a de 1837, de então em

diante e até hoje as camaras têm sido feitura dos ministros e dos presidentes de provincias com o emprego da acção da policia, e da guarda nacional muitas vezes auxiliadas pela corrupção e por destacamentos de tropa de linha; sendo assim, as camaras pouco a pouco forão perdendo a sua grande influencia constitucional: a força moral dos deputados nasce da legitimidade do seu mandato, e da consciencia do poder da opinião do paiz para sustenta-los: sem uma nem outra os deputados eleitos pela vontade do governo fórmão camaras sempre obedientes ao governo, e portanto sem independencia, e quasi que reduzidas á triste condição de ficções do systema representativo, e de simples chancellaria dos ministerios.

— O senhor tem uma lingua não de velho, mas de velha rabugenta!

— Mais consequencias ainda: a convicção geral é profunda de que não ha mais eleição de deputados que resolva problemas politicos e faça politica; porque é sómente o governo quem faz a eleição, e quem portanto resolve previamente os problemas politicos, e determina a politica consequente: a convicção profunda e geral de que ser governo é ter certeza de vencer, e é tudo, acabárão por abater, amesquinhar a dignidade dos antigos partidos; porque não confiando, nem podendo mais confiar na sua propria força, na força da opinião para, triumphando n'um pleito eleitoral, subir ao poder; não podendo mais acreditar na influencia robusta e constitucional das camaras, vendo que o nascimento e a vida dos ministerios não ostentavão mais as duas grandiosas condições do systema; porquanto na observação e marcha regulares do systema o nascimento e a vida dos ministerios provêm essencialmente de duas fontes de

confiança, da confiança da corôa que nomeia os ministros, e da confiança da nação representada e manifestada pela maioria da camara, que propõe os ministros, quando manifesta a politica que adopta, e que sustenta os ministros que realizão essa politica; vendo, digo eu, que falta uma dessas condições ao nascimento e á vida verdadeiramente constitucionaes dos ministerios, pois uma das duas fontes de confiança seccou, não existe realmente, existe só ficticiamente, porque os deputados não são eleitos pela nação, são designados pelo governo, e portanto não tem força propria, não tem delegação legitima, tem apenas reflexo da força do governo que os designou deputados, que fizerão os partidos? que fizerão os estadistas, os chefes dos diversos partidos? pozerão-se a olhar, e a esquecer os olhos, e a concentrar esperanças no unico Poder, que póde dar o *poder*, no Poder Moderador, que nomeia os ministros, que depois fazem tudo, conseguem tudo, são tudo, e não arredarão mais delle os olhos, e ao primeiro aceno, ao primeiro invite cada um delles correu precipitado, enthusiasmado a tomar conta do leme do Estado, fazendo do leme do Estado a questão principal, e da direcção da náo o estudo subsequente e subordinado; porquanto para cada partido a aspiração essencial tornou-se em questão de mando, e não em materia de principios, no interesse de estar de cima para não soffrer, e não na gloria de governar para realizar idéas; porque nesse impeto de subir ao poder, nessa desabrida sede de ser governo o fim principal deixou de ser o triumpho das idéas, é sómente o commodo, o arranjo, o bem estar das individualidades dos partidos.

— Esta agora, compadre, é de innocente nos

cueiros! pois queria que os homens regeitassem o governo?

— Ainda que eu quizesse, nessa não cahião elles; porque é melhor ser oppressor do que opprimido.

— E os seus liberaes? e o seu partido glorioso e salvador do Estado?

— O meu partido errou, subindo ao poder e não reformando as leis fataes, ou, se não podia reforma-las, deixando-se ficar no governo sem gloria nem grande interesse da nação: o meu partido errou, aproveitando-se dessas leis para opprimir o adversario, como tinha sido por elle opprimido, errou, errárão ambos os partidos, errão ainda, jogando um triste jogo de empurra, e conservando sempre o systema representativo de pernas para o ar.

— Em conclusão?

— Em conclusão temos no Brasil governo representativo sem legitima representação; mentira: nação soberana sem exercicio da sua soberania na eleição livre; — mentira: camaras fiscalisadoras dos actos do Poder Executivo eleitas, formadas sempre em sua grande maioria pela vontade e designação do Poder Executivo: mentira: ministerios que devem receber a vida de duas fontes de confiança, e que não têm senão uma verdadeira e legitima confiança para manter sua existencia; mentira, tudo isso mentira em face da Constituição.

— E que temos então?

— A supremacia anormal do Poder Moderador que pela Constituição nomeia e demitte os ministros.

— Eis o governo pessoal! exclamou o ex-ministro.

— Nego; respondeu o *compadre Paciencia*: o governo pessoal depende da vontade de um homem; a supremacia do Poder Moderador provêm forçosa-

mente da legislação que condemnei, e ha de existir, influir, degenerar o systema, em quanto não se reformar essa legislação maldita; *o governo pessoal*, se existisse, desappareceria no primeiro momento em que o Imperador reconhecesse o seu erro; a supremacia do Poder Moderador se fará sentir a despeito da vontade de quantos Imperadores tiver o Brasil, desde que se mantenhão, como se mantêm essas leis que escravisárão o povo, que apagárão o espirito publico, que assassinárão os partidos legitimos. A supremacia excessiva, anormal, inconstitucional do Poder Moderador é quem simula o *governo pessoal* e é mil vezes peior que este, até porque reune todas as condições concebiveis para provocar, animar, e fundar o *governo pessoal.*

— Ah! vamos chegando ao ponto doloroso...

— Que ponto doloroso? pontos dolorosos tem o nosso pobre paiz em cada fibra do seu corpo : vamos ao seu ponto doloroso; qual é elle?

— O *governo pessoal.*

— E a dar-lhe! e o mais é que o recurso é commodo : uns fizerão leis que degenerárão o systema representativo, outros conservárão essas leis, e quando experimentão as consequencias da fatal degeneração, nenhum se queixa de si, e muitos lanção a culpa dos erros de todos sobre a pessoa irresponsavel!

— E' facil argumentar assim.

— Pois bem : muitos dizem que ha *governo pessoal*, muitos o negão; eu tenho um meio de resolver a questão.

— Venha elle.

— Reformem as camaras profundamente as leis que creárão a supremacia do Poder Moderador : eia, senhores deputados e senadores! reformas! reformas!

um golpe decisivo na centralisação administrativa, que desespera as provincias; reforme-se a lei de 3 de Dezembro, aliás por todos condemnada, reforme-se a lei da guarda nacional; acabe-se de uma vez com o recrutamento forçado; tenhão essas reformas o caracter que devem ter, o caracter democratico de harmonia com a Constituição, eia, senhores deputados e senadores, fação isso, e se a corôa crear embaraços a essas reformas, se a corôa negar sancção a essas reformas, eu direi que ha *governo pessoal.*

— Trabalho de Hercules! nem em dez annos.

— Mas se os senhores nada fazem! apenas por excepção votão sem discussão alguma lei de orçamento!

— Que quer?... a opposição nos toma o tempo.

— E a rôlha que os senhores multiplicão tantas vezes quantas convem aos ministerios?

— Olhe, ha vinte annos que se trata da reforma da lei de 3 de Dezembro, e ainda não se poude consegui-la.

— Vejão bem, excellentissimos, vejão bem! o horizonte está negro: o tempo é de tempestades, e eu lhes digo que aquillo que os senhores não se julgão capazes de fazer em dez ou vinte annos, o povo em desespero é capaz de fazer em duas horas.

— A revolução?!!!

— Eu não a desejo, não a quero, não a provoco; pelo contrario arreceio-me della; porque sinto que os espiritos se transvião, que a exaltação cada dia mais se inflamma, e que o perigo é extraordinario!...

— O diabo não é tão feio, como se pinta, compadre: isso tudo é espalhafato terrorista da gente que está debaixo, e que quer pôr-se de cima.

— Este diabo é mais feio do que pensão : eu o vejo...

— Entrou o homem no periodo da visão : silencio nas columnas ; ouça mo-lo que ha de ser divertido.

— Eu vejo o soffrimento de todos : vejo nos sacrificios que impõe a mais justa e nobre guerra o commercio ferido em seus interesses e a agricultura e a industria padecendo ainda mais por isso; vejo na crise financeira do Estado a ruina dos ricos, a fome dos pobres, o credor não podendo haver, o devedor não podendo pagar; vejo na questão da emancipação costumes e prejuizos que se alvoroção, e interesses legitimos que profundamente se resentem : a par desses males vejo as violencias do recrutamento forçado, as injustiças da designação da guarda nacional, e o abatimento moral de todas as provincias; vejo pois o desgosto geral, o desgosto em toda parte.

— Só?

— Vejo o aviltamento da nação, se a guerra acabar pela paz com o dictador Lopez, e a necessidade de mais sacrificios ainda, se a guerra se prolongar, e vejo no meio de tantos infortunios o povo a procurar um culpado, uma victima sobre quem lance a responsabilidade de tantas calamidades.

— E então?

— Então? o povo que não se lembra de distinguir entre governo pessoal, e supremacia anormal do Poder Moderador, o povo que ouve cincoenta accusados que se defendem e que não ouve o unico accusado que não se póde defender, porque não tem a palavra nem no parlamento, nem na imprensa; o povo, a quem se repete tantas vezes que o Imperador é quem faz tudo, e que sendo a causa de tudo, é a causa de seus males todos, o povo que lê, que escuta a historia

do *governo pessoal* contada todos os dias, o povo acabará tomando por culpado o Imperador, tornará responsavel o irresponsavel, e atacando o irresponsavel, atacará o principio da monarchia.

— E d'ahi?...

— D'ahi a revolução... d'ahi o desconhecido, o impossivel de prever, d'ahi a noite de tempestade, d'ahi o chaos antes de chegar a ordem, d'ahi as sombras antes de brilhar a luz... d'ahi... quem sabe o que sahirá d'ahi?...

— Doutor! nada de charlatanismo! dêo-nos os symptomas da enfermidade do Estado, receite para combatê-la: o remedio, senhor doutor! acuda-nos pelo amor de Deos!

— O remedio? quem salvou a monarchia constitucional uma vez, póde salva-la outra vez: seja 1868 o anno de 1831 sem a revolução de 7 de Abril.

— O fim sem o meio?...

— Os principios e a consequencia. O pensamento liberal franca, completa e fecundamente governando o paiz: o partido liberal creando uma situação politica nova, legitima, leal, decidida, fecunda, reformando a lei da guarda nacional, a lei de 3 de Dezembro, organisando o exercito sem recrutamento forçado, libertando as provincias da mais absurda centralisação, restituindo ao Acto Addicional toda sua pureza, e fortalecendo-o com um regimen administrativo fiel ao principio descentralisador que elle instituio no Brasil.

— Então pelo que ouço, arrasa tudo!

— Pelo contrario, reconstrúo o que se arrasou.

— E ficamos com uma monarchia cheirando á republica!

— Não: ficamos com a monarchia do espirito da

Constituição, com a monarchia democratica, que satisfazendo á educação e aos costumes do povo, satisfaz tambem ás condições muito especiaes da America.

— E quem fará tudo isso em 1868 ?

— A acção constitucional, a confiança do Imperador firme e energicamente depositada em homens sabios, patriotas, dedicados, de vontade inabalavel, e ainda mais fortes pelo encanto da estima e do apoio da nação.

— E acha facilima a resolução do problema?...

— Não sei; palavra de honra que não sei: em 1831 tivemos gigantes pela confiança do povo: em 1868 os nossos homens de estado tornárão-se pigmeos pela descrença de todos.

— Misericordia! vai a náo a pique!

— Não se segue: a tempestade ruge, o perigo é grande e geral e portanto appareceráõ pilotos que pela propria força da necessidade se mostraráõ adestrados por patriotica energia: apenas haverá uma differença para os pilotos da nossa época e é que em 1831 bastárão nomes para garantia das idéas e em 1868 são indispensaveis os factos para firmar a confiança nos nomes.

— Em tal caso, compadre, vou pedir á Xiquinha que interrompa o estudo da sua musica nova, e que me acompanhe ao piano a modinha já antiga que vou cantar e que principia assim:

« Esperanças lisongeiras
« Que de mim fugindo vão... »

— Não cante: olhe que a nação está convulsa: geme e não ri. Em nome da honra da patria e da causa da monarchia constitucional, sacrifiquemos todos os nos-

sos caprichos, as invejas, as ambições, os odios e salvemos esses thesouros preciosos! salvemos a honra da patria com um esforço supremo que ponha prompto termo á guerra do Paraguay com a victoria das nossas armas e salvemos a monarchia constitucional com as grandes e profundas reformas, que podem regenerar o systema representativo!

— Está em discussão o programmo *salvaterio* apresentado pelo meu *compadre Paciencia.*

— Os senhores zombão! cuidado com o dia de amanhã... cuidado!

— Protesto que não tenho medo, e proponho aos amigos que fique para nós adoptada uma unica norma de procedimento, e firmado um convenio sagrado.

— Apresente a proposta...

— Lá vai a norma do procedimento : inercia e braços cruzados diante dos acontecimentos: se sahir procissão á rua, poremo-nos de janella a vêr em que dá a *cousa;* e uma hora ou um dia antes de lavrar-se a sentença sempre se prevê com segurança, quem ganha a partida.

— E então?

— Está claro: deixamos as janellas, sahimos para a rua, e nos tornamos os mais furiosos exaltados, ou exigindo compressão e repressão violenta, ou provocando a revolução triumphante aos mais terriveis excessos...

— Adoptado unanimemente; disse um dos meus collegas.

— Convenio decidido e sem reservas mentaes: — aquelles de nós que chegarem a influir na situação dominante, qualquer que ella seja, defenderá, apoiará, dará a mão, e adiantará a carreira politica dos outros.

— Apoiadissimo!

— Com juramento!

— Com juramento! exclamárão todos.

E todos nós estendemos os braços direitos, e espalmamos no ar as mãos em signal de juramento, á excepção do politico do canto que estendeu o braço esquerdo, e jurou com a mão esquerda.

— Que roda de patriotas! disse o *compadre Paciencia*, com os dentes cerrados.

— Não ha indignidade nestas prevenções: nós nos preparamos para servir á patria em todos os casos e em todas as circumstancias.

— Parasitas de todos os governos, querem estar sempre á mesa do orçamento ainda servindo como escravos, e devorando os sobejos...

— E' de mais!

— A'ordem!

A Xiquinha tocou *fortissimo*.

— Judas de todas os partidos, promptos sempre a vender o povo, são capazes de sacrificar instituições, corôa, liberdade, e nação por muito menos de trinta dinheiros.

Levantamo-nos irritados pela desabrida provocação; mas o colerico velho com os punhos fechados e os olhos flammejantes parecia desafiar-nos.

— Que é isto, senhores? bradou a Xiquinha, deixando o piano, e correndo para junto do *compadre Paciencia*.

— Sou eu que os ataco, menina; porque elles são miseraveis confessos!

— Compadre!

— Fallei-lhes da patria, e expuz o quadro de seus profundos males: mostrei-lhes os perigos immensos que está correndo o Brasil, o nosso Brasil, e quando

deixava ouvir um grito de patriotismo, e pedia e reclamava a dedicação de todos os cidadãos, quando apontava o santelmo, o recurso extremo da salvação do Estado, elles, estes heróes, no meio dos quaes avulta seu marido, respondêrão-me, tratando das suas barrigas, e fazendo ostentação de infame egoismo em calculos de prevenções que causão asco!...

— O compadre não está em si... tranquillise-se... foi sem duvida algum gracejo, que tomou ao serio...

— Foi a franqueza hedionda dos ganhadores politicos, dos desertores de todos os partidos, dos renegados de todas as religiões politicas, dos tratantes de todas as tratadas.

— E' um louco ! deve ser mandado para o hospicio de Pedro II... gritou o ex-ministro.

— Eu para o hospicio dos doudos, e vós outros para a Casa de Correcção!

— Compadre... attenda-me! disse a Xiquinha, tomando entre as suas uma das mãos do velho.

— Ah! clamou este; em época tão arriscada, em crise tão assombrosa, em dias de tão horrivel borrasca, tanta inepcia, tanta ambição, tanta traficancia, tanta cousa ruim a embaraçar o patriotismo, a honra, a sabedoria, a... misericordia, meu Deos!... salvai o Brasil, meu Deos!

E o velho cahio sem sentidos na cadeira, de que se levantára.

Acudimo-lo todos: á principio suppuzemo-lo fulminado pelo raio de uma apoplexia: em breve porém algumas applicações de que nos lembramos e os cuidados immediatos do medico, que felizmente acudira de prompto, chamárão á vida o *compadre Paciencia*, que em tão velhos annos ainda teve forças para resistir ao ataque violento.

Vimo-lo abrir os olhos que estavão côr de sangue e prega-los com terrivel fixidade em um ponto da sala; vimo-lo algum tempo depois entreabrir os labios, e emfim ouvimo-lo fallar, sem duvida em delirio, e dominado por mysteriosa visão.

Fallou longamente, rapidamente, sem hesitar, sem reflectir, e como se referisse o que seus olhos estivessem vendo: fallou como um vidente, um inspirado ou um doudo.

Fosse videncia, inspiração ou delirio, nós o escutamos tremendo; ouvimo-lo por muito tempo, muito, até que o pobre velho deixou cahir a cabeça e adormeceu profundamente.

A visão do *compadre Paciencia* foi uma especie de revelação muito séria e feita de modo igualmente muito serio e portanto não póde ser escripta e repetida nestas *Memorias*, em que tenho dito um milhão de verdades; mas todas mais ou menos disfarçadas em toucas e carapuças, que estão á disposição de quantos as quizerem tomar para si, ou applicar aos outros.

Ficão portanto os leitores destas Memorias livres da — visão — do meu velho compadre; mas se me apertarem muito atirarei com ella em *supplemento* no meio do respeitavel publico.

CAPITULO XIV

Como me aborreci do club dos desgostosos; porque de vinte que eramos nunca houve um que fosse capaz de amarrar o guiso no pescoço do gato: a Xiquinha acode em meu soccorro e pede-me carta branca para pôr o ministerio em crise com a tentação do diabo: o diabo é a propria Xiquinha, que com a pretensão do titulo de barão com grandeza para mim, e de um contracto da China para a casa King-Toung-Fou-Ting atêa a guerra entre os ministros e chega a ponto de pô-los *in articulo mortis*, quando põem-me tambem em crise com Mlle *Quelque Chose*, e n'um impeto de ciume regenera e salva o gabinete. Dou o cavaco e encerro estas Memorias com um ponto final que se reserva o direito de ser apenas pausa de suspensão.

Quasi sempre o mal traz algum bem comsigo: a perigosa doença do *compadre Paciencia* deu tres semanas de plena liberdade ás conferencias dos ministeriaes desgostosos; porque não só pudemos fallar e explicar-nos sem receio do censor intromettido e rabugento, como durante esse tempo suspendêrão-se as nossas reuniões semanaes em attenção á Xiquinha, que pessoalmente tratava do doente com a solicitude de uma filha extremosa.

Eu tambem desejava muito o restabelecimento do *compadre Paciencia;* se elle porém viesse a morrer, já tinha a minha consolação no seu testamento que o velho confiára á guarda da Xiquinha.

Todavia a liberdade em que ficára o club dos desgostosos pouco, ou antes nada nos aproveitou.

Em tres semanas levamos sempre a nadar em enchentes de queixas e diluvio de palavras: inventamos cincoenta programmas todos muito parecidos com o

primeiro e com o ultimo; assentamos de pedra e cal que o ministerio era insustentavel, e continuamos a sustenta-lo na camara.

Eramos cerca de vinte ministerialistas desgostosos, entre os quaes dezeseis deputados, cujo pronunciamento poderia ser fatal ao gabinete; mas esbarramos sempre diante de uma enorme difficuldade: não havia entre nós um só que ousasse encarregar-se da iniciativa do rompimento : todos tinhão uma razão de consciencia, ou um motivo de gratidão para não aceitar a primazia no grande empenho da salvação do Estado : aqui em segredo confiado aos leitores das minhas *Memorias*, a razão e o motivo erão que nenhum de nós confiava nos outros, e que cada um temia ficar sendo andorinha que por achar-se só, não poderia fazer verão.

E portanto não se encontrou entre nós quem se resolvesse a prender o guizo no pescoço do gato.

Confesso que me aborreci do meu club de desgostosos que não valião o chá e os sorvetes que eu lhes dava. Os malditos bebião-me o chá, comiã-me o doce, tomavão-me os sorvetes, e não adiantavão idéa: positivamente eu era o mais tolo do club!

Até certo ponto o *compadre Paciencia* raciocinava com acerto: deputados cuja eleição é sómente devida ao quero e mando dos ministros, têm mais medo de ministros, do que as crianças do tutú, e os escravos do feitor. São quasi sempre automatos, que se movem, conforme a corda que lhes dão; são mascaras do systema representativo em carnaval ; são a claque theatral organisada com o fim exclusivo de bater palmas aos ministerios, cujas desafinações elles não têm direito de reconhecer; são os comparsas da comedia,

gente que se engaja, e que se despede, segundo as necessidades da *peça* que se representa.

Talvez me observem que eu não posso atirar a pedra, pois sou dos taes nomeados deputados por designação do governo, e submisso á vontade dos ministros: pois sim! mas é que tenho feito uma despeza horrivel em chá e sorvetes, e ainda não avancei um passo para entrar em algum ministerio *novo*; e, sobre tudo exactamente por ter apreciado os gozos de ganhador politico, detesto os ganhadores politicos: *se queres o teu inimigo, procura o official de teu officio.*

A natureza de ferro do *compadre Paciencia* fê-lo triumphar da morte que tão de perto o ameaçára, e deu-lhe em poucos dias de convalescença a força precisa para ir á nosso provincia regenerar completamente a saude e robustecer o corpo.

O velho retirou-se, compromettendo-se a voltar no fim de dous mezes ; mas deixou-nos o seu testamento, o que para mim era o essencial.

— Que fizeste em todo o tempo que durou a molestia do nosso compadre? perguntou-me a Xiquinha.

— Absolutamente cousa alguma que valha a pena referir.

— Na camara?

— Votei sempre com o ministerio.

— E os teus amigos *desgostosos?*

— *Idem!*

— E aqui de que tratárão, que fizerão elles?

— Bebêrão chá, comêrão doce, tomárão sorvetes, e provavelmente chamárão-me tolo.

— E o ministerio?

— E' mais duro e forte do que o *compadre Paciencia!*

— Então não cahe?

— Qual! Chegamos ao fim da sessão legislativa: agora é carregar com a carga até Maio: os ministros no Brasil estão no caso de certos velhos phthisicos, que se escapão de um inverno, é contar com elles até o outro.

A Xiquinha rio-se.

— De que te ris?

— De uma cousa muito séria.

— Tens razão: as cousas mais sérias dirigem-se hoje em dia de modo, que ou fazem chorar ou rir: não ha meio termo.

— Não entendo, nem quero entender de politica, disse a Xiquinha; mas pelo que tenho ouvido e lido, sou obrigada a concluir, que no Brasil perdem o seu tempo aquelles que planejão derribar ministerios por meio de votações contrarias no parlamento.

— Comtudo... ha exemplos...

— Que são excepções muito explicaveis ou por *abandono da vida*, ou por calculo e enganosa esperança de immediata reconquista do poder: consta-me que nas *aguas furtadas* da camara ha lembraças da segunda excepção, e em um ministerio *furtado* um exemplo da primeira.

— Deixemos as excepções.

— A regra é que no Brasil os ministerios se dissolvem porque os ministros são dissolventes, ou porque, em quanto a opposição os enfada, a maioria lhes absorve a vida; ou emfim porque o diabo tenta os ministros para fazê-los brigar.

— E então?

— O actual ministerio está livre do primeiro perigo.

— Porque?

— Porque é um corpo como deve ser: tem uma ca-

beça, dous braços, duas pernas, uma farda, e uma muleta, porque é côxo de um dos pés, e se apoia em escóra, que não pertence officialmente ao corpo.

— E do segundo perigo?

— Mais livre ainda! ás maiorias que absorvem a vida dos ministerios, são áquellas de quem os ministerios não são progenitores e tutores: immoraes em todo caso, as enteadas ralhão e ás vezes se revoltão, as filhas curvão-se, e pedem a benção pelo amor de Deos.

— Que nos resta pois?

— A tentação do diabo.

— Não entendo.

— Primo! você como representaria o diabo, se o quizesse pôr em scena?

— Feio e horrivel, como deve ser; côxo, vesgo, com pé de cabra, e montado em uma vassoura, rescendendo enxofre, e tendo voz de baixo profundo.

— Imagem falsissima, creada pelos frades e repetida pelas velhas do outro tempo.

— Corrige pois o meu erro.

— O que representa melhor o diabo é uma moça bella, elegante, faceira, com olhar que fascina, voz que enleva, sorrir que captiva, espirito que seduz: diga-me, eu não tenho razão?... o meu diabo não é mais capaz de tentar, do que o seu?

— Convenho.

— Pois eu me offereço sem modestia nem ceremonia para ser o diabo tentador.

— Explica-te...

— Quero pôr em crise o ministerio.

— Que estás dizendo?

— O que não podem os dissolventes do proprio corpo do gabinete, o que não póde a maioria absor-

vente da vida do ministerio, poderá a minha tentação.

— E' que...

— Você quer o ministerio em crise?

— Se quero!

— Dê-me carta branca.

— Isso tem seu conforme, Xiquinha!

— Porque?

— Porque muitas vezes a carta branca não se póde conservar carta limpa.

— Não tenha receio: não ha cousa mais facil para uma senhora habil, do que acender esperanças sem prometter gratidão, e sem comprometter-se. Que lhe importa que se inflamme a paixão de dous dos meus thurificadores?... por fim de contas a nós ficará o proveito sem descredito, e a elles o ridiculo sem proveito.

— Isso só, Xiquinha? isso só sem reticencias, e com um ponto final tão grande como uma nota de cantochão?

— Só.

— Pois que estamos em hora de franqueza perfeita, dir-te-ei, que me parece que sem o meu consentimento já tens feito tudo isso.

— E' uma censura ?

— Não: em summa o que pretendes é o direito de deixar que te admirem, que te incensem, que te adorem: ora, eu creio que tens usado amplamente desse direito.

— Mas não tenho abusado: zélo mais o teu nome do que tu mesmo : a toda senhora é porém agradavel o tributo de vassallagem que págão á sua belleza.

— Estamos de accôrdo.

— Pois bem: dentro de quinze dias ponho o ministerio em crise.

— O meio não me parece constitucional.

— Scribe ensinou que um cópo d'agua que se entornou foi causa da quéda de um ministerio na Inglaterra.

— Ora! eu entornei um cópo d'agua sobre um ministro que constipou-se e espirrou, e que todavia depois da constipação ainda se mostrou mais seguro e firme no poleiro.

— A questão está em saber entornar a agua.

— Autoriso-te a empregar não um cópo, mas uma pipa d'agua.

— Não preciso de cópo e menos de pipa: a uma senhora bonita e sagaz basta uma gotta d'agua para afogar sete ministros.

— Bem : esperarei quinze dias ; asseguro-te, porém, que pelo sim pelo não conservarei os olhos muito abertos.

A Xiquinha sorrio-se com ar de suave piedade, e me apertando a mão disse:

— Fecha-os antes, meu amigo! confia mais na minha virtude do que na tua vigilancia; porque não ha vigilancia de homem suspeitoso que chegue á astucia da mulher que quer ser má.

Abracei a Xiquinha, que logo depois perguntou-me:

— O deputado Z... Y... ainda é muito attendido pelo ministerio?

— Cada vez mais: consegue quanto quer, porque é chefe de uma phalange numerosa da maioria e porque póde tudo no espirito de dous ministros, cujo futuro politico muito depende do seu apoio.

— E o *ministro dos negocios da...*

— E' o unico que vive meio brigado com esse deputado...

— Porque?

— Não sei bem: a briga ha de ser provavelmente por causa dos *negocios da repartição* do ministro.

A Xiquinha poz-se a rir.

— De que te ris? perguntei.

— Fecha os olhos, meu amigo, e confia na minha virtude; respondeu-me ella: fecha os olhos, porque com elles abertos tu nem vês a causa da briga daquelles dous nossos amigos!

— E qual é então a causa?

— A tentação do diabo.

— Ciumes por minha mulher!... que patifaria!...

— Quem te mandou ter mulher bonita e vaidosa, e acender em sua alma ambições politicas para proveito e gloria do marido?

— Mas é caso de duello!

— Não; é sómente caso de crise ministerial.

Fiquei meio confuso e meio arrepiado: os protestos e as seguranças que me dava a Xiquinha do uso prudente da carta branca não me tranquillisavão bastante; ou fosse pelo amor que minha mulher me devia, ou porque houvesse ainda no meu caracter um ponto não estragado e corrompido, é certo que o plano da Xiquinha me poz o coração em sobresaltos. Positivamente havia, e ha traficantes politicos muito peiores que eu: fação portanto idéa dos bichos immundos que andão por ahi!

Entretanto submetti-me ás resoluções, á prudencia e á sabedoria da Xiquinha, e devo confessar que senti verdadeira curiosidade de vêr o que faria e conseguiria essa intrigante politica tão presumpçosa que se suppunha com forças de pôr em crise o ministerio.

Renovamos os convites para os nossos saráos semanaes interrompidos pela grave doença do *compadre*

Paciencia, a Xiquinha jurou-me que me daria conta circumstanciada de quanto se passasse, e cumprindo-me acreditar que ella não me escondeu cousa alguma, referirei aos leitores das minhas *Memorias* tudo quanto me communicou a Talleyrand feminina.

A primeira reunião, com que emendamos a serie interrompida dos nossos saráos, foi muito concorrida, e tão animada, como brilhante: houve musica, dansa, e jogo até quasi ao amanhecer: á proposito do jogo: um empregado publico que não herdou fortuna, nem consta que tenha sido feliz na loteria, que tem mulher e duas filhas que se apresentão com grande tratamento, esse empregado, cujos vencimentos não chegão a cinco contos de reis por anno, perdeu nessa noite tres contos de réis *no lasquenet* e ainda lhe ficou dinheiro na carteira. E dizem que não ha dinheiro! o *lasquenet* e as *mundanarias* demonstrão o contrario na cidade do Rio de Janeiro, e o *lasquenet* fóra da cidade, e ahi por essas villas está dizendo, que ou os nossos pobres são millionarios, ou a corrupção dos costumes navega com vento fresco!

Tratemos do meu saráo, e não toquemos no *lasquenet*, que é casa de maribondos.

Ao saráo estiverão presentes o meu collega deputado Z. Y. e o *ministro dos negocios da...*

Eu os observei de longe, e notei que durante toda noite cada um delles tinha um dos olhos no outro, e o segundo olho na Xiquinha: positivamente acabaráõ ambos por ficar vesgos, e tomára eu que se tornem ambos sempre assim para gozo da minha vingança.

Antes do deputado foi o ministro que dansou com a Xiquinha: acabada a contradansa, conversárão de-

bruçados á uma janella que se abria para um jardim, que tinhamos ao lado da casa.

Começárão por trivialidades, diz a Xiquinha: eu sei bem o que ella entende por trivialidades nestes casos; mas fica decidido que começárão por trivialidades.

A Xiquinha interrompeu bruscamente uma nova edição *de cantos e de suspiros poeticos da musa das trivialidades* do ministro e disse-lhe:

— V. Ex. falla-me sempre do meu poder, e de seu encantamento; mas o meu poder é tão fraco, o seu encantamento tão falso que eu ainda não pude, e já perdi a esperança de conseguir de V. Ex., um dos ministros mais influentes no governo, o simples titulo de barão com grandeza para meu marido, isto é, o titulo de baroneza para mim! e apenas por consolação me declara que *será possivel*... talvez... obter o contracto da compra de camellos, e elephantes com a casa King-Toung-Fou-Ting da China, para servirem na guerra do Paraguay.

— Minha Senhora, V. Ex. me põe em torturas! em prova de escravidão á sua belleza, eu espero realizar em breve o contracto da China, embora elle seja profundamente lesivo ao thesouro publico; mas o titulo de barão com grandeza tem encontrado embaraços que até hoje não pude, mas me esforçarei por vencer.

— Agradecida, excellentissimo! peço a V. Ex. que esqueça as minhas importunações: creio que tenho sido, que serei mais afortunada com os bons officios de outro amigo, que pelo menos é mais positivo e mais franco.

— Mais positivo e mais franco do que eu? mais empenhado em servi-la?

— E' verdade; esse ao menos me diz: « seu marido terá o titulo de barão com grandeza, para que

V. Ex. o tenha; porque isso é difficil, porém não é impossivel; mas V. Ex. não conseguirá o contracto da China; porque isso é possivel, porém não é justo. »

— E que ministro resolveu assim as duas questões, minha senhora?

— Não foi ministro.

— Então quem

— Um simples deputado que vale ministros, um homem que me honra, dando importancia aos meus empenhos, um amigo que procura penhorar a minha gratidão, e provar-me que me estima, o deputado Z. Y... emfim.

O ministro estremeceu, e apenas poude conter um impeto de violento ciume; conseguindo porém dominar-se, perguntou:

— E V. Ex. o que prefere que eu venha depositar á seus pés em tributo do meu culto e da minha adoração? o que prefere? o titulo de barão com grandeza para seu marido em honra dos encantos de V. Ex., ou o contracto da China?

— Porque o pergunta?

— Porque eu quero pedir-lhe a graça de beijar-lhe os pés, quando aos seus pés depositar a prova dos meus mais puros e irresistiveis sentimentos de dedicação muito interesseira!

— Se me dá a escolha, prefiro o contracto dos camellos e dos elephantes; porque do titulo de barão com grandeza já estou segura, graças á influencia reconhecida do meu dedicado amigo o deputado Z. Y.

— Pois V. Ex. não ha de ser baroneza; mas terá o contracto da China! exclamou o ministro, exaltando-se.

— V. Ex. sempre o é, mais que agradavel, deslumbradora! eu me ufanarei de contribuir para que lhe seja dado um titulo de nobreza que V. Ex. abrilhantará com a sua formosura; baroneza é pouco, e nenhum parecerá demais; é porém voto que faço, que o titulo V. Ex. o terá por mim, por mim só, pelo seu verdadeiro escravo, e não por algum presumpçoso que nada póde e impõe que tudo vale.

— Entretanto quero experimentar...

— Pois experimente! V. Ex. terá o contracto da China; mas não ha de ser baroneza.

— Vê-lo-hemos! exclamou a Xiquinha.

— E' um desafio ?

— Que o seja!

O ministro offereceu o braço á Xiquinha e a conduzio a uma cadeira, e tomando a mão que ella lhe estendia, beijou-a e repetio em voz baixa :

— V. Ex. terá o contracto da China; mas por ora ao menos, não será baroneza.

Não tardou muito a chegar a vez do deputado.

O augusto e dignissimo Z. Y acompanhára com os olhos a conversação que a Xiquinha e o ministro da... tinhão tido á janella e, homem de boa companhia, nem deixára perceber o seu desgosto, nem corrêra logo a substituir o ministro ao lado da tentadora, antes aproximou-se do circulo a que o rival se dirigira, e soube tratar o illustre membro do gabinete com perfeita amabilidade.

Entretanto o astuto parlamentar espreitava occasião opportuna para tomar sua desforra, e vendo começar uma quadrilha, em que talvez de proposito e de caso pensado a Xiquinha achára meio de não entrar, foi sentar-se junto della.

— O senhor ministro parece incommodar-se, e o meu maior desejo é sómente ser-lhe agradavel.

— Já me julgava completamente esquecida por V. Ex. esta noite; disse a Xiquinha.

— Ah, minha senhora! que vale o culto do pobre escravo para quem se enleva com as homenagens dos grandes da terra!

— Não entendo... eu não estudei ainda as proporções da grandeza dos meus amigos... parecem-me todos aqui da mesma altura...

— Eu sei : V. Ex. salva perfeitamente as apparencias de uma igualdade mathematica na distribuição das suas graciosas affabilidades pelos seus amigos; mas sem a menor duvida houve mais distincção naquella janella, do que ha nesta cadeira...

— Ora... é isso ? pois vamos conversar á janella.

— Ainda lá mesmo eu me sentiria abatido pela consciencia do meu desvalimento!

— Porque semelhante queixa?

— Porque tenho inveja do ministro da...

— Não quero vêr uma suspeita offensiva nas suas palavras.

— Estima a franqueza?

— Sempre.

— Em tal caso V. Ex. não veja offensa, mas veja perdoavel suspeita no que eu disse.

— Suspeita de que?...

— De que... de que V. Ex. prefere vêr antes ao ministro da... do que a mim, rendido a seus pés.

— Estou ouvindo um fallar, que, se bem me lembra, entendi um pouco em menina solteira; mas que depois esqueci completamente...

— Minha senhora, é um fallar que os seus olhos e os seus encantos ensinão...

A Xiquinha sorrio-se docemente.

— Consente-me este fallar? perguntou o indigno dignissimo com ternura.

— Não: faz-me mal: não devo ouvi-lo; respondeu o diabo tentador com voz tremula.

— Mas embora em silencio tenho o direito de sentir, de admirar, de adorar...

— Em silencio? não lh'o disputo.

— E V. Ex. impoz a mesma condição de silencio ao ministro da...?...

— Ainda!

— Esse homem tambem a ama...

— Creio que sim.

— E a elle V. Ex. escuta... deixa-o fallar... eis o que me atormenta.

— Faço-lhe a mesma pergunta que ainda a pouco me fez: estima a franqueza?...

— Beijarei a palavra que ainda a pouco sahio por entre os seus labios: — *sempre.*

— O ministro, como V. Ex., teimava em fazer-me protestos de amor; eu porém obriguei-o a occupar-se sériamente de outro assumpto.

— Um segredo?...

— Para V. Ex. não; mas prefiro não dizê-lo; porque sei que se molestaria pelo grande interesse que toma por mim, e a que sou agradecida.

— Aguçou a minha curiosidade ...

— Perdôe-me.

— O meu nome foi repetido pelo ministro...

— Por mim, e por elle, é certo.

— Appello para a generosidade de V. Ex.ª; eu tenho direito ao favor da confidencia.

— Como confidencia?

— Ao menos assim.

— Tratamos das duas pretenções por que me empenho: do titulo de barão com grandeza e do contracto da China: confessei ao ministro que contava muito com o primeiro, graças ás seguranças que V. Ex. me dava; e que desesperava do segundo, visto que a compra de elephantes e camellos era uma extravagancia irrealizavel, e até revoltante.

— E o ministro?

— Quer que diga tudo?

— Tudo.

— Digo-o; mas olhe que é confidencialmente. O ministro jurou-me que V. Ex. impõe influencia que não tem, e que em prova disso me asseverava que meu marido nâo teria o titulo de barão com grandeza, conseguindo porém titulo ainda mais elevado, desde que V. Ex. deixasse de interessar-se por isso.

O dignissimo Z. Y. mordeu os beiços para comprimir a cólera.

A Xiquinha continuou innocentemente e sem ver os beiços mordidos do deputado:

— Em fim comprommetteu-se a trazer-me, e a depositar a meus pés, feito e assignado, o contracto da China que V. Ex. entende que é uma extravagancia irrealizavel.

O dignissimo Z. Y. estremeceu na cadeira.

— Bem o pensava eu! molestei-o; observou a Xiquinha.

— Não, minha senhora: nesta sala ha só um doente: é o ministro da... que está doudo: aposto que amanhã elle não se lembrará mais nem do *não*, nem do *sim* que V. Ex. lhe ouvio.

— Ao contrario: deixou-me a certeza de que na primeira conferencia de ministros se approvará o contracto da China.

— Devéras?

— V. Ex. o saberá: e meu marido não será barão com grandeza...

— Ha de sê-lo; eu lh'o prometti, ha de sê-lo, e antes de quinze dias; mas o que V. Ex. não terá, é o contracto da China; porque é impossivel.

— Ora... o ministro da... m'o garantio!

— O ministro! que ministro? uma das pernas de páo!... pois bem: vê-lo-hemos!...

— Mas eu não quero dar motivo á dissensões inconvenientes...

— Não se afflija, minha senhora; é até uma felicidade acharmos occasião de deitar fóra certos fardos inuteis.

— Eu não os entendo!... veja como são as cousas... o ministro da... julga tão facil e seguro o que me garantio, que...

— Tenha a bondade de acabar...

— Que obrigou-me a prometter que eu lhe daria o meu retrato no dia em que me entregasse assignado e prompto o contracto da China.

— Reclamo premio igual, quando eu apresentar a V. Ex. o seu titulo de baroneza...

— Póde contar com elle, e farei mais...

— O que?

— Permittirei que V. Ex. aqui mesmo, e a meus olhos, escreva por baixo desse retrato as seguintes palavras: « imagem da mulher que amo! »

— Minha senhora!...

— E' tudo quanto posso prometter e cumprir : ao ministro não deixei esperar tanto.

O senhor Z. Y. deitava fogo pelos olhos: felizmente a quadrilha terminava nesse momento, e as senhoras vinhão sentar-se.

O dignissimo levantou-se e ia afastar-se: a Xiquinha offereceu-lhe a mão e disse-lhe sorrindo meigamente:

— O ministro me beijou a mão antes de deixar-me.

O meu collega Z. Y. suppôz-se elevado ao setimo céo, beijando com ardor a mão da Xiquinha.

No Brasil alguns ministros se suppõem com o triste privilegio de parecer e mostrar-se menos bem educados do que os outros filhos de Adão e Eva; por isso o illustre ministro da... não procurára disfarçar o desagrado que lhe causava a conversação cerrada da Xiquinha com o deputado Z. Y., e vingou-se deste, lançando-lhe epigrammas que corrêrão pela sala, e que logo depois forão repetidos á victima.

As ultimas horas do saráo me divertirão muito: empreguei-as a estudar os dous estadistas namorados da Xiquinha: parecêrão-me dous gallos da India quando vão se aproximando para romper em briga.

Dissolvida a reunião, a Xiquinha pôz-me ao facto do desenvolvimento da sua intriga, recommendou-me segredo absoluto, aconselhando-me emfim que estreitasse cada vez mais as minhas relações com os politicos que tivessem probabilidades de ser encarregados da organisação de novo gabinete ministerial.

Confesso que não podia comprehender, como um ministerio que conseguira resistir ás mais violentas tempestades parlamentares, e ostentar a propria força e a dedicação da sua maioria em questões que provocárão geral reprovação publica, havia de achar-se em crise, e de precipitar-se do poleiro abaixo por causa do contracto da China! mas a Xiquinha depositava tanta confiança na tentação do diabo, que até fez-me sonhar com a crise ministerial.

Logo no dia seguinte começou a correr na camara que havia arrufos do deputado Z. Y. com alguns dos membros do gabinete, e tres dias depois, em seguida a uma conferencia de ministros, e a despeito das negativas destes, transpirou que principiára a confusão das linguas na torre de Babel, e que a cousa estava por um triz...

Tanto o ministro da... como o deputado Z. Y. visitárão-nos mais de uma vez, e cada qual fez suas confidencias á Xiquinha, renovando cada um delles as seguranças do bom resultado do seu empenho, e em summa ficamos sabendo que o ministerio estava em desintelligencia nas duas questões, a do meu baronato com grandeza, e a do contracto da China. O deputado Z. Y. tinha tres ministros do seu lado para o baronato, e cinco em opposição á compra de elephantes e camellos, fazendo-se contracto com a casa *King-Toung-Fou-Ting;* mas o ministro da... mostrava-se intolerante, intratavel, e impunha aos collegas este negocio da China. Adiara-se a discussão de ambos os assumptos para a seguinte conferencia.

A Xiquinha aproveitou as visitas dos seus dous cégos apaixonados para intriga-los muito mais, e disse-me com profunda convicção:

— Este ministerio vai cahir: d'aqui a dez dias empurra-lo-hei do poder abaixo com a ponta do meu sapatinho de setim: é indispensavel que você se liberte dos seus amigos *desgostosos*, que todos juntos não valem um cabo de esquadra, e pretendem todos ser generaes.

— E o meio de desgrudar-me de semelhante gente ?... eu não devo trancar-lhes a porta.

— Ora... vai uma noite ao theatro, vai outra noite visitar o ministro da... e queixa-te a elle das impor-

tunações do Z. Y., na seguinte noite procura o Z. Y., e dize-lhe que sahiste para escapar ás massadas constantes do ministro, e assim por diante.

Obedeci á Xiquinha; mas por mal dos meus peccados o theatro que escolhi foi o *lyrico francez*, e no fim do espectaculo achei-me pescado, cahido no anzol fatal de uma das nymphas do *alcaçar!*...

Ah maldita mulher ! logo nessa noite ceou commigo em um hotel, e comeu mais do que eu! Que demonios para comer são aquellas mulheres! comem ainda mesmo o que não é digirivel, comem papel, prata e ouro, devorão até pedras, comtanto que sejão preciosas.

Tornei-me *habitué* do alcaçar por causa de Mlle *Quelque-Chose*, e deixei que a politica corresse exclusivamente por conta da pobre Xiquinha, a quem eu atraiçoava tão indignamente.

Entretanto as sessões da camara me punhão sempre em dia com a marcha dos negocios: o ministro da... e o deputado Z. Y. nem mais se comprimentavão, e este não chamava o seu rival, senão o *protector dos camellos;* a opposição atiçava a desintelligencia, a maioria começava a murmurar, e os ministros mostravão-se muito risonhos e blazonando robustez e pujança, o que é signal certissimo de macacôa ministerial.

Corrêrão assim duas semanas, e nellas luta furiosa e mal abafada em cada conferencia dos ministros: na ultima o protector dos camellos declarou solemnemente que fazia questão do contracto da China, e que se elle não fosse adoptado e promptamente assignado, retirar-se-hia do gabinete: os tres membros do ministerio amigos do Z. Y. e mais dous indifferentes á rivalidade protestárão que tambem fazião questão; mas em sentido contrario, e que darião suas demissões,

se se fizesse tal contracto. Na idéa do baronato com grandeza appareceu igual teima, e igual capricho na divergencia.

O presidente do conselho interveio, propondo de novo o adiamento; os contendores porém insistirão na necessidade de decisão immediata, e a conferencia quasi que degenerou em descompostura rasgada.

A muito custo o chefe do ministerio fez adoptar um expediente dilatorio: marcou-se para d'ahi a cinco dias uma conferencia extraordinaria, em que sem mais appellação nem adiamentos se decidissem os dous assumptos.

Os ministros levantárão-se enregellados, e sahirão da sala das conferencias carrancudos, e furiosos; mas ne corredor e na escada concertárão as veronicas de modo, que ao chegar á porta da rua, e ao embarcar nas carruagens, parecião tão alegres e felizes, com se fossem sete irmãos mutuamente dedicados, e vivendo na bemaventurança da mais pura amizade.

O presidente do conselho já tinha perdido dez noites a procurar um recurso para acabar com a indecente briga, e sempre se achára em becco sem sahida. Em politica as desintelligencias mais difficeis de apagar são as que não tem motivo confessavel: em desespero o grande estadista confiou a historia toda a um *Fidus Achates* da camara, homem de ronha e de grande conselho e pedio-lhe que descobrisse o meio de prevenir a crise ministerial e de harmonisar o ministro e o deputado Z. Y.

O *Fidus Achates* pensou uma hora com os olhos fitos no tecto da sala e não achou remedio para a macacôa do ministerio, fechou os olhos, e antes de dez minutos de reflexão, exclamou, rindo-se:

— Ex.^mo^, está resolvido o problema!

— Resolveu-o com os olhos fechados?...

— Pois não é assim que se governa o Brasil? eu segui a regra.

— Vamos á resolução do problema.

— As duas questões são de evidente capricho...

— Sem duvida.

— Muito bem: em vez do titulo de barão com grandeza, dê-se o titulo de visconde sem ella...

— Homem, a idéa não é má!

— E em vez de se contractar com a casa da China *King-Toung-Fou-Ting* a compra de camellos e elephantes para o serviço da guerra, contracte-se com a mesma casa e com a mesma despeza por parte do Estado o fornecimento de jogos de xadrez para entretenimento dos officiaes do exercito e da esquadra, emquanto esperão pelos combates, e a compra de ricos palanquins de bambú para conducção dos ministros de estado e de seus officiaes de gabinete nos dias ordinarios.

— Encarrego-o de ir propôr esse accôrdo ao ministro da... e ao seu collega Z. Y.

Fidus Achates sahio; mas perdeu o seu tempo e o seu trabalho: os dous contendores estavão sériamente engalfinhados, e muito mais depois que communicado o projecto do accôrdo á Xiquinha, esta disse ao dignissimo Z. Y.:

— Tenho só um retrato para dar, e esse está reservado para o vencedor.

As cousas tomavão o aspecto mais sinistro: só faltavão dous para os cinco dias do prazo fatal, em que o ministerio devia ser lançado por terra empurrado com a ponta do sapatinho de setim da Xiquinha.

Eu batia palmas de contente: em dez probabilidades de nova combinação ministerial, contava nove de

uma pasta para mim: creio que já andava pela rua com a cabeça mais alta e mais teza.

Acabando de almoçar e dispondo-me a sahir para a camara, notei que a Xiquinha estava pensativa e triste: perguntei-lhe o que tinha.

— Acho-me um pouco nervosa... passei mal a noite: d'aqui a pouco estarei boa.

Abracei, ameiguei a Xiquinha e fui para a camara; cuja sessão abrio-se depois do meio dia, apezar do regimento, e levantou-se antes de uma hora por falta de numero de deputados para se votar.

Um dos ministros presentes queixou-se de dôres de cabeça, outro de dôres de barriga: pareceu-me haver vaidade na primeira queixa, e ser muito natural a segunda.

Em todas as salas, na dos charutos, na dos chapéos, na de recepção a até nas aguas-furtadas ouvia-se um surdo murmurar de segredos e confidencias, que preannunciava a proxima crise.

Fui passear á rua do Ouvidor, onde encontrei o meu collega Z. Y.

— Vai hoje ao *alcaçar?* perguntou-me elle sorrindo-se:

— Talvez; respondi.

Z. Y. tinha-me encontrado por tres ou quatro vezes no fatal theatro, e facilmente fizera a descoberta das cêas que eu pagava a Mlle *Quelque-Chose;* mettera-me á bulha por isso; mas jurára-me discreção e silencio.

Voltei para casa a horas de jantar e encontrei a Xiquinha satisfeita, risonha e amabilissima: nesse dia chegou a apresentar-me preparado por suas proprias mãos um prato de fios d'ovos á sobremeza.

Conversamos largamente sobre a nossa intriga politica e sobre a inevitavel crise ministerial.

— E dada a hypothese, aliás provavel, de me convidarem para o novo gabinete, que pasta suppões, que mais me convenha? perguntei-lhe.

— Todas: respondeu-me a Xiquinha, acariciando-me.

— Tens razão: agarrarei na primeira que me offerecerem.

— E devéras contas ser convidado?...

— Sobrão-me as promessas.

— E's feliz !

— Sei que te devo tudo, Xiquinha.

— Mas pagas-me bem!

Abracei a Xiquinha para esconder a vontade que tive de rir, lembrando-me da peça que lhe havia de pregar nessa noite.

Logo depois ella deixou-me para prender-se ao toucador, e eu, apenas escureceu, puz-me ao fresco: o *alcaçar* me esperava, e a cêa já estava encommendada.

A's dez horas da noite em ponto Mlle *Quelque-Chose* sahio do theatro e dirigio-se a um carro que nos devia receber a poucas braças de distancia, e eu não me demorei á reunir-me a ella junto da portinhola do carro.

Mas immediatamente a portinhola abrio-se com violencia e um vulto de mulher saltou de dentro do carro, mostrou-se em pé diante de nós, e arrancando o véo que lhe cobria o rosto, encarou-me, e com os dentes cerrados murmurou uma imprecação que não percebi.

Misericordia!... era a Xiquinha!!!

Mlle *Quelque-Chose* comprehendeu logo a situação, e fugio a correr, exclamando á rir-se :

— Ainda bem que eu tinha outra cêa ajustada para a meia noite!

A Xiquinha estava em maré de crises: acabava de me pôr tambem em crise com Mlle *Quelque-Chose.*

Eu devia dizer alguma cousa: arranjei como pude um tremor de voz e balbuciei:

— Perdôa-me, Xiquinha! estou envergonhado e arrependido... juro-te que nunca mais...

Ella não me respondeu: convulsa e furiosa repellio a mão que eu lhe offerecia, entrou no carro, fechou a portinhola com impeto, e ordenou ao cocheiro que a conduzisse á casa.

Eu para não ir á pé sentei-me na trazeira do carro.

Chegamos á casa: a Xiquinha não me disse palavra; subio a escada, foi trancar-se no seu quarto, e por mais que pedi e chorei, não me abrio a porta.

Tenho um estomago que nunca se resente dos soffrimentos do espirito. Senti uma fome devoradora, e não achei em casa nem um assado, nem doce, nem biscoutos, nem migalha de pão: a vingança da Xiquinha, que me conhecia o fraco, tinha feito desapparecer toda especie de alimentos.

Ainda mais: fui obrigado a dormir no sophá da sala sem travesseiro nem cobertas, e fazia um frio de rebentar os ossos nessa noite malvada.

Pensei que ficasse ahi o meu castigo, e para distrahir-me da fome e do frio, puz-me a ruminar a crise ministerial, e a imaginar-me com a farda de ministro, e com os correios atrás da minha carruagem.

E dormi.

No dia seguinte, acabado o almoço, a Xiquinha que nem se quer me olhára com os cantinhos dos olhos, sentindo que me levantava da mesa, atirou-me com

uma folha de papel, e sahio para trancar-se de novo no seu quarto.

Tomei o papel e li, e fui lendo com raiva, com desespero cada vez maior, o que se segue : « Cópias « de duas cartas que já forão entregues esta manhã. « Ao ministro da... Ex.mo — O contracto da China « foi uma zombaria feita em castigo daquelle que me « offendeu com pretenções loucas ao amor, que só « devo ter e tenho a meu marido : V. Ex. prove-me « o seu arrependimento, respeitando-me, como lhe « cumpre. Ponho termo á zombaria : acabou a questão « do contracto da China. — Ao deputado Z. Y. — « Ex.mo Meu marido dispensa tanto os seus esforços « para ser agraciado com o titulo de barão, como eu « a denuncia das infidelidades de meu marido : pre- « ferimos ao titulo e á delação o vivermos em paz « domestica e livres de insidiosas importunações.. « Cumpre-me tambem participar a V. Ex., que vamos « por algums mezes habitar fóra da cidade, e que « opportunamente preveniremos aos nossos amigos « da nossa volta á casa, onde com tanto prazer os « recebemos. »

Então? já virão mais rigorosas torturas para a minha ambição enfeitadas com tanta santidade e tanta dignidade?... a Xiquinha nascêra para inquisidor do Santo Officio.

Parti irritadissimo para a camara. Que mudança achei lá!... o receio da crise tinha desapparecido : o horizonte do ministerio era todo côr de rosa : vi na sala dos chapéos o indigno Z. Y. abraçado com o indigno ministro da...!

Não havia mais questão do titulo de barão com grandeza para mim, nem de contracto da China para

compra de elephantes e camellos; e peior do que isso, os ministros olhavão-me com ar de desprezo !

Que comediantes ! uns diabos que estiverão por uma dependura, e que só escapárão á crise já pronunciada pela intervenção indebita e malvada de Mlle *Quelque-Chose!*

Eis aqui como vão as cousas.

Estou aborrecidissimo e vou fazer ponto final; mas é do meu dever declarar ao respeitavel publico que continúo a prestar na camara o meu voto de confiança ao ministerio, que escapou da crise.

POST-SCRIPTUM

O ponto que chamei *final* póde muito bem ser simples *pausa de suspensão*. A segunda parte destas *Memorias* é uma cousa que está no ordem das cousas; mas vejo tudo muito escuro, e não quero fazer promessas vãs : é possivel que a noite se torne ainda mais tenebrosa, e que eu me resolva a não sahir á rua para não me expôr a encontrões perigosos.

Em todo caso já ahi fica prégado por mim um longo sermão, e como é de regra que os nossos prégadores terminem os seus sermões, pedindo tres Ave-Maria pelas almas do purgatorio, eu remato aqui o meu, pedindo tambem tres Ave-Maria; estas porém para que Deos nosso Senhor dê mais juizo ao nosso governo e aos nossos homens politicos. Amen.

PARIS. — IMPRIMERIE P. MOUILLOT, 13, QUAI VOLTAIRE. — 12522.